



J.M. Coetzee

ELIZABETH COSTELLO

PRÊMIO  NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

J. M. COETZEE

Elizabeth Costello

Oito palestras

Tradução

José Rubens Siqueira



Sumário

Palestra 1: Realismo

Palestra 2: O romance na África

Palestra 3: A vida dos animais

Um: Os filósofos e os animais

Palestra 4: A vida dos animais

Dois: Os poetas e os animais

Palestra 5: As humanidades na África

Palestra 6: O problema do mal

Palestra 7: Eros

Palestra 8: No portão

Pós-escrito: Carta de Elizabeth, Lady Chandos

Agradecimentos

Palestra 1

Realismo

Em primeiro lugar, temos o problema da abertura, ou seja, como nos levar de onde estamos, que é, por enquanto, lugar nenhum, para a margem de lá. É um simples problema de ponte, um problema de construir uma ponte. Problemas que as pessoas resolvem todo dia. Resolvem e, uma vez resolvidos, seguem em frente.

Vamos supor que, seja como for, a coisa esteja feita. Vamos dizer que a ponte está construída e atravessada, que podemos tirá-la da cabeça. Deixamos para trás o território onde estávamos. Estamos do lado de lá, onde queremos estar.

Elizabeth Costello é uma escritora, nascida em 1928, o que lhe dá sessenta e seis anos de idade, quase sessenta e sete. Escreveu nove romances, dois livros de poemas, um livro sobre a vida dos pássaros e um corpo de trabalhos jornalísticos. É, por nascimento, australiana. Nasceu em Melbourne, onde ainda mora, embora tenha passado os anos de 1951 a 1963 no exterior, na Inglaterra e na França. Casou-se duas vezes. Tem dois filhos, um de cada casamento.

Elizabeth Costello fez fama com seu quarto romance, *A casa da rua Eccles* (1969), cujo personagem principal é Marion Bloom, mulher de Leopold Bloom, personagem principal de outro romance, *Ulysses* (1922), de James Joyce. Na década passada, cresceu em torno dela uma pequena indústria crítica; existe até uma Sociedade Elizabeth Costello, sediada em

Albuquerque, Novo México, que publica um *Boletim Elizabeth Costello* quadrimestral.

Na primavera de 1995, Elizabeth Costello viajou, ou viaja (tempo presente daqui em diante), a Williamstown, Pensilvânia, ao Altona College, para receber o Prêmio Stowe. O prêmio é atribuído bianualmente a um grande escritor mundial, escolhido por um júri de críticos e escritores. Consiste numa bolsa de cinquenta mil dólares, paga por um legado do espólio Stowe, e de uma medalha de ouro. É um dos maiores prêmios literários dos Estados Unidos.

Em sua visita à Pensilvânia, Elizabeth Costello (Costello é seu nome de solteira) está acompanhada pelo filho, John. John dá aulas de física e astronomia em uma faculdade de Massachusetts, mas por razões pessoais está de licença por um ano. Elizabeth tem estado um pouco frágil: sem a ajuda do filho não teria podido enfrentar essa viagem desgastante através de metade do mundo.

Mudemos de assunto. Os dois chegaram a Williamstown e foram levados ao hotel, um edifício surpreendentemente grande para uma cidade pequena. Um alto hexágono de mármore escuro por fora com espelhos e cristais por dentro. No quarto dela, ocorre um diálogo.

“Vai ficar confortável?”, pergunta o filho.

“Claro que sim”, ela responde. O quarto é no décimo segundo andar, com vista para o campo de golfe e, mais além, montanhas cobertas de florestas.

“Então por que não descansa um pouco? Alguém vem nos buscar às seis e meia. Eu telefono um pouco antes.”

Está para sair. Ela fala.

“John, o que querem de mim exatamente?”

“Esta noite? Nada. É só um jantar com alguns membros do júri. Não vamos deixar que acabe muito tarde. Vou lembrar a eles que está cansada.”

“E amanhã?”

“Amanhã é outra história. Vai ter de se preparar para amanhã, eu acho.”

“Esqueci por que concordei em vir. Parece uma grande provação para alguém enfrentar sem uma boa razão. Devia ter pedido para esquecerem da cerimônia e me mandarem o cheque pelo correio.”

Depois do longo vôo, ela está aparentando a idade que tem. Nunca cuidou da aparência; antes isso não fazia diferença; agora aparece. Velha e cansada.

“Acho que não é bem assim que funciona, mãe. Se você aceita o dinheiro, tem de participar do show.”

Ela sacode a cabeça. Ainda está vestida com a velha capa de chuva azul que usava no aeroporto. O cabelo está oleoso, sem vida. Não fez nenhum gesto para abrir as malas. Se ele a deixar agora, o que ela vai fazer? Deitar de capa e sapatos?

Ele está ali, com ela, por amor. Não consegue imaginar como ela enfrentaria essa prova sem ele a seu lado. Fica ao lado dela porque é seu filho, seu filho amoroso. Mas está também a ponto de se transformar em seu — palavra desagradável — treinador.

Pensa nela como uma foca, uma foca de circo velha e cansada. Mais uma vez, tem de sair com esforço do tanque, mais uma vez mostrar que sabe equilibrar a bola no nariz. Depende dele elogiá-la, dar-lhe ânimo, levá-la até o final da performance.

“Eles só sabem fazer assim”, diz, com a maior delicadeza possível. “Admiram você, querem homenagear você. Esse é o melhor jeito que conseguem imaginar para fazer isso. Dar dinheiro a você. Difundir seu nome. Usar uma coisa para fazer a outra.”

De pé ao lado da escrivanhinha estilo Império, examinando os folhetos que dizem onde comprar, onde comer, como usar o telefone, ela lança para ele um daqueles olhares rápidos e irônicos que ainda têm o poder de surpreendê-lo, de lembrar quem ela é. “O melhor jeito?”, a mãe murmura.

Às seis e trinta, ele bate na porta. Ela está pronta, esperando, cheia de dúvidas, mas preparada para enfrentar o adversário. Está usando o tailleur azul com paletó de seda, seu uniforme de mulher romancista, e sapatos

brancos que não estão errados, mas mesmo assim lhe dão um certo ar da Margarida do Pato Donald. Lavou o cabelo e escovou para trás. Continua parecendo oleoso, mas honrosamente oleoso, como o de um marinheiro ou mecânico. Já tem no rosto aquele ar passivo que, se víssemos no rosto de uma jovem, chamaríamos de timidez. Um rosto sem personalidade, do tipo que os fotógrafos têm de se esforçar para que ganhe alguma distinção. Como Keats, pensa ele, o grande advogado da receptividade vazia.

O tailleur azul, o cabelo oleoso são detalhes, sinais de um moderado realismo. Fornece os pormenores, permite que os significados aflorem por si mesmos. Processo inaugurado por Daniel Defoe. Robinson Crusoe, naufragado na praia, procura em torno os companheiros de navio. Mas não há nenhum. “Nunca mais os vi, nem sinal deles”, diz, “a não ser três chapéus, um boné, e dois sapatos que não eram parceiros.” Dois sapatos, não parceiros: não sendo parceiros, os sapatos deixaram de ser calçados, passaram a ser prova da morte, arrancados dos pés dos afogados pelos mares espumosos, e atirados à praia. Nenhuma grande palavra, nenhum desespero, apenas chapéus, boné, sapatos.

Desde que se conhece por gente, sua mãe sempre se isolou de manhã para escrever. Nenhuma interrupção sob qualquer circunstância. Costumava sentir-se uma criança infeliz, solitária e não amada. Quando estavam com muita pena de si mesmos, ele e a irmã sentavam do lado de fora da porta trancada e soltavam pequenos gemidos. Depois de gemer passavam a cantarolar ou cantar, e se sentiam melhor, esquecendo o abandono.

Agora as coisas mudaram. Ele cresceu. Não está mais do lado de fora, mas dentro do aposento, observando a mãe sentada, de costas para a janela, enfrentando, dia após dia, ano após ano, enquanto o cabelo lentamente vai do preto ao grisalho, a página em branco. Quanta tenacidade, pensa! Ela merece a medalha, sem dúvida nenhuma, essa medalha e muitas mais. Pelo valor acima do exigido.

A mudança ocorreu quando ele tinha trinta e três anos. Até então, não lera nem uma palavra do que ela havia escrito. Era a sua resposta, a sua vingança por ela o haver trancado para fora. Ela o renegava, portanto ele a renegava também. Ou talvez se recusasse a ler seus livros para se proteger. Talvez houvesse um motivo mais profundo: para se defender do raio. Então, um dia, sem uma palavra a ninguém, sem uma palavra nem a si mesmo, pegou na biblioteca um livro dela. Depois disso, leu tudo, abertamente, no trem, na mesa de almoço. “O que está lendo?” “Um dos livros de minha mãe.”

Ele está nos livros dela, ou em alguns deles. Reconhece também outras pessoas; e deve haver muitas outras que não reconhece. Ela escreve sobre sexo, sobre paixão, ciúme, inveja, com um conhecimento que o abala. É definitivamente indecente.

Ela o abala; provavelmente é o que faz com outros leitores também. Provavelmente, em termos gerais, seja a razão de ela existir. Que estranha recompensa por uma vida inteira abalando as pessoas: ser levada a essa cidade da Pensilvânia para receber dinheiro! Porque ela não é, de jeito nenhum, uma escritora confortável. É até cruel, de um jeito que as mulheres sabem ser, mas que os homens raramente têm a coragem de ser. Que tipo de criatura é ela, de verdade? Não uma foca: não é mansa o bastante para isso. Mas tampouco um tubarão. Um gato. Um daqueles gatos grandes que fazem uma pausa quando estão destripando sua vítima e, por cima da barriga aberta, nos lançam um olhar amarelo e frio.

Há uma mulher esperando por eles lá embaixo, a mesma mulher jovem que foi buscá-los no aeroporto. Seu nome é Teresa. É professora do Altona College, mas na empresa do Prêmio Stowe é um factótum, uma servidora, e, no empreendimento como um todo, um personagem menor.

No carro, ele vai na frente, ao lado de Teresa, a mãe senta-se atrás. Teresa está excitada, tão excitada que se torna definitivamente tagarela. Fala sobre os bairros que estão atravessando, sobre o Altona College e sua história, sobre o restaurante para onde estão indo. No meio de toda a

tagarelice, consegue dar dois rápidos botes, como um camondongo. “No outono passado, recebemos A. S. Byatt”, diz. “O que acha de A. S. Byatt, senhora Costello?” Está escrevendo um livro sobre mulheres escritoras e políticas; passa os verões em Londres fazendo o que chama de pesquisa; ele não ficaria surpreso se ela tivesse um gravador escondido no carro.

Sua mãe tem um nome para gente assim. Chama essas pessoas de peixes dourados. A gente pensa que são pequenos e inofensivos, diz ela, porque só querem uma mordidinha minúscula de carne, um hemidemimiligrama. Recebe cartas de gente assim toda semana, aos cuidados do editor. Houve tempo em que costumava responder: obrigada por seu interesse, infelizmente estou ocupada demais para a resposta mais longa que sua carta merece. Aí, uma amiga contou o quanto estavam valendo essas cartas dela no mercado de autógrafos. Depois disso, parou de responder.

Manchas de ouro circundando a baleia moribunda, esperando a chance de pular em cima e dar uma mordida rápida.

Chegam ao restaurante. Está chovendo. Teresa os deixa na porta e vai estacionar o carro. Durante um momento, ficam sozinhos na calçada. “Ainda dá para fugir”, diz ele. “Não é tarde demais. Podemos pegar um táxi, parar no hotel para pegar suas coisas, estar no aeroporto às oito e meia, pegar o primeiro vôo. Teremos sumido de cena quando a Cavalaria chegar.”

Ele sorri. Ela sorri. Vão seguir o programa, isso nem precisa ser dito. Mas é um prazer brincar pelo menos com a idéia da escapada. Piadas, segredos, cumplicidades; um olhar aqui, uma palavra ali: é assim que ficam juntos, que ficam separados. Ele será seu escudeiro, ela será seu cavaleiro. Ele a protegerá até onde puder. Depois irá ajudá-la a vestir a armadura, a montar o corcel, a ajustar o escudo no braço, lhe entregará a lança e dará um passo para trás.

No restaurante, há uma cena, um diálogo sobretudo, que vamos pular. Retomamos no hotel, onde Elizabeth Costello pede ao filho para repassar a lista de pessoas que acabam de conhecer. Ele obedece, dando a cada um

nome e função, como na vida. O anfitrião, William Brautegam, é reitor de Humanidades em Altona. O coordenador do júri, Gordon Wheatley, é canadense, professor no McGill, escreveu sobre literatura canadense e sobre Wilson Harris. Aquela que chamam de Toni, que conversou com ela sobre Henry Handel Richardson, é do Altona College. É especialista em Austrália, onde foi professora. Paula Sachs ela conhece. O homem careca, Kerrigan, é romancista, irlandês de nascimento, mora agora em Nova York. A quinta jurada, que sentou ao lado dele, chama-se Moebius. Dá aula na Califórnia e edita um jornal. Também publicou alguns contos.

“Você e ela tiveram um bom *tête-à-tête*”, diz a mãe. “Bonita, não é?”

“Acho que sim.”

Ela reflete. “Mas como grupo você não acha que são um tanto...”

“Peso leve?”

Ela faz que sim com a cabeça.

“Bom, são mesmo. Os pesos-pesados não se envolvem nesse tipo de show. Os pesos-pesados estão batalhando com problemas pesos-pesados.”

“Será que eu não sou peso-pesado para eles?”

“Não, você é bem peso-pesado, sim. Seu defeito é que você não é um problema. Ainda não ficou provado que o que você escreve é um problema. Assim que se mostrar como problema, vai poder ser transferida para a corte deles. No momento, você não é um problema, só um exemplo.”

“Um exemplo de quê?”

“Um exemplo de escrita. Um exemplo de como escreve alguém do seu porte, da sua geração, da sua origem. Um caso.”

“Um caso? Tenho direito a uma palavra de protesto? Depois de todo o esforço que eu faço para não escrever como qualquer um?”

“Mãe, não adianta brigar comigo. Não tenho culpa da academia enxergar você desse jeito. Mas você deve admitir que num certo nível nós falamos, e portanto escrevemos, como qualquer um. Senão, estaríamos todos falando e escrevendo línguas particulares. Não é absurdo, é?, se

ocupar daquilo que as pessoas têm em comum em vez daquilo que diferencia um do outro.”

Na manhã seguinte, John se vê em outro debate literário. Na sala de ginástica do hotel, topa com Gordon Wheatley, presidente do júri. Lado a lado em suas bicicletas, travam uma conversa aos gritos. Sua mãe vai ficar decepcionada, diz para Wheatley, não totalmente a sério, quando souber que o Prêmio Stowe só foi dado a ela porque 1995 foi escolhido como o ano da Australásia.

“Ela gostaria que fosse por quê?”, grita Wheatley.

“Por ela ser a melhor”, responde. “Na honesta opinião do júri. Não a melhor australiana, não a melhor mulher australiana, apenas a melhor.”

“Sem o infinito, não teríamos matemática”, diz Wheatley. “Mas isso não quer dizer que o infinito exista. Infinito é apenas um conceito, um conceito criado pelo homem. Claro que consideramos Elizabeth Costello a melhor. Só temos de ter bem claro em nossa cabeça o que uma afirmação dessas significa no contexto da nossa época.”

A analogia com o infinito não faz nenhum sentido para ele, mas não insiste no assunto. Espera que Wheatley não escreva tão mal quanto pensa.

O realismo nunca esteve à vontade com as idéias. Não poderia ser de outro jeito: a premissa do realismo é a idéia de que as idéias não têm existência autônoma, que só podem existir nas coisas. De forma que quando se tem de debater idéias, como aqui, o realismo é levado a inventar situações — caminhadas pelo campo, conversas — nas quais os personagens dão voz a idéias conflitantes e assim, em certo sentido, as encarnam. A idéia de *encarnar* acaba sendo o eixo. Nesses debates, as idéias não flutuam, nem podem flutuar livremente: ficam atadas aos interlocutores que as enunciam, e são geradas por uma matriz de interesses individuais a partir da qual os interlocutores agem no mundo — por exemplo, o empenho do filho em não deixar a mãe ser tratada como um Mickey Mouse pós-colonial da literatura, ou o empenho de Wheatley em não parecer um absolutista antiquado.

Às onze horas, ele bate na porta do quarto dela. Ela tem um longo dia pela frente: uma entrevista, um programa na rádio da faculdade, depois, à noite, a cerimônia de entrega e o discurso que a acompanha.

Sua estratégia para entrevistas é assumir o controle da conversa, apresentando blocos de diálogo ensaiados tantas vezes que ele imagina se não se solidificaram na cabeça dela, tornando-se uma espécie de verdade. Um longo parágrafo sobre a infância nos subúrbios de Melbourne (com cacatuas guinchando no fundo do jardim), acompanhado de um subparágrafo sobre o perigo que a segurança da classe média representa para a imaginação. Um parágrafo sobre a morte do pai na Malásia, de febre intestinal, com a mãe em algum lugar ao fundo tocando valsas de Chopin ao piano, seguido de uma seqüência de algo que soa como rumações improvisadas sobre a influência da música em sua escrita. Um parágrafo sobre as leituras de sua adolescência (vorazes, não seletivas), depois um salto até Virginia Woolf, que ela leu pela primeira vez quando estudante, e o impacto que Woolf teve sobre ela. Uma passagem sobre seu período na escola de arte, outra sobre o ano e meio que passou na Cambridge do pós-guerra (“Do que mais me lembro é a luta contra o frio”), outra sobre seus anos em Londres (“Acho que seria capaz de ganhar a vida como tradutora, mas a língua que eu mais domino é o alemão, e o alemão não era popular naquela época, como você pode imaginar”). Seu primeiro romance, que ela modestamente menospreza, embora como primeiro livro ficasse bem acima dos concorrentes, depois seus anos na França (“uma época impetuosa”) e um olhar de esguelha sobre o primeiro casamento. Depois a volta à Austrália com o filho pequeno. Ele.

No fim das contas, avalia ele, ouvindo, uma performance habilidosa, se ainda se pode usar essa expressão, consumindo a maior parte da hora, conforme o planejado, deixando apenas alguns minutos para desviar de perguntas que começam com “O que a senhora acha...?”. O que ela acha do neoliberalismo, da questão feminina, dos direitos dos aborígenes, do romance australiano hoje? Morou com ela durante quase quatro décadas,

indo e voltando, e ainda não tem certeza do que ela pensa das grandes questões. Não tem certeza e, no geral, agradece não ter de ouvir. Pois as idéias dela seriam, desconfia, tão pouco interessantes quanto as da maioria das pessoas. Uma escritora, não uma pensadora. Escritores e pensadores: água e vinho. Não, não água e vinho: peixe e pássaro. Mas qual é ela, o peixe ou o pássaro? Qual é o seu elemento: água ou ar?

A entrevistadora dessa manhã, que veio de Boston para a ocasião, é jovem, e sua mãe geralmente é tolerante com os jovens. Mas essa está longe de ser suscetível e não se deixa enrolar. “No seu entender, qual a sua principal mensagem?”, persiste.

“Minha mensagem? Tenho a obrigação de passar uma mensagem?”

Ponto perdido; a entrevistadora força a vantagem. “Em *A casa da rua Eccles*, seu personagem principal, Marion Bloom, se recusa a fazer sexo com o marido enquanto ele não tiver definido quem ele próprio é. É isso que está dizendo?: que enquanto os homens não tiverem definido uma nova identidade, pós-patriarcal, as mulheres deveriam manter distância?”

A mãe lança-lhe um olhar. *Socorro!* é o que quer dizer, meio de brincadeira.

“Idéia intrigante”, ela murmura. “Claro que no caso do marido de Marion seria particularmente duro pedir que ele formulasse uma nova identidade, uma vez que é um homem, como direi?, de identidade pouco firme, de muitas formas.”

A rua Eccles é um grande romance; vai sobreviver, talvez, tanto quanto *Ulysses*; certamente continuará por aí muito tempo depois de sua criadora ter sido enterrada. Ele era criança quando ela escreveu o livro. Fica inquieto e tonto de pensar que o mesmo ser que engendrou *A rua Eccles* o engendrou. É hora de entrar em cena, de salvá-la de uma inquisição que promete tornar-se tediosa. Ele se levanta: “Mãe, acho que vamos ter de parar por aqui”, diz. “Alguém vem nos buscar para o programa de rádio.” Para a entrevistadora: “Muito obrigado, mas isso é tudo”.

A entrevistadora faz bico, incomodada. Será que encontrará um papel para ele na matéria que vai escrever: a romancista decadente e seu filho mandão?

Na emissora de rádio os dois são separados. Ele é levado à cabine de controle. A nova entrevistadora, surpreende-se ao descobrir, é aquela mulher elegante, Moebius, que sentou a seu lado no jantar. “Aqui é Susan Moebius, com o programa *Autores em ação*, e hoje vamos conversar com Elizabeth Costello”, inicia ela, e prossegue com uma ágil introdução. “Seu último romance”, continua, “chamado *Fogo e gelo*, se passa na Austrália dos anos 1930 e conta a história de um jovem que luta para abrir seu caminho como pintor, enfrentando a oposição da família e da sociedade. Tinha alguém particular em mente quando escreveu o livro? É baseado em sua própria juventude?”

“Não, eu ainda era criança nos anos 1930. Claro que recorreremos à nossa própria vida o tempo todo, é a fonte principal, em certo sentido nossa única fonte. Mas não, *Fogo e gelo* não é uma autobiografia. É uma obra de ficção. Inventada por mim.”

“É um livro poderoso, garanto a nossos ouvintes. Mas a senhora acha fácil escrever sob o ponto de vista de um homem?”

É uma pergunta rotineira, abrindo a porta para um de seus parágrafos rotineiros. Para surpresa dele, ela não segue esse rumo.

“Fácil? Não. Se fosse fácil não valeria a pena fazer. Essa alteridade é que desafia. Inventar alguém que não é você mesmo. Inventar um mundo onde ele se locomova. Inventar uma Austrália.”

“A senhora diria que é isso que vem fazendo em seus livros: inventar a Austrália?”

“Acho que sim. Mas não é mais tão fácil hoje em dia. Existe mais resistência, uma quantidade de Austrálias inventadas por muitas outras pessoas com que você tem de esbarrar. Isso é o que entendemos por tradição, o começo de uma tradição.”

“Gostaria de continuar com a *A casa da rua Eccles*, seu livro mais conhecido em nosso país, um livro desbravador, e a figura de Molly Bloom. Os críticos se concentraram no fato de a senhora ter tomado, ou retomado, Molly de Joyce, se apossado dela. Gostaria que comentasse suas intenções com esse livro, principalmente nesse desafio a Joyce, um dos patriarcas da literatura moderna, no próprio território dele.”

Outra abertura clara, e dessa vez ela embarca.

“É, uma pessoa interessante, não é, Molly Bloom? — quer dizer, a Molly de Joyce. Ela deixa um rastro nas páginas de *Ulysses*, como uma cadela no cio deixa seu cheiro. Não dá para chamá-la de sedutora: é mais cru do que isso. Os homens sentem o cheiro, farejam, ficam rodeando, rosnam uns para os outros, mesmo quando Molly não está por perto.

“Não, não acho que eu tenha desafiado Joyce. Mas certos livros são tão pródigos de invenção que ainda sobra muito material quando terminam, material que quase pede para ser tomado e usado para você construir uma coisa sua.”

“Mas, Elizabeth Costello, a senhora tirou Molly de dentro de casa — se posso levar adiante sua metáfora —, tirou Molly da casa da rua Eccles, onde o marido, o amante e, em certo sentido, o autor a haviam confinado, onde eles a transformaram em uma espécie de abelha rainha, que não pode voar, a senhora tirou Molly de casa e a soltou nas ruas de Dublin. Não veria isso como um desafio seu a Joyce, uma provocação?”

“Abelha rainha, cadela... Vamos revisar a imagem e, em vez disso, dizer que ela é uma leoa vasculhando as ruas, farejando, olhando a paisagem. Em busca de uma presa até. Eu queria, sim, libertar Molly daquela casa, e particularmente daquele quarto, com a cama de molas barulhentas e soltá-la, como você diz, em Dublin.”

“Considera Molly — a Molly de Joyce — uma prisioneira da casa da rua Eccles? Considera as mulheres em geral prisioneiras do casamento e da domesticidade?”

“Não se pode dizer isso das mulheres de hoje. Mas, sim, na medida em que Molly é uma prisioneira do casamento, do tipo de casamento disponível na Irlanda em 1904. O marido, Leopold, também é um prisioneiro. Se ela está trancada dentro do lar conjugal, ele está trancado para fora. Temos então Odysseus tentando entrar e Penélope tentando sair. Essa é a comédia, o mito cômico, ao qual Joyce e eu, de maneiras diferentes, prestamos homenagem.”

Como as duas mulheres estão usando fones de ouvido, dirigindo-se ao microfone mais do que uma à outra, é difícil para ele ver como estão se dando. Mas está impressionado, como sempre, pela persona que sua mãe consegue projetar: cordial senso comum, ausência de malícia e, ao mesmo tempo, uma aguda percepção.

“Gostaria de lhe contar”, continua a entrevistadora (voz controlada, pensa ele: uma mulher controlada, capaz, nada peso leve), “sobre o impacto que *A casa da rua Eccles* teve sobre mim quando o li nos anos 1970. Eu era estudante, tinha estudado o livro de Joyce, tinha absorvido o famoso capítulo sobre Molly Bloom e toda a ortodoxia crítica que vinha junto com ele, ou seja, que ali Joyce havia liberado toda a autêntica voz do feminino, a realidade sensual da mulher, e tudo o mais. E aí li seu livro e me dei conta de que Molly não tinha de se limitar ao jeito que Joyce a havia construído, que ela podia muito bem ser uma mulher inteligente interessada em música, com um círculo de amigos próprios e com uma filha com quem trocava confidências — foi uma revelação, eu diria. E comecei a pensar em outras mulheres que acreditamos terem recebido voz pela mão de escritores homens, em nome de sua liberação, e que acabam apenas servindo e beneficiando a filosofia masculina. Estou pensando nas mulheres de D. H. Lawrence em particular, mas se recuarmos mais no tempo podemos falar de Tess D’Uverville e de Anna Karenina, para citar apenas duas. É uma grande questão, mas imagino se tem algo a dizer sobre ela — não só sobre Marion Bloom e as outras, mas sobre o projeto de resgatar a vida das mulheres em geral.”

“Não, não creio que haja nada que eu queira dizer, acho que você expressou tudo muito bem. Claro que, em nome da justiça, os homens terão também de se empenhar em resgatar do estereótipo romântico os Heathcliffs e os Rochesters, sem falar do velho e empoeirado Casaubon. Será um grande espetáculo. Mas, falando sério, não podemos sugar para sempre os clássicos, como parasitas. Não estou me excluindo dessa acusação. Precisamos começar a fazer nossas próprias invenções.”

Isso não está absolutamente no roteiro. Novo ponto de partida. Aonde vai dar? Mas, nossa!, a Moebius (que agora está olhando o relógio do estúdio) não pega a trilha.

“Em seus romances mais recentes, a senhora voltou ao cenário australiano. Pode falar um pouco como vê a Austrália? O que significa para a senhora ser uma escritora australiana? A Austrália é um país que fica muito distante, pelo menos para os norte-americanos. Isso faz parte da sua percepção, quando a senhora escreve, que está falando da margem de lá?”

“A margem de lá. É uma expressão curiosa. Não se encontram muitos australianos dispostos a aceitar isso hoje em dia. *De lá em relação a quê?*, eles diriam. E, no entanto, faz certo sentido, mesmo que esse sentido nos tenha sido imposto pela história. Não somos um país de extremos — eu diria que somos bastante pacíficos —, mas somos um país de extremidades. Vivemos nossas extremidades porque nunca houve nenhuma grande dose de resistência em nenhuma direção. Se você começa a cair, não há muita coisa que possa deter essa queda.”

Estão de volta aos lugares-comuns, ao chão conhecido. Ele deixa de ouvir.

Pulamos para a noite, para o evento principal, a entrega do prêmio. Como filho e acompanhante da premiada, ele se vê na primeira fila da platéia, entre os convidados especiais. A mulher da esquerda se apresenta. “Nossa filha estuda em Altona”, diz. “Está escrevendo a dissertação de formatura sobre sua mãe. É grande fã dela. Nos fez ler tudo.” Toca o pulso do homem a seu lado. Os dois cheiram a dinheiro, a dinheiro velho.

Patrocinadores, sem dúvida. “Sua mãe é muito admirada em nosso país. Principalmente pelos jovens. Espero que conte isso a ela.”

Por todos os Estados Unidos, mulheres jovens escrevendo dissertações sobre sua mãe. Admiradoras, seguidoras, discípulas. Será que sua mãe gostaria de ser informada de que tem discípulas americanas?

A cena da entrega em si nós pulamos. Não é boa idéia interromper demais a narrativa, uma vez que contar histórias funciona quando se induz o leitor ou o ouvinte a um estado de sonho no qual o tempo e o espaço do mundo real desaparecem, suplantados pelo tempo-espaço da ficção. A interrupção do sonho chama a atenção para a estrutura da história e devasta a ilusão realista. Porém, a menos que pulemos certas cenas, ficaremos aqui a tarde inteira. Os pulos não são parte do texto, são parte da performance.

Então, o prêmio é entregue e depois sua mãe é deixada sozinha no palco para fazer o discurso de aceitação, intitulado no programa “O que é o realismo?”. Chegou o momento de ela mostrar seus passos.

Elizabeth Costello coloca os óculos de leitura. “Senhoras e senhores”, diz, e começa a ler.

“Publiquei meu primeiro livro em 1955, quando estava morando em Londres, na época a grande metrópole cultural para os antípodas. Lembrome claramente do dia em que o pacote chegou pelo correio, o exemplar prévio do autor. Fiquei naturalmente emocionada de tê-lo nas mãos, impresso e encadernado, a coisa real, inegável. Mas alguma coisa me incomodava. Telefonei para meus editores. ‘Os exemplares para arquivo já foram enviados?’, perguntei. E não descansei enquanto não me garantiram que os exemplares para arquivo haviam sido enviados, naquela mesma tarde, para a Escócia e a Bodleian, entre outras, mas acima de tudo para o Museu Britânico. Esta a minha grande ambição: ter meu lugar nas estantes do Museu Britânico, ombro a ombro com os outros Cs, os grandes: Carlyle e Chaucer, Coleridge e Conrad. (O engraçado é que minha vizinha literária mais próxima acabou sendo Marie Corelli.)

“Essa ingenuidade hoje desperta um sorriso. Mas por trás da minha ansiosa preocupação havia algo sério e, por trás dessa seriedade, algo patético que é menos fácil de identificar.

“Eu explico. Mesmo não levando em conta todos os exemplares do livro escrito por você que vão perecer — os que vão virar polpa de papel porque não tiveram comprador, os que vão ser abertos, terão uma ou duas páginas lidas, receberão um bocejo e serão colocados de lado para sempre, os que vão ser esquecidos em hotéis de praia ou em trens —, mesmo que não se leve em conta todos esses exemplares perdidos, precisamos sentir que ao menos um exemplar será não apenas lido, mas cuidado, terá um abrigo, um lugar na estante perpetuamente seu. O que havia por trás da minha preocupação com os exemplares de biblioteca era um desejo de que, mesmo que eu fosse atropelada por um ônibus no dia seguinte, esse meu primogênito tivesse um lar onde pudesse dormir pelos próximos cem anos, se o destino assim decretasse, e ninguém fosse cutucá-lo com uma vareta para ver se ainda estava vivo.

“Esse era um lado do meu telefonema: se eu, esta casca mortal, vou morrer, que possa ao menos viver através das minhas criações.”

Elizabeth Costello continua, refletindo sobre a transitoriedade da fama. Vamos pular para a frente.

“Mas é claro que o Museu Britânico ou a (hoje) Biblioteca Britânica não vai durar para sempre. Ela também haverá de se desintegrar e acabar, e os livros em suas estantes virarão pó. De qualquer modo, muito antes desse dia, à medida que o ácido corrói o papel, que a demanda por espaço aumenta, os feios, os não-lidos, os indesejados serão levados para um ou outro departamento e jogados numa fornalha, e todo traço deles será eliminado do catálogo principal. Então, será como se nunca tivessem existido.

“Essa é a alternativa para a visão da Biblioteca de Babel, para mim mais perturbadora do que a visão de Jorge Luis Borges. Não uma biblioteca na qual todos os livros concebíveis, passados, presentes e futuros, coexistam,

mas uma biblioteca na qual livros que foram realmente concebidos, escritos e publicados estão ausentes até da memória dos bibliotecários.

“Esse, portanto, era o outro lado, mais patético, do meu telefonema. Podemos confiar na Biblioteca Britânica ou na Biblioteca do Congresso tanto quanto confiamos na fama para nos salvar do esquecimento. Devo lembrar isso a mim mesma, e também a vocês, nesta noite de orgulho para mim aqui no Altona College.

“Mas permitam que eu aborde agora o meu tema, ‘O que é o realismo?’

“Franz Kafka tem um conto — talvez vocês o conheçam — em que um macaco, vestido a rigor, discursa para uma sociedade culta. É um discurso, mas também é um teste, um exame, a *viva voce*. O macaco precisa demonstrar não só que pode falar a língua de sua platéia como também que dominou suas maneiras e convenções, e que está capacitado a entrar para essa sociedade.

“Por que estou lembrando a vocês o conto de Kafka? Estarei fingindo ser o macaco, apartado de meu ambiente natural, forçado a representar diante de um grupo de críticos estranhos? Espero que não. Sou uma de vocês, não sou de espécie diferente.

“Se conhecem o conto, haverão de lembrar que é escrito em forma de monólogo, um monólogo do macaco. Dentro dessa forma, não há meios de nem o orador nem a platéia serem inspecionados por um olhar externo. Pelo que sabemos, o orador pode não ser ‘realmente’ um macaco, pode ser simplesmente um ser humano como nós levado à ilusão de pensar em si mesmo como macaco, ou um ser humano se apresentando, com pesada ironia, com propósitos retóricos, como um macaco. Da mesma forma, a platéia pode ser composta não, como seria de imaginar, de cavalheiros de cara vermelha e bigodes que trocaram as camisas safári e a topiaria por trajes de noite, mas de outros macacos, treinados, se não no mesmo nível do orador, o qual é capaz de pronunciar complicadas frases em alemão, pelo menos a permanecer sentados ouvindo; ou, se não treinados para isso,

macacos acorrentados a suas cadeiras e treinados a não matraquear, nem a catar pulgas, nem a se aliviar abertamente.

“Não sabemos. Não sabemos e nunca saberemos, com certeza, o que realmente acontece nesse conto: se é um homem falando a homens, ou um macaco falando a macacos, ou um macaco falando a homens, ou um homem falando a macacos (embora esta última possibilidade, seja, acredito, improvável), ou mesmo apenas um papagaio falando a papagaios.

“Houve um tempo em que sabíamos. Costumávamos acreditar que quando o texto dizia ‘Havia um copo d’água sobre a mesa’, havia de fato uma mesa com um copo d’água sobre ela, e bastava olharmos para o espelho-palavra do texto para vê-los.

“Mas isso tudo terminou. O espelho-palavra se quebrou, irreparavelmente ao que parece. Seu palpite é tão bom quanto o meu sobre o que está realmente acontecendo no salão de conferências: homem e homem, homem e macacos, macacos e homens, macacos e macacos. O próprio salão de conferências pode não ser nada mais que um zoológico. As palavras na página não mais se levantarão nem serão levadas em conta, cada uma proclamando ‘Significo o que significo!’. O dicionário, que costumava ficar ao lado da Bíblia e das palavras de Shakespeare em cima da lareira, lugar onde nos lares piedosos de Roma eram guardados os deuses da família, transformou-se em apenas mais um livro de código.

“Essa é a situação em que apareço diante de vocês. Espero não estar abusando do privilégio deste palco para fazer piadas inúteis, niilistas, sobre o que eu sou, mulher ou macaca, e o que vocês são: minha platéia. Não é esse o sentido do conto, digo eu, eu que no entanto não estou em posição de ditar o sentido do conto. Acreditamos que houve um tempo em que podíamos dizer quem éramos. Agora, somos apenas atores recitando nossos papéis. O fundo caiu. Poderíamos considerar trágico esse evento, não fosse pelo fato de ser difícil respeitar um fundo que cai, seja ele qual for — isso agora nos parece uma ilusão, uma dessas ilusões sustentadas apenas pelo

olhar concentrado de todos da sala. Removam seu olhar apenas um instante, e o espelho cai ao chão e se parte.

“Existe, portanto, muita razão para eu me sentir pouquíssimo segura de mim mesma aqui diante de vocês. Apesar do esplêndido prêmio, pelo qual estou profundamente agradecida, apesar da promessa nele contida de que, junto à ilustre companhia daqueles que foram premiados antes de mim, estarei fora do alcance das garras invejosas do tempo, todos sabemos, se formos realistas, que é apenas questão de tempo que os livros que vocês homenageiam, e cuja gênese tem algo a ver comigo, não sejam mais lidos e acabem não sendo mais lembrados. E é certo que assim seja. Deve haver um limite para o dever de lembrar que impomos a nossos filhos e netos. Eles terão um mundo próprio, do qual cada vez menos faremos parte. Obrigada.”

O aplauso começa hesitante, depois cresce. Sua mãe tira os óculos, sorri. É um sorriso fascinante: ela parece estar fruindo o momento. Atores têm o direito de se banhar em aplausos, merecidos ou imerecidos — atores, cantores, violinistas. Por que sua mãe não poderia ter um momento de glória também?

O aplauso esmorece. O reitor Brautegam inclina-se para o microfone. “Agora nós serviremos...”

“Com licença!” Uma voz jovem, clara e segura interrompe o reitor.

A platéia se agita. Cabeças se voltam.

“Agora nós serviremos o coquetel no saguão, onde há uma exposição dos livros de Elizabeth Costello. Por favor, venham conosco. Resta apenas...”

“Com licença!”

“Pois não?”

“Tenho uma pergunta.”

Ela está de pé: uma jovem com o abrigo branco e vermelho do Altona College. Brautegam está nitidamente confuso. Quanto a sua mãe, perdeu o sorriso. Ele conhece aquela expressão. Para ela basta, quer ir embora.

“Não tenho certeza”, diz Brautegam, franzindo a testa, olhando em torno em busca de apoio. “Nosso formato, esta noite, não permite perguntas. Gostaria de agradecer...”

“Com licença! Tenho uma pergunta para a oradora. Posso me dirigir à oradora?”

Faz-se um silêncio. Todos os olhos pousam em Elizabeth Costello. Ela olha ao longe, gélida.

Brautegam se recompõe. “Gostaria de agradecer à senhora Costello, em honra de quem estamos hoje aqui reunidos. Vamos, por favor, para o saguão. Obrigado.” E desliga o microfone.

Ao saírem do auditório, há um rumor de conversas. Um incidente, nada mais. Ele pode ver a moça de branco e vermelho adiante, na multidão. Está andando dura, ereta, aparentemente furiosa. Que pergunta seria? Teria sido melhor que fosse feita?

Ele teme que a cena se repita no saguão. Mas não há cena nenhuma. A moça foi embora, saiu para a noite, talvez batendo os pés. Mesmo assim, o incidente deixa um gosto ruim; digam o que disserem, estragou a noite.

O que ela ia perguntar? Sussurrando, as pessoas se agrupam. Parecem fazer uma boa idéia. Ele também faz uma boa idéia. Algo que se esperava que a famosa escritora Elizabeth Costello fosse dizer em uma ocasião dessas e não disse.

Pode ver o reitor Brautegam e outros agitados em torno de sua mãe agora, tentando serenar as coisas. Afinal de contas, investiram nela, querem que vá para casa pensando bem deles e da faculdade. Mas também devem estar pensando adiante, em 1997, esperando que em 1997 o júri escolha um vencedor mais interessante.

Pulamos o resto da cena no saguão, vamos para o hotel.

Elizabeth Costello retira-se para dormir. Durante algum tempo, o filho assiste televisão em seu próprio quarto. Depois, fica inquieto e desce para o saguão, onde a primeira pessoa que vê é a mulher que entrevistou sua mãe

na rádio, Susan Moebius. Ela o chama com a mão. Está acompanhada, mas a pessoa logo vai embora, deixando os dois sozinhos.

Acha Susan Moebius atraente. Ela se veste bem, melhor do que as convenções da academia em geral permitem. Tem cabelo comprido, loiro-dourado; senta-se ereta na cadeira, os ombros empinados; quando mexe o cabelo o movimento é bem majestoso.

Ignoram os acontecimentos da noite e em vez disso falam sobre o renascimento do rádio como meio cultural. “Uma entrevista interessante, a que você fez com minha mãe”, diz John. “Sei que escreveu um livro sobre ela, que infelizmente não li. Tem coisas boas a dizer sobre ela?”

“Acho que sim. Elizabeth Costello é uma escritora-chave da nossa época. Meu livro não é só sobre ela, mas ela é figura importante nele.”

“Escritora-chave... Seria uma escritora-chave para todos nós, você acha, ou só para as mulheres? Durante a entrevista, tive a sensação de que você vê minha mãe apenas como uma mulher escritora, ou uma escritora para mulheres. Ainda a consideraria um escritor-chave se ela fosse homem?”

“Se ela fosse homem?”

“Tudo bem: se você fosse homem?”

“Se eu fosse homem? Não sei. Nunca fui homem. Conto para você quando experimentar.”

Os dois sorriem. Definitivamente, há algo no ar.

“Mas minha mãe já foi homem”, ele insiste. “Já foi cachorro também. Ela é capaz de penetrar nos outros com o pensamento, em outras existências. Eu li os livros dela; eu sei. É um poder que ela tem. Não é isto a coisa mais importante da ficção, nos tirar de nós mesmos, nos levar para outras vidas?”

“Talvez. Mas ainda assim sua mãe continua sendo uma mulher. Faça o que fizer, faz como mulher. Ela habita o seu personagem como mulher, não como homem.”

“Isso eu não sei. Acho os homens dela perfeitamente críveis.”

“Não sabe porque não quer saber. Só uma mulher sabe isso. É uma coisa entre mulheres. Se os homens delas são críveis, ótimo, fico contente de saber isso, mas afinal é só mímica. Mulher é boa de mímica, melhor que homem. Até na paródia. Nosso toque é mais leve.”

Está sorrindo de novo. *Veja como é leve o meu toque*, seus lábios parecem dizer. Lábios macios.

“Se existe paródia nela”, diz ele, “confesso que é sutil demais para eu perceber.” Faz-se um longo silêncio. “Então é assim que você pensa”, ele diz, afinal, “que vivemos vidas paralelas, homens e mulheres, que nunca nos encontramos de fato?”

O rumo da conversa mudou. Não estão mais falando sobre escrever, se é que estavam.

“O que você acha?”, pergunta ela. “O que sua experiência lhe diz? E será que a diferença é uma coisa ruim? Se não houvesse diferença, o que seria do desejo?”

Ela olha para ele abertamente, nos olhos. É o momento de fazer um gesto. Ele se levanta; ela pousa o copo, lentamente se levanta também. Quando ela passa em sua frente, ele a pega pelo cotovelo e com o toque um choque o atravessa, o deixa tonto. Diferença: polaridades opostas. Meia-noite na Pensilvânia: que horas serão em Melbourne? O que está fazendo neste continente estranho?

Sobem sozinhos no elevador. Não o elevador que ele e a mãe usaram: uma ala diferente. Onde é o norte, onde é o sul nesse hotel hexagonal, nessa colméia? Aperta a mulher contra a parede, beija-a, sentindo o cigarro em seu hálito. *Pesquisa*: será esse o nome que ela vai dar àquilo depois? *Usar uma fonte secundária*? Ele a beija de novo, ela retribui o beijo, beijando a carne da carne.

Descem no décimo terceiro andar; ele a segue pelo corredor, virando à direita e à esquerda até perder o rumo. O âmago da colméia: é isso que estão procurando? O quarto de sua mãe é o 1254. O dele é o 1220. O dela, 1307. Fica surpreso de existir esse número. Achava que os andares pulavam

de doze para catorze, que essa era a regra no mundo dos hotéis. Onde fica o 1307 em relação ao 1254: norte, sul, leste, oeste?

Pulamos para a frente de novo, desta vez no texto, não na performance.

Quando ele relembra aquelas horas, um momento volta com súbita força, o momento em que o joelho dela desliza sob seu braço e se dobra em sua axila. Curioso como a lembrança de toda uma cena pode ser dominada por um momento, não significativo em si, mas tão vívido que dá quase para sentir o fantasma da coxa contra a pele. Será que por natureza a mente prefere as sensações às idéias, o tangível ao abstrato? Ou será que o dobrar do joelho de uma mulher é só um lembrete a partir do qual se desdobrará o resto da noite?

Estão deitados no escuro, lado a lado, no texto da lembrança, conversando.

“Então: foi uma viagem bem-sucedida?”, ela pergunta.

“Do ponto de vista de quem?”

“Seu.”

“Meu ponto de vista não interessa. Viemos por causa de Elizabeth Costello. O que interessa é o ponto de vista dela. Bem-sucedida, sim. O bastante.”

“É um toque de amargura o que estou notando?”

“Nenhuma. Estou aqui apenas para ajudar.”

“Muita bondade sua. Sente que deve algo a ela?”

“Devo, sim. Dever filial. Um sentimento perfeitamente natural entre seres humanos.”

Ela sacode o cabelo. “Não fique zangado”, diz.

“Não estou.”

Ela desliza colada nele, faz-lhe um carinho. “O bastante — o que isso quer dizer?”, murmura. Não vai desistir. Há ainda um preço a ser pago por esse tempo em sua cama, pelo que conta como uma conquista.

“O discurso não deu certo. Ela ficou decepcionada. Trabalhou muito nele.”

“Não tinha nada de errado no discurso em si. Mas o título não era adequado. E ela não devia ter usado Kafka para ilustrar. Tem textos melhores.”

“Tem?”

“Tem, sim, mais adequados. Estamos nos Estados Unidos, nos anos 1990. As pessoas não querem ouvir falar de Kafka outra vez.”

“Querem ouvir falar de quê?”

Ela encolhe os ombros. “Algo mais pessoal. Não precisa ser íntimo. Hoje, ninguém mais reage bem a auto-ironias históricas e pesadas. Podem aceitar de um homem, por obrigação, mas não de uma mulher. Uma mulher não precisa usar essa armadura toda.”

“E um homem precisa?”

“Me diga você. Se é um problema, é um problema masculino. Não demos o prêmio a um homem.”

“Já pensou na possibilidade de minha mãe ter superado essa coisa de homem e mulher? Que ela já tenha explorado tudo o que podia e agora está atrás de algo maior?”

“Como o quê?”

A mão que o acaricia faz uma pausa. O momento é importante, ele sente isso. Ela está esperando a resposta, esperando o acesso privilegiado que ele promete. Ele também sente a emoção do momento, elétrica, trepidante.

“Como comparar-se aos mortos ilustres. Como pagar tributo aos poderes que a animam. Por exemplo.”

“É isso que ela diz?”

“Não acha que é isso que ela fez a vida inteira, medir-se com os mestres? Ninguém na sua profissão percebe isso?”

Ele não devia estar falando assim. Devia ficar fora das coisas de sua mãe. Está na cama dessa estranha não por seus belos olhos azuis, mas porque é filho de sua mãe. No entanto, ali está ele, dando com a língua nos dentes, como um pateta! Deve ser assim que as espãs agem. Nada sutil. O homem

é seduzido não porque sua vontade de resistir é habilmente superada, mas porque ser seduzido é um prazer em si. Cede-se apenas por ceder.

Ele acorda uma vez durante a noite, dominado pela tristeza, uma tristeza tão funda que poderia chorar. Toca de leve o ombro nu da mulher a seu lado, mas ela não reage. Desliza a mão por seu corpo: seio, flanco, quadril, coxa, joelho. Bonita em cada detalhe, sem dúvida, mas de um jeito neutro que não o comove mais.

Tem uma visão da mãe em sua grande cama de casal, encolhida, os joelhos levantados, as costas nuas. De suas costas, de sua carne cerosa, de velha, projetam-se três agulhas: não as pequenas agulhas do acupunturista ou do curandeiro vodu, mas agulhas grossas, cinzentas, de metal ou de plástico: agulhas de tricô. As agulhas não a mataram, não há por que se preocupar, ela respira regularmente no sono. Mesmo assim, ali está, empalada.

Quem fez uma coisa dessas? Quem faria uma coisa dessas?

Tamanha solidão, ele pensa, pairando em espírito sobre a velha no quarto nu. Seu coração está partido; a tristeza jorra como uma cachoeira cinzenta por trás de seus olhos. Não devia ter vindo ali, ao quarto 13 qualquer coisa. Passo errado. Devia levantar imediatamente e sair. Mas não sai. Por quê? Porque não quer ficar sozinho. E porque quer dormir. Sono, pensa, *que remenda a puída manga do desvelo*. Que forma incrível de colocar a coisa! Nem mesmo todos os macacos do mundo batucando em máquinas de escrever a vida inteira produziriam essas palavras arranjadas nessa ordem. Emergindo do escuro, de lugar nenhum: primeiro não ali, depois ali, como um bebê recém-nascido, o coração batendo, o cérebro funcionando, todos os processos daquele complicado labirinto eletroquímico funcionando. Um milagre. Fecha os olhos.

Um lapso.

Ela, Susan Moebius, já está embaixo quando ele desce para o café-da-manhã. Está vestida de branco, parece descansada e satisfeita. Ele senta-se com ela.

Ela tira algo da bolsa e coloca em cima da mesa: o relógio dele. “Está três horas atrasado”, diz.

“Três, não”, diz ele. “Quinze. Hora de Camberra.”

Os olhos dela estão nos dele, ou os dele nos dela. Verdes-pintalgados. Ele sente um puxão. Um continente inexplorado, do qual está prestes a partir! Uma pontada, uma minúscula pontada de perda o atravessa. Dor não sem prazer, como certos níveis de dor de dente. É capaz de pensar em algo bem sério com essa mulher, que provavelmente não verá de novo.”

“Sei no que está pensando”, diz ela. “Está pensando que não vamos nos ver de novo. Está pensando: *um desperdício de investimento.*”

“O que mais você sabe?”

“Acha que usei você. Acha que eu estava tentando chegar até sua mãe através de você.”

Ela está sorrindo. Nada tola. Hábil jogadora.

“É, sim”, ele responde. “Não.” Respira fundo. “Vou dizer o que estou pensando de verdade. Acho que você fica perplexa, mesmo não admitindo, diante do mistério do divino no humano. Sabe que minha mãe tem algo especial — é isso que a atrai nela — e, no entanto, quando conheceu minha mãe ela acabou sendo apenas uma velhinha comum. Você não consegue juntar as duas coisas. Quer uma explicação. Quer uma pista, um sinal, se não dela, de mim. É isso que está acontecendo. Tudo bem, eu não me importo.”

Estranhas palavras para dizer sobre a mesa do café-da-manhã, sobre o café e as torradas. Ele não sabia que tinha isso dentro de si.

“Você é mesmo filho dela, não é? Escreve também?”

“Quer saber se fui tocado pelo deus? Não. Mas sou, sim, filho dela. Não um enjeitado, não um adotado. Saí de dentro do corpo dela, guinchando.”

“E tem uma irmã.”

“Uma meia-irmã, do mesmo lugar. De verdade, nós dois. Carne da carne dela, sangue de seu sangue.”

“E você nunca se casou.”

“Errado. Casei e descasei. E você?”

“Tenho um marido. Um marido, um filho, um casamento feliz.”

“Tudo bem então.”

Não há mais nada a ser dito.

“Vou ter uma chance de me despedir de sua mãe?”

“Pode falar com ela antes da entrevista para a televisão. Às dez, no salão de baile.”

Um lapso.

O pessoal da televisão escolheu o salão por causa das cortinas de veludo vermelho. Na frente das cortinas, colocaram uma cadeira um tanto enfeitada para sua mãe, e uma cadeira mais simples para a mulher que vai entrevistá-la. Susan, quando aparece, tem de atravessar o salão inteiro. Está pronta para viajar; leva uma mochila de couro de novilho no ombro; tem o passo fácil, confiante. Mais uma vez, de leve, como o toque de uma pluma, vem uma pontada, uma pontada da perda futura.

“Foi uma grande honra conhecê-la, senhora Costello”, diz Susan, tomando a mão de sua mãe.

“Elizabeth”, diz a mãe. “Não ligue para o trono.”

“Elizabeth.”

“Quero lhe dar isto aqui”, diz Susan. E de dentro da mochila tira um livro. A capa mostra uma mulher de roupa grega antiga, segurando um rolo de pergaminho. *O resgate de uma História: mulheres e memória*, diz o título. *Susan Kaye Moebius*.

“Obrigada, quero muito ler”, diz sua mãe.

Ele fica para a entrevista, sentado a um canto, olhando a mãe se transformar na pessoa que a televisão quer que ela seja. Toda a estranheza que ela se recusou a expressar ontem à noite vem para fora agora: observações mordazes, histórias da infância na zona rural australiana (“Já percebeu como é vasta a Austrália? Nós somos só umas pulgas nas costas da Austrália, nós, os últimos colonizadores”), histórias sobre o mundo do cinema, sobre atores e atrizes com quem cruzou na vida (“O filme é um

veículo simplificador. É essa a sua natureza; é melhor aceitar isso. Funciona com pinceladas largas”). Em seguida um olhar sobre o mundo contemporâneo (“Me faz bem ao coração ver tantas mulheres jovens e fortes que sabem o que querem”). Até a observação de pássaros é mencionada.

Depois da entrevista, o livro de Susan Moebius quase é esquecido. É ele que o pega debaixo da cadeira.

“Queria que as pessoas não me dessem livros”, ela murmura. “Onde vou encontrar espaço para eles?”

“Eu tenho espaço.”

“Então leve. Fique com ele. Era você que ela queria de verdade, não eu.”

Ele lê a dedicatória: *Para Elizabeth Costello, com gratidão e apreço.* “Eu?”, diz. “Não acho, não. Eu sou só” — sua voz hesita — “uma peça no tabuleiro. É você que ela ama e odeia.”

Ele hesita; a primeira palavra que lhe veio à mente não tinha sido *peça*, mas *apara*. Uma unha do pé aparada, que a pessoa rouba e embrulha num lenço de papel para levar embora por razões pessoais.

Sua mãe não responde. Mas dá-lhe um sorriso, sim, um rápido, súbito sorriso de — ele não consegue entender de outro jeito —, de triunfo.

Os deveres dos dois em Williamstown estão cumpridos. A equipe de televisão está se aprontando para ir embora. Dentro de meia hora, um táxi virá pegá-los para levar ao aeroporto. Ela venceu, mais ou menos. E em terreno alheio. Uma vitória folgada. Pode voltar para casa com seu verdadeiro eu preservado, deixando para trás uma imagem, falsa, como todas as imagens.

Qual é a verdade de sua mãe? Ele não sabe, e no nível mais fundo não quer saber. Está ali simplesmente para protegê-la, para impedir a aproximação dos caçadores de relíquias, dos insolentes, dos peregrinos sentimentais. Tem opiniões próprias, mas não vai externá-las. *Essa mulher,*

ele diria, se fosse falar, *em cujas palavras as pessoas se penduram como se fosse a sibila, é a mesma mulher que, quarenta anos atrás, se escondia dia após dia em seu quarto em Hampstead, chorando sozinha, se arrastando pelas ruas enevoadas à noite para comprar o peixe com batata frita com que sobrevivia, que adormecia vestida. É a mesma mulher que depois explodia pela casa em Melbourne, cabelos voando em todas as direções, gritando com os filhos: “Vocês estão me matando! Estão me arrancando a carne dos ossos!”*. (Ele depois ficava no escuro com a irmã, consolando-a enquanto ela chorava; tinha sete anos; era o primeiro gostinho de ser pai.) *Este é o mundo secreto do oráculo. Como pode querer entendê-la sem primeiro saber como ela é de verdade?*

Ele não odeia a mãe. (Ao pensar nessas palavras, outras palavras ressoam em sua cabeça: as palavras de um dos personagens de William Faulkner insistindo de maneira loucamente repetitiva que não odeia o Sul. Quem é esse personagem?) Bem ao contrário. Se a odiasse, há muito teria posto a maior distância possível entre eles dois. Ele não a odeia. Ele serve em seu altar, limpando depois do torvelinho do dia santo, varrendo as pétalas, coletando as oferendas, juntando as esmolas, prontas para guardar. Pode não se juntar ao frenesi, mas também é um fiel.

Uma porta-voz do divino. Mas *sibila* não é a palavra certa para ela. Nem *oráculo*. Greco-romano demais. Sua mãe não é do estilo greco-romano. Tibete ou Índia seriam melhor: um deus encarnado numa criança, levado de aldeia em aldeia para ser aplaudido, venerado.

E ali estão no táxi, rodando por ruas que já têm o ar de ruas prontas para ser esquecidas.

“Então”, diz a mãe. “Uma fuga honesta.”

“Acredito que sim. Está com o cheque bem guardado?”

“O cheque, a medalha, tudo.”

Um lapso. Estão no aeroporto, no portão, esperando o chamado do vôo que os levará ao primeiro estágio de sua volta para casa. Baixinho, acima de suas cabeças, está tocando uma versão de “Eine kleine Nachtmusik” com

uma batida dura, marcada. Na frente deles, uma mulher sentada, comendo pipoca de dentro de um balde de papel, tão gorda que mal toca o chão com a ponta dos pés.

“Posso perguntar uma coisa?”, diz ele. “Por que história literária? E por que um capítulo tão sombrio da história literária? Realismo: ninguém queria ouvir falar de realismo.”

Ela mexe na bolsa, não responde.

“Quando penso em realismo”, ele continua, “penso em camponeses congelados como blocos de gelo. Penso em noruegueses com roupa de baixo fedida. Qual seu interesse nisso? E onde entra Kafka? O que Kafka tem a ver com tudo isso?”

“Com quê? Com roupa de baixo fedida?”

“É. Com roupa de baixo fedida. Com gente enfiando o dedo no nariz. Você não escreve esse tipo de coisa. Kafka não escreve sobre isso.”

“Não, Kafka não escreve sobre gente que enfia o dedo no nariz. Mas Kafka tinha tempo de imaginar onde e quando o seu pobre macaco educado iria encontrar uma parceira. E como seria quando fosse deixado no escuro com uma fêmea confusa, semidomada, que os tratadores teriam preparado para seu uso. O macaco de Kafka está cravado na vida. Estar cravado é que é importante, não a vida em si. O macaco dele está cravado como nós estamos cravados, você em mim, eu em você. Esse macaco é observado até o final, o amargo, indizível final, restem ou não traços dele na página. Kafka fica acordado durante os lapsos em que nós dormimos. É aí que Kafka entra.”

A gorda está observando abertamente os dois, os olhinhos passando de um para o outro: a velha de capa de chuva e o homem meio careca que pode ser seu filho, discutindo com um sotaque engraçado.

“Bom”, diz ele, “se é verdade o que está dizendo, é repulsivo. É cuidar do zoológico, não escrever.”

“O que você prefere? Um zoológico sem tratadores, onde os animais caem em transe quando você pára de observá-los? Um zoológico de idéias?”

Uma jaula de gorila com uma idéia de gorila dentro, uma jaula de elefante com a idéia de elefantes dentro? Sabe quantos quilos de resíduos sólidos um elefante produz em vinte e quatro horas? Se você quer uma jaula de elefante de verdade com elefantes de verdade, então precisa de um tratador para limpar o que eles fazem.”

“Está desviando do assunto, mãe. E não fique tão nervosa.” Olha para a mulher gorda. “Estamos discutindo literatura, o que é próprio do realismo contra o que é próprio do idealismo.”

Sem parar de mastigar, a mulher tira os olhos deles. Ele pensa na papa de milho mascado e saliva dentro de sua boca e estremece. Aonde vai dar tudo isso?

“Existe uma diferença entre limpar a sujeira dos animais e ficar olhando enquanto eles fazem lá o negócio deles”, ele retoma. “Estou perguntando sobre este último, não sobre o anterior. Animais não merecem uma vida privada da mesma forma que nós?”

“Não se estão em um zoológico”, diz ela. “Não se estiverem em exibição. Uma vez em exibição, você não tem vida privada. Por acaso você pede licença às estrelas para olhar para elas com um telescópio? E a vida privada das estrelas?”

“Mãe, as estrelas são blocos de pedra.”

“Será? Pensei que fossem traços de luz de milhões de anos de idade.”

“Vôo 323 da United Airlines, sem escalas, para Los Angeles, embarque imediato”, diz uma voz. “Deficientes físicos e pessoas conduzindo crianças pequenas queiram, por favor, avançar para a frente da fila.”

No vôo, ela mal toca na comida. Pede dois conhaques, um depois do outro, e adormece. Quando, horas depois, começa o pouso em Los Angeles, ela ainda está dormindo. A comissária de bordo toca seu ombro. “Senhora, o cinto de segurança.” Ela não se mexe. Os dois trocam um olhar, ele e a comissária. Ele se inclina e fecha o cinto no colo dela.

Ela está afundada na poltrona. A cabeça de lado, a boca aberta. Ronca ligeiramente. Luzes piscam pelas janelas quando tocam o chão, o sol se

pondo, brilhante, sobre o sul da Califórnia. Ele pode ver dentro de suas narinas, dentro de sua boca, sua garganta. E o que não pode ver, imagina: o esôfago, rosado e feio, se contraindo ao engolir, como uma píton, empurrando as coisas para baixo, para o saco em forma de pêra da barriga. Ele se afasta, aperta o próprio cinto, endireita-se na poltrona, olha para a frente. Não, diz a si mesmo, não é daí que eu venho, não é.

Palestra 2

O romance na África

Num jantar ela encontra X, que não vê há anos. Ainda está dando aula na Universidade de Queensland?, pergunta. Não, ele responde, aposentou-se e agora trabalha em navios de cruzeiro, viajando pelo mundo, exibindo filmes antigos, falando sobre Bergman e Fellini para aposentados. Nunca lamentou a mudança. “Pagam bem, pode-se ver o mundo e, sabe de uma coisa?, as pessoas, quando envelhecem, escutam o que você tem a dizer.” Ele insiste com ela para experimentar: “Você é uma figura importante, uma escritora bem conhecida. A linha de cruzeiros em que eu trabalho vai agarrar de unhas e dentes a oportunidade de levar você. Vai ser a grande estrela. Basta dizer uma palavra e eu falo com meu amigo, o diretor.”

A proposta a interessa. A última viagem de navio que fez foi em 1963, quando voltou da Inglaterra, do país-mãe. Logo depois disso, começaram a aposentar os grandes cruzadores oceânicos, um por um, para desmanche. O fim de uma era. Ela não ia achar ruim fazer aquilo de novo, viajar por mar. Gostaria de dar uma parada na Ilha de Páscoa e em Santa Helena, onde Napoleão definhou. Gostaria de visitar a Antártica, não só para ver com os próprios olhos aqueles amplos horizontes, aquela vastidão vazia, mas para pisar no sétimo e último continente, sentir como é ser uma criatura viva, respirante, em espaços de frio desumano.

X não falta à palavra. Do quartel-general da Scandia Lines em Estocolmo, chega um fax. Em dezembro, o *SS Northern Lights* vai partir

de Christchurch para um cruzeiro de quinze dias pela Plataforma de Gelo Ross, e depois Cape Town. Será que ela estaria interessada em juntar-se à equipe educacional e de entretenimento? Os passageiros dos navios de cruzeiro da Scandia são, como observa a carta, “pessoas seletivas que levam a sério seu lazer”. A tônica do programa de bordo será a ornitologia e a ecologia de águas frias, mas a Scandia ficaria encantada se a famosa romancista Elizabeth Costello encontrasse tempo para ministrar um breve curso sobre, digamos, o romance contemporâneo. Em troca, e por fazer-se acessível aos passageiros, ser-lhe-á oferecida uma cabine classe A com todas as despesas pagas, mais as passagens aéreas para Christchurch e a volta de Cape Town, além de substanciais honorários.

Uma oferta que ela não pode recusar. Na manhã de 10 de dezembro, embarca no porto de Christchurch. Descobre que sua cabina é pequena, mas bastante satisfatória; o jovem que coordena o entretenimento e o programa de autodesenvolvimento é respeitoso; os passageiros de sua mesa, no almoço, quase todos aposentados, gente de sua própria geração, são agradáveis e sem ostentação.

Na lista de palestrantes, apenas um nome que reconhece: Emmanuel Egudu, um escritor da Nigéria. Conhecimento que vem de mais anos do que ela gosta de lembrar, desde uma conferência do PEN clube em Kuala Lumpur. Egudu era ruidoso e ardente na época, politizado; sua primeira impressão foi de que era um *poseur*. Ao ler sua obra depois, não mudou de idéia. Mas um *poseur*, ela pensa agora: o que é isso? Alguém que parece o que não é? Quem de nós é o que parece ser? E, de qualquer forma, na África as coisas podiam ser diferentes. Na África, o que se toma por pose, o que se toma por jactância, pode não ser nada mais que virilidade. Quem é ela para dizer?

Nota que à medida que envelheceu foi ficando mais branda com os homens, inclusive com Egudu. Curioso, porque sob outros aspectos ficou mais (escolhe cuidadosamente a palavra) ácida.

Cruza com Egudu na festa do capitão (ele havia subido a bordo depois). Está usando um *dashiki* verde-vivo, sapatos italianos macios; a barba está manchada de branco, mas ainda é um fino espécime de homem. Dá-lhe um imenso sorriso, envolve-a num abraço. “Elizabeth!”, exclama. “Que bom ver você! Não fazia idéia! Temos tanta coisa para pôr em dia!”

Na língua dele, pôr em dia significa falar sobre suas próprias atividades. Não passa mais tanto tempo em seu país natal, informou. Tornara-se, em suas próprias palavras, “um exilado por hábito, como um criminoso por hábito”. Adquiriu documentos americanos; ganha a vida no circuito de palestras, um circuito que parece ter se expandido para englobar os navios de cruzeiro. Esta será sua terceira viagem pela *Northern Lights*. Muito repousante, ele acha; muito relaxante. Quem poderia imaginar, diz ele, que um menino do campo da África fosse acabar assim, nos braços do luxo. E a brinda de novo com seu grande sorriso, um especial.

Eu também sou uma menina do campo, ela gostaria de dizer, mas não diz, embora seja verdade, em parte. *Nada de especial em ser do campo*.

Cada membro da equipe de entretenimento tem de fazer uma pequena palestra. “Só para dizer quem é, de onde vem”, explica o jovem coordenador num inglês cuidadosamente construído. Seu nome é Mikael; é bonito à sua maneira, alto, loiro, sueco, mas duro, duro demais para o gosto dela.

Sua palestra é anunciada como “O futuro do romance”, a de Egudu como “O romance na África”. Está marcado para ela falar na manhã do primeiro dia em alto-mar; ele vai falar na mesma tarde. De noite, vem “A vida das baleias”, com gravações sonoras.

O próprio Mikael faz a apresentação. “A famosa escritora australiana”, ele a chama, “autora de *A casa da rua Eccles* e de muitos outros romances, que temos o privilégio de ter entre nós.” Ela fica incomodada de mais uma vez ser anunciada como autora de um livro tão distante no passado, mas nada pode fazer.

“O futuro do romance” é uma palestra que ela já deu antes, na verdade muitas vezes antes, ampliada ou abreviada, dependendo da ocasião. Sem dúvida também existem versões ampliadas e abreviadas do romance na África e da vida das baleias. Para a presente ocasião, escolheu a versão abreviada.

“O futuro do romance não é um assunto que me interesse muito”, inicia ela, tentando dar uma sacudida na platéia. “Na verdade, em geral o futuro não me interessa muito. O que é o futuro, afinal, senão um conjunto de esperanças e expectativas? Sua morada está na mente; ele não tem realidade.

“Claro que podem me responder que o passado também é uma ficção. O passado é história, e o que é a história senão um relato feito de ar que contamos a nós mesmos? Mesmo assim, existe algo de miraculoso no passado que o futuro não tem. O miraculoso no passado é que conseguimos — sabe Deus como — fazer milhares e milhões de ficções individuais, ficções criadas por seres humanos individuais, tão bem entrelaçadas umas nas outras a ponto de nos dar o que parece ser um passado comum, uma história coletiva.

“O futuro é diferente. Não possuímos uma história coletiva do futuro. A criação do passado parece exaurir nossa energia criativa comum. Comparada à nossa ficção do passado, nossa ficção do futuro é uma coisa esquemática, exangüe, como costumam ser as visões do céu. Do céu e mesmo do inferno.”

O romance, o romance tradicional, continua ela, é uma tentativa de entender o destino humano caso a caso, entender como acontece de algum sujeito, tendo começado no ponto A e sofrido as experiências B, C, D, terminar no ponto Z. Assim como a história, o romance é um exercício de tornar coerente o passado. Assim como a história, ele explora as respectivas contribuições de caráter e circunstância na formação do presente. Ao fazê-lo, o romance sugere como podemos explorar o poder de

o presente produzir o futuro. É por isso que temos essa coisa, essa instituição, esse veículo chamado romance.

Ao ouvir a própria voz, não tem certeza de continuar acreditando no que diz. Idéias como essas devem ter sido fortes para ela quando as escreveu anos atrás, mas depois de tantas repetições adquiriram um ar gasto, pouco convincente. Por outro lado, não acredita mais com muita força no ato de acreditar. As coisas podem ser verdade, ela pensa agora, mesmo que o sujeito não acredite nelas, e vice-versa. Acreditar pode ser, afinal, nada mais do que uma fonte de energia, como uma bateria que se conecta a uma idéia para colocá-la em movimento. Como acontece quando se escreve: acreditar no que for preciso acreditar para conseguir fazer o trabalho.

Se tem dificuldade para acreditar em seu argumento, tem ainda maior dificuldade em impedir que essa ausência de convicção apareça em sua voz. Apesar de ser a famosa autora de, como disse Mikael, *A casa da rua Eccles* e outros livros, apesar de sua platéia, no geral, ser de sua própria geração e poder, portanto, repartir com ela um passado comum, o aplauso final não tem entusiasmo.

Para a palestra de Emmanuel, senta-se discretamente na última fila. Tiveram um bom almoço no intervalo; estão navegando para o sul no que ainda é um mar tranquilo; existe toda a possibilidade de parte da boa gente da platéia — em número de cinquenta, mais ou menos, ela calcula — cochilar. Na verdade, quem sabe, ela própria possa cochilar; nesse caso seria melhor fazê-lo sem ser notada.

“Devem estar se perguntando por que escolhi como tema o romance na África”, começa Emmanuel, com sua voz tonitruante e solta. “O que há de tão especial no romance na África? O que o torna diferente, diferente a ponto de chamar nossa atenção hoje em dia?”

“Bem, vejamos. Para começar, sabemos que o alfabeto, a idéia do alfabeto, não surgiu na África. Muitas coisas surgiram na África, mais do que vocês imaginam, mas não o alfabeto. O alfabeto teve de ser trazido

primeiro pelos árabes, depois de novo pelos ocidentais. Na África, escrever, para não falar em escrever romances, é uma coisa recente.

“É possível o romance sem a escrita do romance?, vocês podem perguntar. Será que nós, na África, tínhamos um romance antes de nossos amigos colonizadores aparecerem na nossa porta? De momento, permitam que eu simplesmente faça a pergunta. Volto a ela mais tarde.

“Uma segunda observação: ler não é uma recreação tipicamente africana. Música, sim; dançar, sim; comer, sim; conversar, sim — muita conversa. Mas ler, não, principalmente não a leitura de grossos romances. Ler sempre nos pareceu, a nós, africanos, um negócio estranhamente solitário. Nos deixa inquietos. Quando nós, africanos, visitamos grandes cidades européias, como Paris e Londres, notamos como as pessoas nos trens tiram livros das bolsas, dos bolsos, e se isolam em mundos solitários. Cada vez que um livro aparece é como uma placa levantada. *Me deixe em paz, estou lendo*, diz a placa. *O que eu estou lendo é mais interessante do que você poderia ser.*

“Bem, nós não somos assim na África. Não gostamos de nos isolar dos outros e nos retirar para mundos privados. Nem estamos acostumados que nossos vizinhos se retirem para mundos privados. A África é um continente onde as pessoas participam. Ler um livro sozinho não é participar. É como comer sozinho ou falar sozinho. Não é o nosso jeito. Achamos isso meio louco.”

Nós, nós, nós, ela pensa. *Nós, africanos*. Não é o *nosso* jeito. Ela nunca gostou do *nós* em sua forma exclusiva. Emmanuel pode ter envelhecido, pode ter adquirido a bênção dos documentos americanos, mas não mudou. Africanidade: uma identidade especial, um destino especial.

Ela esteve na África: nas planícies do Quênia, do Zimbábue, nos pântanos de Okavango. Viu africanos lendo, africanos comuns, em pontos de ônibus, em trens. Não estavam lendo romances, é verdade, liam jornais. Mas será que o jornal, tanto quanto um romance, não é um caminho para um mundo privado?

“Em terceiro lugar”, continua Egudu, “no grande, beneficente sistema global em que vivemos hoje, coube à África ser a morada da pobreza. Africanos não têm dinheiro para luxos. Na África, um livro tem de oferecer algo em troca pelo dinheiro que se gastou nele. O que vou aprender lendo esse conto?, pergunta um africano. Como vai me fazer progredir? Podemos deplorar a atitude do africano, senhoras e senhores, mas não podemos descartá-la. Temos de levá-la a sério e tentar entendê-la.

“Claro que fazemos livros na África. Mas os livros que fazemos são para crianças, livros de ensino no sentido mais simples. Se alguém quer ganhar dinheiro publicando livros na África, tem de produzir livros que sejam adotados nas escolas, que sejam comprados em quantidade pelo sistema educacional para ser lidos e estudados em sala de aula. Não vale a pena publicar autores com sérias ambições, escritores que escrevem sobre adultos e assuntos referentes a adultos. Esses escritores têm de procurar sua salvação em outro lugar.

“Claro, senhoras e senhores do *Northern Lights*, que não é o panorama completo que lhes dou hoje. Fornecer o quadro completo levaria a tarde inteira. Estou lhes dando apenas um esquema rudimentar, apressado. Claro que encontrarão editores na África, um aqui, outro ali, que apóiam os autores locais mesmo que eles não ganhem dinheiro nunca. Mas no cenário geral, contar histórias não fornece um ganha-pão nem para editores nem para escritores.

“Esse é o quadro geral, por mais depressivo que pareça. Vamos agora voltar a atenção para nós, para vocês e eu. Aqui estou eu, vocês sabem que sou, está escrito no programa: Emmanuel Egudu, da Nigéria, autor de romances, poemas, peças de teatro, ganhador, até, de um Prêmio Literário Commonwealth (divisão africana). E aqui estão vocês, gente rica, ou pelo menos de vida confortável, como vocês dizem (não estou errado, estou?), gente da América do Norte e da Europa, e, é claro, não vamos esquecer nossa representante da Australásia, talvez eu até tenha escutado uma palavra em japonês sussurrada nos corredores, aqui estão vocês fazendo um

cruzeiro neste esplêndido navio, a caminho de inspecionar um dos cantos mais remotos do mundo, para conferir, talvez remover de sua lista. Aqui estão vocês, depois de um bom almoço, ouvindo este sujeito africano falar.

“Por que, imagino que perguntam a si mesmos, esse sujeito africano está a bordo do nosso navio? Por que não está em sua mesa de trabalho, na terra de seu nascimento, seguindo sua vocação, se ele é realmente um escritor, escrevendo livros? Por que está falando sobre o romance africano, um assunto que só pode ser do mais secundário interesse para nós?”

“A resposta breve, senhoras e senhores, é que o sujeito africano está ganhando a vida. Em seu próprio país, como tentei explicar, ele não consegue ganhar a vida. Em seu próprio país (não vou me estender sobre esse ponto, apenas menciono o fato porque é verdadeiro para tantos escritores africanos), ele é, de fato, menos que bem-vindo. Em seu próprio país, ele é o que se chama de dissidente intelectual, e dissidentes intelectuais têm de ser cautelosos, mesmo na nova Nigéria.

“E aqui está ele, no estrangeiro, no vasto mundo, ganhando a vida. Parte de seus proventos ele ganha escrevendo livros que são publicados e lidos, criticados, discutidos, julgados, na maior parte das vezes, por estrangeiros. O resto ele ganha dos subprodutos de sua escrita. Resenha livros de outros escritores, por exemplo, para a imprensa da Europa e dos Estados Unidos. Dá aulas em faculdades americanas, falando aos jovens do Novo Mundo sobre o assunto exótico em que é especialista, da mesma forma que um elefante é especialista em elefantes: o romance africano. Faz conferências; viaja em navios de cruzeiro. Enquanto está assim ocupado, vive no que se chama de acomodações temporárias. Todos os seus endereços são temporários, ele não tem residência fixa.

“Até que ponto acham que é fácil, senhoras e senhores, para este sujeito ser fiel à sua essência de escritor quando existem todos esses estranhos a satisfazer, mês após mês — editores, leitores, críticos, estudantes, todos armados não só com suas próprias idéias sobre o que é ou deveria ser a escritura, o que é ou deveria ser o romance, o que é ou deveria ser a África,

mas também sobre o que é ou deveria ser agradar. Achrom que é possível para este sujeito aqui não se deixar afetar por toda a pressão que sofre para agradar os outros, para ser para eles o que acham que ele deveria ser, para produzir para eles o que acham que deveria produzir?

“Pode ter passado despercebido a vocês, mas um momento atrás usei uma palavra que deveria ter feito todos aguçarem os ouvidos. Falei de minha essência, de ser fiel a minha essência. Muito posso dizer da essência e de suas ramificações; mas esta não é a ocasião propícia. Mesmo assim, devem estar se perguntando como, nestes dias antiessenciais, nestes dias de identidades transitórias, que escolhemos, usamos e descartamos como se fossem roupa, eu posso justificar o fato de falar da minha essência como escritor africano?

“Em torno da essência e do essencialismo, devo lembrar, existe uma longa história de agitação dentro do pensamento africano. Vocês devem ter ouvido falar do movimento da *négritude* dos anos 1940 e 1950. *Négritude*, segundo os iniciadores do movimento, é o substrato essencial que liga todos os africanos e os torna especificamente africanos — não apenas os africanos da África, mas os africanos da grande diáspora africana no Novo Mundo e agora na Europa.

“Quero citar a vocês algumas palavras do escritor e pensador senegalês Cheikh Hamidou Kane. Cheikh Hamidou estava sendo entrevistado por um europeu. Fico perplexo, dizia o entrevistador, de o senhor elogiar certos escritores por serem verdadeiramente africanos. Em vista do fato desses escritores escreverem numa língua estrangeira (especificamente o francês) e serem publicados e lidos, em sua maioria, em países estrangeiros (especificamente a França), como podem ser chamados verdadeiramente de escritores africanos? Não deveriam ser mais adequadamente chamados de escritores franceses de origem africana? A língua não é uma matriz mais importante do que o nascimento?

“A resposta de Cheikh Hamidou foi a seguinte: ‘Os autores de que estou falando são verdadeiramente africanos porque nasceram na África, vivem

na África, sua sensibilidade é africana... O que os distingue está na experiência de vida, na sensibilidade, no ritmo, no estilo'. E continua: 'Um escritor francês ou inglês tem milhares de anos de tradição escrita atrás de si... Nós, por outro lado, somos herdeiros de uma tradição oral'.

“Não há nada de místico na resposta de Cheikh Hamidou, nada de metafísico, nada de racista. Ele meramente dá o peso adequado aos elementos intangíveis da cultura que, como não podem ser facilmente apreendidos em palavras, muitas vezes são negligenciados. O jeito das pessoas viverem em seus corpos. O jeito de mexerem as mãos. O jeito de andar. O jeito de sorrir ou franzir a testa. A melodia de sua fala. O jeito de cantar. O timbre de sua voz. O jeito de dançar. O jeito de se tocarem; de pousar a mão; o jeito dos dedos. O jeito de fazerem amor. O jeito de ficarem deitados depois de fazer amor. O jeito de pensar. O jeito de dormir.

“Nós, romancistas africanos, podemos incorporar essas qualidades em nossa escrita (e permitam que lhes lembre neste momento que a palavra *novel* [novela, romance], quando entrou para as línguas da Europa, tinha o mais vago dos sentidos: queria dizer uma forma de escrever que era sem forma, que não tinha regras, que ia inventando suas próprias regras à medida que avançava) — nós, romancistas africanos, podemos incorporar essas qualidades como ninguém, porque não perdemos contato com o corpo. O romance africano, o verdadeiro romance africano, é um romance oral. Na página, ele é inerte, apenas meio vivo; ele desperta quando a voz, vinda do fundo do corpo, inspira vida a suas palavras, as enuncia em voz alta.

“O romance africano é, portanto, eu afirmo, em seu próprio ser e antes da primeira palavra ser escrita, uma crítica ao romance ocidental, que avançou tanto no caminho da incorporeidade — como Henry James, como Marcel Proust — que o melhor jeito, na verdade o único jeito, de absorvê-lo é em silêncio e na solidão. E encerrarei estas observações, senhoras e senhores — vejo que meu tempo está se esgotando —, buscando apoio para a posição minha e de Cheikh Hamidou em uma

citação não de um africano, mas de um homem das vastidões geladas do Canadá, o grande estudioso da oralidade Paul Zumthor.

“Desde o século dezessete’, escreve Zumthor, ‘a Europa espalhou-se pelo mundo como um câncer, primeiro sorrateiramente, mas já há algum tempo em ritmo acelerado, até que hoje devasta formas de vida, animais, plantas, habitats, línguas. A cada dia que passa, diversas línguas do mundo desaparecem, repudiadas, sufocadas... Um dos sintomas da doença é sem dúvida, desde o começo, o que chamamos de literatura; e a literatura se consolidou, prosperou e transformou-se no que é — uma das maiores dimensões da humanidade — negando a voz... Chegou o momento de parar de privilegiar a escrita... Talvez a grande, desafortunada África, empobrecida por nosso imperialismo político-industrial, menos gravemente afetada pela escrita, venha a se ver mais próxima desse objetivo do que outros continentes.”

Quando Egudu termina sua palestra, o aplauso é forte e animado. Ele falou com vigor, talvez até com paixão; defendeu à altura a si mesmo, sua missão, seu povo; por que não deveria ter sua recompensa, mesmo que aquilo que disse pouca relevância tenha para a vida das pessoas na platéia?

Mesmo assim, existe algo de que ela não gosta na palestra, algo a ver com a oralidade e a mística da oralidade. Sempre o corpo, pensa ela, a insistência no corpo se impondo, e a voz, escura essência do corpo, brotando de dentro dele. *Négritude*: ela havia pensado que Emmanuel ia crescer e superar essa pseudofilosofia. Evidentemente não o fez. Evidentemente resolveu manter isso como parte de seu exercício profissional. Bem, boa sorte para ele. Ainda há tempo, dez minutos ao menos, para perguntas. Ela espera que as perguntas sejam exigentes, que exijam dele.

A primeira pessoa a perguntar vem, se ela é capaz de julgar pelo sotaque, do Meio-Oeste dos Estados Unidos. O primeiro romance que leu de um africano, décadas antes, diz a mulher, foi escrito por Amos Tutuola, ela esqueceu o título (*O bebedor de vinho de palmeira*, sugere Egudu. “É,

isso mesmo”, responde a mulher.) Ficou cativada pelo livro. Achou que fosse o precursor de grandes coisas. Portanto, ficou decepcionada quando soube que Tutuola não era respeitado em seu próprio país, que os nigerianos de boa formação o depreciavam e consideravam imerecida a fama de que gozava no Ocidente. Era verdade? Seria Tutuola o tipo de romancista oral que nosso palestrante tinha em mente? O que aconteceu com Tutuola? Outros livros seus foram traduzidos?

Não, responde Egudu, Tutuola não foi mais traduzido, na verdade nunca foi traduzido, pelo menos não para o inglês. Por que não? Porque não precisa ser traduzido. Porque sempre escreveu em inglês. E isso está na raiz da questão levantada pela mulher. “A língua de Amos Tutuola é o inglês, mas não o inglês-padrão, não o inglês aprendido pelos nigerianos que foram à escola, à faculdade nos anos 1950. É a língua de um funcionário burocrático semi-educado, um homem que não tem mais que a escola elementar, mal compreensível para alguém de fora, corrigido para publicação pelos editores ingleses. Nos pontos em que a escrita de Tutuola era francamente iletrada, eles a corrigiram; o que deixaram de corrigir foi o que lhes pareceu autenticamente nigeriano, isto é, o que a seus ouvidos soava pitoresco, exótico, folclórico.”

“Pelo que acabei de dizer”, continua Egudu, “a senhora bem pode imaginar que também não aprovo Tutuola, ou o fenômeno Tutuola. Tutuola foi repudiado pelos nigerianos ditos educados porque tinham vergonha dele, vergonha de poderem ser comparados a ele como nativos incapazes de escrever em inglês correto. Quanto a mim, fico contente de ser nativo, um nigeriano nato, um nativo nigeriano. Nessa guerra, estou ao lado de Tutuola. Tutuola é ou era um contador de histórias de talento. Fico contente que goste dele. Vários outros livros escritos por ele foram publicados na Inglaterra, embora nenhum, eu diria, tão bom quanto *O bebedor de vinho de palmeira*. E ele é, sim, o tipo de autor a que estava me referindo, um autor oral.

“Minha resposta foi extensa porque o caso de Tutuola é muito instrutivo. O que faz Tutuola se destacar é que ele não ajusta sua linguagem às expectativas — ou àquilo que poderia considerar, fosse ele menos ingênuo, como expectativas — dos estrangeiros que iam ler e julgar seu trabalho. Ignorante disso, escreveu como falava. Teve, portanto, de concordar de maneira particularmente inapelável, em ser apresentado ao Ocidente como um africano exótico.

“Porém, senhoras e senhores, qual autor africano não é exótico? A verdade é que para o Ocidente nós, africanos, somos todos exóticos, quando não simplesmente selvagens. É o nosso destino. Mesmo aqui, neste navio navegando para o continente que deve ser o mais exótico de todos, e o mais selvagem, o continente sem nenhum modelo humano, posso sentir que sou exótico.”

Há uma onda de risos. Egudu dá o seu grande sorriso, fascinante, aparentemente muito espontâneo. Mas ela não acredita que seja um sorriso de verdade, não consegue acreditar que venha do coração, se é daí que vêm os sorrisos. Se ser exótico é o destino que Egudu abraçou para si, é um destino terrível. Ela não pode acreditar que ele não saiba disso, que não saiba e em seu coração não se revolte contra isso. O único rosto negro naquele mar de branco.

“Mas vamos voltar a sua pergunta”, continua Egudu. “A senhora leu Tutuola, agora leia meu conterrâneo Ben Okri. O caso de Amos Tutuola é muito simples, muito cabal. Okri, não. Okri é um herdeiro de Tutuola, ou são os dois herdeiros de ancestrais comuns. Mas Okri negocia as contradições de ser ele mesmo para os outros (desculpem o uso do jargão, é apenas um nativo se exibindo) de um jeito muito mais complexo. Leia Okri. Vai achar instrutiva a experiência.”

“O romance na África” tencionava ser, como todas as palestras a bordo, uma coisa leve. Nada no programa de bordo tem a intenção de ser pesado. Egudu, infelizmente, está ameaçando ser pesado. Com um discreto aceno de cabeça, o diretor de entretenimento, o rapaz sueco, alto, de uniforme

azul-claro, faz um sinal da coxia; e cheio de graça, com facilidade, Egudu obedece, encerrando sua apresentação.

A tripulação do *Northern Lights* é russa, assim como os comissários de bordo. Na verdade, todos, menos os oficiais e o corpo de guias e gerentes, são russos. A música de bordo é fornecida por uma orquestra de balalaikas — cinco homens, cinco mulheres. O acompanhamento que fazem na hora do jantar é valsado demais para o gosto dela; depois do jantar, no salão de baile, a música que tocam fica mais viva.

A chefe da orquestra, e cantora ocasional, é uma loira de seus trinta anos. Tem um verniz de inglês, o suficiente para anunciar as músicas. “Nós agora toca música chamado em russo *Minha pombinha. My Little Dove.*” O *dove* dela rima com *stove* [fogão] mais do que com *love* [amor]. Com seus trinados e mergulhos, a música soa húngara, soa cigana, soa judaica, soa tudo, menos russa; mas quem é ela, Elizabeth Costello, uma menina do campo, para dizer isso?

Ali está ela à mesa, tomando um drinque com um casal. Os dois são de Manchester, informam. Estão esperando seu curso sobre o romance, no qual estão matriculados. O homem tem o corpo comprido, é magro, grisalho; ela pensa nele como um ganso. Ele não conta como ganhou seu dinheiro e ela não investiga. A mulher é *mignon*, sensual. Nada a ver com a idéia que ela faz de Manchester. Steve e Shirley. Adivinha que não são casados.

Para seu alívio, a conversa logo se afasta dela e dos livros que escreveu, voltando-se para o assunto das correntes marítimas, sobre as quais Steve parece saber tudo o que há para saber, e os seres minúsculos, toneladas deles por milha quadrada, cuja vida consiste em ser levados serenamente por essas águas geladas, comendo e sendo comidos, multiplicando-se e morrendo, ignorados pela história. Turistas ecológicos, é como Steve e Shirley se denominam. Ano passado a Amazônia, este ano o Oceano do Sul.

Egudu está parado na entrada, olhando em torno. Ela lhe acena e ele se aproxima. “Sente conosco”, diz. “Emmanuel. Shirley. Steve.”

Os dois cumprimentam Emmanuel pela palestra. “Muito interessante”, diz Steve. “O senhor me deu uma perspectiva inteiramente nova.”

“Fiquei pensando, ao ouvir o senhor falar”, diz Shirley, mais reflexiva, “que não conheço seus livros, sinto dizer, mas para o senhor como escritor, como o tipo de escritor oral que descreveu, talvez o livro impresso não seja o veículo certo. Já pensou algum dia em produzir direto em uma fita sonora? Por que fazer todo o trajeto até a impressão? Por que fazer até mesmo o trajeto de escrever? Pode contar sua história diretamente para o leitor.”

“Que idéia inteligente!”, diz Emmanuel. “Não resolveria todos os problemas do escritor africano, mas vale a pena pensar nisso.”

“Por que não resolveria os seus problemas?”

“Porque, sinto dizer, os africanos vão querer mais do que simplesmente ficar sentados em silêncio, ouvindo um disco girar numa maquininha. Seria idolatria demais. Os africanos precisam da presença viva, da voz viva.”

A voz viva. Faz-se silêncio enquanto os três meditam sobre a voz viva.

“Tem certeza disso?”, diz ela, intervindo pela primeira vez. Os africanos não têm nada contra ouvir rádio. Um rádio é uma voz, mas não uma voz viva, uma presença viva. O que você está pedindo, acho, Emmanuel, não é apenas uma voz, mas uma performance: um ator ao vivo representando o texto para você. Se é assim, se é isso que os africanos querem, então concordo, uma gravação não pode tomar o seu lugar. Mas o romance nunca foi pensando para ser o script de uma performance. Desde o começo, o romance teve como virtude não depender de uma performance. Não dá para ter performance ao vivo e distribuição barata e acessível. É uma coisa ou outra. Se é isso mesmo que você quer que o romance seja — um bloco de papel que cabe no bolso e que seja ao mesmo tempo um ser vivo —, então concordo, o romance não tem futuro na África.”

“Não tem futuro”, diz Egudu, refletindo. “Isso soa muito desolador, Elizabeth. Tem uma saída para nos oferecer?”

“Uma saída? Não tenho de oferecer nenhuma saída a você. O que tenho mesmo é uma pergunta. Por que existem tantos romancistas africanos por aí e, no entanto, nenhum romance africano que valha a pena? Essa me parece a verdadeira questão. E você próprio deu, em sua palestra, uma pista para a resposta. O exotismo. O exotismo e suas seduções.”

“O exotismo e suas seduções? Está nos intrigando, Elizabeth. Conte o que quer dizer com isso.”

Se estivessem sozinhos, apenas ela e Emmanuel, nesse ponto ela teria ido embora. Está cansada do tom de zombaria subjacente na voz dele, exasperada. Mas diante de estranhos, diante de clientes, têm de manter uma fachada, ela e ele.

“O romance inglês”, diz, “é escrito em primeiro lugar por ingleses para ingleses. É isso que faz dele o romance inglês. O romance russo é escrito por russos para russos. Mas o romance africano não é escrito por africanos para africanos. Os romancistas africanos podem escrever sobre a África, sobre experiências africanas, mas me parece que estão olhando por cima do ombro o tempo todo enquanto escrevem, para os estrangeiros que lerão seus livros. Gostem ou não, eles aceitaram o papel de intérpretes, interpretando a África para seus leitores. No entanto, como é possível para alguém explorar um mundo em toda a sua profundidade se, ao mesmo tempo, precisa explicar o que está fazendo para uma classe de alunos ignorantes? É demais para uma pessoa só, não pode ser feito, não em um nível mais profundo. Parece-me que essa é a raiz do seu problema. Ter de fazer uma performance de sua africanidade ao mesmo tempo que escreve.”

“Muito bem, Elizabeth”, diz Egudu. “Você entende mesmo; expõe muito bem. O explorador como explanador.” Ele estende a mão e dá-lhe palmadinhas no ombro.

Se estivéssemos sozinhos, ela pensa, dava-lhe uma bofetada.

“Se é verdade que eu entendo de fato” — está ignorando Egudu agora, fala para o casal de Manchester — “isso é só porque nós, na Austrália, passamos por problemas semelhantes e saímos do outro lado. Só abandonamos o hábito de escrever para estranhos quando uma categoria de leitores australianos de verdade amadureceu, algo que aconteceu nos anos 1960. Uma categoria de leitores, não uma categoria de escritores — que já existe. Abandonamos o hábito de escrever para estranhos quando nosso mercado, nosso mercado australiano, resolveu que podia se permitir sustentar uma literatura produzida em casa. É essa a lição que podemos oferecer. É isso que a África pode aprender conosco.”

Emmanuel fica em silêncio, embora não tenha perdido o sorriso irônico.

“É interessante ouvir vocês dois falarem”, diz Steve. “A senhora trata a escrita como um negócio. Identifica um mercado e parte para suprir esse mercado. Estava esperando algo diferente.”

“É mesmo? O que estava esperando?”

“Sabe como é: onde os escritores encontram inspiração, como sonham seus personagens, algo por aí. Desculpe, não ligue para mim, sou apenas um amador.”

Inspiração. Receber o espírito. Agora que trouxe à baila a palavra, ele está envergonhado. Faz-se um silêncio incômodo.

Emmanuel fala. “Elizabeth e eu nos conhecemos faz tempo. Tivemos muitos desentendimentos em nossa época. Isso não altera as coisas entre nós, altera, Elizabeth? Somos colegas, colegas escritores. Parte da grande fraternidade mundial da escrita.”

Fraternidade. Ele a desafia, está tentando provocá-la na frente desses estranhos. Mas ela, de repente, está cheia demais daquilo tudo para aceitar o desafio. Colegas escritores, não: colegas *entertainers*. Para que mais estamos a bordo deste navio caro, nos fazendo disponíveis, como dizia tão candidamente o convite, para pessoas que nos entediam e a quem estamos começando a entediar?

Ele a provoca porque está inquieto. Ela o conhece o bastante para ver isso. Está cheio do romance africano, cheio dela e de seus amigos, quer alguma coisa ou alguém novo.

A cantora chegou ao fim da seleção. Há uma ligeira onda de aplausos. Ela se curva, curva-se uma segunda vez, pega a balalaica. A banda ataca uma dança cossaca.

O que a irrita em Emmanuel, o que ela tem o bom senso de não falar na frente de Steve e Shirley porque seria apenas uma inconveniência, é o jeito como ele transforma toda discordância em uma questão pessoal. Quanto ao seu querido romance oral, sobre o qual construiu a carreira de palestrante, ela acha a idéia em si mesma confusa. *Um romance sobre gente que vive numa cultura oral, gostaria de dizer, não é um romance oral. Assim como um romance sobre mulheres não é um romance de mulher.*

Em sua opinião, todo esse discurso de Emmanuel sobre um romance oral, um romance que se manteve em contato com a voz humana e, portanto, com o corpo humano, um romance que não é desencarnado como o romance ocidental, mas expressa o corpo e a verdade do corpo, é apenas outra maneira de expor a mística do africano como último repositório das energias primais humanas. Emmanuel culpa seus editores ocidentais e seus leitores ocidentais por levá-lo a exotizar a África; mas Emmanuel tem interesse em exotizar a si mesmo. Ela sabe que Emmanuel não escreve um livro de peso há dez anos. Quando o conheceu, ele ainda podia se intitular com toda a honra um escritor. Agora ganha a vida falando. Seus livros servem de credenciais, nada mais. Um colega *entertainer*, pode ser; colega escritor não é, não mais. Está no circuito das palestras pelo dinheiro, e por outras recompensas também. Sexo, por exemplo. Ele é escuro, é exótico, está em contato com as energias da vida; não é mais jovem, mas pelo menos tem bom porte, porta seus anos com distinção. Que garota sueca resistiria?

Ela termina o drinque. “Vou me deitar”, diz. “Boa noite, Steve, Shirley. Até amanhã. Boa noite, Emmanuel.”

Acorda em total calma. O relógio marca quatro e meia. Os motores do navio pararam. Olha pela vigia. Há *fog* lá fora, mas através do *fog* percebe terra a não mais de um quilômetro de distância. Deve ser a ilha Macquarie: achou que ainda fossem levar horas para chegar.

Veste-se e sai para o corredor. No mesmo momento, a porta da cabina A-230 se abre e a russa sai, a cantora. Está usando a mesma roupa da noite anterior, blusa cor-de-vinho-do-porto e ampla calça preta; leva as botas na mão. Na luz nada gentil que vem de cima, parece mais perto dos quarenta que dos trinta. As duas desviam os olhos ao se cruzarem.

A-230 é a cabina de Egudu, ela sabe disso.

Vai para o convés superior. Já está lá um punhado de passageiros, agasalhados contra o frio, debruçados no guarda-corpo, olhando para baixo.

O mar abaixo deles está vivo com o que parecem ser peixes, grandes, peixes pretos de dorso brilhante que se batem, giram e saltam nas ondas. Ela nunca viu nada assim.

“Pingüins”, diz o homem a seu lado. “Pingüins-rei. Vieram nos saudar. Não sabem o que nós somos.”

“Ah”, ela faz. E diz: “Tão inocentes? São assim tão inocentes?”

O homem olha para ela, estranhando, volta-se para sua acompanhante.

O Oceano do Sul. Poe nunca o viu, Edgar Allan, mas atravessou-o em todas as direções em sua cabeça. Barcos cheios de ilhéus morenos vieram remando para saudá-los. Pareciam gente comum, *como nós*, mas quando sorriram e mostraram os dentes, os dentes não eram brancos, mas pretos. Ela sentiu um arrepio na espinha, e com razão. Os mares estão cheios de coisas que se parecem conosco, mas não são. Flores marítimas que se abrem e devoram. Enguias, como estômagos farpados com uma tripa pendurada. Dentes são para dilacerar, a língua para empurrar o bocado: essa é a verdade do oral. Alguém devia contar para Emmanuel. Só uma economia engenhosa, um acidente da evolução, faz o órgão da ingestão ser usado às vezes para cantar.

Vão ficar atracados diante de Macquarie até meio-dia, tempo suficiente para os passageiros que quiserem visitar a ilha. Ela coloca seu nome no grupo de visita.

O primeiro barco sai depois do café-da-manhã. A chegada a terra é difícil, através de um grosso leito de algas e pilhas de pedras. No fim, tem de ser meio ajudada, meio carregada até a terra por um marinheiro, como se fosse uma mulher muito, muito velha. O marinheiro tem olhos azuis, cabelo loiro. Através da capa impermeável, ela sente sua força juvenil. Em seus braços vai segura como um bebê. “Obrigada!”, diz, penhorada, quando ele a deposita no chão; mas para o rapaz não é nada, apenas um serviço que recebe em dólares para fazer, não mais pessoal que o serviço de uma enfermeira hospitalar.

Ela leu sobre a ilha Macquarie. No século XIX, era o centro da indústria do pingüim. Centenas de milhares de pingüins eram abatidos ali com uma paulada e jogados em caldeiras de vapor de aço fundido para ser separados em óleo útil e resíduo inútil. Ou nem abatidos com uma paulada, mas meramente tocados com varetas por uma prancha, direto para a boca do caldeirão fumarento.

E seus descendentes do século XX parecem não ter aprendido nada. Ainda saem nadando inocentemente para dar boas-vindas aos visitantes; ainda gritam saudações quando se aproximam dos viveiros. (*Ho! Ho!*, dizem, pois todo mundo gosta de pequenos gnomos rústicos) e permitem que os visitantes se aproximem para tocá-los, para acariciar seu peito liso.

Às onze horas, os barcos os levarão de volta para o navio. Até lá estão livres para explorar a ilha. São avisados de que há uma colônia de albatrozes na encosta; podem fotografar os pássaros, mas não devem se aproximar muito, não devem assustá-los. É a estação de cria.

Ela se afasta do resto do grupo que veio a terra e depois de algum tempo se vê em um platô acima da linha do litoral, atravessando um vasto tapete de grama.

De repente, inesperadamente, há uma coisa na sua frente. Primeiro, acha que é uma rocha, lisa e branca, manchada de cinza. Então vê que é um pássaro, maior do que qualquer outro pássaro que já viu. Reconhece o bico longo, curvado para baixo, o grande esterno. Um albatroz.

O albatroz olha para ela com firmeza e, assim lhe parece, divertido. Saindo de baixo dele, há uma versão menor do mesmo bico longo. O filhote é mais hostil. Abre o bico, dá um longo e silencioso grito de alerta.

E assim ficam ela e os dois pássaros, se inspecionando.

Antes da queda, pensa. Devia ser assim antes da queda. Eu podia perder o barco, ficar aqui. Pedir a Deus para tomar conta de mim.

Percebe alguma coisa atrás de si. Volta-se. É a cantora russa, vestida agora com um anoraque verde-escuro com o capuz na cabeça, o cabelo preso com um lenço.

“Um albatroz”, observa para a mulher, falando baixinho. “Esse é o nome inglês. Não sei como eles chamam a si mesmos.”

A mulher faz que sim com a cabeça. O grande pássaro olha calmamente para elas, não sente medo de duas mais que de uma.

“Emmanuel está com você?”, pergunta.

“Não. No navio.”

A mulher não parece disposta a falar, mas ela insiste mesmo assim. “Você é amiga dele, eu sei. Eu também sou, ou fui, no passado. Posso perguntar uma coisa: o que você vê nele?”

É uma velha pergunta, insolente em sua intimidade, até rude. Mas parece-lhe que nesta ilha, numa visita que jamais se repetirá, qualquer coisa pode ser dita.

“O que eu vejo?”, pergunta a mulher.

“É. O que você vê? O que gosta nele? Qual a fonte do encanto dele?”

A mulher dá de ombros. Seu cabelo é tingido, ela vê agora. Quarenta justos, talvez com uma família para sustentar em casa, uma daquelas instituições russas com uma mãe aleijada e um marido que bebe demais e bate nela, um filho vagabundo e uma filha de cabeça raspada e batom

roxo. Uma mulher que pode cantar um pouco, mas que um dia desses, mais cedo ou mais tarde, estará na meia-idade. Tocando balalaica para estrangeiros, cantando um *kitsch* russo, aceitando gorjetas.

“Ele é livre. Você fala russo? Não?”

Ela sacode a cabeça.

“*Deutsch?*”

“Um pouco.”

“*Er ist freigebig. Ein guter Mann.*”

Freigebig, generoso, pronunciado com o g pesado do russo. Emmanuel é generoso? Ela não sabe, de um jeito ou de outro. Não é a primeira palavra que lhe ocorreria, porém. Pródigo, talvez. Pródigo de gestos.

“*Aber kaum zu vertrauen*”, ela observa à mulher. Faz anos que não usa a língua. Terá sido isso o que os dois falaram na cama a noite passada: alemão, a língua imperial da nova Europa? *Kaum zu vertrauen*, pouco confiável.

A mulher dá de ombros outra vez. “*Die Zeit ist immer kurz. Man kann nicht alles haben.*” [O tempo é sempre curto. Não se pode ter tudo.] Faz-se uma pausa. A mulher fala de novo. “*Auch die Stimme. Sie macht dass man*” — ela procura a palavra — “*man schaudert.*” [Além disso, tem a voz. Sua força faz estremecer.]

Schaudert. Estremecer. A voz faz estremecer. Provavelmente faz, quando se está peito a peito com ela. Entre ela e a russa passa o que talvez seja o início de um sorriso. Quanto ao pássaro, as duas já estão ali há bastante tempo, o pássaro está perdendo o interesse. Só o filhote, espiando de baixo da mãe, ainda se preocupa com as estranhas.

Estará com ciúme? Como poderia estar? Mesmo assim, é difícil de aceitar ser excluída do jogo. É como ser criança de novo, com a hora de dormir de uma criança.

A voz. Seus pensamentos recuam até Kuala Lumpur, quando era jovem, ou quase jovem, quando passou três noites seguidas com Emmanuel Egudu, na época também jovem. “O poeta oral”, ela dizia dele, brincando.

“Mostre o que um poeta oral é capaz de fazer.” E ele a deitou, deitou-se sobre ela, colou os lábios em suas orelhas, abriu-os, expirou seu hálito dentro dela, e então mostrou.

Palestra 3

A vida dos animais

Um: Os filósofos e os animais

Ele está esperando no portão quando chega o vôo dela. Passaram-se dois anos desde a última vez que viu a mãe. Sem querer, fica chocado com seu envelhecimento. O cabelo, que tinha fios prateados, está agora inteiramente branco; os ombros curvaram-se; a pele ficou flácida.

Nunca foram uma família efusiva. Um abraço, umas poucas palavras resmungadas, e a obrigação do cumprimento está resolvida. Em silêncio, os dois acompanham o fluxo de passageiros até a sala de bagagens, pegam a mala dela e partem de carro para a viagem de noventa minutos.

“Vôo longo”, ele diz. “Você deve estar exausta.”

“Pronta para dormir”, diz ela. E de fato ela adormece brevemente no trajeto, a cabeça apoiada na janela.

Às seis horas, quando está escurecendo, estacionam na frente da casa dele, em um subúrbio de Waltham. Sua esposa, Norma, e as crianças aparecem na varanda. Numa demonstração de afeto que deve lhe custar muito, Norma abre os braços e diz: “Elizabeth!”. As duas mulheres se abraçam. Depois as crianças, à sua maneira bem-educada embora mais discreta, fazem a mesma coisa.

Elizabeth Costello, a escritora, vai ficar com eles nos três dias de sua visita ao Appleton College. A estada da mãe não é algo pelo que ele tenha esperado com impaciência. Sua esposa e sua mãe não se dão bem. Teria

sido melhor ela ficar em um hotel, mas ele não teve coragem de sugerir isso.

As hostilidades são retomadas quase imediatamente. Norma preparou um jantar leve. Sua mãe observa que foram colocados só três lugares. “As crianças não vão comer conosco?”, pergunta. “Não”, diz Norma, “vão comer na sala de brinquedos.” “Por quê?”

A pergunta é desnecessária, uma vez que ela sabe a resposta. As crianças estão comendo separado porque Elizabeth não gosta de ver carne à mesa, e Norma se recusa a alterar a dieta das crianças para obedecer ao que chama de “delicadeza de sentimentos de sua mãe”.

“Por quê?”, pergunta Elizabeth Costello uma segunda vez.

Norma lança um rápido olhar furioso para ele. Ele suspira. “Mãe”, diz, “as crianças vão comer frango no jantar, só por isso.”

“Ah”, diz ela, “sei.”

Sua mãe foi convidada pelo Appleton College — onde o filho John é professor assistente de física e astronomia — a proferir a Palestra Gates anual e realizar um encontro com estudantes de literatura. Como Costello é o nome de solteira dela, e ele nunca viu nenhuma razão para alardear a ligação entre eles, não se sabia, quando foi feito o convite, que Elizabeth Costello, a escritora australiana, tinha um contato familiar na comunidade acadêmica de Appleton. Ele preferiria que esse estado de coisas tivesse continuado.

Elizabeth Costello era mais conhecida por *A casa da rua Eccles* (1969), um romance sobre Marion Bloom, esposa de Leopold Bloom, hoje comentado com o mesmo entusiasmo que *The Golden Notebook* e *The Story of Christa T* como inovadores da literatura feminista. Na década anterior, cresceu em torno dela uma pequena indústria crítica: existe até um *Boletim Elizabeth Costello*, publicado em Albuquerque, Novo México, nos Estados Unidos.

Devido à sua reputação de romancista, essa senhora carnuda, de cabelos brancos, foi convidada por Appleton para falar sobre assunto de sua

escolha; e ela aceitou, escolhendo falar não sobre ela própria e sua obra, como gostariam aqueles que indicaram seu nome, mas sobre seu cavalo de batalha: os animais.

John Bernard não alardeou sua ligação com Elizabeth Costello porque prefere abrir sozinho seu espaço no mundo. Não tem vergonha da mãe. Ao contrário, orgulha-se dela, a despeito de ele, sua irmã e seu falecido pai aparecerem em seus livros de maneira às vezes dolorosa. Mas não tem muita certeza de querer ouvi-la falar de novo sobre o assunto “direitos dos animais”, principalmente porque sabe que depois será brindado, na cama, com os comentários desabonadores de sua mulher.

Ele conheceu Norma e casou com ela quando ambos eram doutorandos em Johns Hopkins. Norma é Ph.D. em filosofia, com especialização em filosofia da mente. Ao se mudar com ele para Appleton, ela não conseguiu trabalho como professora. Isso é causa de uma certa amargura para ela e de conflito entre os dois.

Norma e a mãe dele nunca se gostaram. Provavelmente a mãe dele nunca iria gostar de nenhuma mulher com quem ele se casasse. Quanto a Norma, ela nunca hesitou em dizer que os livros de sua mãe são superestimados e que suas opiniões sobre animais, consciência animal e relações éticas com os animais são inconsistentes e sentimentais. No momento, ela está escrevendo um ensaio sobre experiências com o aprendizado de linguagem por primatas para um periódico de filosofia; ele não ia ficar nada surpreso se sua mãe aparecesse em uma desabonadora nota de rodapé.

Ele próprio não tem nenhuma opinião sobre qualquer lado. Quando criança, teve hamsters durante um breve período; além disso, tem pouca familiaridade com animais. O filho mais velho quer um cachorrinho. Mas ele e Norma estão resistindo: não têm nada contra um cachorrinho, mas acham que um cachorro crescido, com os desejos sexuais de um cachorro crescido, só trará problemas.

Ele acha que sua mãe tem direito às próprias opiniões. Se ela quer passar seus últimos anos fazendo propaganda contra a crueldade com os animais, tem todo o direito a isso. Dentro de poucos dias, graças a Deus, ela estará viajando para seu próximo destino, e ele poderá retomar seu trabalho.

Na primeira manhã em Waltham, sua mãe dorme até tarde. Ele sai para dar aula, volta na hora do almoço e a leva para dar uma volta de carro pela cidade. A palestra está agendada para o fim da tarde. Logo depois haverá um jantar formal oferecido pelo presidente, do qual ele e Norma participarão.

A palestra é apresentada por Elaine Marx, do departamento de inglês. Ele não a conhece, mas ouviu dizer que escreveu a respeito de sua mãe. Em sua apresentação, observa ele, ela não faz nenhuma tentativa de ligar os romances de sua mãe ao tema da palestra.

Em seguida, é a vez de Elizabeth Costello. Ela lhe parece velha e cansada. Sentado na primeira fila, ao lado da mulher, ele tenta dar força à mãe.

“Senhoras e senhores”, ela começa. “Faz dois anos que estive nos Estados Unidos pela última vez. Na palestra que proferi naquela ocasião, tinha minhas razões para mencionar o grande fabulista Franz Kafka, e particularmente sua história ‘Um relato a uma academia’, sobre um macaco educado, Pedro Rubro, que comparece diante dos membros de uma academia para contar a história de sua vida, de sua ascensão de fera a algo próximo do homem.^a Naquela ocasião, eu própria me sentia um pouco como Pedro Rubro e falei isso. Hoje essa sensação é ainda mais forte, por razões que espero fiquem claras para vocês.

“As palestras costumam começar com observações ligeiras, cuja finalidade é deixar a platéia à vontade. A comparação que acabei de fazer entre mim e o macaco de Kafka pode ser tomada como uma dessas observações ligeiras, cuja intenção é deixar vocês à vontade, querendo dizer que sou apenas uma pessoa comum, nem deus nem fera. Mesmo aqueles aqui presentes que interpretam a história kafkiana do macaco que se

apresenta diante de humanos como uma alegoria de Kafka, o judeu, diante dos gentios,^b poderão, uma vez que não sou judia, fazer-me a gentileza de tomar essa comparação apenas pelo que ela é, ou seja, uma ironia.

“O que quero deixar claro desde já é que não é essa a intenção de meu comentário — o de que me sinto como Pedro Rubro. Não tenho a intenção de ser irônica. É isso mesmo que quero dizer. A frase quer dizer isso mesmo que diz. Já estou velha. Não tenho mais tempo para dizer o que não quero dizer.”

Sua mãe não está se apresentando bem. Mesmo como leitora de suas próprias histórias, falta-lhe animação. Quando criança, ele sempre ficara intrigado de ver como uma mulher que escrevia livros profissionalmente podia ser tão má contadora de histórias.

Sua expressão é apagada, ela não levanta os olhos do papel, e ele sente que aquilo que ela diz não causa impacto. Mas como a conhece bem, pressente o que ela está preparando. E teme o que está por vir. Não quer ouvir a mãe falar sobre a morte. Além disso, tem uma forte sensação de que a platéia, composta, afinal, principalmente por gente jovem, tampouco irá querer ouvir falar da morte, certamente ainda menos do que ele.

“Ao falar-lhes sobre a questão dos animais”, continua ela, “vou poupá-los da fiada de horrores que vem a ser a vida e a morte deles. Embora nada me leve a crer que vocês tenham plena consciência do que está sendo feito com os animais neste exato momento nas instalações produtivas (hesito em continuar chamando esses lugares de fazendas), nos abatedouros, nos barcos pesqueiros, nos laboratórios, no mundo todo, vou admitir que vocês me atribuem a capacidade retórica de evocar esses horrores para apresentá-los aqui com a devida força, sem no entanto prosseguir nesse rumo por ora, lembrando apenas que os horrores que neste momento omito constituem todavia o centro desta palestra.

“Entre 1942 e 1945 muitos milhões de pessoas foram mortas nos campos de concentração do Terceiro Reich: só em Treblinka, mais de um milhão e meio, talvez até três milhões. São números que nos entorpecem a mente.

Só possuímos uma única morte nossa mesmo; só podemos entender as mortes dos outros uma por vez. Teoricamente, podemos ser capazes de contar até um milhão, mas não somos capazes de contar um milhão de mortes.

“As pessoas que moravam no campo em torno de Treblinka, poloneses em sua maioria, disseram que não sabiam o que acontecia no campo. Disseram que, embora pudessem imaginar, não tinham certeza. Disseram que se por um lado podiam ter sabido, por outro não sabiam, não podiam se permitir saber para se preservar.

“As pessoas que viviam em torno de Treblinka não eram exceções. Havia campos em todo o Reich, quase seis mil só na Polônia, e milhares em toda a Alemanha.^c Alguns alemães viviam a poucos quilômetros de algum tipo de campo. Nem todos os campos eram campos de extermínio, campos dedicados à produção de morte, mas em todos ocorriam horrores, mais horrores do que seria possível admitir em sã consciência.

“Não é por ter empreendido uma guerra expansionista, e perdido, que os alemães de uma determinada geração ainda hoje são vistos como estando um pouco à margem da humanidade, como se ainda tivessem de fazer ou ser algo especial para poderem ser readmitidos em seu seio. Aos nossos olhos eles perderam sua humanidade devido a uma certa ignorância voluntária de sua parte. Nas circunstâncias do tipo de guerra movido por Hitler, a ignorância pode ter sido um mecanismo útil de sobrevivência, mas essa é uma desculpa que, com admirável rigor moral, nos recusamos a aceitar. Na Alemanha, dizemos, se ultrapassou uma determinada linha, o que levou as pessoas para além do assassinato e da crueldade normais de guerra, conduzindo-as até um estado que só podemos chamar de pecado. A assinatura dos artigos de capitulação e o pagamento de reparações não puseram um fim ao estado de pecado. Ao contrário, se diz, uma doença da alma continuou a marcar aquela geração. Marcou aqueles cidadãos do Reich que cometeram más ações, mas também aqueles que, por qualquer razão, permaneceram na ignorância dessas ações. Marcou assim

praticamente todos os cidadãos do Reich. Só os que estavam nos campos eram inocentes.

“Eles marcharam como carneiros para o matadouro.’ ‘Morreram como animais.’ ‘Foram mortos pelos açougueiros nazistas.’ Nas denúncias dos campos ressoa com tamanha força a linguagem dos currais e dos matadouros que é quase desnecessário preparar o terreno para a comparação que estou prestes a fazer. O crime do Terceiro Reich, diz a voz da acusação, foi tratar as pessoas como animais.

“Nós, mesmo nós na Austrália, pertencemos a uma civilização que tem profundas raízes no pensamento religioso grego e judaico-cristão. Embora nem todos acreditemos nas noções de impureza e pecado, acreditamos firmemente nos seus correlatos psíquicos. Aceitamos sem questionar que a psique (ou alma) tocada pelo sentimento de culpa não pode estar bem. Não aceitamos que as pessoas com crimes em sua consciência possam ser saudáveis e felizes. Olhamos (ou costumávamos olhar) com desconfiança para os alemães de uma certa geração, porque de algum modo estão maculados: nos próprios sinais de sua normalidade (seu apetite saudável, sua risada sonora) vemos provas de quão profundamente a impureza se insinuou no seu íntimo.

“Era e é inconcebível que pessoas que *não sabiam* (nesse sentido especial) dos campos possam ser inteiramente humanas. Em nossas metáforas, eles, e não suas vítimas, é que eram animais. Ao tratar seus semelhantes, seres humanos criados à imagem de Deus, como animais, eles próprios se transformaram em animais.

“Hoje de manhã levaram-me a dar uma volta de carro por Waltham. Parece uma cidade agradável. Não vi nenhum horror, nenhum laboratório de testes de substâncias químicas, nenhuma fazenda industrial, nenhum matadouro. Porém tenho certeza de que essas coisas existem aqui. Devem existir. Elas simplesmente não se mostram. Estão à nossa volta neste momento, só que, em certo sentido, não sabemos que estão ali.

“Vou falar abertamente: estamos cercados por uma empresa de degradação, crueldade e morte que rivaliza com qualquer coisa que o Terceiro Reich tenha sido capaz de fazer, que na verdade supera o que ele fez, porque em nosso caso trata-se de uma empresa interminável, que se auto-reproduz, trazendo incessantemente ao mundo coelhos, ratos, aves e gado com o propósito de matá-los.

“E minimizar, dizer que não há comparação, que Treblinka foi de certa maneira uma empresa metafísica dedicada a nada além da morte e da destruição enquanto a indústria da carne, em última instância, se dedica à vida (pois, afinal, não reduz suas vítimas a cinzas, já que, uma vez mortas, nem as enterra, mas, ao contrário, corta-as em pedaços, coloca-as no refrigerador e as empacota para que possam ser consumidas no conforto de nossos lares) é consolação tão pequena para as vítimas como teria sido, perdoem o mau gosto do que vou dizer, pedir aos mortos de Treblinka que desculpassem seus assassinos porque a sua gordura corporal era necessária para fazer sabão e seus cabelos para estofar colchões.^d

“Perdoem-me, repito. É o último expediente barato de que vou lançar mão. Sei como esse tipo de conversa mobiliza as pessoas, provocando radicalização de posições, e que apelar para tais expedientes só piora as coisas. Quero encontrar um jeito de falar com meus semelhantes humanos que seja calmo e não inflamado, filosófico e não polêmico, que traga iluminação e não divisão entre puros e pecadores, redimidos e danados, carneiros e bodes.

“Eu tenho acesso a essa linguagem, eu sei. É a linguagem de Aristóteles e Porfírio, de Agostinho e Aquino, de Descartes e Bentham, de Mary Midgley e Tom Regan em nossos dias. É uma linguagem filosófica que podemos usar para discutir e debater que tipo de alma têm os animais, se eles possuem razão ou se são, ao contrário, autômatos biológicos, se têm direitos em relação a nós ou se simplesmente temos deveres em relação a eles. Tenho acesso a essa linguagem e de fato vou recorrer a ela em alguns momentos. Mas o fato é que se vocês quisessem alguém para vir aqui lhes

traçar uma distinção entre alma mortal e alma imortal ou entre direitos e deveres, teriam chamado um filósofo, não uma pessoa cuja única atividade digna de atenção é ter escrito histórias sobre pessoas inventadas.

“Poderia recorrer a essa linguagem, como disse, de modo nada original, de segunda mão — que é o melhor de que sou capaz. Poderia contar a vocês, por exemplo, o que acho da tese de santo Tomás de Aquino segundo a qual, posto que só o homem é feito à imagem de Deus e participa da essência de Deus, o modo como tratamos os animais não tem nenhuma importância salvo na medida em que ser cruel com os animais pode nos acostumar a ser cruel com os homens.^e Posso perguntar o que santo Tomás considera ser a essência de Deus, ao que ele responderá que a essência de Deus é a razão. Da mesma forma que Platão, da mesma forma que Descartes, cada um à sua maneira. O universo é construído sobre a razão. Deus é um Deus de razão. O fato de que graças à razão se possa chegar a compreender as leis que regem o universo demonstra que a razão e o universo têm a mesma essência. E o fato de que os animais, não tendo razão, não possam compreender o universo mas devam limitar-se a obedecer cegamente suas leis, demonstra que, diferentemente do homem, eles fazem parte dele mas não participam do seu ser: demonstra que o homem é como deus e os animais, como coisas.

“Até Immanuel Kant, de quem eu esperava algo melhor, parece ter recuado nesse ponto. Até Kant não dá seguimento, no que se refere aos animais, às implicações de sua intuição segundo a qual a razão pode não ser o ser do universo mas, ao contrário, apenas o ser do cérebro humano.

“E esse, como vocês podem ver, é o meu dilema esta tarde. A razão e sete décadas de experiência de vida me dizem que a razão não é a essência do universo, nem a essência de Deus. Ao contrário, e de forma bem questionável, a razão parece ser a essência do pensamento humano; pior ainda, a essência de apenas uma tendência do pensamento humano. A razão é a essência de um certo domínio do pensamento humano. E se

assim for, se é nisso que eu acredito, então por que devo me curvar à razão esta tarde, contentando-me em bordar o discurso dos velhos filósofos?

“Faço a pergunta e eu mesma respondo a vocês. Ou melhor, deixo que Pedro Rubro, o Pedro Rubro de Kafka, lhes responda. ‘Agora, eis-me aqui’, diz Pedro Rubro, ‘com meu smoking, gravata-borboleta e calça preta com um buraco no traseiro para meu rabo poder sair para fora (que mantenho virado para vocês não verem), agora que estou aqui, o que tenho de fazer? Será que de fato tenho escolha? Se não sujeitar meu discurso à razão, seja lá o que for a razão, o que me resta senão falar bobagens, me emocionar, derrubar o copo de água e fazer macaquices?’

“Vocês devem conhecer o caso de Srinivasa Ramanujan, nascido na Índia em 1887, capturado e transportado para Cambridge, Inglaterra, onde, incapaz de tolerar o clima, a dieta e o regime acadêmico, adoeceu, morrendo em seguida, aos trinta e três anos de idade.

“Ramanujan é amplamente reconhecido como o maior matemático intuitivo de nosso tempo, o que é o mesmo que dizer que era um autodidata que pensava matematicamente, alguém para quem era estranha a idéia bastante laboriosa da prova matemática ou da demonstração. Muitos teoremas de Ramanujan (ou, conforme seus detratores, suas especulações) continuam até hoje não demonstrados, embora, quase com toda a certeza, sejam corretos.

“O que nos diz o fenômeno de Ramanujan? Ramanujan estaria mais próximo de Deus porque sua mente (vamos chamar de mente: pareceria gratuitamente ofensivo chamar isso de cérebro apenas) estaria sintonizada, ou pelo menos mais sintonizada do que a de qualquer pessoa que conhecemos, com a essência da razão? Se a boa gente de Cambridge, e principalmente o professor G. H. Hardy, não tivesse arrancado de Ramanujan as suas especulações e laboriosamente demonstrado que eram verdadeiras aquelas passíveis de demonstração, ainda assim Ramanujan teria estado mais próximo de Deus do que eles? E o que teria sucedido se Ramanujan, em vez de ir para Cambridge, tivesse simplesmente ficado em

casa e pensado seus pensamentos, enquanto preenchia formulários para a autoridade portuária de Madras?

“E Pedro Rubro (o Pedro Rubro real, quero dizer)? Como podemos ter certeza de que Pedro Rubro ou a irmãzinha menor de Pedro Rubro, morta na África por caçadores, não estariam pensando os mesmos pensamentos que Ramanujan pensava na Índia, falando igualmente pouco? A diferença entre G. H. Hardy de um lado e o mudo Ramanujan e a muda Sally Rubra de outro residirá apenas no fato de que o primeiro está familiarizado com os protocolos da matemática acadêmica enquanto os segundos não? É assim que se mede a proximidade ou distância de Deus, a proximidade ou a distância da essência da razão?

“Como é que a humanidade lança, geração após geração, um quadro de pensadores um pouco mais distantes de Deus do que Ramanujan, mas todavia capazes, depois dos protocolares doze anos de escolaridade básica e seis de instrução universitária, de dar uma contribuição para a decodificação do grande livro da natureza por intermédio das disciplinas da física e da matemática? Se a essência do homem está realmente em sintonia com a essência de Deus, não é para se desconfiar que os seres humanos levem dezoito anos, uma bela e considerável parcela da vida humana, para se qualificar como decodificadores do roteiro principal de Deus, em vez de cinco minutos ou, digamos, de quinhentos anos? Talvez o fenômeno que estamos examinando aqui, mais que o desabrochar de uma faculdade que dá acesso aos segredos do universo, seja o campo de especialização de uma tradição intelectual — bastante limitada e que se auto-reproduz — cujo ponto forte é o raciocínio, da mesma maneira que o ponto forte de um jogador de xadrez é jogar xadrez, uma atividade que no seu próprio interesse tenta se instalar como centro do universo?^f

“Porém, embora me dê conta de que a melhor maneira de ser aceita por esta platéia cultivada seja juntar-me, como um afluente se junta a um rio maior, ao grande discurso ocidental sobre o homem versus o animal, o

racional versus o irracional, algo em mim resiste, prevendo que esse passo conduzirá a uma rendição total.

“Pois vista de fora, sob o prisma de um ser alheio a ela, a razão é simplesmente uma vasta tautologia. É evidente que a razão validará a razão como princípio primeiro do universo. O que mais poderia fazer? Destronar-se? Os sistemas de raciocínio, como sistemas de totalidade, não têm esse poder. Se houvesse uma posição da qual a razão pudesse atacar e destronar a si mesma, ela já teria ocupado essa posição, de outra maneira não seria total.

“Nos velhos tempos, a voz do homem, elevando-se à altura da razão, confrontava-se com o rugir do leão, com o mugir do touro. O homem guerreou o leão e o touro, e, depois de muitas gerações, venceu definitivamente essa guerra. Hoje essas criaturas não têm mais poder. Aos animais só restou seu silêncio para nos confrontar. Geração após geração, heroicamente, nossos cativos se recusaram a falar conosco. Todos, menos Pedro Rubro, todos, menos os grandes macacos.

“Porém, como os grandes macacos, ou alguns deles, nos parecem a ponto de desistir de seu silêncio, ouvimos vozes humanas se levantarem afirmando que os grandes macacos deveriam ser incorporados à grande família dos homínídeos, como criaturas que partilham com o homem a faculdade da razão.^g E sendo humanas — ou humanóides — essas vozes afirmam ainda que os grandes macacos deveriam receber direitos humanos, ou direitos humanóides. Que direitos especialmente? Pelo menos os mesmos direitos que atribuímos aos espécimes defeituosos da espécie *Homo sapiens*: o direito à vida, o direito a não ser sujeito a dor ou dano, o direito a igual proteção perante a lei.^h

“Não era por isso que Pedro Rubro estava batalhando quando escreveu, por intermédio de seu amanuense Franz Kafka, a história que, em novembro de 1917, ele se propôs ler perante a Academia de Ciência. Fosse o que fosse, o seu relato à Academia não era um pedido para ser tratado como um ser humano mentalmente deficiente, um simplório.

“Pedro Rubro não era um investigador do comportamento primata, mas um animal marcado e ferido apresentando-se como testemunha falante diante de uma platéia de acadêmicos. Não sou um filósofo da mente, mas um animal que quer mostrar, e ao mesmo tempo não o quer, perante uma platéia de acadêmicos, uma ferida que oculto sob minhas roupas, mas que toco a cada palavra que pronuncio.

“Se Pedro Rubro tomou para si realizar a árdua descida do silêncio dos animais para a tagarelice da razão com o espírito do bode expiatório, do escolhido, o seu amanuense era um bode expiatório de nascença, com um pressentimento, um *Vorgefühl*, do massacre do povo escolhido que iria ter lugar tão imediatamente após sua morte. Permitam-me, portanto, demonstrar minha boa vontade, apresentar minhas credenciais, fazendo um gesto na direção do academicismo ao brindá-los com minhas especulações acadêmicas, apoiadas em notas de rodapé” — nesse momento, num gesto nem um pouco característico de sua mãe, ela ergue o texto da palestra e o brande no ar — ‘sobre as origens de Pedro Rubro’.

“Em 1912, a Academia Prussiana de Ciências fundou, na ilha de Tenerife, uma estação dedicada à experimentação da capacidade mental dos macacos, principalmente dos chimpanzés. A estação funcionou até 1920.

“Um dos cientistas que trabalhava lá era o psicólogo Wolfgang Köhler. Em 1917, Köhler publicou uma monografia intitulada *A mentalidade dos macacos*, descrevendo seus experimentos. Em novembro do mesmo ano, Franz Kafka publicou ‘Um relato a uma academia’. Não sei se Kafka leu o livro de Köhler. Ele não faz nenhuma referência a isso em suas cartas e diários, e sua biblioteca desapareceu durante a era nazista. Em 1982, cerca de duzentos livros seus reapareceram. O livro de Köhler não estava entre eles, mas isso não prova nada.¹

“Não sou doutora em Kafka. Na verdade, não sou doutora em nada. Minha posição no mundo não depende de eu estar certa ou errada em relação à suposição de que Kafka leu o livro de Köhler. Mas eu prefiro

acreditar que leu, e a cronologia torna minha especulação ao menos plausível.

“De acordo com seu próprio relato, Pedro Rubro foi capturado no continente africano por caçadores especializados no comércio de macacos, e despachado para um instituto científico ultramarino. Eram esses os macacos com que Köhler trabalhava. Tanto Pedro Rubro como os macacos de Köhler passavam por um período de treinamento destinado a humanizá-los. Pedro Rubro foi aprovado com louvor em seu curso, embora tenha pagado um alto preço por ele. A história de Kafka trata disso: ficamos sabendo no que consiste esse preço por meio das ironias e silêncios da história. Os macacos de Köhler não se saíram tão bem. Mesmo assim, adquiriram pelo menos um arremedo de educação.

“Permitam que lhes relate o que alguns dos macacos de Tenerife aprendiam com seu mestre Wolfgang Köhler, particularmente Sultão, o melhor de seus alunos, em certo sentido um protótipo de Pedro Rubro.

“Sultão está sozinho em seu cercado. Está com fome: a comida, que costumava chegar com regularidade, inexplicavelmente deixou de vir.

“O homem que costumava alimentá-lo, e que agora parou de fazê-lo, estica um fio três metros acima do chão de seu cercado e nele pendura uma penca de bananas. Arrasta para dentro do cercado três caixotes de madeira. Depois desaparece, fechando o portão, mas permanecendo nas proximidades, pois é possível sentir seu cheiro.

“Sultão sabe: agora é preciso pensar. Por isso as bananas estão ali no alto. As bananas estão ali para fazer pensar, para empurrar o sujeito até os limites do pensamento. Mas o que se deve pensar? Algo como: por que ele está me deixando passar fome? Ou: o que foi que eu fiz? Por que ele parou de gostar de mim? Ou ainda: por que ele não quer mais estes caixotes? Mas nenhum desses é o pensamento correto. Até um pensamento mais complicado — por exemplo: qual é o problema dele, que conceito errado ele faz de mim que o leva a acreditar que é mais fácil para mim chegar até uma penca de bananas pendurada num fio do que pegar as bananas do

chão? —, até isso está errado. O pensamento certo é: como usar os caixotes para chegar às bananas?

“Sultão arrasta os caixotes até posicioná-los sob as bananas, empilha um em cima do outro, sobe na torre que construiu e pega as bananas. Pensa: será que agora ele vai parar de me castigar?”

“A resposta é: não. No dia seguinte, o homem pendura outra penca de bananas no fio, mas também enche os caixotes de pedras, de forma que fiquem pesados demais para arrastar. O que se deve pensar não é: por que ele encheu os caixotes de pedras? O que se tem de pensar é: como se faz para usar os caixotes para pegar as bananas, apesar de estarem cheios de pedras?”

“Dá para começar a entender como funciona a cabeça do homem.”

“Sultão remove as pedras de dentro dos caixotes, constrói uma torre com os caixotes, sobe na torre, pega as bananas.”

“Enquanto Sultão continuar tendo os pensamentos errados, passará fome. Até a sua fome ser tão intensa, tão avassaladora, que ele se veja forçado a ter o pensamento correto, isto é, como conseguir pegar as bananas. Assim são testadas até o limite as capacidades do chimpanzé.”

“O homem põe uma penca de bananas um metro para fora da malha de arame do cercado. Joga uma vara para dentro do cercado. O pensamento errado é: por que ele parou de pendurar as bananas no fio? O pensamento errado (o pensamento errado-correto, todavia) é: como usar os três caixotes para pegar as bananas? O pensamento correto é: como usar a vara para pegar as bananas?”

“A cada vez, Sultão é levado a ter o pensamento menos interessante. Da pureza da especulação — por que os homens se comportam assim? — ele é impiedosamente impelido ao raciocínio mais baixo, prático, instrumental — como usar isto para conseguir aquilo? — e assim à aceitação de si mesmo primordialmente como um organismo com um apetite a ser satisfeito. Embora toda a sua história, desde o momento em que sua mãe foi morta e ele foi capturado, passando pela viagem numa jaula até a prisão

nesse campo, dessa ilha, e os jogos sádicos que ali se realizam com a comida, tudo o que leva a questionar a justiça do universo e o lugar que nele ocupa essa colônia penal, na qual um regime psicológico cuidadosamente planejado o leva para *longe* da ética e da metafísica em direção ao humilde domínio da razão prática. E de alguma forma, ao palmilhar esse labirinto de constrangimento, manipulação e duplicidade, ele tem de entender que de jeito nenhum pode ousar desistir, porque em seus ombros repousa a responsabilidade de representar a essência macacal. O destino de seus irmãos e irmãs pode ser determinado pelos resultados que ele obtiver.

“Wolfgang Köhler provavelmente era um bom homem. Um bom homem, mas não um poeta. Um poeta teria entendido alguma coisa ao ver os chimpanzés cativos girando em círculo no recinto, em tudo semelhantes a uma banda militar, alguns nus como no dia em que nasceram, outros cobertos por cordas ou velhas tiras de pano que acharam por ali, como se estivessem vestidos com esses trapos, outros ainda carregando pedaços de qualquer coisa.

“(No exemplar do livro de Köhler que li, retirado de uma biblioteca, algum leitor indignado havia anotado à margem, neste ponto: ‘Antropomorfismo!’. Animais não sabem marchar, ele queria dizer, não sabem se vestir, porque não conhecem o significado de *marchar*, não conhecem o significado de *vestir-se*.)

“Nada em suas vidas pregressas acostumou esses macacos a olhar para si mesmos de fora, como se pelos olhos de alguém que não existe. Na percepção de Köhler, as fitas e os objetos não estão ali para que obtenham um efeito visual, porque fazem-nos parecer elegantes, mas sim para que obtenham um efeito cinético, porque os fazem *sentir-se* diferentes — qualquer coisa para aliviar o tédio. Apesar de toda a sua simpatia e capacidade de compreensão, Köhler só consegue chegar até esse ponto — ponto do qual um poeta poderia começar, partindo de algum sentimento de compaixão pela experiência do macaco.

“No seu ser mais profundo, Sultão não está interessado no problema da banana. Só a mente do experimentador, obsessivamente voltada para o problema, é que o força a se concentrar nele. A questão que realmente o ocupa, como ocupa o rato e o gato e qualquer outro animal aprisionado no inferno de um laboratório ou de um zoológico é a seguinte: onde está a minha casa e como chego lá?

“Calculem a distância entre o macaco de Kafka — com sua gravata-borboleta, smoking e o bloco de notas da palestra — e aquele triste bando de cativos marchando no pátio de Tenerife. Quanto viajou Pedro Rubro! No entanto, podemos perguntar: a que ele teve de renunciar em troca do prodigioso superdesenvolvimento do intelecto que obteve, em troca de seu domínio da etiqueta dos salões de conferências e da retórica acadêmica? A resposta é: a muito, inclusive à prole, à sucessão. Se Pedro Rubro tivesse algum juízo, ele não teria filhos. Pois com a desesperada, quase louca fêmea, com que seus captores, na história de Kafka, o forçam a cruzar, ele só poderá gerar um monstro. É tão difícil imaginar o filho de Pedro Rubro como imaginar o filho do próprio Franz Kafka. Híbridos são, ou deveriam ser, estéreis; e Kafka considerava tanto a si mesmo como a Pedro Rubro como híbridos, como monstruosos engenhos pensantes inexplicavelmente acoplados a sofreadores corpos animais. O olhar que vemos em todas as fotos que restaram de Kafka é um olhar de pura surpresa: surpresa, perplexidade, alarme. De todos os homens, Kafka é o mais inseguro de sua humanidade. *Isto*, ele parece dizer: *isto* é a imagem de Deus?”

“Ela está divagando”, diz Norma ao lado dele.

“O quê?”

“Está divagando. Perdeu o rumo.”

“Há um filósofo americano chamado Thomas Nagel”, continua Elizabeth Costello, que não ouviu a observação de sua nora. “Ele é provavelmente mais conhecido de vocês do que de mim. Alguns anos atrás, escreveu um ensaio chamado ‘Como é ser um morcego?’, que um amigo sugeriu que eu lesse.

“Nagel me parece um homem inteligente e não desprovido de compaixão. Ele tem até certo senso de humor. Sua pergunta sobre o morcego é interessante, mas sua resposta é tragicamente limitada. Permitam que eu leia uma parte do que ele diz em resposta à sua pergunta:

Não ajuda nada tentar imaginar que, nos braços, temos membranas que nos permitem voar por aí [...] pegando insetos com a boca; que temos visão deficiente, e percebemos o mundo em torno por meio de um sistema de sinais sonoros de alta frequência refletidos; e que passamos o dia pendurados pelos pés, de cabeça para baixo, num sótão. Na medida em que sou capaz de imaginar isso (que não é muito), percebo como seria para *mim* me comportar como morcego. Mas a questão não é essa. Quero saber como é ser morcego para o *morcego*. No entanto, se tento imaginar isso, me vejo limitado aos recursos de minha própria mente, e esses recursos são inadequados para a tarefa.]

“Para Nagel, um morcego é ‘uma forma de vida fundamentalmente *alienígena*’ (p. 168), não tão alienígena quanto um marciano (p. 170), mas menos alienígena que outro ser humano (particularmente, como se pode imaginar, se esse ser humano for um filósofo, colega de academia).

“Estabelecemos, portanto, um continuum que vai do marciano em uma ponta até o morcego, o cão, o macaco (não Pedro Rubro, porém) e o ser humano (não Franz Kafka, porém) na outra; e a cada passo, à medida que nos deslocamos nesse *continuum* que vai do morcego ao homem, diz Nagel, vai ficando mais fácil dar a resposta à pergunta: ‘Como é ser X para X?’.

“Sei que Nagel está se valendo de morcegos e marcianos apenas como elementos de apoio, que lhe permitam colocar suas próprias questões sobre a natureza da consciência. Mas, como ocorre com a maioria dos escritores, minha cabeça tende a ser literal, de forma que gostaria de não prosseguir com o morcego. Quando Kafka escreve sobre um macaco, considero que ele está falando primordialmente sobre um macaco; quando Nagel escreve sobre um morcego, considero que está escrevendo primordialmente sobre um morcego.”

Sentada ao lado dele, Norma dá um suspiro de exasperação tão leve que só ele escuta. E era mesmo destinado apenas a ele.

“Durante alguns minutos, às vezes”, sua mãe estava dizendo, “sei como é ser um cadáver. Esse conhecimento me repele. Me enche de terror; eu fujo disso, me recuso a considerar isso.

“Todos nós temos esses momentos, principalmente quando ficamos mais velhos. O conhecimento que temos não é abstrato — ‘Todos os seres humanos são mortais, eu sou um ser humano, portanto sou mortal’ —, mas corpóreo. Por um momento, nós somos esse conhecimento. Vivemos o impossível: vivemos além da nossa morte, olhamos para trás, mas olhamos para trás como só um morto é capaz.

“Quando sei, graças a esse conhecimento, que vou morrer, o que é, nos termos de Nagel, que eu sei? Sei o que é para mim ser cadáver ou sei para o cadáver o que é ser cadáver? A distinção me parece sem importância. O que eu sei é o que um cadáver não pode saber: que está extinto, que não sabe nada e que nunca mais saberá mais nada. Por um instante, antes de toda a minha estrutura de conhecimento entrar em colapso por pânico, estou viva dentro dessa contradição, morta e viva ao mesmo tempo.”

Norma bufa um pouco. Ele procura a mão dela e aperta.

“Esse é o tipo de pensamento de que somos capazes, nós, seres humanos, disso e de ainda mais, se nos esforçamos para pensar ou somos obrigados a pensar. Mas resistimos à coação, e raramente nos esforçamos. Só pensamos na morte quando damos de cara com ela. Pergunto agora: se somos capazes de pensar nossa própria morte, por que diabos não somos capazes de pensar a vida de um morcego?

“Como é ser morcego? Nagel sugere que antes de podermos responder a essa pergunta, precisamos ser capazes de experimentar a vida do morcego por meio das modalidades sensoriais de um morcego. Mas ele está errado; ou pelo menos está nos colocando na trilha errada. Ser um morcego vivo é estar cheio de ser. Ser plenamente morcego é igual a ser plenamente humano, o que quer dizer também estar cheio de ser. Ser morcego no

primeiro caso, ser humano no segundo, talvez, mas essas considerações são secundárias. Estar cheio de ser é viver como corpo-alma. Nosso nome para a experiência de ser pleno é *alegria*.

“Estar vivo é ser uma alma viva. Um animal — e somos todos animais — é uma alma inserida num corpo. Foi precisamente isso que Descartes enxergou e, por razões pessoais, escolheu negar. O animal vive, disse Descartes, da mesma forma que a máquina vive. O animal não é nada além do mecanismo que o constitui. Se tem uma alma, a tem da mesma maneira que a máquina dispõe de uma bateria, para lhe fornecer a faísca que a faz funcionar. Mas o animal não é uma alma inserida num corpo, e a qualidade de seu ser não é a alegria.

“*Cogito ergo sum* é também uma famosa frase sua. É uma fórmula que sempre me incomodou. Pressupõe que um ser vivo que não faz o que ele chama de pensar é, de alguma forma, um ser de segunda classe. Ao ato de pensar, à cogitação, oponho a plenitude, a corporalidade, a sensação de ser — não uma consciência de si mesmo como uma espécie de fantasmagórica máquina raciocinante pensando pensamentos, mas, ao contrário, a sensação — uma sensação pesadamente afetiva — de ser um corpo com membros que têm uma extensão no espaço, de se estar vivo no mundo. Essa plenitude contrasta em tudo com o estado fundamental de Descartes, que traz em si uma sensação de vazio: a sensação de uma ervilha chacoalhando dentro de uma vagem.

“A plenitude de ser é um estado difícil de sustentar em confinamento. Confinamento a uma prisão é uma forma de punição que o Ocidente privilegia e faz todo o possível para impor ao resto do mundo por meio da condenação de outras formas de punição (espancamento, tortura, mutilação, execução) consideradas cruéis e antinaturais. O que isso nos sugere a respeito de nós mesmos? A mim isso sugere que a liberdade de o corpo mover-se no espaço é tomada como o ponto em que a razão pode mais dolorosa e eficientemente ferir o ser do outro. E de fato é nas criaturas menos aptas a suportar o confinamento — as criaturas que menos se

encaixam no quadro de Descartes da ervilha dentro da vagem, para as quais o confinamento é irrelevante — que observamos os efeitos mais devastadores: nos zoológicos, nos laboratórios, nas instituições onde o fluxo da alegria, que vem não do estar *em* um corpo ou existir *como* um corpo, mas simplesmente do ser um ser encarnado em um corpo, não tem lugar.^k

“A pergunta a ser feita não deveria ser: temos algo em comum — razão, autoconsciência, alma — com os outros animais? (É o corolário que se segue é que, se não tivermos, estamos autorizados a tratá-los como quisermos, aprisionando-os, matando-os, desrespeitando seus cadáveres.) Volto aos campos de extermínio. O horror específico dos campos, o horror que nos convence de que aquilo que aconteceu ali foi um crime contra a humanidade, não reside no fato de que a despeito de os matadores partilharem com suas vítimas a condição de humanos, eles as terem tratado como piolhos. Isso é abstrato demais. O horror está no fato de os matadores terem recusado a se imaginar no lugar de suas vítimas, assim como todo mundo. Disseram: ‘São *elas* naqueles vagões de gado passando’. Não disseram: ‘Como seria para mim estar naquele vagão de gado?’. Disseram: ‘Devem ser os mortos que estão sendo queimados hoje, pesteando o ar e caindo em forma de cinza em cima dos meus repolhos’. Não disseram: ‘Como seria se eu estivesse queimando?’. Não disseram: ‘Estou queimando, estou me transformando em cinzas’.

“Em outras palavras, eles fecharam seus corações. O coração é sítio de uma faculdade, a *simpatia*, que, às vezes, nos permite partilhar o ser do outro. A simpatia tem tudo a ver com o sujeito e pouco a ver com o objeto, o ‘outro’, como percebemos de imediato quando pensamos no objeto não como um morcego (‘Posso partilhar o ser de um morcego?’), mas como outro ser humano. Certas pessoas têm a capacidade de se imaginar como outra pessoa, há pessoas que não têm essa capacidade (quando essa falta é extrema, chamamos essas pessoas de psicopatas), e há pessoas que têm a capacidade, mas escolhem não exercê-la.

“Apesar de Thomas Nagel, que provavelmente é um bom homem, apesar de Tomás de Aquino e de René Descartes, com os quais tenho maior dificuldade de simpatizar, não há limite para a nossa capacidade de perceber pelo pensamento o ser de outrem. Não há limites para a imaginação simpatizante. Se querem uma prova, pensem no seguinte. Alguns anos atrás, escrevi um livro chamado *A casa da rua Eccles*. Para escrever esse livro, tive de penetrar com o pensamento na existência de Marion Bloom. Não sei se consegui ou não. Mas se não consegui, não vejo por que me convidaram para vir hoje aqui. De qualquer forma, a questão é a seguinte: *Marion Bloom nunca existiu*. Marion Bloom é uma criatura da imaginação de James Joyce. Se sou capaz de pensar a existência de um ser que nunca existiu, sou capaz de pensar a existência de um morcego ou de um chimpanzé ou de uma ostra, de qualquer ser que participe comigo do substrato da vida.

“Volto uma última vez aos locais de morte que estão à nossa volta, aos locais de abate para os quais, em um imenso esforço comum, fechamos nossos corações. Ocorre a cada dia um novo Holocausto e, no entanto, até onde posso enxergar, nosso ser moral permanece intocado. Isso não nos afeta. Ao que parece, podemos fazer qualquer coisa e sair limpos.

“Apontamos o dedo para os alemães, poloneses e ucranianos que sabiam e não sabiam das atrocidades cometidas à sua volta. Gostamos de pensar que ficaram internamente marcados pelos efeitos daquela forma especial de ignorância. Gostamos de pensar que, em seus pesadelos, aqueles cujo sofrimento se recusaram a registrar voltam para assombrá-los. Gostamos de pensar que eles acordavam exaustos de manhã e morriam de cânceres terríveis. Mas provavelmente não foi assim. As evidências apontam para a direção contrária: que podemos fazer tudo e escapar ilesos; que não existe castigo.”

Um estranho final. Só quando ela tira os óculos e dobra os papéis é que os aplausos começam, e mesmo assim esparsos. Um estranho final para

uma estranha palestra, ele pensa, mal calculada, mal argumentada. Não é o *métier* dela, a argumentação. Ela não deveria estar ali.

Norma levantou a mão, tentando chamar a atenção do chefe do departamento de humanidades, que está presidindo a sessão.

“Norma!”, ele cochicha. Balança a cabeça com urgência. “Não!”

“Por quê?”, ela cochicha de volta.

“Por favor”, ele cochicha, “aqui não, agora não!”

“Haverá uma grande discussão sobre a conferência de nossa eminente convidada na sexta-feira, ao meio-dia. Os detalhes estão no programa, mas a senhora Costello concordou gentilmente em responder a uma ou duas perguntas da platéia. Sim...?” O chefe do departamento olha em volta, atento. “Sim!”, diz ele, reconhecendo alguém atrás deles.

“Eu tenho o direito!”, Norma cochicha no ouvido dele.

“Você tem o direito, mas simplesmente não se valha dele, não é uma boa idéia!”, ele cochicha de volta.

“Ela não pode simplesmente se safar com uma coisa dessas! Ela está confusa!”

“Ela está velha, é minha mãe. Por favor!”

Atrás deles, alguém já está falando. Ele se volta e vê um homem alto, de barba. Sabe Deus por que sua mãe concordou em responder a perguntas da platéia, ele pensa. Devia saber que palestras públicas atraem malucos e pirados como um cadáver atrai moscas.

“O que não ficou claro para mim”, o homem está dizendo, “é o seu verdadeiro objetivo. Está dizendo que devemos fechar as fazendas industriais? Está querendo dizer que devemos parar de comer carne? Ou que devemos tratar os animais mais humanamente, matá-los mais humanamente? Ou que devemos parar de usar animais *em* experimentos? Ou que devemos suspender experimentos *com* animais, mesmo experimentos psicológicos benignos como o de Köhler? Poderia nos esclarecer melhor? Obrigado.”

Esclarecer. Nem um pouco pirado. Um pouco de clareza faria bem à sua mãe.

De pé na frente do microfone, sem o texto à sua frente, agarrando as beiradas da tribuna, sua mãe parece nitidamente nervosa. Não é o seu *métier*, ele pensa de novo: ela não devia estar fazendo isso.

“Eu esperava não ter de enunciar princípios”, disse sua mãe. “Se são princípios que você quer levar desta palestra, eu teria de responder, abrir meu coração e ouvir o que diz o seu coração.”

Ela parece querer deixar as coisas nesse pé. O chefe de departamento parece perplexo. Sem dúvida, o homem que fez as perguntas também parece perplexo. Ele próprio o está, por certo. Por que ela não pode simplesmente dizer o que tem a dizer?

Como se percebesse a onda de insatisfação, sua mãe retoma. “Nunca tive muito interesse em interdições, alimentares ou de qualquer outra natureza. Interdições, leis. Estou mais interessada no que há além delas. Quanto aos experimentos de Köhler, acho que ele escreveu um livro maravilhoso, e esse livro não teria sido escrito se ele não pensasse que era um cientista realizando experimentos com chimpanzés. Mas o livro que lemos não é o livro que ele pensou que estava escrevendo. Lembra-me algo que Montaigne disse: Achamos que estamos brincando com o gato, mas como saber se não é o gato que está brincando conosco?¹ Eu gostaria muito de pensar que os animais em nossos laboratórios estão brincando conosco. Mas, ah, não é assim.”

Ela se cala. “Isso responde a sua pergunta?”, diz o chefe de departamento. O homem que perguntou dá de ombros num gesto largo e expressivo e senta-se.

Há ainda o jantar. Dentro de meia hora, o presidente estará oferecendo um jantar no clube da faculdade. Inicialmente, ele e Norma não haviam sido convidados. Depois, quando descobriram que Elizabeth Costello tinha um filho em Appleton, os dois foram acrescentados à lista. Ele desconfia que vão ficar deslocados. Certamente será o mais jovem, o

menos qualificado dos presentes. Por outro lado, pode ser bom ele estar lá. Pode vir a ser necessário para manter a calma.

Com um melancólico interesse, ele quer ver como a escola vai enfrentar o desafio do menu. Se a distinta palestrante de hoje fosse um sacerdote islâmico ou um rabino judeu, eles provavelmente não serviriam carne de porco. Portanto, será que por deferência ao vegetarianismo vão servir rissole de nozes para todo mundo? Será que seus distintos colegas convidados terão de se conter a noite toda, sonhando com os sanduíches de pastrami e as coxas de frango frias que vão engolir chegando em casa? Ou as sábias mentes da escola recorrerão ao ambíguo peixe, que tem espinha dorsal, mas não respira ar nem amamenta os filhotes?

O menu, felizmente, não é sua responsabilidade. O que ele teme é que, durante a conversação, alguém certamente fará aquilo que ele chama de A Pergunta: “O que a levou, senhora Costello, a se tornar vegetariana?”, porque ela então vai empinar o corpo e proferir aquilo que ele e Norma chamam de Resposta de Plutarco. Depois disso, estará nas mãos dele, e só nas dele, reparar os danos.

A resposta em questão vem dos ensaios morais de Plutarco. Sua mãe sabe o texto de cor; ele só pode reproduzi-lo imperfeitamente. “Você me pergunta por que eu me recuso a comer carne. Eu, de minha parte, fico assombrada de você ser capaz de colocar na boca o corpo de um animal morto, assombrada de você não achar horrendo mascar a carne mutilada e engolir os sucos de feridas mortais.”^m Plutarco é o verdadeiro silenciador de conversas: é na palavra *sucos* que reside o truque. Enunciar Plutarco é como jogar a luva — depois disso, não se sabe o que pode acontecer.

Ele gostaria que sua mãe não tivesse vindo. É bom vê-la de novo; é bom ela rever os netos; é bom para ela receber reconhecimento; mas o preço que ele está pagando e o preço que pagará se a visita não correr bem parece-lhe excessivo. Por que ela não pode ser uma velhinha comum, levando a vida de uma velhinha comum? Se ela quer abrir o coração aos animais, por que não fica em casa e se abre com seus gatos?

Sua mãe está sentada no meio da mesa, na frente do presidente Garrard. Ele está dois lugares adiante; Norma, na ponta da mesa. Um lugar está vazio. Ele imagina de quem seria.

Ruth Orkin, da faculdade de psicologia, está contando a sua mãe o experimento realizado com uma jovem chimpanzé criada como humana. Quando solicitada a organizar fotografias em pilhas, ela insistia em colocar as fotos dela mesma com as fotos dos humanos e não com as fotos de outros macacos. “É tentador fazer uma leitura direta da história”, diz Orkin, “ou seja, que ela quer ser considerada uma de nós. No entanto, como cientista, é preciso ser cauteloso.”

“Ah, eu concordo”, diz sua mãe. “Na cabeça dela as duas pilhas podem ter um sentido menos óbvio. Aqueles que têm liberdade de ir e vir e aqueles que têm de ficar trancados, por exemplo. Ela pode estar dizendo que preferia ficar entre os que são livres.”

“Ou pode ter simplesmente tentado agradar seu tratador”, intervém o presidente Garrard. “Afirmando que são parecidos.”

“Um pouco maquiavélico para um animal, não acha?”, diz um homem loiro e grande, cujo nome ele não registrou.

“Maquiavel, a raposa, como seus contemporâneos o chamavam”, diz sua mãe.

“Mas essa é uma outra questão completamente diferente — as qualidades fabulosas dos animais”, objeta o homem grande.

“É, sim”, diz sua mãe.

As coisas estão indo bastante bem. Serviram sopa de abóbora e ninguém está reclamando. Será que ele pode relaxar?

Estava certo sobre o peixe. Para a entrada, podem escolher entre pargo com batatinhas novas ou fettuccine com berinjela tostada. Garrard pede o fettuccine, como ele. Na verdade, das onze pessoas, apenas três pedem peixe.

“Interessante como as comunidades religiosas com muita frequência definem a si mesmas em termos das restrições alimentares”, observa

Garrard.

“É, sim”, diz sua mãe.

“Quer dizer, é interessante que a forma de definição seja, por exemplo, ‘nós somos as pessoas que não comem cobras’, e não ‘nós somos as pessoas que comem lagartos’. O que não fazemos em vez daquilo que fazemos.” Antes de ter um cargo administrativo, Garrard era cientista político.

“Tudo tem a ver com pureza e impureza”, diz Wunderlich, que, apesar do nome, é inglês. “Animais puros e impuros, hábitos puros ou impuros. A impureza pode ser um recurso muito útil para decidir quem faz parte e quem não faz, quem está dentro e quem está fora.”

“Impureza e vergonha”, ele intervém. “Os animais não têm vergonha.” Ele fica surpreso de ouvir a si mesmo falando. Mas por que não? A noite está indo tão bem.

“Exatamente”, diz Wunderlich. “Animais não escondem seus excrementos, fazem sexo abertamente. Não têm sentido de vergonha, digamos: é isso que os torna diferentes de nós. Mas a idéia básica continua sendo a impureza. Animais têm hábitos impuros, por isso são excluídos. A vergonha faz de nós seres humanos, a vergonha da impureza. Adão e Eva: o mito fundador. Antes disso, éramos todos apenas animais, juntos.”

Ele nunca tinha ouvido Wunderlich falar. Gosta dele, gosta de suas maneiras aplicadas, gaguejantes, oxfordianas. Um refresco no excesso de segurança americano.

“Mas não pode ser assim que a coisa funciona”, protestou Olivia Garrard, a elegante esposa do presidente. “É abstrato demais, uma idéia muito fria. Animais são criaturas com quem não fazemos sexo — é assim que distinguimos os animais de nós. A simples idéia de sexo com animais me faz estremecer. É nesse nível que são impuros — todos eles. Não nos misturamos com eles. Mantemos o puro longe do impuro.”

“Mas comemos os animais.” Era a voz de Norma. “Não nos misturamos com animais. Ingerimos animais. Transformamos a carne deles em nossa carne. Portanto, não deve ser assim que a coisa funciona. Existem tipos de

animais específicos que não comemos. Esses são os animais impuros, não os animais em geral.”

Ela tem razão, claro. Mas está errada: um erro levar a conversa de volta para a matéria que está diante deles na mesa, a comida.

Wunderlich volta a falar: “Os gregos pressentiam que havia algo errado no abate, mas acharam que podiam compensar isso ritualizando o abate. Faziam uma oferenda, um sacrifício, davam uma porcentagem aos deuses, esperando assim ficar com o resto. A mesma idéia do dízimo. Peça as bênçãos dos deuses para a carne que está a ponto de comer, peça que eles a declarem pura”.

“Talvez seja essa a origem dos deuses”, diz a mãe dele. Faz-se um silêncio. “Talvez a gente tenha inventado os deuses para podermos pôr a culpa neles. Eles nos deram permissão para comer carne. Eles nos deram permissão para brincar com coisas impuras. Não é nossa culpa, é deles. Somos apenas seus filhos.”ⁿ

“Você acredita nisso?”, pergunta a sra. Garrard, cautelosa.

“E Deus disse: ‘Toda coisa movente que vive será carne para ti’”, sua mãe citou. “É bem conveniente. Deus nos diz que tudo bem.”

Outro silêncio. Estão esperando que ela continue. Afinal de contas, é a artista contratada.

“Norma tem razão”, diz sua mãe. “O problema é definir a diferença entre nós e os animais em geral, não apenas em relação aos animais considerados impuros. A proscrição de certos animais — porcos e outros — é bastante arbitrária. É apenas sinal de que estamos em área perigosa. Um campo minado, na verdade. O campo minado das interdições alimentares. Não há lógica num tabu, nem qualquer lógica em um campo minado — não é de se esperar que haja. Não dá para adivinhar o que se pode comer ou onde se pode pisar a menos que se possua um mapa, um mapa divino.”

“Mas isso é só antropologia”, protesta Norma na ponta da mesa. “Não diz nada do nosso comportamento de hoje. No mundo moderno, as pessoas não escolhem mais a sua dieta tendo por base a permissão divina. É

só uma questão de educação comermos porco e não comermos cachorro. Você não acha, Elizabeth? É só um aspecto dos nossos hábitos.”

Elizabeth. Ela está proclamando intimidade. Mas que jogo é esse que está jogando? Será que está preparando uma armadilha para sua mãe?

“Existe a aversão”, diz a mãe dele. “Podemos ter nos livrado dos deuses, mas não nos livramos da aversão, que é uma variante do horror religioso.”

“A aversão não é universal”, Norma protesta. “Os franceses comem rãs. Os chineses comem qualquer coisa. Não existe aversão na China.”

A mãe dele fica em silêncio.

“Talvez seja, então, apenas uma questão do que se aprende em casa, do que sua mãe diz que é bom ou não comer.”

“O que é puro para comer e o que não é”, sua mãe murmura.

“E talvez” — Norma está indo longe demais, ele pensa, agora está começando a dominar a conversa de modo totalmente inconveniente — “toda a idéia de pureza versus impureza tenha uma função completamente diferente, ou seja, permitir que certos grupos se autodefinam, negativamente, como elite, como os eleitos. Nós somos o povo que se abstém de *a* ou *b* ou *c* e pelo poder dessa abstinência nos destacamos como superiores: como uma casta superior dentro da sociedade, por exemplo. Como os brâmanes.”

Faz-se um silêncio.

“A proibição da carne que se vê no vegetarianismo é apenas uma forma extrema de restrição alimentar”, Norma insiste; “e uma restrição alimentar é uma forma rápida e simples de um grupo de elite se definir. Os hábitos de mesa dos outros são impuros, nós não podemos comer nem beber com eles.”

Ela agora está chegando bem perto da ferida. Dá para sentir uma certa agitação, há inquietação no ar. Felizmente, a entrada termina (o pargo, o fettuccine) e as copeiras começam a circular entre eles retirando os pratos.

“Você leu a autobiografia de Gandhi, Norma?”, a mãe dele pergunta.

“Não.”

“Quando jovem, Gandhi foi mandado à Inglaterra, para estudar direito. A Inglaterra, claro, se orgulhava de ser um país que comia carne. Mas a mãe de Gandhi o fez prometer que ele não comeria carne. Ela aprontou um baú de comida para ele levar. Durante a viagem por mar, ele pegava um pouco de pão da mesa do navio e comia o que havia em seu baú. Em Londres, demorou procurando acomodações e restaurantes que servissem o tipo de comida que comia. As relações sociais com os ingleses eram difíceis porque ele não podia nem aceitar nem oferecer hospitalidade. Só quando se juntou a certos elementos marginais da sociedade inglesa — fabianos, teósofos etc. —, foi que começou a se sentir em casa. Até então, era apenas um solitário estudantezinho de direito.”

“E qual é o ponto, Elizabeth?”, diz Norma. “O que significa essa história?”

“Apenas que o vegetarianismo de Gandhi dificilmente poderá ser considerado um exercício de poder. Ser vegetariano o condenava à margem da sociedade. Seu gênio foi incorporar o que encontrou nessa marginalidade à sua filosofia política.”

“De qualquer forma”, intervém o homem loiro, “Gandhi não é um bom exemplo. Ele não era vegetariano por compromisso. Era vegetariano por causa da promessa feita à mãe. Pode ter cumprido a promessa, mas lamentava fazê-lo e se ressentia disso.”

“Você não acha que as mães podem ter uma boa influência sobre os filhos?”, diz Elizabeth Costello.

Faz-se um momento de silêncio. É hora de ele, o bom filho, falar. Ele não fala.

“Mas o seu vegetarianismo, senhora Costello”, diz o presidente Garrard, “é fruto de uma convicção moral, não é?”

“Não, acho que não”, diz a mãe dele. “Vem do desejo de salvar minha alma.”

Então se produz um verdadeiro silêncio, quebrado apenas pelo tilintar dos pratos em que as copeiras servem Baked Alaskas — sorvete coberto de

merengue, levado ao forno para dourar.

“Bem, merece todo o meu respeito”, diz Garrard. “Como estilo de vida.”

“Estou usando sapatos de couro”, diz a mãe dele. “E uma bolsa de couro. Eu não teria tanto respeito assim, se fosse o senhor.”

“Coerência”, murmura Garrard. “Coerência é o monstro das mentes estreitas. É claro que se pode estabelecer uma diferença entre comer carne e usar couro.”

“Graus de obscenidade”, ela responde.

“Eu também tenho o maior respeito por códigos baseados no respeito à vida”, diz o reitor Arendt, em sua primeira participação no debate. “Estou pronto a aceitar que os tabus alimentares não são necessariamente meros costumes. Posso aceitar que reforçar esses tabus constitui uma preocupação moral genuína. Mas, ao mesmo tempo, temos de admitir que toda a nossa superestrutura de preocupações e crenças é um livro fechado para os animais em si. Não dá para explicar para um boi que a vida dele vai ser poupada, do mesmo jeito que não dá para explicar para o besouro que eu não vou pisar em cima dele. Na vida dos animais, as coisas, boas ou más, simplesmente acontecem. Pensando bem, o vegetarianismo é uma atitude muito esquisita, já que os beneficiários não fazem a menor idéia de que estão sendo beneficiados. E não vão ter nunca a menor idéia. Porque vivem em um vácuo de consciência.”

Arendt faz uma pausa. É a vez de a mãe dele falar, mas ela simplesmente parece confusa, grisalha, cansada e confusa. Ele se inclina para ela. “Foi um longo dia, mãe”, diz. “Quem sabe já está na hora.”

“É. Já está na hora”, ela diz.

“Não vão esperar o café?”, pergunta o presidente Garrard.

“Não, depois não consigo dormir.” Ela se volta para Arendt. “É uma boa questão essa que o senhor levantou. Não uma consciência que a gente reconheça como consciência. Não o estado de consciência, como nós entendemos, de um eu com uma história. O que me preocupa é o que tende a vir em seguida. Eles não têm consciência *portanto*. Portanto o quê?

Portanto estamos livres para usar os animais para os nossos fins? Portanto estamos livres para matar animais? Por quê? O que há de tão especial na forma de consciência que reconhecemos e que diz ser crime matar um portador dela enquanto matar um animal não recebe castigo? Há momentos...”

“Sem falar dos bebês”, exclama Wunderlich. Todo mundo se volta e olha para ele. “Os bebês não têm autoconsciência, e no entanto consideramos um crime mais hediondo matar um bebê do que matar um adulto.”

“Portanto?”, diz Arendt.

“Portanto toda esta discussão sobre a consciência e sobre se os animais têm consciência é só uma cortina de fumaça. No fundo, nós protegemos a nossa própria espécie. Polegar para cima para os bebês humanos, polegar para baixo para os filhotes de vaca. Não acha, senhora Costello?”

“Não sei o que pensar”, diz Elizabeth Costello. “Sempre me pergunto o que é pensar, o que é entender. Será que realmente entendemos o universo melhor que os animais? Entender uma coisa sempre me parece brincar com o cubo de Rubik. Assim que se consegue colocar todos os tijolinhos no lugar, pronto, você entendeu. Faria sentido se a gente vivesse dentro do cubo de Rubik, mas se não se vive...”

Faz-se um silêncio. “Eu sempre pensei...”, diz Norma. Mas nesse momento ele se levanta, e, para seu alívio, Norma se cala.

O presidente se levanta, depois todo mundo. “Uma bela palestra, senhora Costello”, diz o presidente. “Um banquete de idéias. Vamos ficar esperando o cardápio de amanhã.”

a Cf. J. M. Coetzee, “What Is Realism?” in *Salmagundi*, 114-15, 1997, pp. 60-81.

b Cf. Frederick R. Karl, *Franz Kafka*, Ticknor & Fields, Nova York, 1991,

c Daniel J. Goldhagen, *Hitler’s Willing Executioners*, Londres, Little Brown, 1996, p. 171 (publicado em 1997 pela Companhia das Letras sob o título *Os carrascos voluntários de Hitler*).

d Philippe Lacoue-Labarthe: “O extermínio dos judeus [...] é um fenômeno que essencialmente não segue nenhuma outra lógica (política, econômica, social, militar etc.) que não uma lógica espiritual”. “O Extermínio é [...] produto de uma decisão puramente metafísica.” *Heidegger, Art and Politics*, Oxford, Blackwell, 1990, pp. 35 e 48.

e Cf. *Summa* 3.2.112, citado em *Animal Rights and Human Obligations*, ed. Tom Regan e Peter Singer, Englewood Cliffs, N. J., Prentice-Hall, 1976, pp. 56-9.

f Cf. Paul Davies, *The Mind of God*, Harmondsworth, Penguin, 1992, pp. 148-50.

g Cf. Stephen R. L. Clark, “Apes and the Idea of Kindred”, in *The Great Ape Project*, ed. Paola Cavalieri e Peter Singer, Londres, Fourth Estate, 1993, pp. 113-25.

h Cf. Gary L. Francione: “Por mais inteligentes que sejam os chimpanzés, gorilas e orangotangos, não há provas de que possuam a habilidade de cometer crimes, e nesse sentido devem ser tratados como crianças ou incompetentes mentais”. “Personhood, Property and Legal Competence”, in Cavalieri e Singer, *Great Ape Project*, p. 256.

i Patrick Bridgewater afirma que a origem do “Relato” está na leitura que Kafka fez de Haeckel em tenra idade, sendo que a idéia para uma história sobre um macaco falante ele obteve do escritor M. M. Seraphim. “Rotpeters Ahnherren”, *Deutsche Vierteljahrsschrift*, 56, 1982, p. 459. Sobre a cronologia das publicações de Kafka em 1917, veja Joachim Unseld, *Franz Kafka: Ein Schriftstellerleben*, Munique, Hanser, 1982, p. 148. Sobre a biblioteca de Kafka, veja Karl, *Franz Kafka*, p. 632.

j Thomas Nagel, “What Is It Like to Be a Bat?”, in *Mortal Questions*, Cambridge, Cambridge University Press, 1979, p. 169.

k John Berger: “Em nenhum lugar de um zoológico o visitante encontra o olhar de um animal. No máximo, a mirada do animal pisca e passa adiante. Eles olham de soslaio. Olham cegamente adiante. Passeiam o olhar mecanicamente... Esse olhar entre animal e humano, que pode ter desempenhado um papel crucial no desenvolvimento da sociedade humana, e com o qual, em todo caso, todos os homens sempre conviveram até menos de um século atrás, foi extinto”. *About Looking*, Nova York, Pantheon, 1980, p. 26.

l “Apologia de Raimon Sebonde”.

m Cf. Plutarco, “Of Eating of Flesh”, in Regan e Singer, *Animal Rights*, p. 111.

n James Serpell, citando Walter Burkert, *Homo necans*, descreve o ritual do sacrifício animal no mundo antigo como “um elaborado exercício de transferência de culpa”. O animal entregue no templo era levado por vários meios a parecer consentir em sua morte, enquanto o sacerdote tomava as precauções para se eximir de qualquer culpa. “Em última análise, os deuses é que eram culpados, uma vez que eles é que exigiam o sacrifício.” Na Grécia, os pitagóricos e os órficos condenavam esses sacrifícios “precisamente porque os motivos carnívoros subjacentes eram óbvios demais”. *In the Company of Animals*, Oxford, Blackwell, 1986, pp. 167-8.

Palestra 4

A vida dos animais

Dois: Os poetas e os animais

Passava das onze. Sua mãe havia se retirado para dormir, ele e Norma estavam no andar de baixo, arrumando a bagunça das crianças. Depois, ele ainda tinha de preparar uma aula.

“Vai ao seminário dela amanhã?”, Norma pergunta.

“Tenho de ir.”

“O que vai ser?”

“‘Os poetas e os animais’. É esse o título. Promovido pelo departamento de inglês. Acho que não estão esperando muita gente porque vai ser numa sala de seminários.”

“Fico contente de ser sobre uma coisa que ela entende. A filosofia dela é bem difícil de agüentar.”

“Ah. Do que você está falando?”

“Por exemplo, o que ela falou sobre a razão humana. Ao que parece ela estava tentando argumentar sobre a natureza da compreensão racional. Dizer que o raciocínio é apenas uma consequência da estrutura da mente humana; que os animais têm seus próprios raciocínios, de acordo com a estrutura das suas mentes, a que não temos acesso porque não temos uma linguagem comum com eles.”

“Qual é o problema?”

“É ingênuo, John. É o tipo de relativismo fácil, raso, que serve para impressionar calouros. Respeito pela visão de mundo de todo mundo, a

visão de mundo da vaca, a visão de mundo do esquilo, e por aí vai. Isso acaba levando à completa paralisia intelectual. Você passa tanto tempo respeitando, que não sobra tempo para pensar.”

“Um esquilo não tem uma visão de mundo?”

“Tem, o esquilo tem uma visão de mundo, sim. A visão de mundo do esquilo compreende bolotas de carvalho, árvores, variações do tempo, gatos, cachorros, carros e esquilos do sexo oposto. Compreende um sistema de como esses fenômenos interagem e de como ele deve interagir com eles para sobreviver. E só. Nada mais. Isso é o mundo segundo um esquilo.”

“Temos certeza disso?”

“Temos certeza disso no sentido de que centenas de anos observando os esquilos não nos levaram a nenhuma outra conclusão. Se existe mais alguma coisa na mente de um esquilo, isso não aparece em seu comportamento observável. Em termos práticos, a mente do esquilo é um mecanismo muito simples.”

“Então Descartes tinha razão, os animais são apenas autômatos biológicos.”

“Em termos gerais, sim. *Grosso modo*, não dá para fazer distinção entre uma mente animal e uma máquina que simula a mente de um animal.”

“E os seres humanos são diferentes?”

“John, eu estou cansada, e você está sendo irritante. Os seres humanos inventam a matemática, constroem telescópios, fazem cálculos, constroem máquinas, apertam um botão e pum, a *Sojourner* aterrissa em Marte, exatamente como previsto. Por isso é que a racionalidade não é apenas um jogo, como diz sua mãe. A razão nos dá um conhecimento real do mundo real. Isso já foi testado, e funciona. Você é físico. Devia saber.”

“Eu concordo. Funciona. Mesmo assim, não é verdade que se olharmos de algum ponto de fora, a gente pensando e mandando sonda para Marte parece muito com um esquilo que pensa e de repente sai correndo para pegar uma noz? Será que não é isso que ela quer dizer?”

“Não existe esse ponto externo! Sei que parece antiquado, mas tenho de dizer. Não existe nenhum ponto externo à razão onde se possa ficar e fazer um sermão sobre a razão e julgar a razão.”

“A não ser a posição de alguém que tenha renunciado à razão.”

“Isso não passa de irracionalismo francês, o tipo de coisa que só quem nunca botou o pé num hospital psiquiátrico pode dizer, quem nunca viu como são as pessoas que *realmente* renunciaram à razão.”

“Exceto Deus.”

“Não se Deus for um Deus de razão. Um Deus de razão não se coloca fora da razão.”

“Estou surpreso, Norma. Você está falando como uma racionalista antiquada.”

“Você está me entendendo mal. Esse é o terreno que a sua mãe escolheu. São os termos dela. Estou apenas reagindo.”

“Quem era o convidado ausente?”

“Aquele lugar vazio na mesa? Era para Stern, o poeta.”

“Você acha que foi um protesto?”

“Tenho certeza de que foi. Ela devia ter pensado melhor antes de falar do Holocausto. Dava para sentir os pêlos se arrepiando na platéia.”

O lugar vazio era realmente um protesto. Quando ele sai para dar a sua aula matinal, encontra na caixa de correio uma carta endereçada à sua mãe. Entrega a ela quando vem buscá-la. Ela lê depressa, e com um suspiro passa para ele. “Quem é esse homem?”, pergunta.

“Abraham Stern. Um poeta. Muito respeitado, acho. Está aqui há um bom tempo. Tempo pra burro.”

Ele lê a nota de Stern, manuscrita.

Prezada senhora Costello,

Perdoe não ter comparecido ao jantar de ontem à noite. Li seus livros e sei que é uma pessoa séria, portanto acredito que devo levar a sério o que disse em sua palestra.

Parece-me que no centro de sua palestra estava a questão de partilhar o pão. Se nos recusamos a partilhar o pão com os carrascos de Auschwitz, podemos continuar partilhando o pão com os abatedores de animais?

A senhora se apropriou indevidamente da conhecida comparação entre os judeus assassinados na Europa e o gado abatido. Os judeus morreram como gado, portanto o gado morre como os judeus, diz a senhora. Trata-se de um jogo de palavras que não posso aceitar. A senhora se equivoca em relação à natureza da semelhança; diria até que se equivoca voluntariamente, a ponto de se tornar blasfema. O homem é feito à imagem de Deus, mas Deus não é semelhante ao homem. Se os judeus são tratados como gado, não se pode concluir que o gado é tratado como os judeus. Essa inversão insulta a memória dos mortos. Além disso, trata os horrores dos campos de forma rasa.

Perdoe a minha franqueza. A senhora disse que é velha demais para perder tempo com frivolidades. O mesmo vale para mim.

Atenciosamente,
Abraham Stern

Ele deixa sua mãe aos cuidados dos anfitriões do departamento de inglês e vai para uma reunião. A reunião se prolonga. Ele só consegue chegar à sala de seminário da ala Stubbs às duas e meia.

Ela está falando quando ele entra. Senta-se o mais silenciosamente possível, perto da porta.

“Nesse tipo de poesia,” ela está dizendo, “os animais representam qualidades humanas: o leão, a coragem, a coruja, a sabedoria, e assim por diante. Mesmo no poema de Rilke, a pantera está lá como substituto de alguma outra coisa. Dispersa-se em uma dança de energia em torno de um centro, uma imagem que vem da física, da física de partículas elementares. Rilke não vai além desse ponto — além da pantera como a encarnação vital de um tipo de força que é liberada em uma explosão atômica, mas

que aqui está contida, não tanto pelas barras da jaula, como por aquilo que as barras produzem na pantera: um andar em círculos concêntricos que deixa a vontade aturdida, narcotizada.”

A pantera de Rilke? Que pantera? A confusão dele deve ser visível: a garota sentada a seu lado enfia uma página xerocopiada debaixo de seu nariz. Três poemas: um de Rilke, chamado “A pantera”, dois de Ted Hughes, chamados “O jaguar” e “Um segundo olhar para o jaguar”. Ele não tem tempo de lê-los.

“Hughes escreve contra Rilke”, continua sua mãe. “Usa o mesmo cenário do zoológico, mas para variar é a multidão que fica hipnotizada, e entre as pessoas, o homem, o poeta, em transe, horrorizado e assombrado, seu poder de compreensão levado além do seu limite. A visão do jaguar, diferentemente da visão da pantera, não é desfocada. Ao contrário, seus olhos perfuram o escuro do espaço. A jaula não tem realidade para ele, ele está *em outra parte*. Está alhures porque sua consciência é mais cinética que abstrata: a força de seus músculos o leva a um espaço de natureza muito diferente da caixa tridimensional de Newton — um espaço circular que gira em torno de si mesmo.

“Assim — deixando de lado o aspecto ético de enjaular animais de grande porte —, Hughes tateia em busca de um tipo diferente de ser-no-mundo, que não é inteiramente estranho a nós, uma vez que a experiência diante da jaula parece pertencer a uma experiência de sonho, uma experiência ocorrida no inconsciente coletivo. Nesses poemas, conhecemos o jaguar não pela sua aparência, mas pela maneira como se move. O corpo é na medida em que se move, ou na medida em que as correntes de vida se movem dentro dele. O poema nos pede para nos imaginarmos nesse jeito de se mover, nos pede para habitar aquele corpo.

“Em Hughes não se trata, insisto, de habitar outra mente, mas de habitar outro corpo. Esse é o tipo de poesia que trago hoje para a atenção de vocês: uma poesia que não tenta achar uma idéia no animal, que não é

sobre o animal, mas sim, ao contrário, o registro de um compromisso com ele.

“O que há de especial em compromissos poéticos desse tipo é que, a despeito da intensidade com que aconteçam, seus objetos permanecem completamente indiferentes a ele. Sob esse aspecto, são diferentes de poemas de amor, onde a intenção é comover o objeto.

“Não que os animais não se importem com o que sentimos por eles. Mas quando desviamos para as palavras a corrente de sentimento que flui entre nós e o animal, nós a abstraímos para sempre do animal. Assim, o poema não é um presente para o seu objeto, como o poema de amor. Ele fica dentro de uma economia inteiramente humana, da qual o animal não participa. Isso responde à sua pergunta?”

Há mais alguém com a mão levantada: um jovem alto, de óculos. Ele diz que não conhece bem a poesia de Ted Hughes, mas que ficou sabendo que Hughes tem uma fazenda de carneiros em algum lugar da Inglaterra. Ou ele está criando carneiros como matéria de poesia (uma risada nervosa percorre a sala), ou é um fazendeiro de verdade, criando carneiros para o mercado. “Como isso se encaixa no que a senhora disse na conferência de ontem, uma vez que a senhora pareceu ser radicalmente contra a matança de animais pela carne?”

“Não conheço Ted Hughes”, respondeu a mãe dele, “de maneira que não posso dizer para você que tipo de fazendeiro ele é. Mas vou tentar responder à sua pergunta em outro nível.

“Não acredito que Hughes ache que a atenção que ele dedica aos animais seja única. Ao contrário, desconfio que ele acredita estar recuperando uma atenção que nossos ancestrais remotos possuíam e que nós perdemos (ele concebe essa perda mais em termos evolucionários do que históricos, mas isso é outra questão). Acho que ele acredita que olha os animais do jeito que os caçadores neolíticos olhavam.

“Isso coloca Hughes em uma linha de poetas que celebra o primitivo e repudia a tendência ocidental para o pensamento abstrato. A linha de

Blake e Lawrence, de Gary Snyder nos Estados Unidos, ou de Robinson Jeffers. Hemingway também, em sua fase de caçadas e touradas.

“A tourada, me parece, nos dá uma pista. Matar a fera sempre, dizem eles, mas transformar isso em uma competição, um ritual, e homenagear a força e a valentia de seu antagonista. Comê-lo também, depois de tê-lo vencido, para que a força e a coragem dele entrem em você. Olhá-lo nos olhos antes de matá-lo, e agradecer a ele depois. Cantar canções a respeito.

“Isso pode ser chamado de primitivismo. É uma atitude fácil de criticar, que se presta à caçada. É profundamente masculina, machista. Suas ramificações na política devem ser vistas com cautela. Mas depois de tudo dito e feito, em um nível ético resta disso alguma coisa atraente.

“Todavia é também pouco prático. Não se pode alimentar quatro bilhões de pessoas com a atividade dos toureiros ou dos caçadores de cervos armados com arco e flecha. Nós nos tornamos muito numerosos. Não há tempo para respeitar e honrar todos os animais de que precisamos para nos alimentar. Precisamos de indústrias da morte; precisamos de animais industriais. Chicago mostrou o rumo; foi nos matadouros de Chicago que os nazistas aprenderam como processar corpos.

“Mas vamos voltar a Hughes. O que você diz é que, apesar de seus foros de primitivista, Hughes é um açougueiro, e você se pergunta o que eu estou fazendo na companhia dele.

“Eu responderia que os escritores nos ensinam mais do que sabem. Ao encarnar o jaguar, Hughes nos mostra que nós também podemos encarnar em animais, pelo processo chamado de invenção poética, que mistura alento e sentido de uma forma que ninguém jamais explicou, nem explicará. Ele nos mostra como trazer à vida o corpo vivo dentro de nós mesmos. Quando lemos o poema do jaguar, quando depois o relembramos com tranqüilidade, por um breve instante nos transformamos no jaguar. Ele estremece dentro de nós, toma posse de nosso corpo, ele é nós.

“Até aqui, tudo bem. Não acho que Hughes fosse discordar do que eu disse até esse momento. O que ele professa é bem parecido com uma

mistura de xamanismo, possessão por espírito e psicologia arquetípica. Em outras palavras, uma experiência primitiva — estar face a face com um animal —, um poema primitivo, e uma teoria primitiva da poesia para justificar isso.

“É também o tipo de poesia com que caçadores e gente que chamo de gerentes ecológicos se sentem à vontade. Quando Hughes, o poeta, pára diante da jaula do jaguar, ele olha para um jaguar individual e é possuído por aquela vida individual de jaguar. Tem de ser assim. O jaguar em geral, a subespécie jaguar, a idéia do jaguar, não conseguirá comovê-lo porque ele não pode experimentar abstrações. Mesmo assim o poema que Hughes escreve é sobre o jaguar, sobre a jaguarice encarnada naquele jaguar. Assim como depois, quando escreve seus maravilhosos poemas sobre o salmão, trata-se de poemas sobre o salmão como ocupante transitório da vida de salmão, da biografia de salmão. Então, apesar de vívida e telúrica, na sua poesia resta algo de platônico.

“Na visão ecológica, o salmão, as algas fluviais e os insetos aquáticos interagem em uma grande dança complexa com a terra e o clima. O todo é maior que a soma de suas partes. Nessa dança, cada organismo tem um papel: são esses múltiplos papéis, mais que os seres particulares que os desempenham, que participam da dança. Quanto aos intérpretes reais, na medida em que são auto-renováveis, na medida em que continuam vindo, não precisamos prestar nenhuma atenção neles.

“Chamei isso de platônico e chamo de novo. Nosso olho está na criatura em si, mas nossa mente está no sistema de interações de que ela é a encarnação terrena, material.

“É uma terrível ironia. Uma filosofia ecológica que nos diz para viver lado a lado com outras criaturas se justifica apelando para uma idéia, a idéia de uma ordem superior a qualquer criatura viva. Uma idéia, afinal — e esse é o caráter esmagador dessa ironia — que nenhuma criatura é capaz de entender, a não ser o Homem. Toda criatura viva luta por sua vida própria, individual, e recusa, por meio da luta, render-se à idéia de que o

salmão ou o mosquito pertencem a uma ordem de importância inferior à idéia do salmão ou à idéia do mosquito. Mas quando vemos o salmão lutando por sua vida, dizemos que ele é simplesmente programado para lutar; dizemos, com Tomás de Aquino, que ele está trancado em uma escravidão natural; dizemos que não tem consciência de si.

“Os animais não acreditam na ecologia. Nem os etnobiólogos pretendem isso. Nem os etnobiólogos afirmam que a formiga sacrifica sua vida para perpetuar a espécie. O que eles dizem é sutilmente diferente: a formiga morre e a função de sua morte é a perpetuação da espécie. A vida da espécie é uma força que age através do indivíduo, mas que o indivíduo é incapaz de compreender. Nesse sentido, a idéia é inata, e a formiga é governada pela idéia, da mesma forma que um computador é governado por um programa.

“Nós, os gerentes da ecologia — desculpem se estou me deixando levar, me afastando muito da pergunta, mas já vou terminar —, nós gerentes entendemos a dança maior, portanto podemos decidir quantas trutas podem ser pescadas ou quantos jaguares podem ser enjaulados sem afetar a estabilidade da dança. O único organismo sobre o qual não pretendemos ter esse direito de vida e morte é o homem. Por quê? Porque o homem é diferente. O homem entende a dança de um jeito que os outros dançarinos não são capazes de entender. O Homem é um ser intelectual.”

Enquanto ela falava, ele tinha deixado a cabeça divagar. Ele já ouviu isso antes, esse antiecologismo dela. Poemas de jaguar, tudo bem, mas você nunca vai ver um bando de australianos parado em volta de um carneiro, ouvindo o seu balido sem graça, escrevendo poemas a respeito. Será que não é isso que é tão suspeito nesse negócio todo de direito dos animais: ter de se ater a gorilas pensativos, jaguares sexy e pandas abraçáveis porque os verdadeiros objetos de sua preocupação, galinhas e porcos, para não falar de ratos brancos ou camarões, não rendem notícias de jornal?

Elaine Marx, que fez a apresentação da palestra de ontem, faz uma pergunta. “Na sua palestra, a senhora disse que diversos critérios — Esta

criatura tem razão? Esta criatura tem discurso? — vêm sendo usados com má-fé para justificar distinções que não têm base real, entre o *Homo sapiens* e outros primatas, por exemplo, justificando assim a exploração.

“Porém o próprio fato de a senhora questionar esse raciocínio, expondo a sua falsidade, demonstra que a senhora tem alguma fé no poder da razão, da razão verdadeira em oposição à razão falsa.

“Posso tornar mais concreta a minha pergunta mencionando o caso de Lemuel Gulliver. Em *As viagens de Gulliver*, Swift traça um quadro de uma utopia da razão — a terra dos chamados Houyhnhnms — que se revela um local onde não há lugar para Gulliver, que é o máximo a que Swift chega de representação de nós, seus leitores. Mas quem de nós gostaria de viver na terra dos Houyhnhnms, com seu vegetarianismo racional, seu governo racional e sua visão racional do amor, do casamento e da morte? Será que até mesmo um cavalo gostaria de viver em uma sociedade assim perfeitamente regulada e totalitária? Voltando a nós, o que é que se sabe acerca de sociedades totalmente reguladas? Não é fato que elas ou entram em colapso, ou se transformam em regimes militaristas?

“Especificamente, a minha pergunta é a seguinte: será que a senhora não está esperando muito da humanidade quando nos pede para viver sem a exploração de outras espécies, sem crueldade? Não seria mais humano aceitar nossa própria humanidade, mesmo que isso signifique abraçar o Yahoo carnívoro que existe dentro de nós, do que terminar como Gulliver, sonhando com um estado que não pode nunca conquistar, e por uma boa razão: porque não está em sua natureza, que é a natureza humana?”

“Pergunta interessante”, responde sua mãe. “Considero Swift um escritor muito intrigante. Seu *A Modest Proposal*, por exemplo. Sempre que há um consenso absoluto sobre a maneira de ler um livro, eu fico desconfiada. Em relação a *A Modest Proposal*, o consenso é que Swift não está querendo dizer o que diz, ou parece dizer. Ele diz, ou parece dizer, que as famílias irlandesas podiam ganhar a vida criando bebês para a mesa de seus senhores ingleses. Mas ele não pode estar querendo dizer isso,

pensamos nós, porque todos sabemos que é atroz matar e comer bebês humanos. No entanto, pensando bem, os ingleses, em certo sentido, já estão matando bebês humanos, deixando-os morrer de fome. Portanto, pensando bem, os ingleses já são atroz.

“Essa é, mais ou menos, a leitura ortodoxa. Mas qual a razão, pergunto a mim mesma, da veemência com que é enfiada garganta abaixo de jovens leitores? É assim que vocês devem ler Swift, dizem seus professores, assim e de nenhum outro jeito. Se é atroz matar e comer bebês humanos, por que não é atroz matar e comer leitões? A se considerar Swift mais um adepto do humor negro do que um panfletário vulgar, é preciso examinar as premissas que tornam sua fábula tão fácil de digerir.

“Vamos voltar a *As viagens de Gulliver*.

“De um lado, você tem os Yahoos, associados à carne crua, a cheiro de excremento e àquilo que costumávamos chamar de bestialidade. Do outro, tem os Houyhnhnms, associados à grama, aos cheiros suaves e ao ordenamento racional das paixões. Entre os dois você tem Gulliver, que quer ser um Houyhnhnm, mas que secretamente sabe ser um Yahoo. Tudo isso é perfeitamente claro. Em relação a *A Modest Proposal*, a pergunta é: como podemos entender aquilo?

“Uma observação. Os cavalos expulsam Gulliver. Seu motivo declarado é que ele não atinge o padrão de racionalidade. O verdadeiro motivo é que ele não tem a aparência de um cavalo, mas sim de outra coisa: na verdade, de um Yahoo bem-vestido. Ou seja: o modelo de razão que foi aplicado por bípedes carnívoros para justificar uma posição especial para eles mesmos pode igualmente ser aplicado por quadrúpedes herbívoros.

“O modelo de razão. Parece-me que *As viagens de Gulliver* opera dentro da divisão tripartida aristotélica de deuses, animais e homens. Enquanto se tentar encaixar os três atores em apenas duas categorias — quem são os animais, quem são os homens? —, não será possível entender o sentido da fábula. Nem para os Houyhnhnms. Os Houyhnhnms são uma espécie de deuses, frios, apolíneos. O teste que aplicam a Gulliver é assim: ele é um

deus ou um animal? Eles acham que é um teste adequado. Nós, por instinto, não estamos tão convencidos disso.

“O que sempre me intrigou em *As viagens de Gulliver* — e esta é a perspectiva que se pode esperar da nativa de uma ex-colônia — é que Gulliver sempre viaja sozinho. Gulliver sai em viagens de exploração por terras desconhecidas, mas nunca chega à praia com um grupo armado, *como era na realidade*, e o livro de Swift nada diz sobre o que normalmente aconteceria depois das tentativas pioneiras de Gulliver: expedições para dar continuidade à exploração, expedições para colonizar Lilliput ou a ilha dos Houyhnhnms.

“Eu pergunto o seguinte: o que aconteceria se Gulliver desembarcasse com uma expedição armada, atirasse em alguns Yahoos quando eles se tornassem ameaçadores, e depois matasse e comesse um cavalo para matar a fome? Que efeito isso teria sobre a fábula de Swift, que é um pouco organizada demais, um pouco descarnada demais, um pouco a-histórica demais? Seria certamente um rude choque para os Houyhnhnms, ao deixar claro que existe uma terceira categoria além de deuses e animais, ou seja, o homem, e que seu ex-cliente Gulliver é um deles; e mais, que se os cavalos significam a razão, os homens significam a força física.

“A propósito, tomar uma ilha e matar seus habitantes foi o que Ulisses e seus homens fizeram em Trinácia, a ilha consagrada a Apolo, ato pelo qual foram impietosamente castigados pelo deus. E essa história, por sua vez, parece evocar camadas mais antigas de crença, remetendo a um tempo em que bois eram deuses e matar e comer um deus podia atrair maldição para o sujeito.

“Então — desculpem a confusão de minha resposta — não, nós não somos cavalos, nós não temos sua beleza clara, racional, pura; ao contrário, somos primatas subeqüinos, também conhecidos como homens. Você diz que não há nada a fazer senão assumir esse status, essa natureza. Muito bem, façamos isso. Mas vamos também levar a fábula de Swift até os seus limites e admitir que, na história, assumir o status de homem implicou

matança e escravidão de uma raça divina ou de seres divinamente criados, atraindo assim uma maldição sobre nós.”

São três e quinze, faltam duas horas para o último compromisso de sua mãe. Ele caminha com ela até seu escritório, ao longo de uma alameda de árvores que deixam cair suas últimas folhas de outono.

“Você acredita mesmo, mãe, que aulas de poesia podem fechar matadouros?”

“Não.”

“Então para que fazer isso? Você disse que está cansada de discursos inteligentes sobre os animais, que provam com silogismos que eles têm ou não têm alma. Mas será que a poesia não é só um outro tipo de discurso inteligente: admirar em versos os músculos dos grandes gatos? O que você disse sobre o discurso não é que ele não muda nada? Me parece que o nível de comportamento que você quer mudar é básico demais, fundamental demais para ser modificado pelo discurso. A atitude carnívora expressa algo realmente profundo sobre os seres humanos, do mesmo jeito que sobre os jaguares. Você não ia obrigar um jaguar a uma dieta de soja em grão.”

“Porque ele morreria. Seres humanos não morrem com um regime vegetariano.”

“Não, não morrem. Mas não *querem* um regime vegetariano. Eles gostam de comer carne. Existe nisso uma satisfação atávica. Essa é a verdade brutal. Como é também uma verdade brutal que, em certo sentido, os animais merecem o que recebem. Por que perder seu tempo tentando ajudá-los se eles não se ajudam? Deixe que eles cozinhem no próprio caldo. Se me perguntarem qual a atitude geral em relação aos animais que comemos, eu diria: desprezo. Nós tratamos mal os animais porque sentimos desprezo por eles; e sentimos desprezo porque eles não reagem.”

“Eu não discordo”, diz sua mãe. “As pessoas reclamam que tratamos os animais como objetos, mas na verdade tratamos os animais como prisioneiros de guerra. Você sabia que quando foram abertos os primeiros

zoológicos, os tratadores tinham de proteger os animais dos ataques dos espectadores? Os espectadores sentiam que os animais estavam ali para serem insultados e humilhados, como prisioneiros em uma marcha triunfal. Já promovemos uma guerra contra os animais, que chamamos de caça, embora, na verdade, guerra e caça sejam a mesma coisa (Aristóteles percebeu isso claramente).^a Essa guerra foi travada ao longo de milhões de anos. Só a vencemos definitivamente faz algumas centenas de anos, quando inventamos as armas de fogo. Só quando a vitória foi absoluta é que pudemos nos permitir cultivar a compaixão. Mas a nossa compaixão é muito rarefeita. Por baixo dela existe uma atitude mais primitiva. O prisioneiro de guerra não pertence à nossa tribo. Podemos fazer o que quisermos com ele. Podemos sacrificá-lo aos nossos deuses. Podemos cortar seu pescoço, arrancar seu coração, atirá-lo ao fogo. Não existe lei quando se fala de prisioneiros de guerra.”

“E é disso que você quer curar a humanidade?”

“John, eu não sei o que quero fazer. Eu só não quero ficar sentada, calada.”

“Muito bem. Mas em geral não se matam prisioneiros de guerra. Eles são feitos escravos.”

“Bom, e é isso que são os nossos rebanhos: populações escravas. O trabalho deles é se reproduzir para nós. Até o sexo deles se transforma em uma forma de trabalho. Não são nem mais odiados por nós porque nem são dignos do nosso ódio. Nós os vemos, como você diz, com desprezo.

“Mas ainda existem animais que odiamos. Os ratos, por exemplo. Os ratos não se renderam. Eles reagem. Eles se organizam em unidades subterrâneas em nossos esgotos. Não estão vencendo, mas também não estão perdendo. Isso sem falar dos insetos e dos micróbios. Eles ainda podem nos vencer. Certamente vão sobreviver a nós.”

A sessão final da visita de sua mãe deve assumir a forma de um debate. Seu oponente será o homem loiro e alto do jantar da noite anterior,

Thomas O’Hearne, professor de filosofia em Appleton.

Foi combinado que O’Hearne terá três oportunidades de apresentar suas teses, e sua mãe, três oportunidades de réplica. Como O’Hearne fez a gentileza de mandar um resumo prévio, ela sabe, em linhas gerais, o que ele vai dizer.

“Minha primeira ressalva ao movimento pelos direitos dos animais”, começa O’Hearne, “é que, ao deixar de reconhecer a sua natureza histórica, ele corre o risco de se transformar, como o movimento pelos direitos humanos, em mais uma cruzada ocidental contra as práticas do resto do mundo, reclamando universalidade para o que é apenas o seu próprio padrão.” Ele continua traçando um breve perfil da ascensão das sociedades protetoras dos animais na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos no século XIX.

“Quando se trata de direitos humanos”, continua, “outras culturas e outras tradições religiosas respondem muito adequadamente que têm suas próprias normas e não vêem razão por que devam adotar as regras do Ocidente. Dizem também que têm suas próprias normas para o tratamento dos animais e que não vêem razão para adotar as nossas, principalmente sendo as nossas de tão recente invenção.

“Na apresentação de ontem, nossa palestrante foi muito dura com Descartes. Mas Descartes não inventou a idéia de que os animais pertencem a uma ordem diferente da humanidade: ele simplesmente formalizou isso de um jeito novo. A idéia de que temos para com os próprios animais a obrigação de tratá-los com compaixão — em oposição à obrigação para conosco mesmos de fazê-lo — é muito recente, muito ocidental, e, eu diria, muito anglo-saxã. Enquanto insistirmos em que temos acesso a um universo ético para o qual outras tradições se mostram cegas, e tentarmos impor esse universo a elas por meio de propaganda ou mesmo de pressão econômica, vamos encontrar resistência, e essa resistência será justificada.”

É a vez de sua mãe.

“As objeções que o senhor levanta são consistentes, professor O’Hearne, e não estou certa de poder lhes dar uma resposta igualmente substancial. O senhor está certo, claro, sobre a história. A generosidade para com os animais só muito recentemente se tornou uma norma social, nos últimos cento e cinquenta ou duzentos anos, e só em uma parte do mundo. O senhor está certo também ao ligar essa história à história dos direitos humanos, uma vez que a preocupação com os animais é, historicamente, uma subdivisão do campo mais amplo das preocupações humanitárias, como o destino dos escravos e das crianças, entre outros.^b

“Porém, a generosidade para com os animais — e uso aqui a palavra *generosidade* em seu sentido lato, na acepção de que todos pertencemos a um mesmo gênero e partilhamos uma mesma natureza — é mais difundida do que o senhor afirma. Os animais de estimação, por exemplo, não são de modo algum uma moda ocidental: os primeiros viajantes à América do Sul encontraram assentamentos onde seres humanos e animais viviam amontoados. E evidentemente as crianças em todo o mundo se relacionam muito naturalmente com os animais. Elas não vêem linha divisória. Isso é uma coisa que elas têm de aprender, assim como têm de aprender que não há mal em matá-los e comê-los.

“Voltando a Descartes, eu gostaria de dizer apenas que a descontinuidade que ele via entre animais e seres humanos era resultado de informações incompletas. No tempo de Descartes a ciência não tinha nenhum conhecimento dos grandes macacos, nem dos mamíferos marinhos superiores, possuindo portanto poucas razões para questionar a afirmação de que os animais não pensam. E é claro que não tinha acesso ao registro fóssil que revelaria um *continuum* graduado que vai das criaturas antropóides até os primatas superiores e o *Homo sapiens* — antropóides, diga-se de passagem, que foram exterminados pelo homem no curso de sua ascensão ao poder.^c

“Embora aceitando sua objeção principal em relação à arrogância cultural do Ocidente, defendo a idéia de que seria conveniente que aqueles

que desempenharam um papel de primeiro plano na industrialização da vida dos animais e na comercialização de sua carne como alimento deveriam estar entre os primeiros a tentar compensar isso.”

O’Hearne apresentou sua segunda tese. “Em minhas leituras da literatura científica”, diz ele, “todas as tentativas de provar que os animais são capazes de pensamento estratégico, possuem conceitos gerais, ou se comunicam simbolicamente, mostraram resultados muito limitados. A melhor performance que os macacos superiores são capazes de apresentar não consegue ir além dos resultados de um humano com fala comprometida e severo retardo mental. Se é assim, os animais, mesmo os animais superiores, não seriam mais adequadamente considerados se o fossem como pertencendo a uma categoria legal e ética inteiramente diversa, em vez de colocados nessa deprimente subcategoria humana? Não haverá certa sabedoria na posição tradicional de que os animais não podem gozar de direitos legais porque não são pessoas, nem pessoas em potencial como os fetos? Ao elaborar critérios para estabelecer como comportar-se em relação aos animais, não faria mais sentido que essas regras se aplicassem a nós e ao modo como os tratamos, como no presente, em vez de serem elaboradas tomando-se por base direitos que os animais não pleiteiam nem defendem nem podem compreender?”^d

A vez de sua mãe. “Para responder adequadamente, professor O’Hearne, eu precisaria de mais tempo do que tenho, uma vez que gostaria primeiro de considerar na sua amplitude esse tema dos direitos e de como chegamos a possuí-los. Então permita que eu faça apenas uma observação: o programa de experimentação científica que o leva a concluir que os animais são imbecis é profundamente antropocêntrico. É um programa que valoriza a capacidade de encontrar a saída em um labirinto estéril, ignorando o fato de que, se o pesquisador que desenhou o labirinto fosse lançado de pára-quadras nas selvas de Bornéu, ele ou ela morreria de fome em uma semana. Na verdade, eu iria além. Se dissessem — a mim, como ser humano — que os padrões usados hoje para avaliar animais nesses

experimentos são padrões humanos, eu me sentiria insultada. Os experimentos em si é que são imbecis. Os behavioristas que os inventam afirmam que só chegamos ao entendimento por meio de um processo de criação de modelos abstratos, testando em seguida esses modelos contra a realidade. Que bobagem. Nós chegamos ao entendimento imergindo a nós mesmos e à nossa inteligência na complexidade. Existe algo de auto-imbecilizante na maneira como o behaviorismo científico se intimida diante da complexidade da vida.^e

“Quanto aos animais serem bobos e burros demais para falar por si mesmos, pensem na seguinte seqüência de eventos. Quando Albert Camus era menino na Argélia, sua avó lhe pediu para trazer uma galinha do galinheiro no quintal. Ele obedeceu e depois ficou olhando enquanto ela cortava o pescoço do bicho com uma faca de cozinha, colhendo o sangue numa tigela para não sujar o chão.

“O grito de morte da galinha ficou gravado com tamanha força na memória do menino que em 1958 ele escreveu um apaixonado ataque ao uso da guilhotina. Pelo menos em parte, o resultado dessa polêmica foi a abolição da pena capital na França. Quem pode afirmar, portanto, que a galinha não falou?”^f

O’Hearne. “Faço a seguinte declaração com a devida cautela, consciente das associações históricas que pode despertar. Não acredito que a vida seja tão importante para os animais como é para nós. Sem dúvida existe nos animais uma luta instintiva contra a morte, igual à nossa. Mas eles não *entendem* a morte como a entendemos, ou melhor, como não conseguimos entendê-la. Na mente humana, ocorre um colapso da imaginação diante da morte, e esse colapso da imaginação — vividamente evocado na palestra de ontem — constitui a base de nosso medo da morte. Esse medo não existe, nem pode existir em animais, uma vez que o esforço para entender a extinção, e a incapacidade disso, a incapacidade de imaginá-la, simplesmente não ocorreu.

“Por essa razão, quero sugerir que, para um animal, morrer é só uma coisa que acontece, uma coisa contra a qual pode haver uma revolta do organismo, mas não uma revolta da alma. E quanto mais baixo descemos na escala evolutiva, tanto mais verdadeira é essa afirmação. Para um inseto, a morte é o rompimento de sistemas que mantêm o organismo funcionando, e nada mais.

“Para os animais, a morte segue-se à vida. Somente entre certos seres humanos muito imaginativos se encontra um horror de morrer tão agudo que eles projetam esse horror em outros seres, inclusive nos animais. Os animais vivem, e morrem: isso é tudo. Por isso constitui um grave erro igualar um açougueiro que abate uma galinha a um carrasco que mata um ser humano. Esses acontecimentos não são comparáveis. Não são da mesma escala, não estão na mesma escala.

“Permanece a questão da crueldade. É lícito matar animais, eu diria, porque suas vidas não são tão importantes para eles como nossas vidas são para nós; a maneira antiquada de dizer isso é que os animais não têm almas imortais. A crueldade gratuita, por outro lado, eu consideraria ilícita. Portanto, é bastante adequado que nos movimentemos em prol de tratamento humanitário para os animais, mesmo e particularmente nos matadouros. Há muito tempo esse é o objetivo das organizações protetoras dos animais, e eu as cumprimento por isso.

“Minha última consideração diz respeito à natureza perturbadoramente abstrata do interesse pelos animais no interior do movimento pelos direitos dos animais. Quero me desculpar antecipadamente com nossa palestrante pela aparente aspereza do que vou dizer, mas acho que devo dizê-lo.

“Das muitas variedades de amantes dos animais que vejo à minha volta, vamos distinguir duas. De um lado, os caçadores, pessoas que valorizam os animais em um nível muito elementar, irrefletido; que passam horas observando-os e rastreando-os; e que, depois de matá-los, encontram prazer em desfrutar-lhes a carne. Do outro lado, as pessoas que têm pouco contato com os animais, ou pelo menos com aquelas espécies que se

preocupam em proteger, como aves e gado, e querem que todos os animais levem — em um vácuo econômico — uma vida utópica em que todo mundo é miraculosamente alimentado mas ninguém é predador de ninguém.

“Eu me pergunto: das duas, qual gosta mais dos animais?”

“E é exatamente por ser tão abstrato o empenho em favor dos direitos dos animais, incluído o direito à vida, que o considero pouco convincente e, em última análise, inútil. Seus defensores falam muito de nossa comunhão com os animais, mas como é que eles vivem de fato essa comunhão? Tomás de Aquino afirma que a amizade entre seres humanos e animais é impossível, e eu tendo a concordar com ele.⁸ Não dá para ser amigo nem de um marciano nem de um morcego, pela simples razão de termos muito pouco em comum com eles. Podemos, sem dúvida, *desejar* que haja uma comunhão com os animais, mas isso não é mesma coisa que viver em comunhão com eles. Isso é apenas nostalgia pela idade do ouro.”

Sua mãe mais uma vez, a última vez.

“Quem diz que a vida importa menos para os animais do que para nós nunca segurou nas mãos um animal que luta pela vida. O ser inteiro do animal se lança nessa luta, sem nenhuma reserva. Quando o senhor diz que falta a essa luta uma dimensão de horror intelectual ou imaginativo, eu concordo. Não faz parte do modo de ser do animal experimentar horrores intelectuais: todo o seu ser está na carne viva.

“Se não o convenci foi porque faltaram às minhas palavras, nesta ocasião, o poder de despertar no senhor a inteireza, a natureza não abstrata e não intelectual do ser animal. É por isso que o incito a ler os poetas que devolvem à linguagem o ser vivo, palpitante; e se os poetas não o comovem, sugiro que caminhe lado a lado com o animal que está sendo empurrado pela rampa na direção do seu carrasco.

“O senhor diz que a morte não importa para um animal porque o animal não entende a morte. Isso me lembra um dos filósofos acadêmicos que li para preparar minha palestra de ontem. Foi uma experiência

deprimente. Despertou em mim uma reação bastante swiftiana. Se isso é o melhor que a filosofia humana pode oferecer, eu disse a mim mesma, eu preferia ir viver entre cavalos.

“É possível, rigorosamente falando, perguntava o filósofo, dizer que o bezerro sente falta da mãe? Será que o bezerro pode se dar conta do significado da relação com a mãe, do significado da ausência materna? Enfim, será que o bezerro sabe o suficiente sobre carência para saber que a sensação que experimenta é a de carência?”^h

“Um bezerro que não domina os conceitos de presença e ausência, do eu e do outro — assim prossegue na sua argumentação —, não se pode dizer, rigorosamente falando, que sinta falta de nada. Rigorosamente falando, para sentir falta de alguma coisa seria preciso primeiro frequentar um curso de filosofia. Que tipo de filosofia é essa? Joguem isso fora, eu digo. Que falta fazem suas distinções insignificantes?”

“Para mim, um filósofo que diz que a distinção entre humanos e não-humanos depende de você ter a pele branca ou preta, e um filósofo que diz que a distinção entre humanos e não-humanos depende de você saber ou não a diferença entre sujeito e predicado, são muito semelhantes entre si.

“Em geral sou cautelosa quando se trata de excluir alguém. Eu soube de um importante filósofo que simplesmente afirma não estar preparado para filosofar sobre animais com gente que come carne. Não sei se chegaria a esse ponto — francamente não tenho essa coragem —, mas devo confessar que não faria a menor questão de conhecer o cavalheiro cujo livro venho citando. Especificamente, não faria nenhuma questão de me sentar à mesa com ele.

“Mas estaria disposta a discutir idéias com ele? Isto é o que interessa, na realidade. A discussão só é possível quando existe um terreno comum. Quando dois oponentes estão em disputa, dizemos: ‘eles que raciocinem juntos, e raciocinando esclareçam suas diferenças, para se aproximarem. Pode parecer que não têm nada em comum, mas pelo menos têm a razão em comum’.

“Nesta ocasião, porém, não tenho certeza de poder dizer que tenho a razão em comum com meu oponente. Não se a razão constitui a base de toda a tradição filosófica a que ele pertence, que vem desde Descartes e, além de Descartes, desde Aquino, e Agostinho, e os estóicos e Aristóteles. Se a única coisa que tenho em comum com ele é a razão, e se a razão é o que me distingue do bezerro, então eu agradeço, mas muito obrigada, prefiro conversar com outra pessoa.”

E é no rescaldo desta última nota, num clima de acrimônia, hostilidade e amargura que o reitor Arendt tem de fazer o encerramento da reunião. Ele, John Bernard, tem certeza de que não era isso que Arendt e seu conselho desejavam. Bem deviam tê-lo consultado antes de convidar sua mãe. Ele podia ter contado como era.

Passa da meia-noite, ele e Norma estão na cama, ele está exausto, vai ter de levantar às seis para levar a mãe ao aeroporto. Mas Norma está furiosa e não desiste. “Não passa de modismo alimentar, e modismo alimentar é sempre um exercício de poder. Não tenho nenhuma paciência quando ela chega aqui e começa a tentar ganhar as pessoas, principalmente as crianças, para que mudem os hábitos alimentares. E agora essas palestras públicas absurdas! Está tentando exercer o seu poder inibidor sobre toda a comunidade!”

Ele quer dormir, mas não pode simplesmente trair a mãe. “Ela é inteiramente sincera”, murmura.

“Não tem nada a ver com sinceridade. Ela não tem nenhuma autocrítica. É porque tem tão pouca autocrítica sobre as próprias motivações que ela parece sincera. Loucos são sinceros.”

Com um suspiro, ele entra na briga. “Não vejo nenhuma diferença”, diz ele, “entre a repugnância que ela tem de comer carne e a minha repugnância em comer escargots e gafanhotos. Não tenho nenhuma autocrítica sobre os meus motivos para isso e não dou a mínima. Simplesmente acho nojento.”

Norma bufa. “Você não faz palestras públicas provocando discussões pseudofilosóficas só porque não come escargots. Você não tenta transformar uma mania pessoal em um tabu público.”

“Talvez. Mas por que não considerar minha mãe como uma pregadora, uma reformadora social, em vez de uma excêntrica que tenta impor suas preferências aos outros?”

“Você pode considerar sua mãe como pregadora, se quiser. Mas olhe os outros pregadores todos e seus planos malucos para dividir a humanidade em eleitos e condenados. É no meio de gente assim que você quer ver sua mãe? Elizabeth Costello e sua Segunda Arca, com seus cães, gatos e lobos, nenhum dos quais, evidentemente, jamais cometeu o pecado de comer carne, para não falar do vírus da malária, do vírus da raiva, e do HIV que ela vai querer salvar, para repovoar o Admirável Mundo Novo.”

“Norma, você está furiosa.”

“Não estou furiosa. Eu teria mais respeito por ela se não tentasse me desmoralizar pelas costas contando para as crianças histórias sobre o coitadinho do bezerrinho e as maldades que os homens fazem com eles. Estou cansada de ver as crianças remexendo a comida e perguntando: “Mamãe, isto aqui é carne de vaca?”, quando é frango ou atum. Não passa de um jogo de poder. Franz Kafka, o grande herói dela, fazia o mesmo jogo com a família dele. Não comia isto, não comia aquilo, preferia morrer de fome, dizia. Todo mundo ficava culpado de comer na frente dele, e ele podia se sentir virtuoso. É um jogo doente, e não vou admitir que meus filhos façam esse jogo comigo.”ⁱ

“Mais algumas horas e ela vai embora, aí podemos voltar à normalidade.”

“Ótimo. Despeça-se dela por mim. Eu não vou levantar cedo.”

Sete horas, o sol acabando de se levantar, e ele e a mãe estão a caminho do aeroporto.

“Desculpe pela Norma”, ele diz. “Está sofrendo muita pressão. Acho que não está em condições de demonstrar solidariedade pela sua causa. Talvez eu possa dizer a mesma coisa de mim. Foi uma visita tão curta, eu nem tive tempo de entender direito por que você abraçou com tanta intensidade essa causa dos animais.”

Ela olha os limpadores de pára-brisa girando de um lado para outro. “Eu não contei mesmo nada a você”, diz ela, “ou não ousei contar. Quando penso nas palavras, elas parecem tão atrozes que seria melhor dizê-las apenas para o travesseiro ou para um buraco no chão, como fazia o rei Midas.”

“Não estou entendendo. O que você não pode contar?”

“Que não sei mais onde estou. Aparentemente, eu me movo perfeitamente bem no meio das pessoas, tenho relações perfeitamente normais com elas. É possível, me pergunto, que todas estejam participando de um crime de proporções inimagináveis? Estou fantasiando isso tudo? Devo estar louca! No entanto, todo dia vejo provas disso. As próprias pessoas, de quem desconfio, produzem provas, exibem as provas para mim, me oferecem. Cadáveres. Fragmentos de corpos que compraram com dinheiro.

“É como se eu fosse visitar amigos, fizesse algum comentário gentil sobre um abajur da sala e eles respondessem: ‘Bonito, não é? Feito de pele judaico-polonesa, é o que há de melhor, pele de jovens virgens judaico-polonesas’. E aí eu vou ao banheiro e a embalagem do sabonete diz assim: ‘Treblinka — 100% estearato humano’. Será que estou sonhando, pergunto a mim mesma? Que casa é esta?”

“E não estou sonhando, não. Olho nos seus olhos, nos olhos de Norma, das crianças, e só vejo generosidade, bondade humana. Calma, digo para mim mesma, você está fazendo tempestade em copo de água. Assim é a vida. Todo mundo se acostuma com isso, por que você não? *Por que você não?*”

Ela volta para ele um rosto molhado de lágrimas. O que ela está querendo?, ele pensa. Que eu responda a pergunta por ela?

Ainda não estão na via expressa. Ele estaciona o carro, desliga o motor, abraça a mãe. Aspira o aroma de creme de beleza, de pele envelhecida. “Pronto, pronto”, sussurra no ouvido dela. “Calma, calma, já está quase no fim.”

a Aristóteles: “A arte da guerra é uma arte natural de aquisição, pois a arte da aquisição inclui a caça, uma arte que devemos praticar contra os animais selvagens e contra os homens que, embora determinados pela natureza a serem governados, não se submetem, assim a guerra desse tipo é naturalmente justa”. *Política* 1.8, in Regan e Singer, *Animal Rights*, p. 110.

b Veja James Turner, *Reckoning with the Beast*, Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1980, cap. 1.

c Veja Mary Midgley, “Persons and Non-Persons”, in *In Defense of Animals*, ed. Peter Singer, Oxford, Blackwell, 1985, p. 59; Rosemary Rodd, *Biology, Ethics and Animals*, Oxford, Clarendon Press, 1990, p. 37.

d Cf. Bernard Williams: “Antes de chegar à questão de como devem ser tratados os animais, há um aspecto fundamental a se considerar, ou seja, de que a única questão que se pode colocar é: como eles devem ser tratados. A escolha só pode ser entre duas possibilidades: se os animais se beneficiam com nossas práticas ou são prejudicados por elas”. Citado in Michael P. T. Leahy, *Against Liberation*, Londres e Nova York: Routledge, 1991, p. 208.

e Para uma crítica do behaviorismo no contexto político de seu tempo, veja Bernard E. Rollin, *The Unheeded Cry*, Oxford, Oxford University Press, 1990, pp. 100-30. Sobre o tabu behaviorista acerca da consideração dos estados mentais subjetivos dos animais, veja Donal R. Griffin, *Animal Minds*, Chicago, University of Chicago Press, 1992, pp. 6-7. Griffin afirma que o tabu é também “um sério impedimento para a investigação científica”, mas sugere que na prática os investigadores não o respeitem (pp. 6, 120).

f Albert Camus, *The First Man*, trad. de David Hapgood, Londres, Hamish Hamilton, 1995, pp. 181-3; “Réflexions sur la guillotine”, in *Essais*, ed. R. Quilliot e L. Faucon, Paris, Gallimard, 1965, pp. 1019-64.

g *Summa*, 2.65.3, citado em Regan e Singer, *Animal Rights*, p. 120.

h Leahy, *Against Liberation*, p. 218. Em algum ponto, Leahy argumenta contra a proibição do abate de animais porque (a) poderia provocar desemprego entre os trabalhadores de matadouros, (b) implicaria uma incômoda mudança em nosso regime alimentar, e (c) o campo ficaria menos bonito sem os costumeiros rebanhos e manadas engordando enquanto esperam a morte (p. 214).

i “[Kafka] exigia uma dieta de hábitos alimentares excêntricos em desacordo com os hábitos de mesa ‘normais’ de sua família... A forma de anorexia de Kafka — não para perder peso, mas para usar a comida ritualisticamente como um modo de afirmação superior — era um jeito de estabelecer contato entre ele e sua família, e ao mesmo tempo insistir em sua singularidade, sua superioridade, seu sentido de rejeição.” Karl, *Franz Kafka*, p. 188.

Palestra 5

As humanidades na África

I

Ela não vê a irmã há doze anos, desde o enterro da mãe naquele dia chuvoso em Melbourne. Aquela irmã, que para ela continua sendo Blanche, mas cujo nome público é Irmã Bridget há tanto tempo que ela agora deve pensar em si mesma como uma Bridget, mudou-se para a África — ao que tudo indica para sempre — cumprindo uma vocação. Formada em classicismo, reformada como missionária médica, foi subindo até administradora de um hospital nada pequeno na zona rural da Zululândia. Desde que a aids começou a assolar a região, ela concentra cada vez mais as energias do Hospital da Abençoada Maria na Colina, em Marianhill, na situação das crianças nascidas infectadas. Dois anos atrás, Blanche escreveu um livro, *Viver de esperança*, sobre o trabalho em Marianhill. Inesperadamente o livro pegou. Ela fez um giro de palestras pelo Canadá e pelos Estados Unidos, divulgando o trabalho da Ordem, levantando dinheiro; apareceu na *Newsweek*. Portanto, depois de desistir da carreira acadêmica em prol de uma vida de trabalho obscuro, Blanche de repente ficou famosa, famosa o suficiente, agora, para ter um título honorário conferido por uma universidade de seu país de adoção.

É para esse título, para a cerimônia de sua concessão, que ela, Elizabeth, irmã mais nova de Blanche, veio a uma terra que não conhece e que nunca quis conhecer especialmente, a esta feia cidade (o avião chegou

horas antes, ela viu abaixo dela a extensão de quilômetros de terra esburacada, a estéril vastidão coberta com o entulho das minas). Aqui está ela, e cansada até os ossos. Horas de sua vida perdidas na passagem sobre o Oceano Índico; inútil pensar que vai recuperá-las. Devia tirar uma soneca, recobrar-se, recuperar o bom humor antes de encontrar Blanche; mas está inquieta demais, desorientada demais e — sente vagamente — indisposta demais. Será que pegou alguma coisa no avião? Cair doente entre estranhos: que horror! Ela reza para estar errada.

Instalaram as duas no mesmo hotel, a Irmã Bridget Costello e a sra. Elizabeth Costello. Quando tudo foi organizado, perguntaram a elas se preferiam quartos separados ou uma suíte conjunta. Quartos separados, disse ela: e adivinhou que Blanche diria a mesma coisa. Ela e Blanche nunca foram verdadeiramente próximas; não tem nenhuma vontade, agora que passaram do estágio de mulheres de meia-idade para mulheres francamente velhas, de ter de escutar Blanche rezando antes de dormir ou descobrir que tipo de camisola preferem as Irmãs da Ordem Mariana.

Desfaz a mala, investiga o quarto, liga a televisão, desliga de novo. De um jeito ou de outro, no meio de tudo isso, adormece, deitada de costas, de sapatos e tudo. O telefone a desperta. Às cegas, pega o fone. *Onde estou?*, pensa. *Quem sou eu?* “Elizabeth?”, diz uma voz. “É você?”

As duas se encontram no saguão do hotel. Pensou que pudesse ter havido um relaxamento no hábito usado pela irmandade. Mas, se houve, passou longe de Blanche. Ela usa a touca, a blusa branca simples, a saia cinzenta até o meio da canela, os sapatos pretos sólidos que eram o padrão décadas antes. Seu rosto está vincado, as costas das mãos manchadas de marrom; mas no geral resistiu bem. O tipo de mulher, pensa consigo mesma, que vive até os noventa. *Esquelética* é a palavra que involuntariamente lhe vem à mente: *esquelética como uma galinha*. Quanto ao que Blanche vê diante de si, quanto ao que aconteceu com a irmã que ficou no mundo, ela prefere não se deter nisso.

As duas se abraçam, pedem chá. Conversam banalidades. Blanche é tia, embora nunca tenha se comportado como tal, então tem de ouvir notícias de um sobrinho e de uma sobrinha em quem raramente pôs os olhos e que poderiam ser estranhos. Enquanto conversam, Elizabeth pensa: *Foi para isso que vim até aqui — esse roçar de lábios na face, essa troca de palavras cansadas, esse gesto de reviver um passado já quase desaparecido?*

Familiaridade. Aparência de familiaridade. Duas velhas em uma cidade estrangeira, bebendo chá, escondendo seu desânimo uma pela outra. Algo ali capaz de ser trabalhado, sem dúvida. Algum tipo de história se escondendo, inconspícua como um camondongo num canto. Mas ela está cansada demais, ali e agora, para pegar isso, para identificar o que é.

“Nove e meia”, Blanche diz.

“O quê?”

“Nove e meia. Vão nos pegar às nove e meia. Nos encontramos aqui.” Pousa a xícara. “Você parece esgotada, Elizabeth. Durma um pouco. Tenho de preparar uma palestra. Me pediram para fazer uma palestra. Tenho de cantar pela comida.”

“Palestra?”

“Um discurso. Vou fazer um discurso amanhã, para os graduandos. Você vai ter de agüentar, sinto muito.”

II

Está sentada, ao lado de outros convidados importantes, na primeira fila. Faz anos que não vai a uma cerimônia de graduação. O final de um ano acadêmico: o calor do verão tão intenso ali na África quanto em casa.

A julgar pelo bloco de jovens vestidos de preto atrás dela, há uns duzentos diplomas de humanidades a ser entregues. Mas primeiro é a vez de Blanche, a única graduanda honorária. Ela é apresentada à platéia. Envolta na roupa vermelha de doutor, de professor, ela pára diante deles, as mãos juntas, enquanto o orador da universidade lê a lista de realizações

de sua vida. Depois, é levada ao banco do chanceler. Dobra um joelho e o ato está cumprido. Longo aplauso. Irmã Bridget Costello, Noiva de Cristo e Doutora em Letras, que com sua vida e obra devolveu o brilho, por um momento, ao nome de missionária.

Ela toma seu lugar junto ao atril. Hora de se pronunciar, Bridget, Blanche.

“Chanceler”, diz ela, “respeitáveis membros da Universidade.

“Os senhores me homenageiam aqui esta manhã, e agradeço penhorada esta honra que aceito não em meu nome, mas em nome das muitas pessoas que ao longo do último meio século dedicaram seu trabalho e seu amor às crianças de Marianhill e, através desses pequeninos, a Nosso Senhor.

“A forma que escolheram para me homenagear é a forma com que se sentem mais à vontade, o prêmio de um título acadêmico, especificamente o que os senhores chamam de doutorado em *Litterae humaniores*, letras humanas, ou, menos rigorosamente, humanidades. Corro o risco de dizer coisas que os senhores conhecem melhor do que eu, mas gostaria de usar esta oportunidade para falar alguma coisa sobre as humanidades, sobre sua história e situação presente; e também alguma coisa sobre humanidade. O que tenho a dizer pode ser relevante, espero humildemente que sim, à situação em que os senhores, como servidores das humanidades, se encontram na África, e também no resto do mundo, especificamente uma situação de embate.

“Às vezes, precisamos ser cruéis para ser doces, portanto permitam que eu comece relembrando que não foi a universidade que deu origem ao que hoje chamamos humanidades, mas sim, para sermos historicamente mais precisos, o que chamarei daqui em diante de *studia humanitatis*, ou estudos humanos, estudos sobre o homem e sobre a natureza do homem, em oposição a *studia divinitatis*, estudos pertencentes ao divino. A universidade não deu origem aos estudos humanos nem forneceu um lar particularmente propício a eles, quando finalmente os aceitou no âmbito

de seus estudos. Ao contrário, a universidade abarcou os estudos humanos apenas de forma árida, estreita. Essa forma estreita era a interpretação de textos; a história dos estudos humanos na universidade a partir do século XV está tão intimamente ligada à história da interpretação de textos que esses dois estudos podem muito bem ser considerados a mesma coisa.

“Como não tenho a manhã inteira (seu reitor pediu que eu me limitasse a quinze minutos, no máximo — “no máximo” são suas próprias palavras), direi o que quero dizer sem o raciocínio passo a passo e as comprovações históricas a que os senhores, enquanto estudantes e estudiosos, têm direito.

“A interpretação de textos, eu gostaria de dizer se tivesse mais tempo, era a chama viva dos estudos humanos enquanto os estudos humanos eram o que se pode chamar corretamente de movimento histórico, ou seja, o movimento humanista. Mas não levou muito tempo para a chama viva da interpretação de textos se apagar. A história da interpretação de textos desde então tem sido a história de uma tentativa após outra de ressuscitar essa vida, em vão.

“O texto em função do qual se inventou a interpretação de textos era a *Bíblia*. Os estudiosos do texto viam a si próprios como servidores da recuperação da verdadeira mensagem da *Bíblia*, especificamente o verdadeiro ensinamento de Jesus. A imagem que usavam para descrever seu trabalho era a imagem do renascimento ou ressurreição. O leitor do *Novo Testamento* encontraria cara a cara pela primeira vez o Cristo renascido, ressuscitado, o *Christus renascens*, não mais obscurecido por um véu de comentários e interpretações escolásticas. Foi com esse objetivo em mente que os estudiosos aprenderam primeiro grego, depois hebraico, depois (mais tarde) outras línguas do Oriente Médio. A interpretação de textos significava, primeiro, recuperar o texto verdadeiro, depois a verdadeira tradução desse texto; e a tradução verdadeira mostrou-se inseparável da verdadeira interpretação, assim como a verdadeira interpretação mostrou-se inseparável da verdadeira compreensão da matriz cultural e histórica a partir da qual emergiu esse texto. Foi assim que os

estudos lingüísticos, os estudos literários (enquanto estudo de interpretação), os estudos culturais e os estudos históricos — estudos que formam o cerne das chamadas humanidades — vieram a se juntar.

“Os senhores podem perguntar, com todo o direito: por que chamar de *studia humanitatis* essa constelação de estudos devotados à recuperação da verdadeira palavra do Senhor? Fazer essa pergunta acaba sendo o mesmo que perguntar por que os *studia humanitatis* floresceram apenas no século XV de nossa contagem e não centenas de anos antes.

“A resposta muito tem a ver com acidente histórico: com o declínio e o saque de Constantinopla, com a fuga dos homens de saber bizantinos para a Itália. (Respeitando a regra de quinze minutos de seu reitor, vou passar por cima da presença viva de Aristóteles, Galeno e de outros filósofos gregos no cristianismo medieval do Ocidente, e do papel da Espanha árabe na transmissão de seus ensinamentos.)

“*Timeo Danaos et dona ferentes*. Os presentes trazidos pelos homens do Oriente não foram apenas gramáticas da língua grega, mas também textos de autores da Antigüidade grega. Só se podia adquirir o domínio lingüístico que se pretendia aplicar ao *Novo Testamento* grego aperfeiçoando-se com um mergulho nesses sedutores textos pré-cristãos. De imediato, como era de esperar, o estudo desses textos, que seriam depois chamados os clássicos, transformou-se num fim em si.

“Mais do que isso: o estudo dos textos da Antigüidade veio a se justificar não apenas em termos lingüísticos, mas também em termos filosóficos. Jesus foi enviado para redimir a humanidade, diziam os argumentos. Para redimir a humanidade de quê? De um estado não redimido, claro. Mas o que sabemos da humanidade num estado não redimido? O único registro consistente que cobre todos os aspectos da vida é o registro da Antigüidade. Para captar o sentido que existe por trás da Encarnação — isto é, captar o sentido da redenção —, temos de embarcar, através dos clássicos, nos *studia humanitatis*.

“Dessa forma, neste meu breve e simples resumo, os estudos bíblicos e os estudos da Antigüidade grega e romana acabaram sendo associados numa relação nunca isenta de antagonismo, e dessa forma ocorreu de a interpretação de textos e suas disciplinas correlatas caírem sob a rubrica ‘as humanidades’.

“É essa a história. E é por isso que vocês, diferentes e descombinados como podem se sentir em segredo, se vêem reunidos esta manhã debaixo do mesmo teto, como futuros graduados em humanidades. Agora, nos poucos minutos que me restam, quero lhes contar por que não faço parte do seu ambiente e não tenho nenhuma mensagem de conforto para lhes dar, apesar da generosidade do gesto que estenderam a mim.

“A mensagem que trago é que vocês se perderam no caminho há muito tempo, talvez há cinco séculos. O punhado de homens entre os quais se originou o movimento de que vocês representam o triste fim, o que animava esses homens era, pelo menos de início, o propósito de encontrar a Palavra Verdadeira, que eles entendiam então, e eu entendo hoje, como a palavra redentora.

“A palavra não pode ser encontrada nos clássicos, quer entendam por clássicos Homero e Sófocles, quer entendam-nos como Homero, Shakespeare e Dostoievski. Numa era mais feliz que a nossa era possível as pessoas se iludirem, acreditando que os clássicos da Antigüidade ofereciam ensinamentos e um modo de vida. Em nossos tempos, de forma bem desesperada, ficamos com a idéia de que o estudo dos clássicos em si pode oferecer um modo de vida, e se não um modo de vida, pelo menos um meio de ganhar a vida que, mesmo que não seja capaz de fazer positivamente nenhum bem, pelo menos ninguém dirá que pode fazer mal.

“Mas o impulso por trás da primeira geração de intérpretes de textos não pode ser tão facilmente desviado de seu objetivo próprio. Sou filha da Igreja Católica, não da Igreja Reformada, mas aplaudo Martinho Lutero quando ele vira as costas para Desidério Erasmo, julgando que seu colega,

apesar dos imensos dotes, deixou-se seduzir pelo ramo de estudos que, em última análise, não importa. Os *studia humanitatis* levaram longo tempo para morrer, mas agora, no fim do segundo milênio de nossa era, estão realmente em seu leito de morte. Morte ainda mais amarga, eu diria, por ter sido provocada pelo monstro entronizado por esses mesmos estudos como princípio primeiro e animador do universo: o monstro da razão, da razão mecânica. Mas isso é uma outra história para um outro dia.”

III

É o fim, o fim do discurso de Blanche, recebido menos com aplausos do que com algo que, na primeira fila de poltronas, soa como um murmúrio de perplexidade geral. A atividade do dia é retomada: chamam um por um os novos graduados para receber seus diplomas; e a cerimônia é encerrada com uma procissão formal da qual Blanche participa com seu traje vermelho. Então ela, Elizabeth, fica livre um pouquinho para vagar entre os convidados agitados, ouvir as conversas.

No geral, as conversas giram em torno da duração excessiva da cerimônia. Só no *foyer* é que ela escuta uma menção específica ao discurso de Blanche. Um homem alto com uma beca debruada de arminho no braço está conversando acaloradamente com uma mulher de preto. “Quem ela pensa que é?”, diz ele, “usando assim esta oportunidade para nos passar um sermão! Uma missionária dos cafundós da Zululândia — o que ela sabe de humanidades? E essa linha dura católica — aonde foi parar o ecumenismo?”

Ela é uma convidada — convidada da universidade, convidada de sua irmã, convidada do país também. Se essas pessoas querem se ofender, estão no seu direito. Ela não pode se envolver. Blanche que trave as suas próprias batalhas.

Mas não se envolver acaba sendo mais difícil que isso. Foi marcado um almoço formal e ela é convidada. Quando toma seu lugar, vê-se ao lado do

mesmo homem alto que, nesse ínterim, havia se livrado de sua roupa medieval. Não tem apetite, há um nó de náusea em seu estômago, preferiria voltar para o quarto de hotel e se deitar, mas faz um esforço. “Permita que me apresente”, diz. “Sou Elizabeth Costello, a Irmã Bridget é minha irmã. Irmã de sangue, eu quero dizer.”

Elizabeth Costello. Ela percebe que o nome não significa nada para ele. O nome dele está no cartão à sua frente: Professor Peter Godwin.

“Creio que é professor aqui”, prossegue, puxando conversa. “Dá aulas de quê?”

“Literatura. Literatura inglesa.”

“Deve ter sido delicado o que minha irmã disse. Mas não ligue para ela. É muito combativa. Adora uma boa luta.”

Blanche, a Irmã Bridget, a combativa, está sentada no outro extremo da mesa, envolvida numa conversa. Não pode ouvi-los.

“Estamos numa idade secular”, replica Godwin. “Não se pode voltar o relógio para trás. Não se pode condenar uma instituição por avançar com sua época.”

“Por instituição o senhor quer dizer a universidade?”

“Isso. Universidades, mas especificamente as faculdades de humanidades, que continuam sendo o núcleo central de qualquer universidade.”

As humanidades, o núcleo central da universidade. Ela pode ser estranha naquele meio, mas se lhe perguntarem qual o núcleo central da universidade hoje, sua disciplina nuclear, ela diria que é ganhar dinheiro. É isso o que parece em Melbourne, Victoria; e não ficaria surpresa se fosse o caso também em Johannesburgo, África do Sul.

“Mas será que era isso mesmo que minha irmã estava dizendo, que vocês deveriam voltar o relógio para trás? Será que não estava dizendo algo mais interessante, mais desafiador, que desde o início sempre houve algo equivocado no estudo das humanidades? Algo errado em colocar nas

humanidades esperanças e expectativas que elas não poderiam satisfazer? Não concordo necessariamente com ela, mas foi o que entendi.”

“O verdadeiro estudo da humanidade é o homem”, diz o professor Godwin. “E a natureza da humanidade é uma natureza decaída. Até sua irmã concordaria com isso. Mas isso não deveria nos impedir de tentar — tentar melhorar. Sua irmã quer que desistamos do homem e nos voltemos para Deus. É o que quero dizer com voltar o relógio para trás. Ela quer que retornemos para antes do Renascimento, para antes do movimento humanista de que falou, para antes até do relativo iluminismo do século doze. Quer que mergulhemos de volta no fatalismo cristão do que eu chamaria de Baixa Idade Média.”

“Conhecendo minha irmã, eu pensaria duas vezes antes de dizer que ela tem algo de fatalista. Mas devia falar com ela pessoalmente, expor seu ponto de vista.”

O professor Godwin dirige-se à salada. Faz-se um silêncio. Do outro lado da mesa, a mulher de preto, que ela calcula ser a esposa de Godwin, abre-lhe um sorriso. “Ouvi direito que seu nome é Elizabeth Costello?”, diz. “Não a escritora Elizabeth Costello...”

“Sou eu, sim, é isso que faço para ganhar a vida. Escrevo.”

“E é irmã da Irmã Bridget.”

“Sou. Mas a Irmã Bridget tem muitas irmãs. Eu sou apenas uma irmã de sangue. As outras são irmãs de verdade, irmãs de espírito.”

Ela pretende que a observação seja leve, mas parece inflamar a sra. Godwin. Talvez por isso Blanche arrepie os cabelos das pessoas ali: usa inadequadamente palavras como *espírito* e *Deus* em lugares onde elas não cabem. Bem, ela não é religiosa, mas nesse caso acha que vai ficar do lado de Blanche.

A sra. Godwin está falando com o marido, lançando-lhe olhares. “Elizabeth Costello, a escritora, querido”, diz ela.

“Ah, claro”, diz o professor Godwin, mas é evidente que o nome não lhe é familiar.

“Meu marido vive no século dezoito”, diz a sra. Godwin.

“Ah, sei. Uma boa época para se viver. A Idade da Razão.”

“Não creio que hoje em dia ainda se considere essa época de forma tão simplista”, diz o professor Godwin. Parece estar a ponto de falar mais, mas não fala.

A conversação com os Godwin está claramente se esvaziando. Volta-se para a pessoa à sua direita, que está profundamente ocupada com outra coisa.

“Quando eu era estudante”, diz ela, voltando para os Godwin, “por volta de 1950, líamos muito D. H. Lawrence. Claro que líamos os clássicos também, mas não era neles que colocávamos nossa verdadeira energia. D. H. Lawrence, T. S. Eliot — esses eram os autores que nos faziam refletir. Talvez Blake no século XVIII. Talvez Shakespeare, porque todos sabemos que Shakespeare transcende seu tempo. Lawrence nos pegava porque prometia uma forma de salvação. Se adorássemos os deuses das sombras, nos dizia ele, e seguíssemos suas práticas, seríamos salvos. Nós acreditávamos nele. Fomos lá e adoramos os deuses das sombras o melhor que pudemos, a partir das pistas que Lawrence fornecia. Bom, nosso rito não nos salvou. Um falso profeta, é como eu chamaria Lawrence hoje.

“O que quero dizer é que nas nossas leituras mais verdadeiras, quando estudantes, procurávamos orientação na página impressa, orientação para a perplexidade. Encontramos isso em Lawrence, encontramos em Eliot, o Eliot do início: uma orientação de outro tipo, talvez, mas ainda assim orientação para vivermos nossa vida. O resto de nossas leituras era apenas por obrigação, para passar nos exames.

“Se as humanidades querem sobreviver é, sem dúvida, a essas energias, a essa fome de orientação que elas têm de responder: uma fome que, no fim das contas, é uma busca de salvação.”

Falou demais, além do que pretendia. Na verdade, no silêncio que agora se faz, vê que outros estavam ouvindo também. Até sua irmã está voltada para ela.

“Quando a Irmã Bridget nos pediu para convidar a senhora”, diz o reitor em voz alta, da cabeceira da mesa, “não nos demos conta de que era a Elizabeth Costello que receberíamos entre nós. Seja bem-vinda. É um prazer receber a senhora.”

“Obrigada”, diz ela.

“Não pude deixar de ouvir parte do que estava dizendo”, continua o reitor. “Concorda então com sua irmã que o futuro das humanidades é sombrio?”

Ela tem de ver muito bem onde pisa. “Eu só estava dizendo”, diz, “que nossos leitores — nossos leitores jovens principalmente — vêm a nós com uma certa fome, e que se não podemos ou não queremos satisfazer sua fome não devemos nos surpreender de que nos voltem as costas. Mas os meus negócios e os de minha irmã seguem linhas diferentes. Ela disse o que pensa. De minha parte, diria que bastam os livros para nos ensinar sobre nós mesmos. Todo leitor devia se contentar com isso. Ou quase todo.”

Estão observando sua irmã agora, para ver como reage. Nos ensinar sobre nós mesmos: o que é isso senão *studium humanitatis*?

“Isto é só uma conversa de almoço”, diz a Irmã Bridget, “ou estamos falando sério?”

“Estamos falando sério”, diz o reitor. “É a sério.”

Talvez ela devesse revisar sua opinião sobre ele. Talvez não seja só mais um burocrata acadêmico cumprindo seu papel de anfitrião, mas uma alma com as fomes de uma alma. Possibilidade a considerar. Na verdade, talvez todos reunidos em torno daquela mesa sejam isso, no mais fundo do ser: almas esfomeadas. Não devia fazer juízos precipitados. Apesar de tudo, não são pessoas burras. E agora já devem ter entendido que a Irmã Bridget, gostem ou não, é alguém excepcional.

“Não preciso consultar romances”, diz sua irmã, “para entender as mesquinhas, as baixezas, as crueldades de que os seres humanos são capazes. É aí que nós começamos, todos nós. Somos criaturas decaídas. Se

o estudo da humanidade limita-se a nada mais que retratar nosso mais escuro potencial, tenho coisas melhores com que ocupar meu tempo. Se, por outro lado, o estudo da humanidade for o estudo daquilo que pode ser o homem renascido, a história é outra. Mas já basta de palestras por hoje.”

“Mas sem dúvida”, diz um jovem sentado ao lado da sra. Godwin, “é exatamente isso que o humanismo defendia, e o Renascimento também: a humanidade como a humanidade é capaz de ser. A ascensão do homem. Os humanistas não eram criptoateus. Nem luteranos disfarçados. Eram católicos. Cristãos como a senhora, Irmã. Lorenzo Valla, por exemplo. Valla não tinha nada contra a Igreja, ele simplesmente sabia grego melhor do que Jerônimo, e apontou os erros que Jerônimo cometeu na tradução do Novo Testamento. Se a Igreja tivesse aceitado o princípio de que a Vulgata de Jerônimo era uma produção humana, e portanto passível de ser melhorada, e não a palavra de Deus em si, talvez toda a história ocidental tivesse sido diferente.”

Blanche fica em silêncio. O rapaz insiste.

“Se a Igreja tivesse sido capaz de reconhecer que seus ensinamentos e todo o seu sistema de crenças estavam baseados em textos e que esses textos eram suscetíveis, por um lado, de erros de escrita e, por outro lado, de falhas de tradução, porque a tradução é sempre um processo imperfeito, se a Igreja tivesse sido capaz também de admitir que a interpretação de textos é uma coisa complexa, imensamente complexa, em vez de cobrar para si o monopólio da interpretação, então não estaríamos tendo esta discussão hoje.”

“Mas como saberíamos”, diz o reitor, “como a questão da interpretação pode ser imensamente difícil senão experimentando certas lições de história, lições que a Igreja do século XV dificilmente poderia ter previsto?”

“Como por exemplo?”

“Como por exemplo o contato com centenas de outras culturas, cada uma com sua própria língua, história, mitologia e maneira única de ver o mundo.”

“Então o que eu diria”, diz o jovem, “é que as humanidades, só as humanidades, e o aprendizado que as humanidades propiciam, é que nos permitirão mudar nosso rumo neste novo mundo multicultural, e exatamente, exatamente” — ele quase esmurra a mesa, tão excitado está — “porque as humanidades são leitura e interpretação. As humanidades começam, como disse nossa palestrante, na interpretação de textos e se desenvolvem como um corpo de disciplinas dedicadas à interpretação.”

“Na verdade, as ciências humanas”, diz o reitor.

O jovem faz uma careta. “Isso é uma pista falsa, reitor. Se não se importa, prefiro ficar com *studia* ou com disciplinas.”

Tão jovem, pensa ela, e tão seguro de si. Ele prefere *studia*.

“E Winckelmann?”, diz sua irmã.

Winckelmann? O jovem olha para ela sem entender.

“Nesse quadro que você pinta do humanista, será que Winckelmann se reconheceria como um técnico da interpretação de textos?”

“Não sei. Winckelmann foi um grande acadêmico. Talvez se reconhecesse, sim.”

“Ou Schelling”, prossegue a irmã. “Ou qualquer um daqueles que acreditavam, mais ou menos abertamente, que a Grécia fornecia um ideal civilizatório melhor que o judeo-cristianismo. Ou, na verdade, aqueles que acreditavam que a humanidade tinha perdido o rumo e devia retornar a suas raízes primitivas para começar de novo. Em outras palavras, os antropologistas. Lorenzo Valla — já que mencionou Lorenzo Valla — era um antropologista. O ponto de partida dele era a sociedade humana. Você diz que os primeiros humanistas não eram criptoateus. Não, não eram. Mas eram cripto-relativistas. Jesus, aos olhos deles, estava cravado em seu próprio mundo, ou, como diríamos hoje, em sua própria cultura. Era sua tarefa como estudiosos compreender esse mundo e interpretá-lo para o seu tempo. Assim como acabaria sendo tarefa deles interpretar as palavras de Homero. E assim por diante, até Winckelmann.”

Ela termina abruptamente, olha para o reitor. Terá ele lhe feito algum sinal? Terá ele, incredivelmente, batido de leve no joelho de Irmã Bridget por baixo da mesa?

“É, fascinante”, diz o reitor. “Devíamos ter convidado a senhora para toda uma série de palestras, Irmã. Mas infelizmente alguns de nós têm compromissos. Talvez uma outra vez, no futuro...” Ele deixa a possibilidade pairando no ar; graciosamente, Irmã Bridget inclina a cabeça.

IV

Estão de volta ao hotel. Ela está cansada, tem de tomar alguma coisa para a náusea que continua, tem de se deitar. Mas a pergunta ainda insiste dentro dela: por que essa hostilidade da parte de Blanche com as humanidades? *Não preciso consultar romances*, disse Blanche. Será que, de alguma forma tortuosa, essa hostilidade é dirigida a ela? Embora tenha mandado seus livros religiosamente para Blanche assim que saíram da prensa, não vê sinal de Blanche ter lido qualquer um deles. Foi chamada à África como representante das humanidades, ou do romance, ou de ambos, para aprender uma última lição antes de baixarem ambas ao túmulo? Será realmente assim que Blanche a vê? A verdade — e tem de informar Blanche disto — é que ela nunca foi uma aficionada das humanidades. Algo muito complacentemente masculino na coisa toda, muito voltado para si mesmo. Tem de endireitar as coisas com Blanche.

“Winckelmann”, ela diz para Blanche. “O que você pretendia mencionando Winckelmann?”

“Quería lembrar a eles aonde pode levar o estudo dos clássicos. Ao helenismo como religião alternativa. Como alternativa para o cristianismo.”

“Foi o que eu pensei. Como uma alternativa para uns poucos estetas, uns poucos produtos altamente educados do sistema educacional europeu. Mas com toda a certeza não uma alternativa popular.”

“Você não está entendendo, Elizabeth. O helenismo era uma alternativa. Por pobre que fosse, a Hélade era a alternativa à visão cristã que o humanismo era capaz de oferecer. Podiam apontar para a sociedade grega — um quadro altamente idealizado da sociedade grega, mas como as pessoas comuns podiam saber disso? —, podiam apontar e dizer: *Olhem, é assim que devíamos viver — não na vida do além, mas no aqui e agora.*”

A Hélade: homens seminus, os peitos brilhando de óleo de oliva, sentados nos degraus do templo discursando sobre o bem e a verdade, enquanto ao fundo rapazes de membros ágeis lutam corpo a corpo e um rebanho de cabras pasta, contente. Mentes livres em corpos livres. Mais que um quadro idealizado: um sonho, uma ilusão. Mas de que outra forma se pode viver senão em sonhos?

“Não discordo”, diz ela. “Mas quem ainda acredita no helenismo? Quem sequer se lembra da palavra?”

“Você continua não entendendo. O helenismo era a única visão de uma boa vida que o humanismo foi capaz de propor. Quando o helenismo falhou — o que era inevitável, uma vez que não tinha absolutamente nada a ver com a vida das pessoas reais — o humanismo faliu. Aquele rapaz no almoço estava defendendo as humanidades como um conjunto de técnicas, as ciências humanas. Mais árido que poeira. Qual rapaz ou moça com sangue nas veias vai querer passar a vida raspando arquivos ou fazendo *explications de texte* sem fim?”

“Mas o helenismo foi sem dúvida apenas uma fase na história das humanidades. Visões mais amplas, mais abrangentes do que pode ser a vida podem ter emergido desde então. A sociedade sem classes, por exemplo. Ou um mundo que tenha exorcizado a pobreza, a doença, o analfabetismo, o racismo, o sexismo, a homofobia, a xenofobia, e o resto da pérfida ladainha. Não estou fazendo nenhum apelo em prol de nenhuma dessas visões. Estou só observando que as pessoas não podem viver sem esperança, ou talvez sem ilusões. Se você se virasse para quaisquer daquelas pessoas que almoçaram com a gente hoje e pedisse que, como humanistas,

ou pelo menos como praticantes de carteirinha das humanidades, elas formulassem o propósito de todos os seus esforços, com certeza responderiam que, por mais indiretamente que seja, elas batalham por melhorar a humanidade em si.”

“É, sim. E dessa forma revelam-se verdadeiros seguidores de seus ancestrais humanistas. Que ofereciam uma visão secular da salvação. O renascimento sem a intervenção de Cristo. Trabalhando apenas o homem. O renascimento. A exemplo dos gregos. Ou a exemplo dos indígenas americanos. Ou a exemplo dos zulus. Bom, não dá para ser assim.”

“Não dá para ser assim, você diz. Porque — embora nenhum de nós tivesse consciência disto — os gregos eram condenados, os indígenas eram condenados, os zulus eram condenados.”

“Não falei nada de condenação. Estou falando apenas de história, dos registros da atividade humanista. Não dá para ser assim. *Extra ecclesiam nulla salvatio.*”

Ela sacode a cabeça. “Blanche, Blanche, Blanche”, diz. “Quem poderia imaginar que você ia acabar tão linha dura?”

Blanche dá um sorriso gelado. Seus óculos refletem a luz.

V

É sábado, seu último dia inteiro na África. Vai passá-lo em Marianhill, o lugar que sua irmã escolheu para a obra de sua vida e seu lar. Amanhã viaja para Durban. De Durban, pega um avião para Bombaim e de lá para Melbourne. E é isso. *Não vamos mais nos ver de novo, Blanche e eu*, ela pensa, *não nesta vida.*

Foi para a cerimônia de graduação que veio, mas o que Blanche queria realmente, o que estava por trás do convite, era que ela visse o hospital. Ela sabe disso, mas mesmo assim resiste. Não é algo que queira. Não tem estômago para aquilo. Já viu tudo pela televisão, vezes demais, até não conseguir mais olhar: os membros finos, as barrigas inchadas, os grandes

olhos impassíveis das crianças que definham, além da cura, além dos cuidados. *Afasta de mim esse cálice!*, pede por dentro. *Estou velha demais para suportar essas imagens, velha demais e fraca. Vou apenas chorar.*

Mas nesse caso não pode recusar, não quando se trata de sua própria irmã. E no fim acaba não sendo tão ruim, não tão ruim a ponto de abatê-la. O corpo de enfermeiras é bem-preparado, o equipamento, novo — fruto da captação de recursos da Irmã Bridget — e o clima, relaxado, até alegre. Nas alas, misturadas à equipe, mulheres com roupas nativas. Ela as toma por mães ou avós, até que Blanche explica: são curandeiras, diz, curandeiras tradicionais. Então se lembra: é por isso que Marianhill é famoso, essa é a grande inovação de Blanche, abrir o hospital para o povo, levar os médicos nativos para trabalhar ao lado dos médicos ocidentais.

Quanto às crianças, talvez Blanche tenha escondido os casos piores, mas fica surpresa de como até uma criança moribunda pode ser alegre. É como Blanche diz em seu livro: com amor, cuidados e as drogas certas, esses inocentes podem ser levados sem medo até os portais da morte.

Blanche leva-a também à capela. Ao entrar no prédio despretensioso de tijolo e ferro, surpreende-se com o crucifixo entalhado em madeira atrás do altar, mostrando um Cristo emaciado com o rosto que parece uma máscara, coroado com um ramo de espinhos de acácia de verdade, mãos e pés atravessados não por pregos, mas por pinos de aço. A figura em si é quase de tamanho natural; a cruz chega até as vigas nuas; a obra toda domina a capela, a oprime.

O Cristo foi feito por um escultor local, Blanche conta a ela. Anos antes a irmandade o adotou, fornecendo-lhe um estúdio e pagando-lhe um salário mensal. Pergunta se ela quer conhecer o homem.

É por isso que agora esse velho de dentes manchados e macacão, com seu inglês incerto, apresentado a ela simplesmente como Joseph, está abrindo, em sua atenção, a porta de um barracão em um canto externo da irmandade. Ela nota que a grama está alta em volta da porta: há muito tempo ninguém entra ali.

Dentro, ela tem de afastar as teias de aranha. Joseph briga com o interruptor, levanta e abaixa inutilmente. “Lâmpada queimada”, diz, mas nada faz a respeito. A única luz vem da porta aberta e das frinchas entre o teto e as paredes. Seus olhos levam algum tempo para se acostumar.

No centro do barracão, há uma longa mesa improvisada. Empilhados na mesa, ou encostados nela, entalhes de madeira em confusão. Contra as paredes, empilhados em pequenas plataformas, pedaços de madeira, alguns ainda com casca, e caixas de papelão empoeiradas.

“Estúdio meu aqui”, diz Joseph. “Quando eu sou jovem, trabalhava aqui dia inteiro. Mas agora velho demais.”

Ela pega um crucifixo, não o maior, mas um bem grande: um Cristo de dezoito centímetros na cruz, de pesada madeira avermelhada. “Como chama esta madeira?”

“É *karee*. Madeira *karee*.”

“Foi você que esculpiu?” Segura o crucifixo com o braço estendido. Igual ao da capela, o rosto do homem torturado é uma máscara formalizada, simplificada, em um único plano, fendas no lugar dos olhos, a boca pesada, para baixo. O corpo, por outro lado, é bem naturalista, copiado, ela adivinha, de algum modelo europeu. Tem os joelhos levantados, como se o homem tentasse aliviar a dor dos braços apoiando o peso do corpo no prego que lhe atravessa os pés.

“Eu esculpe todos Jesus. A cruz, tem vez, meu assistente faz ela. Meus assistentes.”

“E onde estão seus assistentes? Ninguém mais trabalha aqui?”

“Não, meus assistentes tudo foi embora. Muita cruz. Muita cruz pra vender, demais.”

Ela olha dentro de uma das caixas. Miniaturas de crucifixos, de oito, dez centímetros, iguais ao que sua irmã usa, todos com o mesmo rosto-máscara plano, a mesma postura de joelhos erguidos.

“Não entalha mais nada? Bichos, rostos? Gente comum?”

Joseph faz uma careta. “Bicho é só pra turista”, diz com desdém.

“E você não entalha para turistas. Não faz arte para turista.”

“Não, arte pra turista, não.”

“Entalha para quê, então?”

“Pra Jesus”, diz ele. “É. Pro Nosso Salvador.”

VI

“Vi a coleção de Joseph”, diz ela. “Um pouco obsessiva, não acha? A mesma imagem repetida tantas vezes.”

Blanche não responde. Estão almoçando, um almoço que em circunstâncias normais seria considerado frugal: tomate fatiado, umas folhas de alface murchas, um ovo cozido. Mas ela não tem apetite. Brinca com a alface; o cheiro do ovo dá-lhe náusea.

“Como funciona a economia da coisa”, continua — “a economia da arte religiosa em nossos dias?”

“Joseph era um empregado remunerado de Marianhill. Pago para fazer suas esculturas, e serviços gerais também. Faz um ano e meio que está aposentado. Tem artrite nas mãos. Você deve ter notado.”

“Mas quem compra aquelas esculturas?”

“Temos duas lojas em Durban que aceitam as peças. Outras missões aceitam também, para revenda. Podem não ser obras de arte pelos padrões ocidentais, mas são autênticas. Anos atrás, Joseph recebeu uma encomenda para a igreja de Ixopo. Embolsou uns dois mil rands com isso. Ainda recebe pedidos grandes para os crucifixos pequenos. Escolas, escolas católicas, que compram para dar de prêmio.”

“De prêmio. Seja o primeiro no catecismo e ganhe um crucifixo de Joseph.”

“Mais ou menos. Algum problema?”

“Nenhum. Mesmo assim, ele produziu demais, não acha? Deve haver centenas de peças naquele barracão, todas idênticas. Por que não pediu para ele fazer alguma outra coisa além de crucifixos, de crucifixões? Que

efeito tem sobre a — ousou usar a palavra — *alma* de uma pessoa passar sua vida útil inteira esculpindo insistentemente um homem em agonia? Quando não está fazendo serviços gerais, claro.”

Blanche dá um sorriso de aço. “Um *homem* Elizabeth?”, diz ela. “Um *homem* em agonia?”

“Um homem, um deus, um homem-deus, não comece, Blanche, não estamos na aula de teologia. Que efeito tem sobre um homem talentoso passar a vida inteira com tão pouca criatividade quanto o seu Joseph? Ele pode ter talentos limitados, pode não ser um artista, propriamente dito; mesmo assim, será que não teria sido mais sábio tê-lo estimulado a ampliar um pouco seus horizontes?”

Blanche pousa o garfo e a faca. “Tudo bem, vamos encarar a sua crítica, vamos encarar na sua forma mais extrema. Joseph não é um artista, mas talvez pudesse ter se transformado num artista se anos atrás tivesse sido estimulado por nós — por mim — a expandir seu alcance visitando galerias de arte, ou pelo menos outros escultores, para ver o que mais estava sendo feito. Em vez disso, Joseph permaneceu — Joseph foi mantido no nível de — um artesão. Viveu aqui na missão, em total obscuridade, fazendo a mesma escultura insistentemente em tamanhos diferentes e madeiras diferentes, até ser atacado pela artrite e encerrar sua vida profissional. Joseph foi, portanto, como você diz, impedido de expandir seus horizontes. Foi-lhe negada uma vida mais cheia, especificamente uma vida de artista. Isso define a sua acusação?”

“Mais ou menos. Não necessariamente uma vida de artista, eu não seria tão tola a ponto de recomendar isso, só uma vida mais plena.”

“Certo. Se é essa a sua acusação, vou lhe dar a minha resposta. Joseph passou trinta anos de sua existência terrena representando, aos olhos dos outros decerto, mas principalmente aos seus próprios olhos, o Nosso Salvador em agonia. Hora após hora, dia após dia, ele imaginou essa agonia e, com uma fidelidade que você pode ver por si mesma, reproduziu essa agonia, da melhor maneira que era capaz, sem variações, sem importar

novas modas para ela, sem introduzir nela nada de sua própria personalidade. Qual de nós, eu pergunto agora, Jesus vai gostar mais de receber em seu reino: Joseph, com suas mãos estragadas, ou você, ou eu?”

Ela não gosta quando a irmã empina a pose e faz sermão. Aconteceu durante o discurso em Johannesburg e está acontecendo de novo. Tudo o que há de mais intolerante na personalidade de Blanche vem à tona nesses momentos: intolerância, rigidez, intimidação.

“Acho que Jesus ficaria ainda mais contente”, diz com toda a secura de que é capaz, “se soubesse que Joseph teve alguma escolha. Que Joseph não foi coagido à piedade.”

“Vá até lá. Vá e pergunte a Joseph. Pergunte se foi coagido a alguma coisa.” Blanche faz uma pausa. “Acha que Joseph é só um boneco em minhas mãos, Elizabeth? Acha que Joseph não tem compreensão de como passou a vida? Vá e fale com ele. Ouça o que tem a dizer.”

“Eu vou. Mas tenho outra pergunta, uma pergunta que Joseph não pode responder porque é uma pergunta para você. Por que o modelo que você, ou, se não você, a instituição que você representa — por que o modelo específico que colocaram diante de Joseph e o mandaram copiar, imitar, tem de ser o que só posso chamar de gótico? Por que um Cristo morrendo em contorções em vez de um Cristo vivo? Um homem na força da idade, de trinta e poucos anos: o que você tem contra mostrar esse homem vivo em toda a sua beleza viva? E, já que estamos nisso, o que você tem contra os gregos? Os gregos nunca fariam estátuas e pinturas de um homem nos extremos da agonia, deformado, feio, para depois se ajoelharem na frente dessas estátuas em adoração. Se você se perguntar por que os humanistas que você vê com desprezo olhavam além do cristianismo e do desprezo que o cristianismo demonstra pelo corpo humano, e, portanto, pelo homem em si, isso sem dúvida deve lhe dar uma pista. Você deve saber, não pode ter esquecido, que as representações de Jesus em agonia são uma idiossincrasia da Igreja ocidental. São inteiramente estranhas a

Constantinopla. A Igreja oriental consideraria indecentes essas imagens, e com toda a razão.

“Francamente, Blanche, tem uma coisa em toda a tradição da crucifixão que me parece miúda, retrógrada, medieval em seu pior sentido — coisa de monges sujos, padres iletrados, camponeses humilhados. O que você pretende ao reproduzir na África essa fase mais esquálida, mais estagnada da história européia?”

“Holbein”, diz Blanche. “Grünewald. Se você quiser a forma humana *in extremis*, olhe a obra deles. O Jesus morto. Jesus no sepulcro.”

“Não sei aonde você quer chegar.”

“Holbein e Grünewald não eram artistas da Idade Média católica. Pertenciam à Reforma.”

“Não estou discutindo com a Igreja católica histórica, Blanche. Estou é perguntando o que você, você, pessoalmente, tem contra a beleza. Por que as pessoas não podem olhar para uma obra de arte e pensar: *Isto é o que nós, como espécie, somos capazes de ser, isso é o que eu sou capaz de ser*, em vez de olhar e pensar: *Meu Deus, eu vou morrer, eu vou ser comido pelos vermes?*”

“Por isso os gregos, é isso que você quer dizer, acho. O Apolo Belvedere. A Vênus de Milo.”

“É, por isso os gregos. Por isso a minha pergunta: o que você está fazendo, ao importar para a África, ao importar para a Zululândia, meu Deus do céu, essa obsessão absolutamente estranha, *gótica*, com a feiúra e a mortalidade do corpo humano? Se tem de importar a Europa para a África, não seria melhor importar os gregos?”

“Você acha, Elizabeth, que os gregos são totalmente estranhos na Zululândia? Vou repetir, se você não me escutar, tenha ao menos a decência de escutar Joseph. Acha que Joseph faz esculturas de Jesus sofrendo porque é ignorante, que se você levasse Joseph para dar uma volta no Louvre seus olhos se abririam e ele se poria a esculpir, para benefício de seu povo, mulheres nuas se enfeitando e homens exibindo os músculos?”

Você sabe que quando os europeus entraram em contato com os zulus, os europeus educados, homens da Inglaterra, educados em escolas públicas, eles acharam que tinham redescoberto os gregos? Disseram isso bem explicitamente. Tiraram seus blocos de desenho e fizeram esboços mostrando guerreiros zulus com suas lanças, clavas e escudos exatamente nas mesmas atitudes, com exatamente as mesmas proporções dos Hectores e Aquiles que vemos nas ilustrações do século dezenove da *Ilíada*, só que com a pele escura. Membros bem-formados, pouca roupa, porte orgulhoso, maneiras formais, virtudes marciais — estava tudo aqui! Esparta na África: foi isso que pensaram que haviam descoberto. Durante décadas, esses mesmos ex-alunos das escolas públicas, com sua idéia romântica da Antigüidade grega, administraram a Zululândia em benefício da Coroa. Eles *queriam* que a Zululândia fosse Esparta. *Queriam* que os zulus fossem gregos. Por isso, para Joseph, para seu pai, seu avô, os gregos não são uma remota tribo estrangeira. Seus novos colonizadores lhes ofereceram os gregos como um modelo do tipo de povo que deviam ser, que podiam ser. Receberam a oferta e recusaram. Em vez disso, foram procurar em outra parte do mundo mediterrâneo. Escolheram ser cristãos, seguidores do Cristo vivo, Joseph *escolheu* Jesus como seu modelo. Converse com ele. Ele vai lhe contar.”

“Esse não é um ramo da história que eu conheça bem, Blanche — britânicos e zulus. Não posso discutir com você.”

“Não foi só na Zululândia que aconteceu isso. Aconteceu na Austrália também. Aconteceu em todo o mundo colonizado, talvez não de forma tão nítida. Aqueles jovens de Oxford e Cambridge, de St. Cyr ofereceram a seus súditos bárbaros um falso ideal. *Joguem fora seus ídolos*, disseram, *vocês podem ser como deuses*. *Olhem os gregos*, disseram. E, de fato, quem é capaz de distinguir os deuses dos homens na Grécia, na Grécia romântica desses jovens, herdeiros dos humanistas? *Venham para as nossas escolas*, diziam, *e nós ensinamos como fazer isso*. *Vamos fazer de vocês discípulos da razão e das ciências que fluem com a razão; vamos fazer de vocês mestres da*

natureza. Por nosso intermédio vão superar as doenças e a corrupção da carne. Viverão para sempre.

“Bom, os zulus foram mais espertos.” Aponta com a mão na direção da janela, na direção dos prédios do hospital queimando debaixo do sol, na direção da estrada de terra que sobe a montanha árida. “Isto é a realidade: a realidade da Zululândia, a realidade da África. É a realidade de agora e a realidade do futuro até onde podemos vislumbrar. E é por isso que o povo africano vem à igreja ajoelhar diante de Jesus na cruz, as mulheres africanas sobretudo, que têm de suportar o peso da realidade. Porque sofrem, e ele sofre junto com eles.”

“Não porque ele promete uma outra vida, melhor, depois da morte?”

Blanche sacode a cabeça. “Não. Para as pessoas que vêm a Marionhill, eu não prometo nada senão que vamos ajudar a carregarem sua cruz.”

VII

Oito e meia da manhã de domingo, mas o sol já está feroz. Ao meio-dia, o motorista virá para levá-la a Durban, para o vôo de volta.

Duas meninhas de vestidos espalhafatosos, descalças, correm para a corda do sino e começam a puxar. No alto do poste os sinos tocam espasmodicamente.

“Você vem?”, pergunta Blanche.

“Vou, sim, estarei lá. Tenho de cobrir a cabeça?”

“Venha como está. Aqui não temos formalidades. Mas fique atenta, porque vamos receber a visita de uma equipe de televisão.”

“Televisão?”

“Da Suécia. Estão fazendo um filme sobre a aids em KwaZulu.”

“E o padre? O padre foi informado de que a missa vai ser filmada? Quem é o padre afinal?”

“O padre Msimungu de Dalehill vai rezar a missa. Ele não faz nenhuma objeção.”

O padre Msimungu, quando chega em um Golf ainda em estado bastante bom, é jovem, magro, de óculos. Vai ao dispensário para ser paramentado; ela se junta a Blanche e a outra meia dúzia de irmãs da Ordem na frente da congregação. As luzes da câmara já estão posicionadas e voltadas para elas. Em seu brilho cruel ela não pode deixar de notar como todas são velhas. As Irmãs de Maria: uma raça moribunda, uma vocação exaurida.

Debaixo do telhado de metal, a capela já está sufocantemente quente. Ela não entende como Blanche consegue agüentar com aquela roupa pesada.

A missa que Msimungu reza é em zulu, embora aqui e ali ela seja capaz de pescar uma palavra em inglês. Tudo começa bem calmo; mas quando chega a hora da primeira oração já existe um murmúrio entre as pessoas. Ao iniciar a homilia, Msimungu tem de levantar a voz para se fazer ouvir. Uma voz de barítono, surpreendente em um homem tão jovem. Parece brotar sem esforço do fundo de seu peito.

Msimungu volta-se, ajoelha diante do altar. Cai um silêncio. Acima dele, paira a cabeça coroada do Cristo torturado. Ele então se volta e levanta a hóstia. Brota um grito de alegria do corpo de participantes. Começa um bater de pés ritmado, que faz vibrar o chão de madeira.

Ela sente que está ficando tonta. O ar está pesado com o cheiro de suor. Toca o braço de Blanche. “Preciso sair!”, sussurra. Blanche a examina com o olhar. “Espere mais um pouquinho”, sussurra de volta, e vira o rosto.

Ela respira fundo, tentando clarear a cabeça, mas não adianta. Uma onda de frio parece subir dos dedos dos pés. Levanta o rosto, sente o couro cabeludo arrepiar, e apaga.

Acorda deitada de costas em um quarto severo que não reconhece. Blanche ali está, olhando para ela, junto com uma moça de uniforme branco. “Desculpe”, resmungo, lutando para se sentar. “Desmaiei?”

A moça coloca uma mão tranqüilizadora em seu ombro. “Tudo bem”, diz. “Mas precisa descansar.”

Ela volta os olhos para Blanche. “Desculpe”, repete. “Muitos continentes.”

Blanche olha para ela intrigada.

“Muitos continentes”, repete. “Muitos encargos.” Sua voz soa fraca, distante. “Não tenho comido direito”, diz. “Deve ser isso.”

Mas será isso? Uma indisposição estomacal de dois dias provocaria um desmaio? Blanche deve saber. Blanche deve ter experiência em jejum, em desmaiar. De sua parte, desconfia que a indisposição não é de ordem apenas corporal. Se estivesse disposta, poderia estar aproveitando essa experiência em um novo continente, tirando algum proveito dela. Mas não está disposta. É isso que seu corpo está dizendo, à sua própria maneira. Tudo muito estranho e excessivo, seu corpo reclama: quero voltar para meu velho ambiente, para uma vida que me é familiar.

Recolhimento: é disso que está sofrendo. Desmaiar: um sintoma de recolhimento. Lembra-lhe alguém. Quem? Aquela pálida moça inglesa em *Passagem para a Índia*, aquela que não agüenta, que entra em pânico e envergonha todo mundo. Que não agüenta o calor.

VIII

O motorista está esperando. Ela está de malas feitas e pronta, ainda se sentindo um pouco pálida, um pouco cambaleante. “Até logo”, diz para Blanche. “Até logo, Irmã Blanche. Entendo o que queria dizer. Nada como Saint Patrick num domingo de manhã. Espero que não tenham me filmado enquanto eu apagava daquele jeito.”

Blanche sorri. “Se filmaram, peço para cortar.” Faz-se uma pausa entre as duas. Ela pensa: *Talvez agora ela conte por que me trouxe aqui.*

“Elizabeth”, diz Blanche (há alguma coisa nova no tom de sua voz, algo mais brando, ou é imaginação sua?), “lembre que é o evangelho deles, o Cristo deles. É o que fizeram dele, eles, o povo comum. O que fizeram dele e o que ele permitiu que fizessem dele. Por amor. E não só na África.

Vai ver cenas exatamente iguais repetidas no Brasil, nas Filipinas, até na Rússia. O povo comum não quer os gregos. Não quer o reino das formas puras. Não quer estátuas de mármore. Querem alguém que sofra como eles. Como eles e para eles.”

Jesus. Os gregos. Não é o que ela esperava, o que ela queria, não neste último minuto em que estão dizendo adeus talvez pela última vez. Há algo de inflexível em Blanche. Até a morte. Devia ter aprendido a lição. Irmãs nunca se afastam uma da outra. Ao contrário dos homens, que se afastam com muita facilidade. Presa até o fim no abraço de Blanche.

“Então: Triunfaste, ó pálido galileu”, diz ela, sem tentar esconder a amargura da voz. “É isso que quer me ouvir dizer, Blanche?”

“Mais ou menos. Você apostou num perdedor, minha querida. Se tivesse colocado seu dinheiro num outro grego, ainda teria uma chance. Orfeu em vez de Apolo. O êxtase em vez do racional. Alguém que muda de forma, muda de cor, de acordo com o ambiente. Alguém que pode morrer e depois voltar. Um camaleão. Uma fênix. Alguém que é atraente para as mulheres. Porque são as mulheres que vivem mais junto do chão. Alguém que anda entre as pessoas, que elas podem tocar — pôr a mão no seu flanco, tocar a ferida, sentir o cheiro do sangue. Mas você não fez isso, e perdeu. Foi atrás dos gregos errados, Elizabeth.”

IX

Passou-se um mês. Ela está em casa, de volta à sua vida, a aventura africana deixada para trás. Não concluiu ainda nada da reunião com Blanche, embora a memória da despedida pouco fraterna a incomode.

“Quero lhe contar uma história”, escreve, “sobre mamãe.”

Está escrevendo para si mesma, isto é, para quem estiver na sala com ela quando é a única ali presente; mas sabe que as palavras não virão a menos que pense nesse escrito como uma carta para Blanche.

Durante o primeiro ano que ela passou em Oakgrove, mamãe fez amizade com um homem chamado Phillips, que era morador de lá. Falei dele para você, mas é provável que não se lembre. Ele tinha um carro; costumavam sair juntos para ir ao teatro, a concertos; eram um casal, de um jeito bem civilizado. “Mr. Phillips”, foi assim que mamãe o chamou do começo ao fim, e tomei isso como uma pista para não imaginar nada de mais. Então a saúde de Mr. Phillips fraquejou e acabou-se o divertimento deles.

Quando conheci Mr. P., ele ainda era um velhote bem ativo, com seu cachimbo, blazer, cachecol, e um bigode de David Niven. Tinha sido um advogado bastante bem-sucedido. Cuidava da aparência, tinha hobbies, lia livros; ainda existia vida nele, como dizia mamãe.

Um de seus hobbies era pintar aquarelas. Vi alguns trabalhos seus. As figuras humanas eram duras, mas para paisagens, para a vegetação, tinha certa sensibilidade que era genuína, eu achei. Um sentido da luz e do efeito da distância sobre a luz.

Fez um retrato de mamãe com seu vestido de organdi azul, uma echarpe de seda flutuando para trás. Não inteiramente satisfatório enquanto retrato, mas guardei comigo, ainda tenho em algum lugar.

Eu também posei para ele. Foi depois que sofreu uma operação e ficou confinado a seus aposentos, ou talvez preferisse não sair. Foi idéia de mamãe eu posar para ele. “Veja se consegue fazer ele sair de si mesmo um pouco”, disse ela. “Eu não consigo. Ele passa o dia inteiro sozinho, pensando.”

Mr. Phillips ficava sozinho porque tinha sofrido uma operação, uma laringotomia. Deixou-lhe um buraco através do qual deveria poder falar com a ajuda de uma prótese. Mas tinha vergonha daquele buraco feio e impressionante no pescoço e portanto evitava mostrar-se em público. De qualquer forma, não conseguia falar, não de maneira compreensível — nunca se deu ao trabalho de aprender a respiração correta. O máximo

que conseguia era uma espécie de cochar. Deve ter sido profundamente humilhante para um homem tão chegado às mulheres.

Ele e eu nos comunicamos por escrito e o resultado foi que posei para ele numa série de tardes de sábado. A mão dele andava um pouco trêmula na época, estava sendo tomado pelo câncer em mais de uma forma.

Tinha um dos melhores apartamentos de Oakgrove, no andar térreo, com janelas-balcão que davam para o jardim. Para o meu retrato, posei sentada diante da porta do jardim em uma cadeira de espaldar reto e entalhado, usando um xale que havia comprado em Jacarta, estampado à mão em tons de ocre e marrom. Não sei se me favorecia especialmente, mas achei que como pintor ele iria gostar das cores, que elas dariam alguma coisa para ele brincar.

Um sábado — calma, estou chegando lá —, um dia quente adorável, com pombos arrulhando nas árvores, ele pousou o pincel e sacudiu a cabeça. Com seu coaxar disse alguma coisa que eu não entendi. “Não ouvi, Aidan”, eu disse. “Não funciona”, ele repetiu. Então escreveu alguma coisa no bloquinho e trouxe para mim. “Queria pintar você nua”, havia escrito. E embaixo: “Teria adorado isso.”

Deve ter custado muito para ele pôr isso para fora. *Teria adorado isso*, passado hipotético. Mas o que ele queria dizer? É concebível que fosse *Gostaria de ter pintado você quando ainda era moça*, mas acho que não. *Adoraria ter pintado você quando eu ainda era um homem*: isso parece mais possível. Ao me mostrar as palavras, vi que seu lábio tremia. Sei que não se pode dar muita importância a lábios trêmulos e olhos úmidos em gente velha, mas mesmo assim...

Sorri, tentei animá-lo e retomei minha pose. Ele voltou para o cavalete e ficou tudo como antes, só que vi que ele não estava mais pintando, estava apenas parado ali com o pincel secando na mão. Então pensei — finalmente chego ao ponto —, pensei *Que se dane*, afrouxei o xale, deixei que caísse dos meus ombros, tirei o sutiã, pendurei nas costas da cadeira e disse: “Que tal assim, Aidan?”.

Eu pinto com meu pênis — não foi Renoir que disse isso, o Renoir das gordinhas, das mulheres de pele cor de creme? *Avec ma verge*, substantivo feminino. Bem, pensei comigo, vamos ver se conseguimos despertar a *verge* de Mr. Phillips de seu longo sono. Fiquei de novo de perfil para ele, enquanto os pombos continuavam nas árvores como se nada tivesse acontecido.

Se funcionou, se o espetáculo de minha pessoa ali seminua reacendeu alguma coisa dentro dele, não sei dizer. Mas dava para sentir a intensidade de seu olhar em mim, nos meus seios, e, francamente, foi bom. Eu estava com quarenta anos, tinha dois filhos, não eram os seios de uma jovem, mas foi bom mesmo assim, foi o que achei e ainda acho, naquele lugar onde as pessoas definhavam e morriam. Uma bênção.

Depois de um tempo, quando as sombras se alongaram no jardim e esfriou, me pus decente de novo. “Até logo, Aidan, Deus abençoe você”, eu disse; e ele escreveu “Obrigado” no bloquinho, me mostrou, e acabou-se. Não acho que ele esperasse minha volta no sábado seguinte, e não voltei. Se ele terminou ou não a pintura sozinho, eu não sei. Talvez a tenha destruído. Com certeza não mostrou para mamãe.

Por que estou contando essa história, Blanche? Porque sinto que está ligada com a conversa que eu e você tivemos em Marianhill sobre os zulus e os gregos e a verdadeira natureza das humanidades. Não quero desistir da nossa disputa ainda, não quero abandonar o campo.

O episódio que estou contando, a passagem na sala de Mr. Phillips, tão sem importância em si mesma, me intrigou durante anos; só agora, depois de voltar da África, é que acho que consigo explicá-la.

Claro que havia um elemento de triunfo no jeito como me comportei, um elemento de audácia, do qual não me orgulho: a mulher potente provocando o homem declinante, mostrando o corpo, mas ao mesmo tempo mantendo distância. *Cock-teasing* — lembra dessa expressão de antigamente?

Mas havia ali mais do que isso. Era tão fora do meu jeito de ser. De onde tirei aquela idéia?, pensava sempre. Onde aprendi aquela pose,

mirando calmamente à distância com o vestido caído em volta da cintura como uma nuvem e meu corpo divino à mostra? *Dos gregos*, entendo agora, Blanche: dos gregos e do que gerações de pintores do Renascimento fizeram dos gregos. Sentada ali eu não era eu, ou não era apenas eu. Através de mim uma deusa estava se manifestando, Afrodite ou Hera, ou talvez até mesmo Ártemis. Eu era uma imortal.

E não termina aí. Usei a palavra *bênção* faz um minuto. Por quê? Porque o que estava acontecendo girava em torno dos meus seios, disso tenho certeza, em torno dos meus seios e do leite dos seios. Por mais que fizessem, aquelas antigas deusas gregas não exsudavam, enquanto eu estava exsudando, figurativamente falando: estava exsudando no quarto de Mr. Phillips, eu sentia isso e aposto que ele também sentiu, muito depois de eu ter ido embora.

Os gregos não exsudavam. Quem exsuda é Maria de Nazaré. Não a tímida virgem da Anunciação, mas a mãe que vemos em Correggio, aquela que delicadamente puxa o mamilo com a ponta dos dedos para seu bebê poder mamar; que, segura de sua virtude, se descobre diante do olhar do pintor e portanto do nosso olhar.

Imagine a cena no estúdio de Correggio nesse dia, Blanche. Com o pincel na mão ele aponta: “Puxe assim. Não, não com a mão inteira, só com dois dedos”. Atravessa a sala, mostra a ela. “Assim.” E a mulher obedece, fazendo com seu corpo o que ele manda. Outros homens observando o tempo todo nas sombras: aprendizes, pintores amigos, visitantes.

Quem sabe quem era ela, a modelo daquele dia: uma mulher da rua? A esposa do patrono? A atmosfera do estúdio elétrica, mas com o quê? Energia erótica? O pênis de todos aqueles homens, suas *verges*, vibrando? Sem dúvida. Mas existe alguma outra coisa no ar também. Adoração. O pincel se detém enquanto adoram aquele mistério que lhes é manifestado: do corpo da mulher a vida jorra num fluxo.

A Zululândia tem alguma coisa comparável com esse momento, Blanche? Duvido. Não com essa embriagante mistura de extático e

estético. Só acontece uma vez na história da humanidade, na Itália renascentista, quando imagens e ritos cristãos imemoriais invadem o sonho de Grécia antiga dos humanistas.

Em toda a nossa conversa sobre humanismo e humanidades havia uma palavra que nós duas evitamos: *humanidade*. Quando Maria, bendita entre as mulheres, sorri seu remoto sorriso angélico e puxa o doce bico rosado do peito diante de nossos olhos, quando eu, imitando Maria, descubro meus seios para o velho Mr. Phillips, praticamos atos de humanidade. Atos como esses não estão ao alcance dos animais, que não podem se descobrir porque não se cobrem. Nada nos compele a fazer isso, a Maria ou a mim. Mas pelo jorro, pelo jorro de nossos corações humanos fazemos mesmo assim: deixamos cair nossa roupa, nos revelamos, revelamos a vida e a beleza com que somos abençoadas.

Beleza. Sem dúvida na Zululândia, onde você tem tamanha abundância de corpos despídos para olhar, você deve concordar, Blanche, que não há nada mais humanamente belo do que os seios de uma mulher. Nada mais humanamente belo, nada mais humanamente misterioso do que o fato de os homens quererem acariciar, sempre e sempre, com pincéis, cinzéis ou mãos, esses estranhos sacos gordurosos curvos, e nada mais humanamente enternecedor do que nossa cumplicidade (falo da cumplicidade das mulheres) com a obsessão deles.

As humanidades nos ensinam a humanidade. Depois da noite cristã de muitos séculos, as humanidades nos devolvem nossa beleza, nossa beleza humana. Foi isso que você esqueceu de dizer. É isso que os gregos nos ensinam, Blanche, os gregos certos. Pense nisso.

Sua irmã,
Elizabeth

Isso é o que ela escreve. O que ela não escreve, que não tem intenção de escrever, é como a história continua, a história de Mr. Phillips e das poses

de sábado à tarde no lar de velhinhos.

Porque essa história não termina como ela disse, com ela se cobrindo decentemente e Mr. Phillips escrevendo a nota de agradecimento, ela indo embora de seus aposentos. Não, a história é retomada um mês depois, quando sua mãe menciona que Mr. Phillips esteve no hospital para mais uma dose de radiação e voltou mal, muito deprimido, muito desanimado. Por que não vai vê-lo, tentar animá-lo?

Ela bate na porta, espera um momento, entra.

Não há como ignorar os sinais. Não mais um velho ativo, apenas um velho, um velho saco de ossos esperando para ser levado embora. Deitado de costas com os braços abertos, as mãos frouxas, mãos que no espaço de um mês ficaram tão azuis e nodosas que nos perguntamos como conseguiam segurar um pincel. Não está dormindo, apenas deitado, esperando. Ouvindo também, sem dúvida, os sons de dentro, os sons da dor. (*Não vamos esquecer disso, Blanche, ela pensa consigo mesma: não vamos esquecer a dor. Os terrores da morte não bastam: em cima deles a dor, crescendo. Como forma de encerrar nossa visita a este mundo, o que poderia ser mais engenhosamente, mais diabolicamente cruel?*)

Ela fica ao lado da cama do velho; pega sua mão. Embora não haja nada de agradável em segurar aquela mão fria, azul, ela o faz. Nada agradável naquilo tudo. Segura a mão, aperta e diz: “Aidan!” com sua voz mais afetuosa, e vê as lágrimas brotarem, as lágrimas de velho que não contam muito porque vêm tão fácil. Não lhe resta nada a dizer e nada, certamente, para ele dizer pelo buraco da garganta, agora decentemente coberto com um pedaço de gaze. Ela fica ali alisando sua mão até a enfermeira Naidoo chegar com o carrinho de chá e os comprimidos; então, ajuda-o a sentar-se para beber (com um canudinho na xícara, como um menino de dois anos de idade, as humilhações não têm limite).

No sábado seguinte, visita-o de novo, e no seguinte; passa a ser uma nova rotina. Segura a mão dele e tenta confortá-lo enquanto observa com olhos frios os estágios do declínio. As visitas acontecem com um mínimo

de palavras. Mas há um sábado em que, um pouco mais animado que o normal, um pouco mais ativo, ele empurra o bloquinho para ela e ela lê a mensagem que ele redigiu antes: “Belos seios você tem. Nunca esquecerei. Obrigado por tudo, querida Elizabeth”.

Ela devolve o bloco. O que dizer? *Abandona aquilo que amaste.*

Com dedos ossudos, crus, ele arranca a página do bloco, amassa e joga no cesto. Depois levanta um dedo aos lábios como se dissesse *Nosso segredo.*

Que se dane, ela pensa consigo uma segunda vez. Vai até a porta e tranca à chave. Na pequena alcova onde ele pendura suas roupas, tira o vestido, o sutiã. E atravessa de volta para a cama, senta-se do lado onde ele pode olhar bem e retoma a pose da pintura. *Um agrado,* pensa: *vamos fazer um agrado ao velho, vamos alegrar seu sábado.*

Pensa em outras coisas também, sentada na cama de Mr. Phillips na fresca da tarde (não é mais verão agora, mas outono, fim de outono), tão fresca que depois de algum tempo começa a tremer ligeiramente. *Adultos maiores de idade:* essa é uma das coisas em que pensa. *O que os adultos de maioridade fazem atrás de portas fechadas não é da conta de ninguém além deles mesmos.*

Esse seria outro bom ponto para encerrar a história. Seja qual for a natureza desse pretense agrado, não há necessidade de que seja repetido. No sábado seguinte, se ele ainda estiver vivo, se ela ainda estiver viva, ela virá e irá segurar sua mão de novo; mas esta será a última pose, a última oferta do seio, a última bênção. Depois disso, os seios terão de ser encerrados, talvez encerrados para sempre. Portanto poderia terminar ali, com esta pose sustentada por uns bons vinte minutos, calcula, apesar dos arrepios. Como história, como recital, terminaria aqui e ainda seria suficientemente decente para colocar em um envelope e mandar para Blanche sem estragar nada do que pretendia dizer sobre os gregos.

Mas o fato é que demora um pouco mais, uns cinco ou dez minutos, e essa é a parte que não pode contar a Blanche. Demora tempo suficiente

para ela, a mulher, pousar a mão casualmente na coberta e começar a afagar, muito de leve, o lugar onde o pênis deveria estar, se é que o pênis está vivo e desperto; e então, quando não há reação, para afastar as cobertas e soltar o cordão do pijama de Mr. Phillips, o pijama de flanela de velho como ela não vê há anos — nunca poderia pensar que ainda se encontra aquilo para comprar nas lojas —, abrir a frente e depositar um beijo naquela coisinha inteiramente flácida e tomá-la na boca e movê-la até vibrar de leve com vida. É a primeira vez que vê pêlos púbicos que ficaram brancos. Burrice não ter pensado que isso acontece. Vai acontecer com ela também, a seu tempo. E o cheiro também não é agradável, o cheiro das partes de um velho, mal lavadas.

Menos que ideal, pensa, afastando-se e cobrindo o velho Mr. Phillips, sorrindo para ele e dando-lhe tapinhas na mão. O ideal seria mandar uma jovem beldade para fazer aquilo para ele, uma *fille de joie* com os seios jovens e cheios com que sonham os velhos. Nada contra pagar a visita. Um presente de aniversário, diria, se a moça quisesse uma explicação, se *presente de despedida* fosse um nome muito horripilante. Porém, depois que se passou de uma certa idade tudo é menos que ideal; Mr. Phillips podia se acostumar com aquilo. Só os deuses são jovens para sempre, os deuses inumanos. Os deuses e os gregos.

Quanto a ela, Elizabeth, abaixada sobre o velho saco de ossos com os seios pendurados, trabalhando seu quase extinto órgão de geração, que nome os gregos dariam para um espetáculo desses? Não *eros*, com certeza — grotesco demais para isso. *Agape*? De novo, talvez não. Quer dizer que os gregos não teriam uma palavra para aquilo? Seria preciso esperar que os cristãos viessem com a palavra certa: *caritas*?

Porque, afinal, ela se convence que é disso que se trata. Pela intumescência de seu coração ela sabe, pela profunda, ilimitável diferença entre o que tem no coração e o que a enfermeira Naidoo veria, se por um mau acaso a enfermeira Naidoo, usando a chave mestra, abrisse a porta e entrasse.

Isso, porém, não é o mais importante em sua cabeça — o que a enfermeira Naidoo acharia daquilo, o que os gregos achariam daquilo, o que sua mãe no andar de cima acharia daquilo? O mais importante é o que ela própria vai achar daquilo, no carro a caminho de casa, ou quando acordar amanhã de manhã, ou dentro de um ano. O que se pode achar de episódios como esse, imprevistos, não planejados, inadequados? Serão apenas buracos, buracos no coração nos quais se pisa e se cai e se continua caindo?

Blanche, querida Blanche, ela pensa, por que existe essa barreira entre nós? Por que não podemos falar uma com a outra diretamente e expostas, como pessoas que estão à beira da morte? Mamãe se foi; o velho Mr. Phillips cremado, transformado em pó e espalhado ao vento; do mundo em que crescemos, sobram só você e eu. Irmã da minha juventude, não morra numa terra estranha e não me deixe sem uma resposta!

Palestra 6

O problema do mal

Ela foi convidada para fazer uma conferência em Amsterdã, uma conferência sobre o eterno problema do mal: por que existe o mal no mundo e o que se pode fazer a respeito disso, se é que se pode fazer alguma coisa.

Ela tem quase certeza da razão por que os organizadores a escolheram: por causa de uma palestra que deu no ano anterior em uma faculdade dos Estados Unidos, uma palestra pela qual foi atacada nas páginas de *Commentary* (minimização do Holocausto, essa foi a acusação) e defendida por gente cujo apoio, em sua maioria, a envergonhava: anti-semitas disfarçados, sentimentais defensores dos direitos dos animais.

Naquela ocasião, ela havia falado sobre o que considerava e ainda considera a escravidão de populações animais inteiras. Escravo: ser cuja vida e morte estão nas mãos de outro. O que mais são as vacas, os carneiros, as galinhas? Os campos de extermínio não teriam nem sido concebidos sem o exemplo das indústrias de processamento de carne antes deles.

E muito mais ela havia dito, parecia-lhe óbvio, nem valia a pena perder tempo com isso. Mas ela deu um passo adiante, um passo longo demais. O massacre dos indefesos vem se repetindo a nossa volta, dia após dia, dissera, uma matança nada diferente, em escala, em horror ou em dimensão

moral, daquilo a que chamamos de o holocausto; no entanto, preferimos não ver isso.

Da mesma dimensão moral: isso é que despertou resistência. Houve um protesto de estudantes do Centro Hillel. O Appleton College devia, enquanto instituição, manter distância das declarações dela e pedir desculpas por ter aberto espaço para ela.

Em sua terra, os jornais adoraram a história. O *Age* fez uma reportagem com a manchete ROMANCISTA ILUSTRE ACUSADA DE ANTI-SEMITISMO e publicou o parágrafo ofensivo de sua palestra, crivado de alterações na pontuação. O telefone começou a tocar a toda hora: jornalistas, na maioria, mas também estranhos, inclusive uma mulher sem nome que gritou a frase “Sua vaca fascista!”. Depois disso, parou de atender o telefone. De repente, ela é que se via em julgamento.

Era uma confusão que podia ter previsto e devia ter evitado. Então, o que está fazendo no palco de conferências de novo? Se fosse sensata ficaria em seu canto. Está velha, sente-se cansada o tempo todo, perdeu o apetite para discutir, e, seja como for, que esperança pode haver de o problema do mal, se *problema* é a palavra certa para o mal, grande o bastante para se contê-lo, vir a ser resolvido com mais palavras?

Porém, quando o convite chegou, ela achava-se sob o maligno encanto de um romance que estava lendo. O romance era sobre o pior tipo de depravação, e puxou-a para um estado de desânimo sem fim. *Por que está fazendo isso comigo?*, tinha vontade de gritar ao ler, sabe Deus para quem. No mesmo dia, chegou a carta-convite. A estimada escritora Elizabeth Costello daria a honra de sua presença em uma reunião de teólogos e filósofos para falar, se assim o desejasse, sob o título geral de “Silêncio, Cumplicidade e Culpa?”.

O livro que estava lendo naquele dia era de Paul West, um inglês que parecia ter se libertado das preocupações mais banais do romance inglês. Seu livro era sobre Hitler e os pretensos assassinos de Hitler na *Wehrmacht*, e estava indo tudo bem até que chegou ao capítulo que descrevia a

execução dos conspiradores. De onde West teria obtido sua informação? Será que houve mesmo testemunhas que voltaram para casa naquela noite e que, antes que esquecessem, antes que a memória se esvaziasse para se proteger, escreveram, com palavras que devem ter queimado a página, um relato sobre o que viram, citando até as palavras que o carrasco falou para as almas entregues em suas mãos, velhos atrapalhados em sua maioria, despídos de seus uniformes, paramentados para o ato final com sobras da prisão, calças de sarja duras de sujeira, malhas cheias de buracos de traça, sem sapatos, sem cintos, privados das dentaduras e dos óculos, exaustos, tremendo, as mãos nos bolsos para segurar as calças, choramingando de medo, engolindo as lágrimas, tendo de ouvir aquela criatura rude, aquele carneiro com o sangue da última semana endurecido debaixo das unhas, a insultá-los, contando-lhes o que ia acontecer quando a corda esticasse, que escorreria merda por suas pernas finas de velhos, que seus pênis flácidos de velhos estremeceriam pela última vez? Um após outro sobem para o cadafalso, num espaço indefinido que podia ser uma garagem ou, da mesma forma, um abatedouro, debaixo de luzes de arco voltaico para que depois, em seu antro na floresta, Adolf Hitler, comandante-em-chefe, pudesse assistir ao filme de seus soluços, tremores e posterior imobilidade, a bamba imobilidade da carne morta, e ficar satisfeito de ter conseguido vingar-se.

Sobre isso é que Paul West, romancista, havia escrito, página após página após página, sem esquecer de nada; e foi isso que ela leu, doente com o espetáculo, doente consigo mesma, doente com um mundo em que coisas assim ocorriam, até que empurrou para longe o livro e ficou sentada com a cabeça nas mãos. *Obsceno!* queria gritar, mas não gritou porque não sabia a quem lançar a palavra: a si mesma, a West, à comissão de anjos que observa impassível tudo o que se passa. Obsceno porque tais coisas não deviam ocorrer, e obsceno também porque uma vez ocorridas não deviam ser trazidas à luz, mas acobertadas e escondidas para sempre nas entranhas

da terra, como o que acontece nos abatedouros do mundo, se o sujeito quer preservar a sanidade mental.

A carta-convite chegou enquanto o toque obsceno do livro de West ainda era intenso dentro dela. E é por isso, em resumo, que ela está aqui em Amsterdã, com a palavra *obsceno* ainda subindo pela garganta. Obsceno: não apenas os atos dos executores de Hitler, não apenas os atos do carrasco, mas também as páginas do livro negro de Paul West. Cenas que não combinam com a luz do dia, das quais merecem ser protegidos os olhos de donzelas e crianças.

Como Amsterdã irá reagir a Elizabeth Costello em seu estado presente? Será que a vigorosa palavra calvinista *mal* ainda tem alguma força entre esses sensatos, pragmáticos, bem-ajustados cidadãos da Nova Europa? Faz mais de meio século que o diabo marchou garbosamente por suas ruas, mas com certeza não podem ter esquecido. Adolf e suas coortes ainda atraem a imaginação popular. Um fato curioso, considerando que Koba, o Urso, seu irmão mais velho e mentor, sob todos os aspectos mais assassino, mais vil, mais horrendo para a alma, praticamente desapareceu. Uma comparação de vileza contra vileza na qual o próprio ato de comparar deixa na boca um gosto vil. Vinte milhões, seis milhões, três milhões, cem mil: em certo ponto a cabeça entra em colapso diante das quantidades; e quanto mais velho se fica — isso, pelo menos, foi o que aconteceu com ela — mais depressa vem o colapso. Um pardal derrubado do galho por um estilingue, uma cidade aniquilada pelo ar: quem ousa dizer o que é pior? O mal, ele todo, um mau universo inventado por um mau deus. Ousará dizer isso a seus gentis anfitriões holandeses, a seus gentis, inteligentes, sensatos espectadores nessa cidade iluminada, racionalmente organizada, bem administrada? Melhor ficar quieta, melhor não gritar demais. É capaz de imaginar a próxima manchete do *Age*: UNIVERSO MAU, DIZ COSTELLO.

Sai do hotel e passeia pelo canal, uma velha de capa, ainda de cabeça tonta, ainda meio incerta nos passos, depois do longo vôo desde os

antípodas. Desorientada: será que está tendo esses negros pensamentos só porque está desorientada? Se assim for, devia viajar menos. Ou mais.

O tópico sobre o qual vai discorrer, o tópico que estabeleceu com seus anfitriões, é “Testemunha, Silêncio e Censura”. O texto em si, ou a maior parte dele, não foi difícil de escrever. Depois de anos na executiva do PEN Austrália, é capaz de falar sobre censura até dormindo. Se quisesse facilitar as coisas para si mesma, leria para eles sua palestra rotineira sobre censura, passaria algumas horas no Rijksmuseum, depois pegaria o trem para Nice, onde, muito convenientemente, sua filha está hospedada a convite de uma fundação.

A palestra rotineira sobre censura é liberal nas idéias, com um toque talvez do *Kulturpessimismus* que vem marcando seu pensamento ultimamente: a civilização do Ocidente tem por base a crença no esforço ilimitado e ilimitável, é tarde demais para fazermos qualquer coisa a respeito disso, temos simplesmente de nos segurar e seguir para onde quer que a onda nos leve. É na questão do ilimitável que suas opiniões parecem estar passando por uma calada mudança. Desconfia que a leitura do livro de West contribuiu para essa mudança, embora seja possível que a mudança tenha ocorrido, de qualquer forma, por razões que lhe são mais obscuras. Especificamente, não tem mais certeza de que as pessoas sempre melhoram com o que lêem. Além disso, não tem mais certeza de que os escritores que se aventuram nos territórios mais sombrios da alma voltem sempre incólumes. Começou a pensar se escrever o que se quer, da mesma forma que ler o que se quer, é uma coisa boa.

Isso é o que planeja dizer aqui em Amsterdã. Como exemplo principal, planeja apresentar *The very rich hours of count Von Stauffenberg*, que recebeu junto com um pacote de livros, alguns novos, outros reedições, mandado à sua atenção por um editor amigo de Sydney. *The very rich hours* foi o único que realmente a pegou; sua reação foi externada em uma resenha que ela recolheu no último minuto e que nunca foi publicada.

Ao chegar ao hotel, havia um envelope a sua espera: uma carta de boas-vindas dos organizadores, um programa do congresso, mapas. Sentada agora em um banco da Prinsengracht, no instável calor do sol do norte, dá uma olhada no programa. Está marcado que ela vai falar na manhã seguinte, primeiro dia do congresso. Corre as páginas até as notas ao fim do programa. “Elizabeth Costello, notória romancista e ensaísta australiana, autora de *A casa da rua Eccles* e de muitos outros livros.” Não é o jeito como ela se apresentaria, mas não lhe perguntaram nada. Congelada no passado, como sempre; congelada nas realizações da juventude.

Seus olhos passeiam pela lista. Nunca ouviu falar da maior parte dos conferencistas. O último nome atrai seu olhar, e sente o coração quase parar. “Paul West, romancista e crítico.” Paul West: um estranho sobre cujo estado de alma ela gasta tantas páginas. Em sua palestra, ela pergunta se alguém é capaz de vagar tão profundamente quanto Paul West pela floresta de horrores nazistas e sair intocado. Já consideramos a possibilidade de o explorador atraído para dentro dessa floresta sair da experiência não melhor e mais forte, mas pior? Como pode fazer a palestra, como pode lançar essa pergunta com o próprio Paul West sentado na platéia? Vai parecer um ataque, um ataque presunçoso, proposital e, acima de tudo pessoal, a um colega escritor. Quem acreditará na verdade: que ela nunca teve nenhum contato com Paul West, que não o conhece, que apenas leu esse livro dele? O que fazer?

Nas vinte páginas de seu texto, uma boa metade é dedicada ao livro sobre Von Stauffenberg. Com um pouco de sorte, o livro não terá sido traduzido para o holandês; com muita sorte, ninguém mais na platéia o terá lido. Pode cortar o nome de West, referir-se a ele apenas como “o autor de um livro sobre o período nazista”. Podia até transformar o livro num romance hipotético: um romance hipotético sobre os nazistas, cuja escritura teria deixado cicatrizes na alma de seu hipotético autor. Então ninguém saberá, exceto, é claro, o próprio West, se estiver presente, se se der ao trabalho de ir à palestra da senhora da Austrália.

São quatro da tarde. Geralmente, em vôos longos, ela dorme apenas intermitentemente. Mas nesse vôo experimentou um novo comprimido que parece ter funcionado. Está se sentindo bem, pronta para mergulhar no trabalho. Tem tempo para reescrever a palestra, transferindo Paul West e seu romance para o fundo da cena, deixando visível apenas a tese, a tese de que escrever, como forma de aventura moral, pode ser perigoso. Mas que tipo de palestra seria — uma tese sem exemplos?

Existe alguém que ela possa colocar no lugar de Paul West — Céline, por exemplo? Um dos romances de Céline, cujo nome lhe escapa, flerta com o sadismo, o fascismo, o anti-semitismo. Faz anos que o leu. Será que consegue encontrar um exemplar, de preferência não em holandês, e inserir Céline na palestra?

Mas Paul West não é Céline, não tem nada a ver com ele. Flertar com o sadismo é exatamente o que West não faz; além disso, seu livro mal menciona os judeus. Os horrores que desvenda são *sui generis*. Deve ter sido esse seu desafio consigo mesmo: tomar como assunto um punhado de estabaneados oficiais de carreira alemães inaptos à conspiração e à consecução de um assassinato devido a seu próprio código de formação, contar a história dessa inaptidão e de suas conseqüências do começo ao fim e deixar ao leitor, para sua própria surpresa, um sentimento de pena e de terror autênticos.

Houve um tempo em que ela diria: palmas para o escritor que se empenha em acompanhar uma história dessas até os seus mais sombrios recessos. Agora não tem certeza. Isso é o que parece ter mudado nela. De qualquer forma, Céline não é assim, Céline não vai funcionar.

No convés de uma barcaça atracada a sua frente, dois casais estão sentados à mesa, conversando, bebendo cerveja. Ciclistas passam depressa. Uma tarde comum de um dia comum na Holanda. Depois de viajar milhares de quilômetros para se banhar exatamente nessa variedade do comum, terá de renunciar a isso e sentar-se em um quarto de hotel batalhando com o texto de uma palestra que será esquecida em uma

semana? E com que finalidade? Para não constranger um homem que não conhece? No esquema maior das coisas, o que significa um minuto de constrangimento? Ela não sabe quantos anos Paul West tem — a orelha do livro não conta, a foto pode ser de anos antes —, mas tem certeza de que não é jovem. Será que ele e ela, de maneiras diferentes, não poderiam estar além de qualquer constrangimento?

De volta ao hotel, encontra um recado para ligar para Henk Badings, o homem da Universidade Livre com quem se corresponde. Fez uma boa viagem?, pergunta Badings. Está bem instalada? Gostaria de jantar com ele e com um ou dois outros convidados? Obrigada, ela responde, mas não: prefere ir deitar cedo. Uma pausa, e faz a pergunta. O romancista Paul West: ele já chegou a Amsterdã? Já, vem a resposta de Badings: não só Paul West já chegou, como ela gostará de saber que estão hospedados no mesmo hotel.

Se era preciso alguma coisa para provocá-la, aí estava. Inaceitável que Paul West se veja alojado com uma mulher que o qualifica em público de instrumento de Satã. Precisa cortá-lo da palestra, ou desistir de fazê-la, e pronto.

Fica acordada a noite inteira lutando com a palestra. Primeiro, tenta eliminar o nome de West. *Um romance recente*, assim ela chama o livro, *escrito na Alemanha*. Mas é claro que não funciona. Mesmo que a maioria dos espectadores se deixe levar, West vai saber que está falando dele.

E se tentar abrandar a tese? E se sugerir que, ao representar as ações do mal, o escritor pode *involuntariamente* fazer o mal parecer atraente, e assim causar mais dano que bem? Isso abrandaria o golpe? Risca o primeiro parágrafo da página oito, a primeira página ofensiva, depois a segunda, depois a terceira, começa a rabiscar correções à margem, depois olha desanimada aquela confusão. Por que não fez uma cópia antes de começar?

O rapaz da recepção está com fones de ouvido, mexendo os ombros de um lado para o outro. Quando a vê, assume posição de sentido. “Uma

copiadora”, diz ela. “Sabe onde posso encontrar uma copiadora?”

Ele pega da mão dela a pilha de papéis, olha o cabeçalho. O hotel serve a muitos congressos, o rapaz deve estar acostumado a estrangeiros aflitos reescrevendo suas palestras no meio da noite. A vida das estrelas anãs. Crescem as safras em Bangladesh. A alma e suas múltiplas corrupções. Tudo a mesma coisa para ele.

Cópia em mãos, ela prossegue na tarefa de deixar mais rala a palestra, porém com mais e mais dúvidas no coração. O escritor como instrumento de Satã: que bobagem! Inelutavelmente discute consigo mesma, assumindo a posição do censor ultrapassado. E para que toda essa cautela afinal? Para evitar um escândalo sem importância? De onde vem essa relutância em ofender? Logo vai estar morta. E daí se um dia irritou algum estranho em Amsterdã?

Quando tinha dezenove anos, lembra-se, permitiu-se ser caçada na ponte da rua Spencer, perto da praia de Melbourne, então uma zona perigosa. O homem era estivador, tinha uns trinta anos, bonito à sua maneira rude, chamava-se Tim ou Tom. Ela era estudante de arte e rebelde, revoltada principalmente contra a matriz que a formara: respeitável, *petit bourgeois*, católica. A seus olhos, naquela época, só a classe trabalhadora e os valores da classe trabalhadora eram autênticos.

Tim ou Tom a levou para um bar e depois para a casa de cômodos onde morava. Era uma coisa que nunca tinha feito antes, dormir com um estranho; no último minuto não conseguiu. “Desculpe”, disse. “Sinto muito, vamos parar.” Mas Tim ou Tom não quis saber. Quando ela resistiu, ele tentou à força. Durante um longo tempo, em silêncio, ofegante, lutou com ele, empurrando, arranhando. De início, ele tomou aquilo como um jogo. Depois cansou-se, ou seu desejo cansou, virou uma outra coisa e ele começou a bater nela de verdade. Levantou-a da cama, socou seus seios, socou sua barriga, deu-lhe uma terrível cotovelada no rosto. Quando se encheu de bater, rasgou as roupas dela e tentou pôr fogo nelas dentro do cesto de lixo. Completamente nua, ela saiu e se escondeu no banheiro do

andar. Uma hora depois, quando teve certeza de que ele estava dormindo, saiu e recolheu o que havia sobrado. Vestindo os farrapos queimados do vestido e mais nada, fez sinal para um táxi. Durante uma semana ficou primeiro com uma amiga, depois com outra, recusando-se a explicar o que acontecera. Estava com o maxilar quebrado; teve de ser operado; vivia de leite e suco de laranja, tomados de canudinho.

Foi seu primeiro contato com o mal. Entendeu que não era nada mais que isso, o mal, no momento em que a sensação de afronta do homem cedeu e um imperturbável prazer em machucar tomou seu lugar. Ele gostou de machucá-la, dava para ver isso; provavelmente gostou mais do que teria gostado de fazer sexo. Embora não pudesse saber disso quando a pegou na rua, ele a levou para seu quarto mais para machucá-la do que para fazer amor com ela. Ao combatê-lo, ela criou uma abertura para o mal dentro dele vir à tona, e ele veio à tona na forma de prazer, primeiro com a dor dela (“Você gosta, não gosta?”, sussurrava enquanto torcia seus mamilos. “Gosta?”), depois com a destruição infantil e perversa de suas roupas.

Por que sua cabeça recua para esse episódio do passado remoto e — de verdade — pouco importante? A resposta: porque ela nunca o revelou a ninguém, nunca fez uso dele. Em nenhuma de suas histórias ocorre um ataque físico de um homem contra uma mulher como vingança por ter sido recusado. A menos que o próprio Tim ou Tom tenha sobrevivido até a extrema senilidade, a menos que a comissão de observadores angélicos tenha gravado em ata as ocorrências daquela noite, o que aconteceu naquela casa de cômodos pertence a ela e a mais ninguém. Durante meio século, a lembrança permaneceu dentro dela como um ovo, um ovo de pedra, que nunca se abriria, que nunca germinaria. Ela acha aquilo bom, gosta daquilo, daquele seu silêncio, um silêncio que espera preservar até o túmulo.

Será que está exigindo de West uma reticência equivalente: uma história sobre uma conspiração de assassinato em que ele não conte o que

aconteceu com os conspiradores quando caíram nas mãos dos inimigos? Decerto que não. Então o que exatamente ela quer dizer a essa platéia de estrangeiros dentro de — olha o relógio — menos de oito horas?

Tenta clarear a cabeça, voltar ao começo. O que dentro dela revoltou-se contra West e seu livro quando o leu? Numa primeira avaliação, o fato de ele ter trazido Hitler e seus assassinos de volta à vida, de lhes ter dado uma nova força no mundo. Muito bem. Mas qual o problema com isso? West é um romancista, assim como ela; ambos vivem de contar ou recontar histórias; e em suas histórias, se suas histórias são boas, os personagens, até mesmo os carrascos, assumem vida própria. Então por que ela seria melhor do que West?

A resposta, até onde pode entender, é que não acredita mais que contar histórias seja uma coisa boa em si, enquanto para West, ou pelo menos para o West que ele era quando escreveu o livro sobre Stauffenberg, a questão parece não ter se levantado. Se ela, como ela é hoje, tivesse de escolher entre contar uma história e fazer o bem, acha que preferiria fazer o bem. E West, ela acha, preferiria contar uma história, embora talvez devesse manter seu julgamento em suspenso até ouvir isso dos lábios dele mesmo.

Muitas coisas são iguais a isso, a esse trabalho de contar histórias. Uma delas (diz em um dos parágrafos que ainda não cortou) é uma garrafa com um gênio dentro. Quando o contador de histórias abre a garrafa, o gênio é libertado para o mundo, e depois é um inferno colocá-lo de volta para dentro. Sua posição, sua posição revisada, sua posição no ocaso da vida: é melhor, no geral, que o gênio permaneça dentro da garrafa.

A sabedoria das similitudes, a sabedoria dos séculos (por isso é que ela prefere pensar em similitudes e não em resolver as coisas), é que há silêncio na vida do gênio encerrado na garrafa. Isso quer dizer simplesmente que o mundo seria melhor se o gênio continuasse preso.

Um gênio ou um diabo. Ela faz cada vez menos idéia do que significa acreditar em Deus, mas sobre o diabo não tem dúvidas. O diabo está em

toda parte debaixo da pele das coisas, procurando um jeito de sair para a luz. O diabo entrou no estivador aquela noite na rua Spencer, o diabo entrou no carrasco de Hitler. E por meio do estivador, tanto tempo atrás, o diabo entrou nela: pode senti-lo agachado lá dentro, dobrado como um pássaro, esperando a chance de voar. Por meio do carrasco de Hitler, um diabo entrou em Paul West, e em seu livro West, por sua vez, libertou o diabo, soltou-o no mundo. Ela sentiu o roçar de sua asa coriácea, com certeza, quando leu aquelas páginas sombrias.

Tem plena consciência de que isso soa antiquado. West terá defensores aos milhares. *Como podemos conhecer os horrores dos nazistas*, dirão esses defensores, *se nossos artistas forem proibidos de trazê-los à vida para nós? Paul West não é um diabo, mas sim um herói: aventurou-se no labirinto do passado da Europa, enfrentou o Minotauro e voltou para contar a história.*

Que se pode responder? Que teria sido melhor se nosso herói ficasse em casa, ou que pelo menos mantivesse suas façanhas em segredo? Numa época em que os artistas agarram-se aos farrapos de dignidade que lhes restam, que gratidão esse tipo de resposta vai lhe render entre seus colegas escritores? *Ela nos decepcionou*, dirão. *Elizabeth Costello virou a velha mamãe Grundy.*

Gostaria de ter *The very rich hours of count Von Stauffenberg* ali com ela. Se pudesse ao menos olhar de novo aquelas páginas, passar os olhos por elas, todas as suas dúvidas se dissipariam, disso tem certeza, as páginas em que West dá ao carrasco, ao carnicheiro — esqueceu o nome dele, mas não consegue esquecer suas mãos, assim como, sem dúvida, suas vítimas levavam para a eternidade a lembrança daquelas mãos mexendo em seus pescoços —, em que dá ao carnicheiro uma voz, permitindo-lhe sua bruta, sua pior que bruta, sua indizível chacota com os trêmulos velhos que está para matar, chacotas sobre a maneira como seus corpos haverão de traí-los ao sacudir e dançar na ponta da corda. É terrível, terrível além das palavras: terrível que um tal homem tenha existido, e mais terrível ainda que seja arrancado do túmulo quando pensávamos que estava bem morto.

Obsceno. Essa é a palavra, uma palavra de etimologia contestada, à qual ela tem de se apegar como a um talismã. Escolhe acreditar que *obsceno* quer dizer *fora de cena*. Para salvar nossa humanidade, certas coisas que podemos querer ver (*podemos querer ver porque somos humanos!*) devem se manter fora de cena. Paul West escreveu um livro obsceno, mostrou o que não devia ser mostrado. Esse deve ser o fio condutor de sua palestra quando enfrentar a platéia, disso não pode abrir mão.

Adormece em cima da mesa, completamente vestida, a cabeça apoiada nos braços. Às sete da manhã o despertador toca. Grogue, exausta, faz o que pode para dar um jeito na cara e pega o engraçado elevadorzinho que desce para o saguão. “O sr. West já chegou?”, pergunta ao rapaz da portaria, o mesmo rapaz.

“Sr. West... Já, sim, sr. West, apartamento 311.”

O sol brilha pelas janelas da sala de café-da-manhã. Serve-se de café e um croissant, encontra uma mesa perto da janela, observa a meia dúzia de outros madrugadores. Será que aquele homem forte de óculos lendo o jornal pode ser West? Não parece com a foto da orelha do livro, mas isso não prova nada. Deveria ir até lá e perguntar: “Sr. West, como vai? Eu sou Elizabeth Costello e tenho uma complicada declaração a fazer, se o senhor me escutar. É a respeito do senhor e de seus negócios com o mal”. Como se sentiria se algum estranho fizesse isso com ela enquanto tomava café-da-manhã?

Levanta-se, passa entre as mesas, indo até o bufê pelo caminho mais longo. O jornal que o homem está lendo é holandês, o *Volkskrant*. Ele tem caspa na gola do paletó. Dá uma olhada por cima dos óculos. Um rosto plácido, comum. Podia ser qualquer um, um vendedor de tecidos, um professor de sânscrito. Podia igualmente ser Satã em um de seus disfarces. Ela hesita, segue em frente.

O jornal holandês, a caspa... Não que Paul West não pudesse ler holandês, não que Paul West não pudesse ter caspa. Mas se ela vai posar de perita em mal, será que não deve ser capaz de farejar o mal? Que cheiro

tem o mal? De sulfúrio? De enxofre? De Zyklon B? Ou o mal se tornou sem cheiro e sem cor, como tanta coisa do resto do mundo moral?

Às oito e meia, Badings a chama. Juntos seguem os poucos quarteirões até o teatro onde o congresso está se realizando. No auditório, ele aponta um homem sentado sozinho na fila de trás. “Paul West”, diz Badings. “Quer que eu o apresente você?”

Embora não seja o homem que viu no café-da-manhã, os dois não são muito diferentes em constituição, e até em aparência.

“Mais tarde talvez”, ela murmura.

Badings pede licença, afasta-se para cuidar de suas coisas. Mais uns vinte minutos até a sessão começar. Ela atravessa o auditório. “Paul West?”, diz, do modo mais agradável possível. Há anos não recorre a artimanhas femininas, mas se artimanhas podem funcionar, então vai usá-las. “Posso falar com o senhor um momento?”

West, o West de verdade, levanta os olhos do que estava lendo, que parece, espantosamente, algum tipo de história em quadrinhos.

“Meu nome é Elizabeth Costello”, diz, e senta-se ao lado dele. “Isto não é fácil para mim, portanto vou direto ao assunto. Minha palestra de hoje faz referência a um de seus livros, o livro sobre Von Stauffenberg. Na verdade, a palestra é em grande parte sobre esse livro e sobre o senhor como autor. Quando preparei a palestra, não esperava que fosse estar em Amsterdã. Os organizadores não me informaram. Mas, claro, por que informariam? Não faziam idéia do que eu pretendia dizer.”

Faz uma pausa. West está olhando ao longe, não está ajudando nada.

“Eu poderia, acho”, continua, e agora realmente não sabe o que virá em seguida, “pedir desculpas ao senhor de antemão, pedir que não tome minhas observações como uma coisa pessoal. Mas o senhor poderia perguntar, com toda a razão, por que eu insisto em fazer observações que exigem desculpas prévias, por que eu simplesmente não corto isso da minha palestra.

“Pensei realmente em cortar. Fiquei acordada a maior parte da noite, quando soube que o senhor ia estar aqui, tentando achar um jeito de deixar minhas observações menos duras, menos ofensivas. Pensei até em me ausentar, fingindo que estava doente. Mas isso não teria sido justo com os organizadores, não acha?”

É uma abertura, uma chance de ele falar alguma coisa. Ele pigarreja, mas não diz nada, continua olhando para a frente, apresentando a ela seu perfil bastante bonito.

“O que eu digo”, diz ela, olhando o relógio (faltam dez minutos, o teatro está começando a ficar cheio, tem de seguir em frente, não tem tempo para gentilezas), “o que eu questiono é que temos de nos precaver contra os horrores que o senhor descreve em seu livro. Nós, enquanto escritores. Não meramente por causa de nossos leitores, mas em atenção a nós mesmos. Podemos nos colocar em risco pelo que escrevemos, eu ao menos acredito nisso. Se o que escrevemos tem o poder de nos tornar pessoas melhores, certamente tem também o poder de nos tornar piores. Não sei se concorda.”

Mais uma abertura. Mais uma vez, tenazmente, o homem se apega ao silêncio. O que está passando em sua mente? Estará imaginando o que faz ali, naquela reunião na Holanda, terra de moinhos e tulipas, ouvindo a arenga de uma velha bruxa maluca, com a perspectiva de ter de ficar sentado ouvindo a mesma arenga uma segunda vez? *A vida de um escritor*, ela deveria lembrar a ele, *não é fácil*.

Um grupo de jovens, estudantes provavelmente, se instala nas cadeiras imediatamente à frente deles. Por que West não responde? Está ficando irritada; sente um impulso de levantar a voz, de espetar um dedo ossudo na cara dele.

“Seu livro me impressionou profundamente. Quer dizer, deixou em mim uma marca, como um ferro em brasa. Certas páginas queimaram com o fogo do inferno. Deve saber do que estou falando. A cena dos enforcamentos em especial. Duvido que eu fosse capaz de escrever páginas

como aquelas. Quer dizer, poderia ser capaz de escrever, mas não escreveria, não me permitiria, não mais, não como sou agora. Não acredito que se possa permanecer incólume, como escritor, depois de conjurar cenas como aquelas. Acho que escrever assim pode ser danoso. É isso o que pretendo dizer em minha palestra.” Estende a pasta verde com seu texto, bate nela. “Portanto, não estou lhe pedindo perdão nem pedindo sua indulgência, estou apenas fazendo uma coisa decente e notificando o senhor, alertando o senhor sobre o que está para ocorrer. Porque”, e de repente se sente mais forte, mais segura de si, mais disposta a expressar sua irritação, sua raiva até, para esse homem que não se dá o trabalho de responder, “porque o senhor, afinal, não é uma criança, deve saber o risco que assume, deve se dar conta das conseqüências, das imprevisíveis conseqüências, e agora, veja só” — põe-se de pé, aperta a pasta no peito como para se proteger das chamas que lampejam em torno dele — “as conseqüências chegaram. É só isso. Muito obrigada por me ouvir, senhor West.”

Na frente do auditório, Badings está acenando discretamente. Chegou a hora.

A primeira parte da palestra é rotineira, trilhando chão conhecido: autoria e autoridade, a pretensão dos poetas, ao longo das eras, de enunciar uma verdade superior, uma verdade cuja autoridade está na revelação, e uma outra pretensão ainda, nos tempos românticos, que por sinal foram tempos de exploração geográfica sem precedentes, do direito de se aventurar a lugares proibidos ou tabus.

“O que perguntarei hoje”, continua ela, “é se o artista é mesmo o herói-explorador que pretende ser, se estamos certos em aplaudir sempre quando ele emerge da caverna com a espada ensangüentada em uma mão e a cabeça do monstro na outra. Para ilustrar o que digo, vou me referir a um produto da imaginação que apareceu faz alguns anos, um livro importante e, sob muitos aspectos, corajoso, sobre a coisa mais próxima do monstro mítico que nós, em nossa idade desiludida, produzimos. Precisamente

Adolf Hitler. Estou falando do romance de Paul West *The very rich hours of count Von Stauffenberg* e em especial do capítulo em que o senhor West conta a execução dos conspiradores de julho de 1944 (exceto Von Stauffenberg, que já havia sido fuzilado por um oficial militar superzeloso, para a tristeza de Hitler, que queria que seus inimigos tivessem morte lenta).

“Se esta fosse uma palestra comum, neste ponto eu leria para vocês um ou dois parágrafos, para que tivessem uma amostra desse livro extraordinário. (Não é segredo, por sinal, que seu autor está entre nós. Permitam que me desculpe com o senhor West pela pretensão de fazer um sermão para ele próprio: quando escrevi minha palestra não fazia idéia de que ele estaria aqui.) Eu devia ler para vocês essas páginas terríveis, mas não vou, porque não acredito que seria bom para vocês nem para mim ouvi-las. Afirmando mesmo (e chego enfim ao que quero dizer) que não acredito, se ele me perdoar dizer isto, que tenha feito bem ao senhor West escrever essas páginas.

“Esta é a minha tese de hoje: que certas coisas não são boas de se ler, *nem de se escrever*. Vamos colocar a questão de outro jeito: levo muito a sério a idéia de que o artista se arrisca bastante ao se aventurar a lugares proibidos; arrisca, especificamente, a si mesmo; arrisca, talvez, tudo. Levo essa afirmação a sério porque levo a sério a proibição dos lugares proibidos. O porão onde, em julho de 1944, foram enforcados os conspiradores, é um desses lugares proibidos. Não acredito que devamos entrar nesse porão, nenhum de nós. Não acredito que o senhor West deva ir até lá; e se ele escolhe ir mesmo assim, acredito que não devemos acompanhá-lo. Ao contrário, acredito que devemos erguer barreiras na boca desse porão, com uma placa comemorativa de bronze dizendo *Aqui morreram...* e em seguida a lista dos mortos e as datas, e que isso encerre o assunto.

“O senhor West é um escritor ou, como se dizia antigamente, um poeta. Eu também sou poeta. Não li tudo o que o senhor West escreveu, mas li o suficiente para saber que ele leva a sério a sua vocação. De forma que

quando leio o senhor West, o faço não só com respeito, mas com solidariedade.

“Li o livro sobre Von Stauffenberg com solidariedade, mesmo (me acreditem) as cenas de execução, a ponto de poder ser eu mesma tanto quanto o senhor West quem segurava a caneta e traçava as palavras. Palavra a palavra, passo a passo, pulsação a pulsação, eu o acompanhei às trevas. *Ninguém esteve aqui antes*, eu o ouço sussurrar, e sussurro também, os dois num só alento. *Ninguém esteve nesse lugar desde os homens que morreram e o homem que os matou. Nossa é a morte que será morrida, nossa a mão que atará a corda.* (“Use corda fina”, Hitler ordenou ao homem. “Estrangule todos. Quero que sintam que estão morrendo.” E seu homem, sua criatura, seu monstro, obedeceu.)

“Que arrogância pretender ter direito ao sofrimento e à morte daqueles pobres homens! Suas últimas horas pertencem a eles apenas, não são nossas para invadir e possuir. Se isso não é uma coisa bonita de se dizer a um colega, se isso pode aliviar o momento, vamos fingir que o livro em questão não é mais do senhor West, mas meu, tornado meu pela insensatez da minha leitura. Seja qual for a desculpa que precisemos adotar, em nome do céu vamos adotá-la e seguir em frente.”

Restam várias páginas a ser lidas, mas de repente ela está incomodada demais para prosseguir, ou perdeu a coragem. Uma homilia: que se limite a isso. A morte como assunto particular; o artista não deve invadir a morte de outros. Uma posição nada ultrajante em um mundo no qual é rotina feridos e moribundos terem lentes de câmeras enfiadas na cara.

Ela fecha a pasta verde. Uma fraca onda de aplausos. Olha o relógio. Cinco minutos para o fim da sessão. Surpreendentemente, demorou muito, dado o pouco que disse de fato. Tempo para uma pergunta, duas no máximo, graças a Deus. Sente a cabeça rodando. Espera que ninguém peça que ela fale mais sobre Paul West, o qual, ela vê (colocando os óculos), ainda está em seu lugar na última fila. (*Sujeito resistente*, pensa, e de repente sente-se mais amistosa com relação a ele).

Um homem de barba escura levanta a mão. “Como sabe?”, diz ele. “Como sabe que o senhor West — parece que estamos falando bastante do senhor West hoje, espero que o senhor West tenha direito de resposta, seria interessante conhecer sua reação” (alguns sorrisos na platéia) — “foi prejudicado pelo que escreveu? Se entendi bem, o que a senhora está dizendo é que se tivesse escrito o livro sobre Von Stauffenberg e Hitler, teria ficado contaminada pelo mal nazista. Mas talvez isso só queira dizer que a senhora seja, por assim dizer, um veículo fraco. Talvez o senhor West seja feito de matéria mais dura. E talvez nós, seus leitores, sejamos de matéria mais dura também. Talvez possamos ler o que o senhor West escreve e aprender com isso, e sairmos mais fortes, não mais fracos, mais decididos a nunca permitir que o mal retorne. Poderia fazer algum comentário?”

Não devia ter vindo, não devia ter aceitado o convite, entende agora. Não porque não tenha nada a dizer sobre o mal, o problema do mal, o problema de chamar o mal de problema, nem mesmo pela má sorte da presença de West, mas porque chegou-se a um limite, a um limite do que se pode conseguir com um grupo de gente moderna, equilibrada, bem informada, em um auditório de palestras bem iluminado numa cidade européia bem ordenada, bem administrada, no alvorecer do século XXI.

“Acredito que eu não seja”, diz devagar, as palavras saindo uma a uma, como pedras, “um veículo fraco. E imagino que o senhor West tampouco o é. A experiência que a escrita oferece, ou a leitura, as duas são a mesma coisa para o meu propósito aqui hoje” (mas serão a mesma coisa de fato? Está perdendo o rumo, qual é seu rumo?) “a verdadeira escrita, a verdadeira leitura, não é relativa, relativa ao escritor e às capacidades do escritor, relativa ao leitor” (ela não dorme sabe Deus há quanto tempo, o que passou por sono no avião não era sono). “O senhor West, quando escreveu esses capítulos, entrou em contato com algo absoluto. O mal absoluto. Sua bênção e sua maldição, eu diria. Ao ler seu texto, esse toque de mal passou para mim. Como um choque. Como eletricidade.” Olha

para Badings, de pé na coxia. *Me ajude*, diz seu olhar. *Acabe com isto*. “Não é uma coisa que possa ser demonstrada”, diz ela, voltando uma última vez a seu questionador. “É algo que só pode ser experimentado. Porém, recomendo ao senhor que não tente fazer isso. Não vai aprender nada com essa experiência. Não vai lhe fazer bem. Foi isso o que quis dizer aqui hoje. Obrigada.”

Enquanto a platéia se levanta e se dispersa (hora de um cafezinho, chega dessa mulher esquisita lá da Austrália, o que é que sabem do mal lá?), tenta ficar de olho em Paul West na última fila. Se existe alguma verdade no que disse (está cheia de dúvidas e desesperada também), se a eletricidade do mal de fato saltou de Hitler para o carnicheiro de Hitler e dele para Paul West, certamente ele dará algum sinal disso. Mas não há sinal que ela consiga detectar, não a essa distância, apenas um homem baixo de preto a caminho da máquina de café.

Badings está a seu lado. “Muito interessante, senhora Costello”, murmura, cumprindo seu dever de anfitrião. Livra-se dele, não tem nenhuma vontade de ser confortada. De cabeça baixa, sem enfrentar o olhar de ninguém, abre caminho até o banheiro das mulheres e se tranca em uma das cabinas.

A banalidade do mal. Será por isso que não há mais nenhum cheiro, nem aura? Terão os grandes Lúciferes de Dante e Milton se aposentado para sempre, seu lugar tomado por um bando de diabinhos empoeirados que se empoleiram no ombro das pessoas como papagaios, sem soltar nenhum ardente fulgor e, ao contrário, sugando luz para si mesmos? Ou será que tudo o que disse, todo o seu dedo apontado, as acusações, não apenas é equivocado mas louco, completamente louco? Qual a função do romancista, afinal, qual tem sido a função de sua vida inteira, senão trazer à vida a matéria inerte; e o que Paul West fez, conforme apontou o homem de barba, se não trazer à vida, trazer de volta à vida a história do que aconteceu naquele porão de Berlim? O que ela trouxe até Amsterdã para

exibir àqueles estranhos perplexos senão uma obsessão, uma obsessão apenas sua e que ela evidentemente não entende?

Obsceno. Retomar a palavra-talismã, agarrar-se firme a ela. Agarrar-se firme à palavra, depois buscar a experiência por trás dela: foi sempre essa a sua regra para os momentos em que se sentia deslizar para a abstração. Qual foi sua experiência? O que havia acontecido ao ler o maldito livro sentada no gramado naquele sábado de manhã? O que a incomodou tanto que um ano depois ainda está cavoucando em busca de suas raízes? Será que consegue encontrar o caminho de volta?

Antes de começar o livro, ela já conhecia a história da conspiração de julho, sabia que dias depois do atentado contra a vida de Hitler eles tinham sido localizados, a maioria julgada e executada. Sabia até, de maneira geral, que haviam sido mortos com a maliciosa crueldade que era a especialidade de Hitler e de seus camaradas. Portanto, nada no livro tinha sido uma surpresa de fato.

Ela volta ao carrasco, qualquer que seja seu nome. Nas chacotas com os homens que estão para morrer em suas mãos, havia uma energia indecente, *obscena*, que ia além do seu encargo. De onde vinha aquela energia? Para si mesma chamou aquilo de satânico, mas talvez devesse desistir dessa palavra agora. Porque a energia provinha, em certo sentido, do próprio West. Foi West quem inventou as chacotas (chacotas inglesas, não alemãs), que as colocou na boca do carrasco. Adequando o discurso ao personagem: o que há de satânico nisso? Ela própria faz isso o tempo todo.

Voltar. Voltar a Melbourne, àquela manhã de sábado em que sentiu, podia jurar, o roçar da asa quente, coriácea de Satã. Teria sofrido uma ilusão? *Não quero ler isto*, dissera a si mesma; porém continuara lendo, excitada apesar de si mesma. *O diabo está me levando*: que tipo de desculpa é essa?

Paul West estava apenas cumprindo seu dever de escritor. Na pessoa do carrasco estava abrindo os olhos dela para a depravação humana em mais uma de suas múltiplas formas. Nas pessoas das vítimas do carrasco,

relembrava para ela as criaturas pobres, tortuosas, trêmulas que somos todos. O que há de errado nisso?

O que ela havia dito? *Não quero ler isso.* Mas que direito tinha de recusar? Que direito tinha de não saber aquilo que, num sentido claro demais, já sabia? O que havia nela que queria resistir, recusar o cálice? E por que mesmo assim bebeu — bebeu tão completamente que um ano depois ainda está xingando o homem que o levou a seus lábios?

Se houvesse um espelho atrás daquela porta em vez de um gancho apenas, se tirasse as roupas e se ajoelhasse diante do espelho, ela, com os seios caídos e os quadris ossudos, seria muito parecida com as mulheres daquelas fotografias íntimas, íntimas demais, da guerra européia, aqueles lampejos do inferno, ajoelhadas nuas à beira da cova onde, no minuto seguinte, no segundo seguinte, cairiam mortas, ou moribundas, com uma bala na cabeça, a não ser pelo fato de essas mulheres serem, na maioria dos casos, não tão velhas quanto ela, apenas devastadas pela má nutrição e pelo pavor. Tem sentimentos por essas irmãs mortas e também pelos homens que morreram nas mãos dos carneiros, homens velhos e feios o bastante para serem seus irmãos. Não gosta de ver irmãs e irmãos humilhados do jeito tão fácil de humilhar os velhos, despindo-lhes as roupas, por exemplo, tirando-lhes as dentaduras, caçoando de suas partes íntimas. Se seus irmãos, naquele dia em Berlim, vão ser enforcados, se vão balançar na ponta de uma corda, os rostos avermelhando, as línguas e os olhos saltando para fora, ela não quer ver. Recato de irmã. Deixe-me voltar os olhos para outro lado.

Deixe-me não olhar. Foi essa a súplica que sussurrou para Paul West (só que então não conhecia Paul West, ele era apenas um nome na capa de um livro). *Não me faça passar por isso!* Mas Paul West não teve compaixão. Obrigou-a a ler, *incitou-a* a ler. Não será fácil perdoá-lo por isso. Por isso o perseguiu mar afora até a Holanda.

Será verdade? Será que serve como explicação?

Ela, no entanto, faz o mesmo tipo de coisa, ou costumava fazer. Até ter pensado melhor sobre isto, nunca teve nenhum escrúpulo em esfregar na cara das pessoas o que acontecia, por exemplo, nos abatedouros. Se Satã não impera no abatedouro, projetando a sombra de suas asas sobre os animais que, narinas tomadas pelo cheiro da morte, são empurrados rampa abaixo até o homem com a arma e a faca, um homem tão impiedoso *e tão banal* (embora tenha começado a achar que essa palavra também devia ser aposentada, seu tempo já havia passado) quanto o próprio homem de Hitler (que, afinal de contas, aprendeu sua profissão no abate do gado) — se Satã não impera no abatedouro, onde ele está então? Ela, da mesma forma que Paul West, sabia como jogar com as palavras até elas estarem certas, palavras que lançariam uma corrente de choques elétricos pela espinha do leitor. *Carrasca à sua maneira.*

Então, o que acontece com ela agora? Agora, de repente, ficou boazinha. Agora não gosta mais de se ver no espelho, uma vez que a faz pensar na morte. Coisas feias ela prefere embrulhadas e guardadas numa gaveta. Uma velha girando o relógio para trás, de volta à Melbourne católico-irlandesa de sua infância. É só isso afinal?

Retornar à experiência. O bater da asa coriácea de Satã: o que a convenceu de ter sentido isso? E por quanto tempo mais pode ocupar uma das cabinas dessa apertada saletinha de mulheres antes que alguma pessoa bem-intencionada conclua que ela teve um colapso e chame o zelador para arrombar o trinco?

O século XX de Nosso Senhor, o século de Satã, está acabado e encerrado. O século de Satã e o dela também. Pode ter conseguido rastejar até a linha de chegada e atingido a nova era, mas com certeza não se sente à vontade nela. Nesta época pouco familiar, Satã ainda está tateando o caminho, testando novos artifícios, fazendo novas acomodações. Ele arma sua tenda em lugares estranhos — por exemplo, em Paul West, um bom homem ao que tudo indica, ou um homem tão bom quanto pode ser um romancista, quer dizer, talvez nada bom, mas tendendo ao bem mesmo

assim, em algum sentido extremo, por que senão para que escrever? Ele reside nas mulheres também. Como os trematódeos do fígado, como os oxiurídeos: pode-se viver e morrer sem saber que se serviu de hospedeiro para gerações deles. No fígado de quem, nas vísceras de quem estava Satã naquele dia fatídico do ano passado quando, mais uma vez, indubitavelmente, ela sentiu sua presença: dentro de West ou dentro dela mesma?

Velhos, irmãos, mortos enforcados com as calças caindo nos pés, executados. Em Roma teria sido diferente. Em Roma, teriam feito um espetáculo das execuções: teriam arrastado as vítimas pelo meio da multidão ululante até o local das caveiras e lá as teriam empalado, ou esfolado, ou coberto de piche e tocado fogo. Os nazistas, em comparação, mesquinhos, rasos, metralhando gente nos campos, executando a gás dentro de bunkers, estrangulando em porões. Portanto, o que era *demais* na morte em mãos dos nazistas que não era *demais* em Roma, uma vez que tudo o que Roma buscava era extrair da morte tanta crueldade, tanta dor quanto possível? É só a imundície daquele porão em Berlim, uma imundície parecida demais com a coisa real, parecida demais com a coisa moderna para ela agüentar?

É como uma parede contra a qual ela se choca uma e outra vez. Não queria ler, mas leu; uma violência foi feita contra ela, mas ela conspirou na violação. *Ele me fez fazer isso*, diz, porém faz outros fazerem isso.

Não devia ter vindo. Congressos servem para trocar idéias, pelo menos esse é o conceito de congresso. Não se pode trocar idéias quando não se sabe que idéia se tem.

Arranham a porta, soa uma voz de criança: “*Mammie, er zit een vrouw erin, ik kan haar schoenen zien!*”.

Apressada, dá a descarga, destranca a porta, sai. “Desculpe” diz, evitando os olhares da mãe e da filha.

O que a menina estava dizendo? *Por que ela está demorando tanto? Se falasse a língua, poderia esclarecer a criança. Porque quanto mais velho se*

fica, mais tempo leva. Porque às vezes a gente precisa ficar sozinho. Porque certas coisas não se fazem em público, não mais.

Seus irmãos: será que os deixaram ir ao banheiro uma última vez, ou cagarem nas pernas fazia parte do castigo? Sobre isso, ao menos, Paul West colocou um véu, e por essa pequena misericórdia, obrigada.

Ninguém para lavá-los depois. Trabalho de mulher desde tempos imemoriais. Nenhuma presença feminina no negócio do porão. Entrada controlada; só homens. Mas talvez depois de tudo acabado, quando a aurora com seus dedos róseos tocou o céu oriental, as mulheres tenham chegado, infatigáveis limpadoras alemãs saídas de Brecht, e se puseram a trabalhar, limpando a sujeira, lavando as paredes, esfregando o chão, deixando tudo a brilhar, de forma que quando tivessem terminado nunca se poderia imaginar os jogos que os rapazes jogaram durante a noite. Nunca se poderia imaginar até o sr. West aparecer e voltar a abrir tudo de novo.

São onze horas. A próxima sessão, a próxima palestra, já deve estar em andamento. Ela tem uma escolha. Pode ir para o hotel e se esconder no quarto para continuar suas lamentações, ou pode entrar no auditório na ponta dos pés, sentar na última fila e fazer a outra coisa para a qual foi trazida a Amsterdã: ouvir o que os outros têm a dizer sobre o problema do mal.

Devia haver uma terceira alternativa, uma maneira de concluir aquela manhã satisfatoriamente e dar-lhe forma e significado: algum confronto que conduzisse a uma palavra final. Devia haver um arranjo tal que a fizesse topar com alguém no corredor, talvez o próprio Paul West; e alguma coisa se passasse entre eles, súbita como um relâmpago, que iluminasse o panorama para ela, mesmo que depois voltasse a sua escuridão primeira. Mas parece que o corredor está vazio.

Palestra 7

Eros

Só encontrou Robert Duncan uma vez, em 1963, logo depois de voltar da Europa. Duncan e um outro poeta, menos interessante, chamado Philip Whalen, haviam sido trazidos em excursão pelo Serviço de Informações dos Estados Unidos: era durante a Guerra Fria, havia dinheiro para a propaganda cultural. Duncan e Whalen fizeram uma leitura na Universidade de Melbourne; depois da leitura foram todos para um bar, os dois poetas, o homem do consulado e meia dúzia de escritores australianos de todas as idades, ela inclusive.

Nessa noite, Duncan leu seu longo “Poema começado por um verso de Píndaro” e ela ficou impressionada, comovida. Sentiu atração por Duncan, pela severidade da beleza de seu perfil romano; não ia reclamar de ter uma aventura com ele, não ia reclamar, no estado de espírito em que estava na época, não ia reclamar nem de ter um filho desse amor, como uma daquelas mulheres mortais do mito engravidadas por um deus de passagem e a quem resta criar o filho semidivino.

Lembrou-se de Duncan porque em um livro que uma amiga americana lhe mandou acabara de encontrar mais um raconto da história de Eros e Psique, de uma certa Susan Mitchell, a quem ela nunca havia lido antes. Por que esse interesse por Psique entre os poetas americanos?, pensa ela. Será que enxergam algo americano nela, na moça que, não contente com os êxtases proporcionados noite após noite pelo visitante à sua cama, tem

de acender a lâmpada, tirar a pele da escuridão, para vê-lo nu? Nessa inquietação, nessa incapacidade de deixar as coisas como estão, será que eles vêem algo de si mesmos?

Ela também não é isenta de curiosidade sobre a relação de deuses com mortais, embora nunca tenha escrito a respeito disso, nem mesmo em seu livro sobre Marion Bloom e seu marido Leopold, assombrado por deus. O que a intriga é menos a metafísica do que a mecânica, o lado prático de uma união que se dá apesar de uma distinção de ser. Se já é bem ruim sentir um cisne macho adulto metendo os pés palmados em suas costas enquanto ele faz lá o seu negócio, ou um touro de uma tonelada apoiando seu gemente peso em cima de você, como então, quando o deus não se dá ao trabalho de mudar de forma, mas sim mantém-se assombroso, como pode o corpo humano se acomodar à explosão do desejo dele?

Diga-se a favor de Susan Mitchell que ela não recua diante dessas questões. Em seu poema, Eros, que parece ter assumido tamanho de homem para a ocasião, está deitado de costas na cama, com as asas penduradas dos dois lados, a moça (conclui-se) em cima dele. Parece que o sêmen dos deuses jorra farto (deve ter sido a mesma experiência de Maria de Nazaré ao acordar de seu sonho ainda ligeiramente trêmula, com a emissão do Espírito Santo escorrendo pelas coxas). Quando o amante de Psique goza, suas asas ficam encharcadas; ou talvez de suas asas escorra o sêmen, talvez elas em si se transformem em órgãos de consumação. Por vezes, quando ele e ela atingem o clímax juntos, ele se afasta (palavras de Mitchell, mais ou menos) como um pássaro atingido em vôo. (*E com a moça*, ela sente vontade de perguntar à poeta — *se você pode contar como foi para ele, por que não contar como foi para ela?*)

O que, porém, ela realmente queria dizer a Robert Duncan naquela noite em Melbourne, quando ele demonstrou com tanta firmeza que tudo que ela lhe oferecesse não o interessava, não era sobre moças visitadas por deuses, mas sobre o fenômeno muito mais raro de homens privilegiados por deusas. Anquises, por exemplo, amante de Afrodite e pai de Eneas. É

de se pensar que, depois do imprevisível e inesquecível episódio em sua cabana no Monte Ida, Anquises — um rapaz bonito se acreditarmos no *Hino*, mas de resto apenas um vaqueiro — não haveria de querer falar de mais nada, para quem estivesse disposto a escutar: que tinha trepado com uma deusa, a mais suculenta de todo o rebanho, trepado com ela a noite inteira e ainda a engravidara.

Homens e sua conversa maliciosa. Ela não tem ilusões quanto à maneira com que os seres mortais tratam os deuses, verdadeiros ou falsos, antigos ou modernos, que têm a infelicidade de cair em suas mãos. Pensa num filme que viu uma vez, que podia ter sido escrito por Nathanael West, embora não o fosse de fato: Jessica Lange, no papel de uma deusa do sexo de Hollywood, tem um esgotamento nervoso e acaba na ala comum de um hospício, drogada, lobotomizada, amarrada na cama, enquanto os atendentes vendem bilhetes para passar dez minutos com ela. “*Quero foder uma estrela de cinema!*”, resfolega um dos clientes, sacudindo os dólares para eles. Em sua voz, o feio lado oculto da idolatria: malícia, ressentimento assassino. Trazer uma imortal para a terra, mostrar para ela como é a vida de verdade, trepar com ela até ficar em carne viva. *Tome isto! E mais isto!* Uma cena exorcizada da versão televisiva, tão fiel é aos Estados Unidos.

Mas no caso de Anquises, a deusa, ao se levantar de sua cama, alerta bem claramente o namorado para ficar de boca fechada. Portanto nada mais resta a um sujeito prudente do que se perder no meio da noite em bêbadas lembranças: qual a sensação da carne do homem envolta em carne de deusa; ou então, quando estava mais sóbrio, mais inclinado à filosofia, imaginar que, estritamente falando, é impossível, enquanto continuarem vigorando as leis da natureza, a mistura física de duas ordens de seres e, especificamente, a interação entre órgãos humanos e o que quer que funcione como órgãos na biologia dos deuses, que tipo de ser, em que híbrido de corpo escravo e alma deusa deve a risonha amante Afrodite ter se transformado, pelo espaço de uma noite, a fim de associar-se a ele?

Onde estava a poderosa alma quando ele tomou em seus braços o corpo incomparável? Guardada no canto de algum compartimento, em uma minúscula glândula do crânio, por exemplo; ou espalhada inofensivamente pelo todo físico como um fulgor, como uma aura? Porém, mesmo que, para seu bem, a alma da deusa estivesse escondida, quando os membros dela o agarraram, como ele pôde não sentir o fogo do apetite divino — sentir e ser chamuscado por ele? Por que, na manhã seguinte, foi preciso dizer a ele com todas as letras o que havia acontecido de fato (“A cabeça dela tocava as vigas do teto, seu rosto brilhava de imortal beleza, *Acorde*, disse ela, *olhe para mim, pareço com aquela que bateu em sua porta a noite passada?*”). Como poderia aquilo ter ocorrido a menos que ele, o homem, estivesse sob o poder de um encantamento do começo ao fim, um encantamento igual a uma anestesia, para encobrir a assustadora consciência de que a donzela que ele havia desnudado, abraçado, separado as coxas, penetrado, era uma imortal, um transe para protegê-lo do prazer insuportável do amor divino, permitindo-lhe apenas as sensações mais grosseiras de um mortal? Porém, por que uma deusa, ao escolher para si um amante mortal, coloca esse amante sob o poder de um tal encantamento, de forma que no transcorrer do ato ele não esteja em si mesmo?

É de imaginar que tenha sido assim pelo resto da vida do pobre e confuso Anquises: um torvelinho de perguntas, nenhuma das quais ousaria formular a seus camaradas vaqueiros a não ser de forma geral, por medo de ser fulminado.

Não foi assim, porém, que aconteceu, não de acordo com os poetas. Se é que se pode acreditar nos poetas, Anquises levou uma vida normal depois, uma vida humana distinta, mas normal, até o dia em que sua cidade foi incendiada por estrangeiros e ele, lançado ao exílio. Se não esqueceu aquela noite fatídica, não pensou muito nela, não como nós entendemos pensar.

Isso é o que gostaria de ter perguntado a Robert Duncan, como perito em relações extraordinárias, essa coisa que ela não consegue entender sobre os gregos, ou, se Anquises e seus filhos não eram gregos, mas troianos, estrangeiros, então sobre os gregos e os troianos juntos, como povos mediterrâneos orientais arcaicos e súditos da gênese de mitos helênica. Ela chama isso de falta de interioridade. Anquises teve contato íntimo com um ser divino, o mais íntimo possível. Uma experiência incomum. Em toda a mitologia cristã, deixando de fora os Apócrifos, só existe um exemplo paralelo, e isso em sua forma mais comum, com o deus masculino — bem impessoalmente, bem distante, diga-se de passagem — impregnando a mulher mortal. *Magnificat Dominum anima mea*, conta-se que Maria disse depois, talvez erroneamente interpretado como *Magnam me facit Dominus*. Isso é praticamente a única coisa que ela diz nos Evangelhos, essa donzela sem par, como se tivesse emudecido pelo resto da vida diante do que lhe ocorreu. Ninguém a sua volta tem o descaramento de perguntar *Como foi, o que você sentiu, como você agüentou?* Mas essas perguntas devem ter ocorrido com certeza às pessoas, às suas amigas em Nazaré, por exemplo. *Como ela agüentou?*, devem ter sussurrado entre elas. *Deve ter sido como trepar com uma baleia. Deve ter sido como trepar com Leviatã*, corando ao dizer a palavra, aquelas filhas descalças da tribo de Judá, enquanto ela, Elizabeth Costello, quase se pega corando também, ao pousar o papel. Coisa bastante rude entre os conterrâneos de Maria; positivamente indecente em alguém dois mil anos mais velha e mais sábia.

Psique, Anquises, Maria: deve haver maneiras melhores, menos lascivas, mais filosóficas de pensar todo o negócio homem-deus. Mas terá ela tempo ou equipamento, para não falar em disposição, para fazê-lo?

Interioridade. Podemos *ser um* com um deus tão profundamente, a ponto de apreender, de *ter uma sensação* do ser divino? Pergunta que ninguém mais parece fazer, a não ser até certo ponto a sua recente descoberta Susan Mitchell, que também não é filósofa; uma pergunta que saiu de moda durante a sua vida (lembra-se de quando isso aconteceu,

lembra-se de sua surpresa), do mesmo jeito que esteve na moda não muito antes de sua vida começar. *Outros modos de ser*. Isso pode ser um jeito mais decente de colocar a coisa. Existem outros modos de ser além do que chamamos humano e nos quais possamos penetrar; e se não existem, o que isso nos revela sobre nós mesmos e nossas limitações? Não sabe muito sobre Kant, mas para ela isso soa como uma questão kantiana. Se o que sabe de ouvido estiver certo, então a interioridade começou com o homem de Königsberg e terminou, mais ou menos, com Wittgenstein, o destruidor vienense.

“Deuses existem de fato”, escreve Friedrich Hölderlin, que leu o seu Kant, “mas eles levam a vida em algum lugar acima de nós, em outro reino, não muito interessados, ao que parece, no fato de nós existirmos ou não.” Em tempos idos, esses deuses palmilharam a terra, andaram entre os homens. Mas para nós, gente moderna, não nos é mais dado vislumbrá-los, muito menos sofrer seu amor. “Chegamos tarde demais.”

À medida que ela envelhece, suas leituras se tornam menos abrangentes. Um fenômeno nada incomum. Para Hölderlin, porém, ela sempre tem tempo. *Hölderlin da alma grande* ela o chamaria, se fosse grega. Mesmo assim, tem suas dúvidas sobre o que diz Hölderlin a respeito dos deuses. Inocente demais, pensa, pronto demais a tomar as coisas por seu valor imediato; não alerta o suficiente para a malícia da história. As coisas raramente são como parecem, gostaria de ensinar a ele. Quando somos levados a lamentar a perda dos deuses, é mais do que provável que os deuses é que nos estejam conduzindo. Os deuses não se retiraram: não podem se permitir isso.

Estranho que o homem que colocou o dedo na *apatheia* divina, na incapacidade de sentir dos deuses, e na conseqüente necessidade de contar com os outros para sentir por eles, tenha deixado de perceber os efeitos da *apatheia* na vida erótica divina.

Amor e morte. Os deuses, os imortais, foram os inventores da morte e da corrupção; porém, com exceção de dois ou três exemplos notáveis, não

tiveram coragem de experimentar sua invenção em si mesmos. Por isso é que têm tanta curiosidade sobre nós, são tão infindavelmente inquisitivos. Dizemos que Psique era uma garota boba, curiosa, mas o que estava fazendo um deus na sua cama? Ao nos marcar para a morte, os deuses nos deram uma vantagem sobre eles. Dos dois, deuses e mortais, somos nós que vivemos com maior urgência, que sentimos com maior intensidade. Por isso é que não podem nos tirar da cabeça, não podem passar sem nós, nos vigiam incessantemente e nos espionam. É por isso, afinal, que não baixam uma proibição ao sexo conosco, simplesmente regulam quando, de que jeito e com que frequência. Inventores da morte; inventores do turismo sexual também. Nos êxtases sexuais dos mortais, o *frisson* da morte, suas contorções, seus relaxamentos: falam disso sem parar quando bebem demais — com quem primeiro experimentaram isso, como foi. Eles gostariam de ter aquele arrepiozinho inimitável em seu repertório erótico, para temperar os acasalamentos entre eles. Mas isso tem um preço que não estão dispostos a pagar. Morte, aniquilação: e se não existir ressurreição?, pensam, apreensivos.

Pensamos neles como oniscientes, esses deuses, mas a verdade é que sabem muito pouco, e o que sabem o sabem só do jeito mais geral. Não podem chamar de seu nenhum corpo de conhecimento, nenhuma filosofia, propriamente falando. Sua cosmologia é um amontoado de lugares comuns. Sua única habilidade é a viagem astral, sua única ciência natural, a antropologia. Especializam-se na humanidade por causa do que nós temos e eles não; nos estudam porque têm inveja.

Quanto a nós, será que sabem (que ironia!) que o que torna nossos abraços tão intensos, tão inesquecíveis, é o lampejo que nos dão de uma vida que imaginamos deles, uma vida que chamamos (já que nossa língua não tem palavra para isso) *o além?* Não gosto desse outro mundo, escreve Martha Clifford a seu correspondente Leopold Bloom, mas ela mente: por que se daria ao trabalho de escrever se não quisesse ser arrebatada para outro mundo por um amante demônio?

Leopold, enquanto isso, passeia pela Biblioteca Pública de Dublin, espiando, quando ninguém está vendo, entre as pernas das estátuas das deusas. Se Apolo tem um pau e um saco de mármore, será que Ártemis tem um orifício para combinar? Investigações estéticas, é o que ele gosta de dizer que está fazendo: até que ponto vai o dever do artista com a natureza? O que ele realmente quer saber, porém, se apenas tivesse palavras para isso, é se é possível a união física com o divino.

E ela própria? Quanto aprendeu sobre deuses em suas andanças por Dublin com esse homem irremediavelmente comum? Quase como estar casada com ele. Elizabeth Bloom, segunda e fantasmagórica esposa de.

O que ela sabe com certeza sobre os deuses é que eles nos espionam o tempo todo, espiam entre nossas pernas, cheios de curiosidade, cheios de inveja; às vezes, chegam a sacudir nossa jaula terrena. Mas até que ponto, ela hoje se pergunta, vai realmente essa curiosidade? À parte nossos dotes eróticos, eles têm curiosidade a nosso respeito, seus espécimes antropológicos, na mesma medida em que nós temos curiosidade por chimpanzés, pássaros ou moscas? Apesar de certa evidência em contrário, ela acredita, como chimpanzés. Gostaria de pensar que os deuses admiram, mesmo de má vontade, a nossa energia, a incessante criatividade com que tentamos escapar de nosso destino. *Criaturas fascinantes, gostaria de pensar que dizem um para o outro enquanto comem ambrosia; tão parecidos conosco em tantas coisas; os olhos, em particular, tão expressivos; pena não terem aquele je ne sais quoi sem o qual jamais poderão subir para sentar conosco!*

Mas talvez esteja errada a respeito do interesse deles em nós. Ou quem sabe talvez estivesse certa antes e esteja errada agora. No auge de sua vida, se compraz em pensar, podia ter dado ao próprio Eros alado motivo para uma visita à terra. Não tanto porque fosse uma beleza, mas porque ansiava pelo toque do deus, ansiava por isso que doía; porque em seu desejo, tão impossível de ser correspondido e portanto tão cômico quando exercitado, ela podia ter prometido um gosto genuíno daquilo que não

havia no Olimpo. Mas tudo parece ter mudado agora. Onde no mundo de hoje se encontra um desejo imortal como era o dela? Não nos classificados pessoais, decerto. “MBS, 1,73m, trinta e poucos, gosta astrologia, ciclismo, procura HBS, 35-45 para amizade, diversão, aventura.” Em nenhum lugar: “MBD, 1,73m, sessenta, caminhando para a morte e morte vindo depressa ao seu encontro, procura D, imortal, forma terrena indiferente, para fins que palavras não descrevem.” Na agência de classificados iam estranhar. Desejo indecente, diriam, e a jogariam no mesmo cesto dos pederastas.

Não apelamos mais aos deuses porque não acreditamos mais neles. Detesta frases que giram em torno de um *porquê*. As mandíbulas da ratoeira estalam e se fecham, mas o rato escapa todas as vezes. E quanta irrelevância, afinal! Que desorientação! Pior que Hölderlin! Que importa no que acreditamos? A única questão é se os deuses continuam a acreditar em nós, se nós conseguimos manter aceso esse último brilho da chama que um dia costumava queimar neles. “Amizade, diversão, aventura”: que apelo é esse para um deus? Há diversão mais que suficiente no lugar de onde eles vêm. Beleza mais que suficiente também.

Estranho como, à medida que o desejo abrande o domínio sobre o corpo, ela vê com mais e mais clareza um universo dominado pelo desejo. *Não leram o seu Newton?*, gostaria de perguntar na agência de encontros (gostaria de perguntar isso para Nietzsche também, se pudesse entrar em contato com ele). *O desejo tem mão dupla: A atrai B porque B atrai A, e vice-versa: é assim que se faz para construir um universo.* Ou se *desejo* é uma palavra muito rude, que tal *anseio*? Anseio e acaso: uma dupla poderosa, tão poderosa que se pode construir uma cosmologia em cima dela, desde os átomos e as coisinhas com nomes sem sentido que compõem os átomos, até Alfa Centauro e Cassiopéia, e as grandes costas escuras do além. Os deuses e nós, rodopiando indefesos nos ventos do acaso, porém atraídos igualmente uns pelos outros, não só por B e C e D, mas igualmente por X e Y e A e Ômega também. Não a menor coisa, não a última coisa, mas é chamada pelo nome de amor.

Uma visão, uma abertura, como os céus são abertos pelo arco-íris quando a chuva pára de cair. Será que basta para os velhos terem essas visões de vez em quando, esses arco-íris, como uma consolação, antes da chuva começar a martelar de novo? Só quando já estamos enferrujados demais para dançar é que percebemos os passos?

Palestra 8

No portão

É uma tarde quente. A praça está cheia de visitantes. Poucos se dão ao trabalho de olhar a mulher de cabelo branco que desce do ônibus de mala na mão. Usa uma roupa de algodão azul; seu pescoço ao sol está vermelho, queimado, e rebrilha com gotas de suor.

Ela passa pelas mesas da calçada, passa pelos jovens, as rodas da mala matraqueando nas pedras do calçamento, vai na direção do portão onde um homem de uniforme cochila em pé na guarda, apoiado no rifle, que segura com a coronha virada para baixo diante dele.

“É este o portão?”, pergunta.

Debaixo do quepe pontudo, ele pisca uma vez, confirmando.

“Posso passar?”

Com um movimento dos olhos, ele indica uma cabina ao lado.

A cabina, construída com painéis de madeira pré-fabricados, é sufocante de quente. Dentro, atrás de uma pequena mesa de cavalete, está sentado um homem em mangas de camisa, escrevendo. Um pequeno ventilador elétrico sopra um jato de ar em sua cara.

“Com licença”, ela diz. Ele não dá atenção. “Com licença. Alguém pode abrir o portão para mim?”

Ele está preenchendo um formulário. Sem parar de escrever, diz: “Tem de fazer primeiro uma declaração”.

“Fazer uma declaração? Para quem? Para o senhor?”

Com a mão esquerda, o homem lhe empurra uma folha de papel. Ela solta a mala e pega o papel. Está em branco.

“Antes de passar tenho de fazer uma declaração”, repete. “Declaração de quê?”

“De crença. Daquilo em que acredita.”

“De crença. Só isso? Não uma declaração de fé? E se eu não tiver crença? E se eu não for uma crente?”

O homem dá de ombros. Pela primeira vez olha diretamente para ela. “Nós todos temos crença. Não somos gado. Cada um de nós acredita em alguma coisa. Escreva aí no que a senhora acredita. Coloque na declaração.”

Na cabeça dela, não há mais dúvidas quanto ao local onde está, quanto a quem ela é. É uma requerente diante do portão. A jornada que a trouxe aqui, até este país, esta cidade, que parecia ter chegado ao fim quando o ônibus parou e a porta se abriu na praça lotada, não era o fim de tudo. Agora começa uma provação de outro tipo. Algum ato é exigido dela, alguma afirmação predeterminada, embora indefinida, antes que seja considerada boa e possa passar. Mas será que é aquele ali que vai julgá-la, aquele homem vermelho, atarracado, em cujo uniforme bastante simples (militar? guarda-civil?) ela não consegue detectar nenhum indício de posto, mas sobre quem o ventilador, sem girar nem para a esquerda, nem para a direita, sopra um frescor que gostaria que estivesse vindo para ela?

“Sou escritora”, diz. “Provavelmente não ouviu falar de mim aqui, mas escrevo, ou escrevia, sob o nome de Elizabeth Costello. Minha profissão não é acreditar, é só escrever. Não é o meu negócio. Eu faço imitações, como diria Aristóteles.”

Faz uma pausa, depois enuncia a frase seguinte, a frase que determinará se esse é o seu juiz, o homem certo para julgá-la, ou, ao contrário, apenas o primeiro de uma longa linha de sabe-se lá quais funcionários sem cara em quais chancelarias de qual castelo. “Posso fazer uma imitação de crença, se quiser. Está bom assim para os seus propósitos?”

A resposta dele vem envolta em um ar de impaciência, como se fosse uma oferta ouvida muitas vezes antes. “Faça uma declaração conforme o exigido”, diz ele. “Traga de volta quando estiver pronta.”

“Muito bem, eu faço. A que horas encerra o expediente?”

“Estou sempre aqui”, responde ele. Do que se depreende que esta cidade onde ela se encontra, onde o guarda do portão nunca dorme e as pessoas nos cafés parecem não ter para onde ir, nem nenhuma outra obrigação além de encher o ar com suas conversas, não é nada mais real do que ela: talvez nem mais, nem menos.

Sentada a uma das mesas da calçada, compõe rapidamente o que será sua declaração. *Sou escritora, uma mercadora de ficções*, diz o texto. *Tenho apenas crenças provisórias: crenças fixas me atrapalhariam. Mudo de crença como mudo de casa ou de roupas, de acordo com minhas necessidades. Com base nisso — profissão, vocação — solicito minha isenção da regra de que ouço agora falar pela primeira vez, a saber, que todo requerente ao portão tenha de ter uma ou mais crenças.*

Leva a declaração de volta à guarita. Como já meio esperava, é rejeitada. O homem ao balcão não consulta nenhuma autoridade superior, aparentemente ela não merece isso, simplesmente sacode a cabeça e deixa a página cair no chão, empurra uma nova folha de papel para ela. “No que acredita”, diz ele.

Ela volta à cadeira na calçada. Será que vou virar uma instituição?, pensa: a velha que se diz uma escritora acima da lei? A mulher que, sempre com sua mala preta ao lado (que contém o quê? — não se lembra mais), escreve petições, uma após outra, que coloca diante do homem da guarda e que o homem da guarda põe de lado como inadequadas, como não o exigido para passar?

“Posso dar só uma olhadinha?”, diz ela em sua segunda tentativa. “Dar uma olhada no que existe do outro lado? Só para ver se vale a pena todo este esforço.”

O homem se levanta pesadamente da mesa. Não é tão velho quanto ela, mas também não é jovem. Usa botas de montaria; a calça azul de sarja tem uma faixa vermelha nas laterais. Como deve estar com calor, ela pensa! É no inverno, que frio! Emprego não muito confortável, zelador do portão.

Ele a leva além do guarda apoiado no rifle, até pararem diante do próprio portão, sólido o suficiente para deter um exército. De um bolso do cinto, o homem tira uma chave quase tão comprida quanto seu antebraço. Será esse o ponto em que lhe diz que o portão é para ela e apenas para ela, e que além disso seu destino é nunca atravessá-lo? Deveria lembrá-lo, informá-lo que conhece a partitura?

A chave gira duas vezes na fechadura. “Pronto, esteja à vontade”, diz o homem.

Ela cola o olho na abertura. Um milímetro, dois milímetros ele afasta a porta, e torna a fechar.

“Já viu”, diz. “Vai constar na sua ficha.”

O que ela viu? Apesar da descrença, esperava que o aquilo que está além daquele portão feito de madeira de teca e latão, mas também, sem dúvida, da matéria da alegoria, fosse algo inimaginável: uma luz tão cegante que obnubilasse os sentidos terrenos. Mas a luz não é nada inimaginável. É meramente brilhante, mais brilhante talvez do que as variedades de luz que conheceu até agora, mas não de outra ordem, não mais brilhante, digamos, do que um flash de magnésio aceso permanentemente.

O homem dá-lhe palmadinhas no braço. É um gesto surpreendente, vindo dele, surpreendentemente pessoal. Como um daqueles torturadores, reflete ela, que dizem não lhe desejar nenhum mal por meramente fazerem seu triste trabalho. “Agora já viu”, diz ele. “Agora vai tentar com mais afinco.”

No café, ela pede uma bebida em italiano — a língua certa, diz a si mesma, nesta cidade de ópera bufa — e paga com notas que encontra na bolsa, notas que não se lembra de haver adquirido. Na verdade, parecem

suspeitamente com dinheiro de brinquedo: de um lado a imagem de um valoroso barbudo do século XIX, do outro o valor, cinco, dez, vinte e cinco, cem, em tons de verde e cereja. Cinco o quê? Dez o quê? O garçom, porém, aceita as notas: de algum modo devem ser boas.

Seja qual for o dinheiro, ela não tem muito: quatrocentas unidades. Uma bebida custa cinco, com gorjeta. O que acontece quando o dinheiro acabar? Haverá uma instituição pública de cuja caridade se possa depender?

Ela apresenta o problema ao guarda do portão. “Se continuar recusando minhas declarações, vou ter de morar com o senhor aí na guarita”, diz. “Não posso pagar as diárias de um hotel.”

É uma piada, pretende apenas sacudir esse sujeito tão rígido.

“Para requerentes de longa permanência”, diz ele, “existe um dormitório. Com cozinha e instalações sanitárias. Todas as necessidades foram previstas.”

“Cozinha ou fila da sopa?”, ela pergunta. Ele não reage. Evidentemente não está acostumado a ouvir piadas nesse lugar.

O dormitório é um quarto sem janelas, comprido e estreito. Uma única lâmpada nua ilumina o corredor. De ambos os lados, há duas fileiras de beliches, feitos de madeira com aparência cansada e pintados de uma cor de ferrugem escura que ela associa a estradas de ferro. Na verdade, olhando mais de perto, pode ver caracteres pintados: 100377/3 CJG, 282220/0 CXX... A maioria dos beliches tem enxergas em cima: sacos de algodão grosso cheios de palha que no calor abafado soltam um cheiro de gordura e suor velho.

Podia estar em qualquer *gulag*, pensa. Podia estar em qualquer campo do Terceiro Reich. A coisa toda organizada segundo clichês, sem nem um toque de originalidade.

“Que lugar é este?”, pergunta para a mulher que a deixou entrar.

Nem precisava perguntar. Antes de ouvir sabe qual será a resposta. “É onde se espera.”

A mulher — ela hesita em já chamá-la de *Kapo* — é ela mesma um clichê: uma camponesa atarracada usando roupa cinzenta sem forma, lenço na cabeça, sandálias com meias azuis de lã. Seu olhar, porém, é firme, inteligente. Tem uma intrigante sensação de já ter visto aquela mulher antes, ou seu duplo, ou uma fotografia dela.

“Posso escolher meu beliche?”, pergunta. “Ou será que isso também foi predeterminado para mim?”

“Escolha”, diz a mulher. Seu rosto é inescrutável.

Com um suspiro, ela escolhe, levanta a mala, abre o zíper.

Até mesmo nesta cidade o tempo passa. O dia chega, o seu dia. Ela se vê diante de uma bancada alta, em uma sala vazia. Sobre a bancada, nove microfones enfileirados. Na parede atrás disso, um emblema de gesso em relevo: dois escudos, duas lanças cruzadas, e o que parece ser um emu, mas que provavelmente pretendia ser um pássaro mais nobre, levando uma coroa de louros no bico.

Um homem que para ela é um meirinho lhe traz uma cadeira e indica que pode sentar. Ela se senta, espera. As janelas estão todas fechadas, a sala abafada. Acena para o meirinho, faz gesto de beber. Ele finge não notar.

A porta se abre e entram os juizes em fila, os juizes dela, os juizes para ela. Ela imagina que por baixo das becas negras sejam criaturas saídas de Grandville: crocodilo, burro, corvo, besouro-da-morte. Mas não, são do mesmo tipo dela, do mesmo filo. Até seus rostos são humanos. Homens, todos: homens e mais velhos.

Não precisa da ordem do meirinho (que foi para trás dela) para se levantar. Exigirão dela uma performance; espera ser capaz de pegar as pistas.

O juiz do meio faz-lhe um pequeno aceno de cabeça; ela corresponde.

“A senhora é...?”, diz ele.

“Elizabeth Costello.”

“Sei. A requerente.”

“Ou suplicante, se isso melhora as minhas chances.”

“É a sua primeira audiência?”

“É, sim.”

“E a senhora quer...?”

“Quero passar pelo portão. Entrar. Fazer o que vem em seguida.”

“Sei. E já deve estar sabendo que existe a questão da crença. Tem uma declaração a nos fazer?”

“Fiz uma declaração, revisada, intensamente revisada, revisada muitas vezes. Revisada até o limite das minhas forças, eu me arriscaria a dizer. Não

acredito que esteja em mim revisar mais. Os senhores têm um exemplar, acho.”

“Temos. Revisado até o limite, diz a senhora. Alguns de nós diriam que sempre existe mais uma revisão a ser feita. Vejamos. Pode nos ler a sua declaração, por favor.”

Ela lê.

“Sou escritora. Podem achar que em vez disso eu devia dizer que fui escritora. Mas sou ou fui escritora por causa de quem eu sou ou era. Não deixei de ser o que eu era. Ainda. Ou pelo menos é isso que sinto.

“Sou escritora, e o que escrevo é o que escuto. Sou secretária do invisível, uma das muitas secretárias ao longo das eras. Esta é a minha missão: secretária estenógrafa. Não me compete interrogar, julgar o que me é dado. Simplesmente escrevo as palavras e testo, testo a sua integridade, para ter certeza de que ouvi direito.

“Secretária do invisível: a expressão não é minha, faço questão de dizer. É um empréstimo de um secretário de ordem superior, Czeslaw Milosz, um poeta, talvez conhecido dos senhores, a quem foi ditada muitos anos atrás.”

Faz uma pausa. É ali que espera que a interrompam. *Ditada por quem?*, espera que perguntem. E tem a resposta pronta: *Pelos poderes que estão além de nós*. Mas não há interrupção nem pergunta. Em vez disso, o porta-voz deles acena-lhe com o lápis. “Continue.”

“Antes de eu poder passar, exigem que declare minha crença”, ela lê. “Respondo: uma boa secretária não deve ter crenças. É inadequado à sua função. Uma secretária deve simplesmente estar disponível, esperando o chamado.”

Mais uma vez espera uma interrupção: *Chamado de quem?* Mas não haverá perguntas ao que parece.

“Em meu trabalho, a crença é uma resistência, um obstáculo. Tento me esvaziar de resistências.”

“Sem crenças não somos humanos.” A voz vem do que está mais à esquerda, aquele que ela rotulou em particular de Grimalkin, um sujeitinho mirrado, tão baixo que o queixo mal ultrapassa a bancada. Na verdade, existe um perturbador traço cômico em cada um deles. *Exclusivamente literário*, pensa. *A idéia que um caricaturista faz de uma banca de juízes.*

“Sem crença não somos humanos”, ele repete. “O que diz disso, Elizabeth Costello?”

Ela suspira. “Claro, meus senhores, não pretendo ser privada de toda crença. Tenho o que acredito serem opiniões e preconceitos, não diferentes em natureza daquilo que comumente se chama de crença. Quando pretendo ser uma secretária despida de crenças, refiro-me a um ser ideal, um ser capaz de manter-se isento de opiniões e preconceitos enquanto a palavra que é sua função conduzir passa através dele.”

“Capacidade negativa”, diz o homenzinho. “Capacidade negativa é o que tem em mente, o que pretende possuir?”

“É, sim, se quiserem. Olhando por outro lado, tenho crenças, mas não acredito nelas. Não são suficientemente importantes para se acreditar nelas. Não ponho nelas meu coração. Meu coração e meu senso de dever.”

O homenzinho aperta os lábios. Seu vizinho vira-se e olha para ele (ela pode jurar ter ouvido um eriçar de penas). “E que efeito acha que tem, essa falta de crença, em sua humanidade?”, pergunta o homenzinho.

“Em minha humanidade? E isso importa? O que eu ofereço para aqueles que me lêem, a minha contribuição para a sua humanidade, supera, eu espero, o meu próprio vazio a esse respeito.”

“O seu cinismo, a senhora quer dizer.”

Cinismo. Não é uma palavra de que gosta, mas nessa ocasião está disposta a levá-la em conta. Com sorte será a última ocasião. Com sorte, não terá de se sujeitar de novo à autodefesa e à pompa que a acompanha.

“Comigo mesma, sim, posso muito bem ser cínica, num sentido técnico. Não posso me permitir levar muito a sério a mim mesma ou as minhas

razões. Mas no que tange às outras pessoas, no que tange à humanidade ou ao gênero humano, não, não acredito que eu seja cínica, de modo nenhum.”

“Não é descrente, então”, diz o homem do meio.

“Não. A descrença é uma crença. Incrédula, se aceitarem a distinção, embora eu ache que às vezes a incredulidade também se transforma em credo.”

Há um silêncio. “Continue”, diz o homem. “Prossiga com sua declaração.”

“Acabou. Não há nada que tenha ficado de fora. Não tenho mais nada a dizer.”

“A senhora então é uma secretária. Do invisível.”

“E que não posso me permitir acreditar.”

“Por razões profissionais.”

“Por razões profissionais.”

“E se o invisível não considerar a senhora sua secretária? E se o seu contrato foi suspenso há muito tempo, e a carta não chegou à senhora? E se a senhora nem chegou a ser nomeada, nunca? Já considerou essa possibilidade?”

“Considero todos os dias. Sou forçada a considerar. Se eu não for o que digo ser, então sou uma fraude. Se esse é o seu veredicto, então sou uma secretária impostora, e só posso baixar a cabeça e aceitar. Acredito que devam ter avaliado a minha ficha, a ficha de uma vida inteira. Para me fazer justiça não podem ignorar minha ficha.”

“E filhos?”

As voz é rouca e ofegante. De início, não consegue saber de qual deles vem a voz. Será do Número Oito, aquele da papada gelatinosa e todo vermelho?

“Filhos? Não entendo.”

“E os tasmanianos?”, continua ele. “E o destino dos tasmanianos?”

Os tasmanianos? Será que andou acontecendo alguma coisa na Tasmânia nesse ínterim, de que ela não ouviu falar?

“Não tenho nenhuma opinião especial sobre os tasmanianos”, responde, cautelosa. “Sempre achei que eram pessoas absolutamente decentes.”

Ele acena, impaciente. “Estou falando dos tasmanianos antigos, os que foram exterminados. Tem alguma opinião especial sobre eles?”

“O senhor quer dizer, se as vozes deles chegam a mim? Não, não chegam, ainda não. Provavelmente não tenho as qualificações, aos olhos deles. Provavelmente iriam preferir usar uma secretária própria, como decerto têm todo o direito de fazer.”

Consegue ouvir a irritação da própria voz. O que está fazendo ali, se explicando para um bando de velhos que podiam muito bem ser italianos provincianos ou austro-húngaros provincianos, mas que de alguma forma estão ali a julgá-la? Por que suporta aquilo? O que sabem eles da Tasmânia?

“Não falei nada de vozes”, diz o homem. “Perguntei o que pensa a respeito.”

O que pensa a respeito da Tasmânia? Ela pode estar confusa, mas o resto da mesa está confuso também, pois o interrogador tem de voltar-se para os outros e explicar. “Ocorrem atrocidades”, diz ele. “Violações de crianças inocentes. Extermínio de populações inteiras. O que ela pensa sobre essa questão: tem crenças para orientá-la?”

O extermínio dos antigos tasmanianos por seus compatriotas, seus ancestrais. É isso, afinal, que está por trás dessa audiência, desse julgamento, a questão da culpa histórica?

Respira fundo. “Há questões sobre as quais se fala e questões sobre as quais é adequado calar, mesmo diante de um tribunal, mesmo diante do tribunal final, se é isso que são. Sei a que estão se referindo e respondo apenas que, se a partir do que eu disse hoje diante dos senhores, os senhores concluírem que ignoro tais questões, os senhores estão errados, absolutamente errados. Permitam que eu acrescente, para sua edificação:

crenças não são os únicos apoios éticos que temos. Podemos contar também com nosso coração. É tudo. Não tenho mais nada a dizer.”

Desacato à corte. Está chegando perto do desacato à corte. É uma coisa de si mesma que nunca apreciou, essa tendência a explodir.

“Mas e como escritora? A senhora hoje se apresenta não como sua própria pessoa, mas como um caso especial, um destino especial, uma escritora que escreveu não apenas entretenimento mas livros que exploram a complexidade da conduta humana. Nesses livros, a senhora faz um juízo atrás do outro, tem de ser assim. O que a orienta nesses julgamentos? Insiste em dizer que tudo não passa de uma questão de coração? Não tem nenhuma crença *enquanto escritora*? Se uma escritora é apenas um ser humano com um coração, o que existe de especial no seu caso?”

Não era nada bobo. Não era um porco em beca de cetim, *porcus magistralis*, saído de Grandville. Aquela não era a festa do chá do Chapeleiro Maluco. Pela primeira vez no dia, sente-se testada. Muito bem: vamos ver o que consegue oferecer.

“O povo aborígine da Tasmânia hoje conta entre o invisível, o invisível de quem sou secretária, uma de muitos. Toda manhã eu sento à minha mesa e me apronto para as exigências do dia. Essa é a vida de uma secretária, e a minha. Quando os antigos tasmanianos me convocarem, se escolherem me convocar, estarei pronta e escreverei o melhor que for capaz.

“Da mesma forma com as crianças, já que os senhores mencionaram crianças violadas. Ainda não fui convocada por uma criança, porém, mais uma vez, estou pronta.

“Uma palavra de alerta aos senhores, porém. Estou aberta a todas as vozes, não apenas às vozes dos assassinados e violados.” Tenta manter a voz controlada nesse ponto, tenta não tocar nenhuma nota que possa ser considerada retórica. “Se, por outro lado, forem seus assassinos e violadores que escolherem me convocar, me usar e falar por meu intermédio, não fecharei os ouvidos a eles, não vou julgá-los.”

“Falará por assassinos?”

“Falarei.”

“Não faz um julgamento entre o assassino e sua vítima? É isto ser secretária: escrever o que mandarem? Ser destituído de consciência?”

Está encurralada, ela sabe. Mas que importa estar encurralada se isso põe fim àquilo que ela sente mais e mais como um concurso de retórica! “Acha que os culpados não sofrem também?”, pergunta. “Acha que não lançam apelos em meio a suas chamadas? *Não se esqueçam de mim!* — é isso que gritam. Que tipo de consciência é essa que negligencia um grito de tal agonia moral?”

“E essas vozes que convocam a senhora”, diz o homem atarracado, “não pergunta a elas de onde vêm?”

“Não. Contanto que falem a verdade.”

“E a senhora — a senhora, consultando apenas seu coração, é juíza dessa verdade?”

Impaciente, ela faz que sim com a cabeça. Igual ao interrogatório de Joana d’Arc. *Como sabe de onde vêm as vozes?* Não agüenta a literatice daquilo tudo. Será que não são capazes de encontrar nada novo?

Caiu um silêncio. “Continue”, diz o homem, animador.

“É tudo”, diz ela. “O senhor perguntou, eu respondi.”

“Acredita que as vozes vêm de Deus? Acredita em Deus?”

Ela acredita em Deus? Pergunta da qual prefere manter uma cautelosa distância. Por que, mesmo admitindo que Deus exista — seja lá o que for que significa *existir* —, será que Seu portentoso, monárquico sono deve ser perturbado lá de baixo por um clamor de *acredita* ou *não acredita*, como um plebiscito?

“Isso é íntimo demais”, diz ela. “Não tenho nada a dizer.”

“Aqui só estamos nós. Pode falar de coração.”

“O senhor me entendeu errado. Quero dizer é que desconfio que Deus não olharia com bons olhos essa presunção — a presunção de intimidade. Prefiro deixar Deus em paz. Como espero que Ele me deixe.”

Faz-se um silêncio. Está com dor de cabeça. Abstrações cerebrais demais, pensa consigo: um alerta da natureza.

O presidente olha em torno. “Mais perguntas?”, diz ele.

Não há mais perguntas.

Volta-se para ela. “Vai saber nossa conclusão. No devido tempo. Pelos canais competentes.”

Está de volta ao dormitório, deitada no beliche. Preferia sentar, mas os beliches são construídos com beiradas altas, como bandejas, não dá para sentar.

Detesta aquele quarto quente, sem ar, que lhe foi atribuído como lar. Odeia o cheiro, enoja-se com o toque do colchão sebooso. E as horas ali parecem mais longas do que as horas costumavam ser, principalmente no meio do dia. Quanto tempo faz que chegou a este lugar? Perdeu a noção do tempo. Parecem semanas, meses até.

Há uma banda que sai à praça de tarde, quando o pior do calor já passou. Dos pavilhões de música enfeitados, os músicos, de uniformes brancos engomados, bonés pontudos e muitos galões dourados, tocam marchas de Souza, valsas de Strauss, canções populares: “Il pipistrello”, “Sorrento”. O maestro usa o belo bigode fininho de um Lothario de província; depois de cada peça ele sorri e curva-se aos aplausos, enquanto o gordo tocador de tuba tira o boné e enxuga a testa com um lenço escarlate.

Exatamente, pensa consigo mesma, o que se poderia esperar de uma obscura cidade de fronteira italiana ou austro-italiana no ano de 1912? Saída de um livro, assim como o dormitório com seus colchões de palha e lâmpada de quarenta velas é saído de um livro, e toda a coisa do tribunal também, até o meirinho sonolento. Será que foi tudo montado para ela porque é uma escritora? Será essa a idéia que alguém faz do que seria o inferno para um escritor, ou pelo menos o purgatório, um purgatório de clichês? Seja qual for o caso, devia estar na praça e não ali no dormitório. Podia sentar-se a uma das mesas na sombra, entre os murmúrios dos

namorados, com um refresco à sua frente, esperando pelo primeiro toque de brisa no rosto. Um lugar-comum entre lugares-comuns, sem dúvida, mas que importância tem agora? Que importância tem se a felicidade dos jovens casais da praça for uma felicidade fingida, o tédio da sentinela um tédio fingido, se as notas falsas que o tocador de corneta toca no registro agudo forem notas falsas? Assim tem sido a vida desde que chegou a este lugar: um complexo conjunto de lugares-comuns que se encaixam, inclusive o ônibus-calhambeque de motor barulhento e as malas atadas com correias ao teto, inclusive o próprio portão, com seus grandes pregos salientes. Por que não sair e fazer seu papel, o papel de um viajante jogado em uma cidade que está condenado a nunca mais deixar?

Porém, mesmo escondida no dormitório, quem diz que ela também não está desempenhando um papel? Por que deveria pensar que só ela tem a capacidade de se manter fora do jogo? E em que consiste a verdadeira teimosia, a verdadeira determinação, senão em prosseguir com a performance apesar de tudo? Que a banda ataque uma melodia de dança, que os casais se cumprimentem e entrem na pista, e que ali, entre os dançarinos, esteja ela, Elizabeth Costello, a velha artista itinerante, com seu vestido inadequado, girando com seu jeito duro, mas não desprovido de graça. E se isso não for um clichê também — *ser profissional, desempenhar seu papel* —, então que passe a ser. O que lhe dá o direito de recuar diante de clichês quando todo mundo parece aceitá-los, viver de acordo com eles?

É a mesma coisa com a questão da crença. *Acredito no irreprimível espírito humano*: é o que devia ter dito a seus juízes. Isso permitiria que passasse por eles, e debaixo de aplausos e bater de pés. *Acredito que toda a humanidade é una*. Todo mundo parece acreditar, acreditar nisso. Até ela acredita nisso às vezes, quando esse estado de espírito a domina. Por que não pode, uma vez apenas, fingir?

Quando era moça, em um mundo hoje perdido e acabado, encontravam-se pessoas que ainda acreditavam na arte, ou pelo menos no

artista, que tentavam seguir os passos dos grandes mestres. Não importava que Deus tivesse fracassado, e o socialismo: ainda existia Dostoievski para guiar a pessoa, ou Rilke, ou Van Gogh com a orelha enfaixada que simbolizava a paixão. Terá levado essa crença infantil para os seus anos de velhice e além: a fé no artista e em sua verdade?

Sua primeira sensação seria dizer que não. Seus livros decerto não demonstram nenhuma fé na arte. Agora que está encerrado e acabado, esse trabalho de vida inteira de escritor, ela é capaz de lançar um olhar retrospectivo bastante isento, acredita, até frio, a ponto de não se enganar. Seus livros não ensinam nada, não pregam nada; simplesmente contam com todas as letras, com a clareza possível, como viveram as pessoas em determinado tempo e lugar. Mais modestamente, dizem com todas as letras como uma pessoa vivia, uma pessoa entre bilhões: a pessoa que ela, ela para si mesma chama de *ela*, e que outros chamam de Elizabeth Costello. Se ela afinal acredita em seus livros, mais do que acredita nessa pessoa, essa crença só é crença no mesmo sentido em que um carpinteiro acredita em uma mesa sólida, ou um tanoeiro acredita em um barril sólido. Ela acredita que seus livros são mais bem construídos do que ela.

Pela mudança do ar, uma mudança que penetra até mesmo o espaço preguiçoso do dormitório, ela sabe que o sol está declinando. Deixou a tarde toda passar. Não foi dançar nem trabalhou em sua declaração, simplesmente divagou, perdeu tempo.

No incômodo banheiro dos fundos, lavou-se o melhor que pôde. Ao voltar, havia uma recém-chegada, uma mulher mais jovem do que ela, encolhida em um beliche de olhos fechados. É uma pessoa que já havia notado antes, na praça, em companhia de um homem de chapéu de palha branco. Tomou-a por moradora local. Mas evidentemente não é. Evidentemente também é uma requerente.

Mais uma vez, ocorre-lhe uma pergunta: *É isto que somos todos? Requerentes esperando nossos respectivos julgamentos, alguns novos, alguns,*

os que chamo de moradores locais, há tanto tempo que se assentaram, se instalaram, passaram a fazer parte do cenário?

Há alguma coisa de familiar na mulher do beliche que não consegue definir. Já quando a viu pela primeira vez na praça pareceu-lhe familiar. Mas desde o começo havia algo de familiar na praça, na cidade toda. Como se tivesse sido transportada para o cenário de algum filme vagamente lembrado. Uma faxineira polonesa, por exemplo, se é isso que é, polonesa: onde foi que viu isso antes e por que associa a mulher com poesia? Será que essa mulher mais jovem também é poeta? Será este o lugar em que está: não tanto o purgatório, mas uma espécie de parque temático literário, inventado para diverti-la enquanto espera, com atores maquiados para parecer escritores? Mas se assim for, por que uma maquiagem tão pobre? Por que a coisa não é mais bem-feita?

É isto que o lugar tem de tão misterioso, ou seria misterioso se o ritmo da vida não fosse tão lânguido: a distância entre os atores e os papéis que representam, entre o mundo que lhe é dado ver e o significado desse mundo. Se a vida do além, se é isso que é, chamemos assim por ora — se a vida do além acaba não sendo nada além de artifício, de uma simulação do começo ao fim, por que a simulação fracassa a tal ponto, e não um pouquinho apenas? Isso se poderia perdoar — mas muito?

É a mesma coisa com Kafka. A muralha, o portão, a sentinela, tudo saído direto de Kafka. Assim como a exigência de uma confissão, e o tribunal com o meirinho sonolento, e o painel de velhos com suas roupas de corvo fingindo prestar atenção enquanto ela se debate nas agruras das próprias palavras. Kafka, mas só as superfícies de Kafka; Kafka reduzido e achatado até a paródia.

E por que particularmente Kafka é revolvido por ela? Quase sempre não conseguia ler Kafka sem impaciência. Quando ele oscila entre desamparo e lascívia, entre raiva e subserviência, ela muitas vezes o acha, ou pelo menos seus eus K, simplesmente infantis. Então por que é tão kafkiana a

mise-en-scène em que se vê lançada? — não gosta da palavra, mas não existe outra.

Uma resposta que lhe ocorre é que o espetáculo é feito desse jeito *justamente porque* não é o seu tipo de espetáculo. *Você não gosta do kafkiano, então vamos esfregá-lo no seu nariz.* Talvez para isto sirvam essas cidades de fronteira: para ensinar uma lição aos peregrinos. Muito bem; mas por que se submeter à lição? Por que levar tudo tão a sério? O que podem esses pretensos juízes fazer senão detê-la dia após dia após dia? É o próprio portão que lhe barra o caminho: ela viu o que há além. Há luz, por certo, mas não a luz que Dante viu no Paraíso, nem mesmo de natureza semelhante. Se vão impedi-la de passar, então, muito bem, basta, que impeçam. Passará o resto da vida, por assim dizer, ali, desperdiçando as horas do dia na praça e retirando-se ao anoitecer para deitar no cheiro do suor de outrem. Não é o pior dos destinos. Deve haver coisas que possa fazer para passar o tempo. Quem sabe possa até, se encontrar uma loja que alugue máquinas de escrever, retomar a escritura de romances.

É de manhã. Está à sua mesa na calçada, trabalhando na declaração, experimentando outra abordagem. Já que se gaba de ser uma secretária do invisível, que concentre sua atenção, que a volte para dentro. Que voz escuta do invisível hoje?

De momento, tudo que escuta é o lento pulsar do sangue nos ouvidos, assim como tudo que sente é o toque macio do sol na pele. Isso, pelo menos, não precisa inventar: este corpo embotado e fiel que acompanha cada passo de seu caminho, este monstro gentil e pesadão que foi entregue a seus cuidados, esta sombra feita carne que caminha sobre dois pés como um urso e se banha continuamente de sangue por dentro. Não só está *dentro* deste corpo, desta coisa que não seria capaz de sonhar nem em mil anos, tão além de suas forças estaria, ela de alguma forma *é* este corpo; e tudo a sua volta na praça, nesta bela manhã, essas pessoas, de alguma forma, *são* o seu corpo também.

De alguma forma; mas como? Como é possível que corpos não só usem sangue (*sangue!*) para se manter limpos, mas também cogitem sobre o mistério de sua existência e se pronunciem sobre isso, e de vez em quando cheguem até a ter pequenos êxtases? Será que isso conta como uma crença, a propriedade, seja ela qual for, que lhe permite continuar a *ser* esse corpo quando não tem a menor idéia de como é feito o truque? Será que eles, a banca de juízes, o painel de examinadores, o tribunal que exige que ela desvende suas crenças — será que eles vão se satisfazer com isto?: *acredito que sou. acredito que o que está hoje aqui diante dos senhores sou eu.* Ou isso pareceria demais com filosofia, demais com a sala de seminário?

Existe um episódio na *Odisséia* que sempre lhe produz um arrepio na espinha. Odisseus desceu ao reino dos mortos para consultar o vidente Tirésias. Seguindo suas instruções, ele faz uma cova, corta a garganta de seu carneiro favorito, deixa o sangue cair dentro da cova. Quando o sangue verte, os pálidos mortos acorrem, babando para provar, até que Odisseus tem de puxar a espada para detê-los.

A poça de sangue escuro, o carneiro moribundo, o homem, agachado, pronto para atacar e ferir se for preciso, as almas pálidas difíceis de distinguir de cadáveres: por que essa cena a persegue? Vindo do invisível, o que quer dizer? Ela acredita, inquestionavelmente, no carneiro, o carneiro arrastado por seu dono até esse lugar terrível. O carneiro não é apenas uma idéia, o carneiro é vivo, mesmo que agora esteja morrendo. Se acredita no carneiro, então acredita também no sangue, esse líquido sagrado, pegajoso, escuro, quase negro, caindo em jorros sobre o chão onde nada crescerá? O carneiro preferido do rei de Ítaca, diz a história, que acabou sendo tratado como um simples saco de sangue, a ser cortado e esvaziado. Ela poderia fazer a mesma coisa ali e agora: transformar-se em um saco, cortar as veias e deixar-se esvaziar na calçada, na sarjeta. Será que essa visão é o resumo de sua fé: a visão do carneiro e do que acontece com o carneiro? Será uma história boa para eles, os ávidos juízes?

Alguém se senta diante dela. Preocupada, ela não levanta a cabeça.

“Está trabalhando na sua confissão?”

É a mulher do dormitório, aquela do sotaque polonês, aquela em quem pensa como Kapo. Nesta manhã, está usando um vestido de algodão florido, verde-limão, um tanto antiquado, com cinto branco. Combina com ela, combina com o cabelo loiro forte, com a pele queimada de sol, a silhueta grande. Parece uma camponesa em época de colheita, sólida, capaz.

“Não, não uma confissão, uma declaração de crença. Foi isso que me pediram.”

“Aqui nós chamamos de confissão.”

“É mesmo? Eu não chamaria assim. Não em inglês. Talvez em latim, talvez em italiano.”

Não é a primeira vez que pergunta a si mesma por que todo mundo que encontra fala inglês. Ou estará equivocada? Será que essa gente está, de fato, falando outras línguas, línguas desconhecidas para ela — polonês, húngaro, vêneto — e suas falas são traduzidas para o inglês instantaneamente e por meios miraculosos, em benefício dela? Ou será, por outro lado, uma condição para a existência neste lugar que todos falem uma língua comum, o esperanto, por exemplo, e que os sons que saem de sua boca não são, como erroneamente acredita, palavras inglesas, mas palavras de esperanto, assim como as palavras da mulher Kapo são esperanto, embora a mulher possa acreditar que sejam polonês? Ela própria, Elizabeth Costello, não tem lembrança de haver estudado esperanto, mas pode estar enganada, assim como se enganou sobre tantas coisas. Mas por que então os garçons são italianos? Ou será que o que ela pensa que é o italiano deles seja simplesmente esperanto com sotaque italiano e gestos de mão italianos?

O casal sentado na mesa ao lado está com os dedos mindinhos entrelaçados. Rindo, um puxa o outro; encostam-se as testas, sussurram. Parecem não ter nenhuma confissão a escrever. Mas talvez não sejam

atores, atores completos, como essa mulher polonesa ou essa mulher fazendo o papel de polonesa; talvez sejam apenas figurantes, orientados a fazer o que fazem todos os dias da vida para preencher a agitação da praça, para dar verossimilhança, o efeito realista. Deve ser uma boa vida, a vida de um figurante. Depois de certa idade, porém, a ansiedade deve começar a se insinuar. Depois de certa idade, a vida de um figurante deve começar a parecer uma perda de tempo precioso.

“O que diz em sua confissão?”

“O que já disse antes: que não posso me permitir acreditar. Que na minha profissão é preciso suspender a crença. Que a crença é um deleite, um luxo. Que atrapalha.”

“É mesmo? Alguns de nós diriam que o luxo que não podemos nos permitir é a descrença.”

Ela espera por mais.

“Descrença — considerar todas as possibilidades, flutuar entre opostos — é sinal de uma existência ociosa, uma existência vazia”, continua a mulher. “A maioria de nós tem de escolher. Só a alma leve paira no ar.” Inclina-se para mais perto. “Para a alma leve, aceite um conselho. Eles podem dizer que exigem crença, mas na prática se satisfazem com paixão. Demonstre paixão e eles deixam você passar.”

“Paixão?”, responde ela. “Paixão, a zebra do jogo? Eu pensaria que a paixão nos afasta da luz, não nos leva até ela. Porém neste lugar, segundo você, basta a paixão. Obrigada por me informar.”

Seu tom é de caçoada, mas sua acompanhante não se abate. Ao contrário, se acomoda melhor na cadeira e faz-lhe um pequeno aceno, dá um pequeno sorriso, como se esperasse a pergunta que deve vir.

“Me diga, quantos passam, passam no teste, passam pelo portão?”

A mulher ri, um riso baixo, estranhamente atraente. Onde a viu antes? Por que é um esforço tão grande lembrar, como se tateasse pelo meio de um fog? “Por qual portão?”, diz a mulher. “Você acha que há só um

portão?” É atravessada por outra risada, um longo e luxurioso tremor de corpo que lhe sacode os seios pesados. “Fuma?”, pergunta. “Não? Posso?”

Tira um cigarro da cigareira dourada, risca um fósforo, traga. Tem a mão curta, larga, mão de camponesa. Mas as unhas são limpas, bem polidas. Quem é ela? *Só a alma leve paira no ar.* Parece uma citação.

“Quem sabe no que realmente acreditamos?”, diz a mulher. “Está aqui, enterrado no coração.” Bate de leve no seio. “Enterrado até para nós mesmos. Não é a crença que as juntas querem. Basta o efeito, o efeito da crença. Mostre que você sente e eles se dão por satisfeitos.”

“O que quer dizer com as juntas?”

“As juntas de examinadores. Nós chamamos de junta. E chamamos a nós mesmos de pássaros cantores. Cantamos para as juntas, para o prazer deles.”

“Eu não faço show”, diz ela. “Não sou uma *entertainer*.” A fumaça de cigarro flutua para seu rosto; ela abana com a mão. “Não posso demonstrar o que você chama de paixão quando isso não está lá. Não dá para ligar e desligar uma coisa dessas. Se as suas juntas não entendem isso...” Encolhe os ombros. Estava a ponto de falar alguma coisa sobre o bilhete de entrada, sobre devolver o bilhete de entrada. Mas seria grandioso demais, literário demais para uma ocasião tão insignificante.

A mulher apaga o cigarro. “Tenho de ir”, diz. “Tenho de fazer compras.”

Qual a natureza dessas compras a mulher não diz. Mas ocorre a ela, Elizabeth Costello (*Aqui os nomes se apagam*: bem, o nome dela não estava se apagando, nem um pouco), o quanto ficou passiva, o quanto perdeu a curiosidade. Há compras que ela própria gostaria de fazer. Além da fantasia da máquina de escrever, precisa de protetor solar, de um sabonete pessoal, não o grosseiro sabão de fenol do banheiro. Mas não faz menção de perguntar onde, neste lugar, se fazem compras.

Outra coisa a surpreende. Não tem mais apetite. De ontem, guarda uma vaga lembrança de um sorvete de limão e biscoitos com café. Hoje, a mera

idéia de comer a enche de desagrado. Sente o corpo desagradavelmente pesado, desagradavelmente corporal.

Uma nova carreira estará começando a acenar, como uma pessoa magra, uma jejuadora compulsiva, uma artista da fome? Será que os juízes terão pena dela se definhar? Vê a si mesma, uma silhueta de palito num banco público numa nesga de sol, rabiscando sua tarefa, uma tarefa a não ser completada nunca. *Deus me livre!*, sussurra para si mesma. *Literário demais, literário demais! Tenho de sair daqui antes que eu morra!*

A frase lhe ocorre de novo ao entardecer, quando está dando um passeio ao longo da muralha da cidade, observando as andorinhas girarem e mergulharem sobre a praça. *Uma alma leve*. Será que ela é uma alma leve? O que é uma alma leve? Pensa em bolhas de sabão flutuando entre as andorinhas, subindo ainda mais alto no empíreo azul. É assim que a mulher a vê, a mulher cujo trabalho é esfregar o chão e limpar as pias? (embora jamais a tenha visto fazer essas coisas). Decerto sua vida não foi difícil, pela maioria dos padrões, mas tampouco foi fácil. Sossegada talvez, protegida talvez: uma vida de antípoda, afastada do pior da história; mas ativa também, a palavra não é forte demais. Deveria procurar a mulher e esclarecer? A mulher entenderia?

Dá um suspiro, segue em frente. *Que bonito que é este mundo, mesmo que seja só um simulacro!* Pelo menos com isso se pode contar.

É o mesmo tribunal, com o mesmo meirinho, mas o painel de juízes (a junta, como deve chamar agora) é nova. São sete, não nove, um deles uma mulher; ela não reconhece a cara de nenhum. Os bancos do público não estão mais vazios. Há um espectador, alguém que a apóia: a faxineira, sentada sozinha com uma bolsa de tricô no colo.

“Elizabeth Costello, requerente, segunda audiência”, entoava o porta-voz da junta de hoje (o juiz-chefe? o juiz-em-chefe?). “Entendemos que a senhora tem uma declaração revisada. Por favor, proceda à leitura.”

Ela dá um passo à frente. “Em que acredito”, lê com voz firme, como uma criança que está recitando. “Nasci na cidade de Melbourne, mas passei parte da infância na zona rural de Victoria, em uma região de extremos climáticos: tórridas secas seguidas de chuvas torrenciais que inchavam os rios com as carcaças de animais afogados. Pelo menos é assim que me lembro.

“Quando as águas baixavam — estou falando das águas de um rio em particular, o Dulgannon —, deixavam léguas de lama para trás. De noite, dava para ouvir o coaxar de centenas de milhares de pequenas rãs comemorando a largueza dos céus. O ar ficava denso com os seus chamados, assim como ao meio-dia com o chiar das cigarras.

“De onde vêm, de repente, esses milhares de rãs? A resposta é que estão sempre lá. Na estação seca, ficam debaixo da terra, afundando cada vez mais para fugir do calor do sol até cada uma criar para si um pequeno útero. E nesses úteros morrem, por assim dizer. O batimento cardíaco ralenta, a respiração pára, ficam da cor da lama. Mais uma vez as noites são silenciosas.

“Silenciosas até a próxima chuva chegar, tamborilando, digamos assim, nas tampas de milhares de pequenos caixões. Nesses caixões, corações começam a bater, membros começam a se espreguiçar depois dos meses que passaram sem vida. Os mortos despertam. Quando a lama endurecida amolece, as rãs começam a cavar para fora, e logo suas vozes ressoam de novo em alegre exultação debaixo da abóbada do céu.

“Desculpem a linguagem. Sou ou fui uma escritora profissional. Geralmente tomo o cuidado de esconder as extravagâncias da imaginação. Mas hoje, para esta ocasião, achei melhor não esconder nada, desnudar tudo. A enchente vivificadora, o coro de alegre coaxar, seguido do abaixamento das águas e da retirada para o túmulo, depois a seca aparentemente sem fim e novas chuvas e a ressurreição dos mortos — é uma história que apresento com transparência, sem disfarces.

“Por quê? Porque hoje estou diante dos senhores não como escritora, mas como uma velha que um dia foi criança, contando o que me lembro das planícies de lama do Dulgannon de minha infância e das rãs que lá viviam, algumas pequenas como a ponta do meu dedo mínimo, criaturas tão insignificantes e tão distantes das altas preocupações dessa junta que os senhores nem saberiam da existência delas de outra forma. No meu relato, cujas muitas falhas peço que desculpem, o ciclo de vida da rã pode soar alegórico, mas para as próprias rãs não é uma alegoria, é a própria coisa em si, é a única coisa.

“No que eu acredito? Acredito nessas pequenas rãs. Não tenho certeza de onde me encontro hoje em minha velhice, talvez em minha senilidade. Há momentos em que me vem a sensação da Itália, mas posso estar errada, pode ser um lugar bem diferente. As cidades da Itália, pelo que sei, não têm portais (não usarei a humilde palavra *portão* na presença dos senhores) proibidos de se atravessar. Mas o continente australiano, onde nasci para o mundo, chutando e gritando, é real (mesmo que distante), o Dulgannon e suas planícies de lama são reais, as rãs são reais. Isso tudo existe quer eu fale ou não a esse respeito para os senhores, quer eu acredite ou não nisso.

“É por causa da indiferença dessas pequenas rãs à minha crença (tudo o que elas querem da vida é a chance de engolir uns mosquitos e cantar; e os machos, os que mais cantam, cantam não para encher o ar noturno de melodia, mas como uma forma de sedução, pela qual esperam ser recompensados com orgasmos, a variedade ranídea de orgasmo, mais e mais e mais) — é por causa da indiferença delas por mim que acredito nelas. E é por isso que nesta tarde, nesta apresentação lamentavelmente apressada e lamentavelmente literária, pela qual mais uma vez me desculpo, mas na qual pensei me mostrar aos senhores sem premeditação, *toute nue* por assim dizer, e quase, como podem ver por si mesmos, sem anotações — por causa disso é que lhes falo de rãs. De rãs e de minha crença, ou crenças, e da relação entre a primeira e a segunda. Porque elas existem.”

Ela faz uma pausa. Atrás dela, o som de um suave aplauso, de um único par de mãos, da faxineira. O aplauso diminui, cessa. Foi ela, a faxineira, que a levou a isso — a essa torrente de palavras, essa tagarelice, essa confusão, essa *paixão*. Bem, vamos ver que tipo de reação a paixão provoca.

Um dos juízes, o homem da extrema direita, inclina-se para a frente. “Dulgannon”, diz ele. “É um rio?”

“Um rio, sim. Existe. Não é insignificante. Pode ser encontrado na maioria dos mapas.”

“E passou lá a sua infância, às margens do Dulgannon?”

Ela mantém silêncio.

“Porque não há nada aqui no seu prontuário sobre uma infância às margens do Dulgannon.”

Ela mantém silêncio.

“A infância às margens do Dulgannon é mais uma de suas histórias, senhora Costello? Ao lado das rãs e da chuva vinda do céu?”

“O rio existe. As rãs existem. Eu existo. O que mais querem?”

A mulher entre eles, esguia, com bem-cuidados cabelos prateados e óculos de aro prateado, fala. “Acredita na vida?”

“Acredito no que não se dá ao trabalho de acreditar em mim.”

A juíza faz um pequeno gesto de impaciência. “Uma pedra não acredita na senhora. Um arbusto. Mas a senhora escolhe nos falar não de pedras e de arbustos, mas de rãs, às quais atribui uma história de vida que é, a senhora há de convir, altamente alegórica. Essas rãs australianas da senhora encarnam o espírito da vida, que é aquilo em que a senhora, como contadora de histórias, acredita.”

Não é uma pergunta, é, com efeito, um julgamento. Deve aceitá-lo? *Acredita na vida*: aceitará isso como a última palavra a seu respeito, como seu epitáfio? Todo o seu pendor é pelo protesto: *Absurdo!*, sente vontade de gritar. *Valho mais do que isso!* Mas se controla. Não está ali para vencer uma discussão, está ali para ganhar um passe, uma passagem. Depois de

passar, depois de dizer adeus a este lugar, o que deixar atrás de si, mesmo que tenha de ser um epitáfio, será da mais absoluta irrelevância.

“Se a senhora pensa assim”, diz, cautelosa.

A juíza, sua juíza, desvia o olhar, aperta os lábios. Cai um longo silêncio. Ela escuta o zumbido da mosca que é costume se escutar nessas ocasiões, mas parece não haver nenhuma mosca no tribunal.

Acredita na vida? Se não fosse esse absurdo tribunal e suas exigências, acreditaria até mesmo em rãs? Como saber no que se acredita?

Experimenta fazer um teste que parece funcionar quando está escrevendo: lançar uma palavra na escuridão e ouvir que tipo de som retorna. Como um fundidor dando pancadinhas num sino: está rachado ou bom? As rãs: em que tom soam as rãs?

A resposta: em tom nenhum. Mas é arguta demais, conhece o assunto bem demais para já ficar desapontada. As rãs da lama do Dulgannon são um novo ponto de partida para ela. Precisam de um tempo: ainda podem vir a soar verdadeiras. Há nelas alguma coisa que obscuramente a interessa, algo a respeito dos túmulos de lama e dos dedos de suas mãos, dedos que terminam em bolinhas, macias, úmidas, cobertas de muco.

Pensa na rã debaixo da terra, estendida como em vôo, como se caísse de pára-quadras na escuridão. Pensa na lama consumindo as extremidades daqueles dedos, tentando absorvê-los, dissolver o suave tecido até ninguém mais (decerto não a própria rã, perdida que está no frio sono da hibernação) poder dizer o que é terra e o que é carne. Nisto, sim, pode acreditar: na dissolução, no retorno aos elementos; e no momento inverso pode acreditar também, quando o primeiro tremor do retorno à vida percorre o corpo, e os membros se contraem, as mãos flexionam. Pode acreditar nisso, se se concentrar bem, palavra por palavra.

“Psst.”

É o meirinho. Ele aponta a banca, onde o juiz-em-chefe está olhando para ela com impaciência. Terá entrado em um transe ou adormecido mesmo? Terá cochilado na cara dos juízes? Tinha de ser mais cuidadosa.

“Refiro-me à sua primeira aparição diante desta corte, quando deu como ocupação ‘secretária do invisível’ e fez a seguinte declaração: ‘Uma boa secretária não deve ter crenças. É inadequado à sua função’; e, um pouco adiante, ‘tenho crenças, mas não acredito nelas’.

“Naquela audiência a senhora parecia fazer pouco da crença, chamando-a de impedimento à sua missão. Na audiência de hoje, porém, a senhora testemunha uma crença em rãs, ou mais precisamente no sentido alegórico da vida da rã, se bem entendo sua intenção. Minha pergunta é a seguinte: a senhora mudou a base de sua causa da primeira audiência para esta? Está desistindo da história da secretária e apresentando outra nova, baseada na força da sua crença na criação?”

Será que ela mudou a história? É uma questão de peso, sem dúvida, mas tem de fazer força para prestar atenção. O tribunal está quente, sente-se drogada, não tem mais certeza do quanto pode agüentar dessa audiência. O que mais gostaria era deitar a cabeça num travesseiro e tirar uma soneca, mesmo que fosse o travesseiro imundo do dormitório.

“Depende”, diz ela, ganhando tempo, tentando pensar (*Vamos, vamos!*, diz a si mesma: *Sua vida depende disso!*). “Os senhores me perguntam se mudei minha causa. Mas quem sou eu, quem é este *eu*, este *você*? Mudamos dia a dia e também continuamos os mesmos. Nenhum *eu*, nenhum *você* é mais fundamental que qualquer outro. Podem até mesmo perguntar qual é a verdadeira Elizabeth Costello: a que fez a primeira declaração ou a que fez a segunda? Minha resposta é que ambas são verdadeiras. Ambas. E nenhuma. *Eu sou outra*. Perdoem por recorrer a palavras que não são minhas, mas não tenho como melhorar isso. Estão diante da pessoa errada. Se acham que estão diante da pessoa certa, estão com a pessoa errada. Com a Elizabeth Costello errada.”

Será verdade? Pode não ser verdade, mas decerto não é falso. Nunca na vida se sentiu tanto como a pessoa errada.

O interrogador gesticula, impaciente. “Não estou pedindo para ver seu passaporte. Passaportes não têm valor aqui, tenho certeza de que sabe disso.

O que pergunto é: *a senhora*, por quem tomo essa pessoa diante dos meus olhos, a pessoa que solicita passagem, essa pessoa que está aqui e em nenhum outro lugar — a senhora fala por si mesma?”

“Sim. Não, enfaticamente não. Sim e não. As duas coisas.”

O juiz olha os colegas à direita e à esquerda. É imaginação dela, ou uma sombra de sorriso passa entre eles, e uma palavra é sussurrada? Qual palavra? *Confusa?*

Ele se volta para ela. “Obrigado. É tudo. Ouvirá notícias nossas no momento certo.”

“Isso é tudo?”

“É tudo por hoje.”

“Eu não estou confusa.”

“Sim, não está confusa. Mas qual é a que não está confusa?”

Eles não conseguem se controlar, o painel de juízes, sua junta. Primeiro quase sufocam o riso, como crianças, depois deixam de lado toda dignidade e uivam de rir.

Anda sem rumo pela praça. Deve ser, adivinha, o começo da tarde. Há menos movimento que o normal. Os nativos devem estar fazendo a sesta. *Os jovens nos braços uns dos outros*. Se vivesse de novo, diz a si mesma não sem amargura, viveria de outro jeito. Me divertiria mais. Que vantagem me deu, essa vida de escrever, agora que chego à última provação?

O sol está feroz. Devia estar de chapéu. Mas seu chapéu está no dormitório, e a idéia de entrar de novo naquele espaço sem ar lhe é repulsiva.

A cena do tribunal não se desprende dela, a ignomínia daquilo, a vergonha. Mas por baixo de tudo continua, estranhamente, sob o encanto das rãs. Hoje, ao que parece, está disposta a acreditar em rãs. O que será amanhã? Mosquitos? Gafanhotos? Os objetos de sua crença parecem ser bem fortuitos. Aparecem sem aviso, surpreendem e até mesmo, apesar de seu mau humor, a divertem.

Toca as rãs com a unha. O sim que vem de volta é límpido, límpido como o de um sino.

Toca a palavra *crença*. Será que *crença* estará à altura? Será que seu teste funciona também com abstrações?

O som que volta de *crença* não é tão claro, mas é bastante claro mesmo assim. Hoje, nesta hora, neste lugar, evidentemente não está sem *crença*. Na verdade, pensando bem agora, vive, em certo sentido, pela *crença*. Sua cabeça, quando ela é de verdade ela mesma, parece passar de uma *crença* a outra, parando, pesando e seguindo em frente. Vem-lhe um quadro de uma menina atravessando um riacho; vem-lhe junto um verso de Keats: *Equilibrando a cabeça pesada para cruzar o riacho*. Ela vive pela *crença*, trabalha pela *crença*, é uma criatura de *crença*. Que alívio! Deveria correr de volta e contar a eles, aos juízes, antes que tirem as togas (e antes que ela muda de idéia)?

Incrível que um tribunal que se coloca como interrogador de *crenças* lhe recuse passagem. Devem ter ouvido outros escritores antes, outros incrédulos crentes ou crentes incrédulos. Escritores não são advogados, eles sem dúvida devem saber disso, devem tolerar apresentações excêntricas. Mas claro que não se trata de um tribunal da lei. Nem mesmo um tribunal da lógica. Sua primeira impressão estava certa: um tribunal saído de Kafka ou de *Alice no país das maravilhas*, um tribunal de paradoxo. O primeiro será o último e o último o primeiro. Ou o contrário. Se fosse previamente garantido que se podia passar pela audiência com anedotas da própria infância, saltar de cabeça pesada de uma *crença* a outra, de rãs para pedras e máquinas voadoras, com a mesma frequência com que uma mulher troca de chapéu (de onde é que vem *essa* frase agora?), então todo requerente iria partir para a autobiografia e a estenógrafa do tribunal seria inundada por torrentes de livre associação.

Está diante do portão novamente, diante daquilo que evidentemente é o seu portão, só seu, embora deva ser visível para quem quer que se dê ao trabalho de olhar. Ele está, como sempre, fechado, mas a porta para a

guarita está aberta, e lá dentro ela vê o guarda, o zelador, como sempre ocupado com seus papéis, que voejam ligeiramente na corrente de ar do ventilador.

“Mais um dia quente”, diz ela.

“Humm”, ele resmunga, sem interromper o trabalho.

“Toda vez que passo por aqui vejo que o senhor está escrevendo”, continua ela, tentando não ser interrompida. “É um escritor também, de certa forma. O que está escrevendo?”

“Relatórios. Colocando em dia os relatórios.”

“Acabei de fazer a minha segunda audiência.”

“Ótimo.”

“Cantei para os juízes. Eu fui o pássaro cantor de hoje. O senhor usa essa expressão, *pássaro cantor*?”

Ele sacode a cabeça, abstraído: não.

“Não foi nada bem, eu acho, o meu canto.”

“Humm.”

“Sei que o senhor não é um juiz”, diz. “Mesmo assim, em seu julgamento, acha que tenho chance de passar? E se eu não passar, se não for considerada boa para passar, vou ficar aqui para sempre, neste lugar?”

Ele encolhe os ombros. “Todos nós temos chance.” Não levantou a cabeça nem uma vez. Será que isso quer dizer alguma coisa? Será que quer dizer que não tem coragem de olhar nos olhos dela?

“Mas como escritora”, insiste. “Que chance tenho como escritora, com os problemas especiais de uma escritora, com as fidelidades especiais?”

Fidelidades. Agora que trouxe à baila a palavra, reconhece que é em torno dela que tudo gira.

Ele dá de ombros outra vez. “Quem pode dizer?. É coisa para as juntas.”

“Mas o senhor cuida dos relatórios — quem passa, quem não passa. Em certo sentido, o senhor sabe.”

Ele não responde.

“Vê sempre muita gente como eu, gente na minha situação?”, continua ela com urgência, agora descontrola, ouvindo a si mesma descontrolada, se desgostando por isso. *Na minha situação*: o que quer dizer isso? Qual é a situação dela? A situação de alguém que não sabe o que pensa?

Tem uma visão do portão, do outro lado do portão, o lado que lhe é negado. Ao pé do portão, bloqueando a entrada, há um cachorro deitado, um cachorro velho, a pele cor de leão marcada por inúmeras cicatrizes. Está de olhos fechados, descansando, cochilando. Além dele, não há nada senão um deserto de pedra e areia, até o infinito. É a sua primeira visão em muito tempo, e não confia naquilo, não confia em particular no anagrama GOD-DOG [Deus-cachorro]. *Literário demais*, pensa de novo. Um curso de literatura!

O homem atrás da mesa evidentemente fartou-se de perguntas. Pousa a caneta, cruza as mãos, olha firme para ela. “O tempo todo”, diz ele. “Vemos gente como a senhora o tempo todo.”

Nesses momentos, até uma criatura insignificante, um cão, um rato, um besouro, uma macieira raquítica, uma carroça subindo uma montanha, uma pedra com limo, conta mais para mim do que uma noite de êxtase com a mais bela, a mais devotada amante. Essas criaturas parvas e, em alguns casos, inanimadas, se impõem a mim com tal plenitude, com tal presença amorosa, que nada no campo ao alcance do meu olhar arrebatador deixa de ter vida. É como se tudo, tudo que existe, tudo de que me lembro, tudo que meu confuso pensamento toca, tivesse algum sentido.

Hugo von Hofmannsthal
“Carta de Lorde Chandos a Lorde Bacon” (1902)

Pós-escrito

Carta de Elizabeth, Lady Chandos, a Francis Bacon

Caro e estimado amigo,

O senhor terá recebido de meu marido Philip uma carta datada de 22 de agosto. Não me pergunte como, mas uma cópia dessa carta caiu em minhas mãos e agora acrescento minha voz à dele. Temo que ache que meu marido a escreveu em um ataque de loucura, um ataque que por ora pode ter passado. Escrevo para dizer: não é assim. Tudo o que o senhor leu na carta é verdade, a não ser por uma circunstância: nenhum marido consegue esconder de uma esposa amorosa uma aflição de alma tão extrema. Nestes muitos meses sei da aflição de meu Philip e sofro com ele.

De onde surgiram nossas tristezas? Houve tempo, eu me lembro, antes desta época de aflição, em que ele ficava olhando como enfeitiçado pinturas de sereias e de dríades, almejando penetrar seus corpos nus e brilhantes. Mas onde em Wiltshire encontraríamos uma sereia ou uma dríade para ele experimentar? Forçosamente transformei-me eu em sua dríade: era a mim que penetrava quando queria penetrá-la, eu que sentia suas lágrimas no ombro quando uma vez mais não a encontrava em mim. *Um pouquinho mais e aprendo a ser sua dríade e falo a sua língua de dríade*, eu sussurrava no escuro; mas ele não se consolava.

Uma época de aflição, é como chamo a época presente; porém na companhia de meu Philip também eu tenho momentos em que alma e corpo são um, em que estou pronta a explodir na língua de anjos. *Meus arrebatamentos*, chamo a esses momentos. Eles me vêm — escrevo sem corar, não é uma época de se corar — nos braços de meu marido. Só ele é guia para mim; com nenhum outro homem eu os conheceria. De alma e corpo ele me fala, em um discurso sem fala; dentro de mim, de corpo e alma, ele imprime o que não são mais palavras, mas espadas flamejantes.

Não fomos feitos para viver assim, meu senhor. *Espadas flamejantes*, eu digo que meu Philip imprime em mim, espadas que não são palavras; mas não são nem espadas flamejantes, nem são palavras. É como um contágio, para dizer sempre uma coisa por outra (*como um contágio*, eu digo: mal me contive para não dizer *uma peste de ratos*, pois há ratos à nossa volta toda hoje em dia). Como um caminhante (tenha em mente essa figura, peço), como um caminhante entro em um moinho, escuro e abandonado, e sinto de súbito as tábuas do chão, apodrecidas de umidade, cederem sob meus pés e arremeterem-me nas rápidas águas do moinho; no entanto, sendo isso (um caminhante em um moinho) sou também não-isso; nem é um contágio o que vem continuamente a mim, nem uma peste de ratos, nem espadas flamejantes, mas outra coisa. *Sempre não é o que eu digo, mas outra coisa*. Daí as palavras que escrevi acima: *não fomos feitos para viver assim*. Só *almas extremas* foram destinadas a viver assim, onde as palavras cedem sob seus pés como tábuas podres (*como tábuas podres*, repito, não consigo evitar, não se quero que lhe chegue a minha aflição e a de meu marido, *que lhe chegue*, eu digo, chegar aonde, chegar aonde?).

Não podemos viver assim, nem ele, nem eu, nem o senhor, honrado senhor (pois quem pode dizer que por intermédio da carta dele ou se não da carta dele então da minha o senhor não possa ser tocado por um contágio que não é isso, um contágio, mas sim alguma outra coisa,

sempre alguma outra coisa?). Poderá vir um tempo em que essas *almas extremas* sobre que escrevo sejam capazes de suportar suas aflições, em que gigantes ou talvez anjos palmilhem a terra (já não me contenho, estou cansada agora, cedo às figuras, vê, Senhor, como estou tomada?, o *ímpeto* eu chamo quando não chamo de *meu arrebatamento*, o ímpeto e o arrebatamento não são a mesma coisa, mas de maneiras que desisto de explicar, embora sejam claras ao meu olhar, *meu olhar*, eu digo, *meu olhar interior*, como se eu tivesse um olho dentro que olhasse as palavras uma a uma ao passar, como soldados em desfile, *como soldados em desfile*, eu digo).

Tudo é alegoria, diz meu Philip. Cada criatura é chave para todas as outras criaturas. Um cão sentado em uma nesga de sol a se lamber, diz ele, é num momento um cão e no seguinte um instrumento de revelação. E talvez ele fale a verdade, talvez na mente de nosso Criador (*nosso Criador*, eu digo), onde giramos como na água da azenha, nós interpenetramos e somos interpenetrados por criaturas semelhantes aos milhares. Mas como posso, pergunto ao senhor, viver com ratos, cães e besouros rastejando por dentro de mim dia e noite, se afogando e ofegando, arranhando-me, puxando-me, levando-me mais e mais fundo à revelação — como? *Não fomos feitos para a revelação*, quero gritar, *nem eu, nem o senhor, nem meu Philip*, para a revelação que queima o olho como ao olhar para o sol.

Salve-me, caro Senhor, salve meu marido! Escreva! Diga a ele que o tempo ainda não chegou, o tempo dos gigantes, o tempo dos anjos. Diga a ele que estamos ainda no tempo das pulgas. Palavras não o atingem mais, elas estremecem e se partem, é como se (*como se*, eu digo), é como se ele estivesse protegido por um escudo de cristal. Mas pulgas ele entenderá, as pulgas e os besouros ainda passam rastejando por seu escudo, e os ratos; e, às vezes, eu, sua mulher, sim, meu Lorde, às vezes eu passo rastejando. *Presenças do Infinito*, ele nos chama, e diz que o fazemos estremecer; e de fato eu senti esses tremores, nos espasmos de

meus arrebatamentos eu os senti, a tal ponto que se eram dele ou meus não sou mais capaz de dizer.

Latim, não, diz meu Philip — copiei as palavras — *latim, não, nem inglês, nem espanhol, nem italiano portarão as palavras de minha revelação*. E de fato é assim, mesmo eu que sou a sombra dele sei quando estou em meus arrebatamentos. Ele escreve ao senhor, porém, assim como eu escrevo ao senhor, que é conhecido acima de todos os homens por selecionar suas palavras e colocá-las em ordem e construir seus julgamentos como um pedreiro constrói uma parede de tijolos. Quase afogados, escrevemos nossos destinos separados. Salve-nos.

Sua serva fiel

Elizabeth C.

Neste 11 de setembro, AD 1603

Agradecimentos

Uma versão anterior da Palestra 1 apareceu sob o título “O que é realismo?” na revista *Salmagundi* nºs 114-15 (1997).

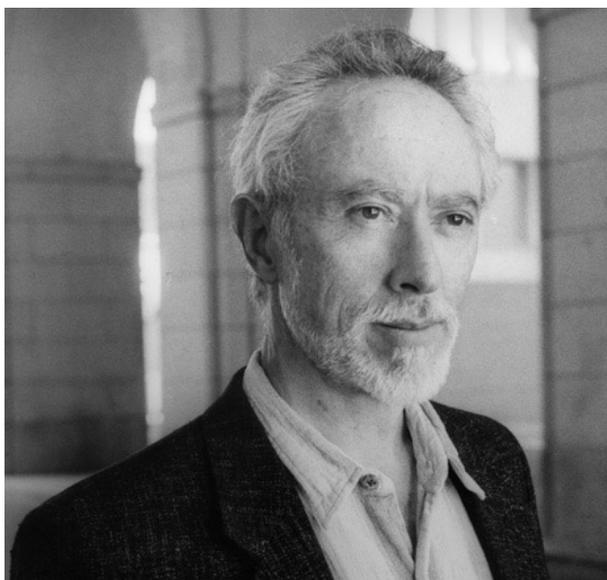
Uma versão anterior da Palestra 2 apareceu como “O romance na África”, Occasional Paper nº 17 do Townsend Center for the Humanities, Universidade da Califórnia em Berkeley, 1999. Cheikh Hamidou Kane é citado a partir de Phanuel Akubueze Egejuru, *Towards African Literary Independence* (Greenwood Press, Westport, 1980), com permissão do autor. Paul Zumthor é citado a partir de *Introduction à la poésie orale*, com permissão das Éditions du Seuil.

As Palestras 3 e 4 foram publicadas, com réplicas de Peter Singer, Marjorie Garber, Wendy Doniger e Barbara Smuts, com o título *The lives of animals* (Princeton University Press, 1999). [No Brasil, *A vida dos animais*, tradução de José Rubens Siqueira, Companhia das Letras, 2002.]

Uma versão anterior da Palestra 5 apareceu como “Die Menschenwissenschaften in Afrika” / “The Humanities in Africa” (Siemens Stiftung, Munich, 2001).

Uma versão anterior da Palestra 6 apareceu em *Salmagundi* nºs 137-38 (2003).

A “Carta de Elizabeth, Lady Chandos” foi publicada por Intermezzo Press, Austin, Texas, em 2002.



JERRY BAUER

J.M. COETZEE nasceu em 1940, na Cidade do Cabo, África do Sul. Viveu na Inglaterra na década de 60, depois mudou-se para os Estados Unidos, onde estudou literatura e iniciou sua carreira de professor universitário. Em 1984, voltou à Cidade do Cabo, e em 2002 mudou-se para a Austrália. É o único autor premiado duas vezes com o Booker Prize britânico (por *Vida e época de Michael K*, em 1983, e *Desonra*, em 1999). Em 2003, recebeu o prêmio Nobel de literatura pelo conjunto de sua obra literária e crítica. Além dos livros citados, a Companhia das Letras lançou também *A vida dos animais* (2002) e *O mestre de Petersburgo* (2003).

Copyright © J. M. Coetzee 1999, 2003

Título original
Elizabeth Costello

Capa
João Baptista da Costa Aguiar

Ilustração de capa
Fábio Miguez

Preparação
Maria Cecília Caropreso

Revisão
Beatriz de Freitas Moreira
Olga Cafalcchio

ISBN 978-85-438-0270-1

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br